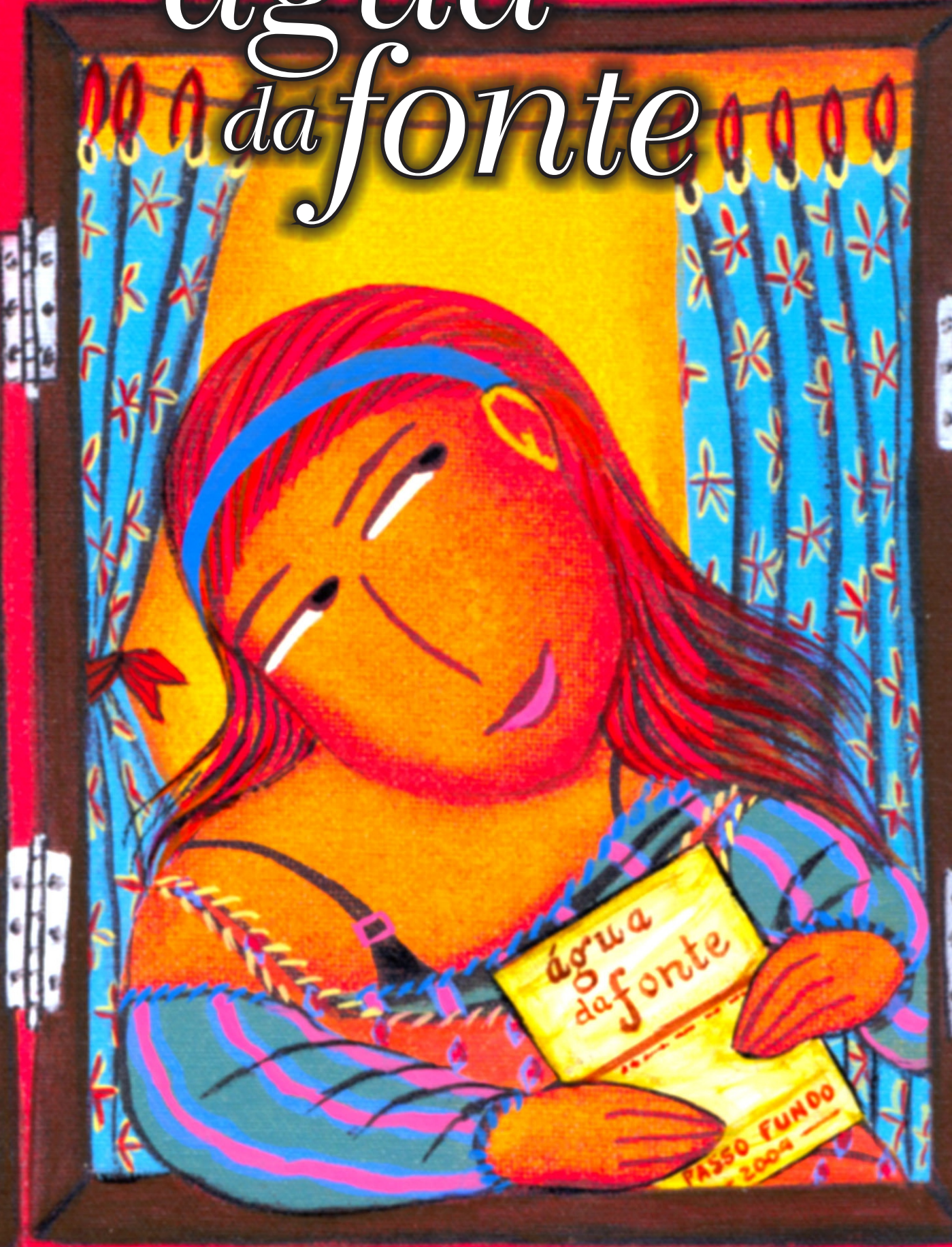


792

água da fonte

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras - Ano 1 - nº 2 - Novembro de 2004 - R\$ 10,00



água da fonte

PASSO-FUNDO
2004

Miriam Postal 2004



Av. Brasil Centro, 792 - Sede Própria
CEP 99010-001 Passo Fundo, RS

Presidente:

Antonio Augusto Meirelles Duarte

Vice-presidente:

Luiz Juarez Nogueira de Azevedo

Secretária geral:

Santina Rodrigues Dal Paz

Tesoureiro:

Welci Nascimento

Membros:

Ana Carolina Martins da Silva
Antonio Augusto Meirelles Duarte
Carlos Alceu Machado
Carlos Roberto da S. Hecktheuer
Craci Teresinha O. Dinarte
Daniel Viuniski
Edgar Oliveira Garcia
Elizabeth Souza Ferreira
Eurípedes Facchini
Getulio Vargas Zauza
Gilberto R. Cunha
Helena Rotta de Camargo
Hugo Roberto Kurtz Lisbôa
Irineu Gehlen
Jabs Paim Bandeira
Jorge Alberto Salton
Jurema Carpes do Valle
Lindolfo Kurtz
Luiz Marcelo Algarve
Luiz Juarez Nogueira de Azevedo
Milton Guimarães da Silva
Ney Eduardo Possapp d'Avila
Orfelina Vieira Melo
Osvandré Lech
Paulo Monteiro
Pedro Ari Verissimo da Fonseca
Ricardo José Stolfo
Rogério Sikora
Romeu Carlos Alziro Gehlen
Santina Rodrigues Dal Paz
Santo Claudino Verzeleti
Welci Nascimento

Editorial

Preservando a literatura local

Um dos mais agudos críticos do pensamento ocidental foi Friedrich Nietzsche (1844-1900). Além de ser um dos cânones da Filosofia, ele também criou aforismos brilhantes e demolidores, que mesmo descontextualizados de sua obra se prestam para ilustrar discussões sobre temas variados. Dentre tantos, para os propósitos a que se prende este editorial, destacamos um: "Pode-se morrer de imortalidade."

Para Nietzsche, a imortalidade, mesmo sendo uma aspiração humana, nada significava. Especialmente, quando a referência é à imortalidade pessoal. No mundo das letras, a "imortalidade" dos escritores dá-se pela perpetuação de suas obras. E é a preocupação em não deixar morrer a literatura local que tem norteado o comportamento editorial do periódico litero-cultural da Academia Passo-Fundense de Letras (APL).

Nas páginas de **Água da Fonte**, abertas além dos muros da agremiação, pode-se encontrar trabalhos de escritores passo-fundenses, de ontem e de hoje, vivos ou fisicamente mortos (*in memoriam*); de acadêmicos (incluindo-se ex-membros da APL que hoje vivem fora de Passo Fundo); e de não-membros da APL. Enfim, um veículo que luta para preservar a literatura local, que busca diferenciar-se de um projeto meramente comercial, valorizando as letras locais e seus autores, acima de tudo, abominando a morte intelectual, por ser voluntária, de alguns de nossos escritores.

Falando-se em mortes e escritores, vale uma reflexão sobre a palavra morte. Tecnicamente, tem-se a morte física, que é quando cessa a vida de um indivíduo, havendo a suspensão das funções vitais; e a morte cerebral, em que há a ausência de funcionamento do tronco cerebral, e a parada da respiração espontânea é irreversível. Esses tipos de morte, clinicamente diagnosticáveis por meio de sinais, são objetos de preocupação da Medicina. No mundo das letras, temos escritores com obras abertas e escritores com obras acabadas. Os de obras abertas estão fisicamente vivos, podendo a sua melhor obra ainda vir a ser realizada. No grupo dos de obras acabadas incluem-se os que estão fisicamente mortos, mesmo que, por mais incrível que isso possa parecer, em certos casos, gozem da posição de imortal, em decorrência da imortalidade de algumas páginas que um dia escreveram.

No que diz respeito aos escritores passo-fundenses, preocupam-nos tanto os de obras acabadas (fisicamente mortos) quanto os de obras abertas (ainda vivos). Resgatar e trazer a público trabalhos inéditos ou poucos divulgados (em fontes de difícil acesso) de autores locais já falecidos, e difundir os escritos de autores locais, cujas obras ainda estão abertas, têm sido valores extremamente caros para a Academia Passo-Fundense de Letras, na sua luta em defesa da literatura local. Acima de qualquer coisa, o que se pretende é afugentar, dos nossos escritores, o aforismo nietzscheniano mencionado no final do primeiro pará-

Água da Fonte

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras

Ano 1 - nº 2 - Novembro de 2004

Editores: Gilberto R. Cunha e Paulo Monteiro

Conselho editorial: Santina R. Dal Paz, Helena Rotta de Camargo,

Pedro Ari Verissimo da Fonseca, Jurema Carpes do Valle, Santo

Claudino Verzeleti, Welci Nascimento e Getulio Vargas Zauza.

Revisão: Helena Rotta de Camargo

Arte-final e diagramação: Everaldo Siqueira

Capa: Miriam Postal

A Academia Passo-Fundense de Letras não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em textos assinados.



Dia do escritor

O transcurso do Dia Municipal do Escritor, no dia 7 de abril, que se comemora na data de fundação da Academia Passo-Fundense de Letras, motivou a realização de programas especiais pela TV Câmara e UPF TV, dos quais participaram os acadêmicos Getúlio Vargas Zauza, Paulo Monteiro, Craci Dinarte, Jurema Carpes do Valle, Welci Nascimento, Santana Rodrigues Dal Paz, Gilberto R. Cunha, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Meirelles Duarte, além dos professores Eládio Vilmar Weschenfelder e Tania Rösing, da Universidade de Passo Fundo. Rádios e jornais também destacaram a data.

Amigo do livro

A Academia Passo-Fundense de Letras recebeu, no dia 2 de outubro, a comunicação de que mereceu a distinção de Amigo do Livro, homenagem a ser prestada durante a 7ª. Feira do Livro. A distinção foi comunicada pela professora Dalva Machado Bisognin e a assessora Magda Cavalheiro.

Sarau

O CREATI-UPF desenvolve trabalho de oficinas literárias, com a participação de diversos “escritores da melhor idade”. Para marcar a produção literária dos integrantes dessas oficinas, foi realizado o 7º Sarau Literário Artístico Cultural, no dia 6 de outubro, na sede social do Caixeiral Campestre. Na oportunidade, foi lançado um volume com trabalhos de diversos integrantes do CREATI-UPF. A Academia esteve representada pela historiadora Santana Rodrigues Dal Paz.

Semana da pátria

A Academia Passo-Fundense de Letras participou das atividades comemorativas à Independência do Brasil. Também, coincidindo com a Semana da Pátria, um grupo de acadêmicos ocupou as sacadas do prédio-sede para saudar o campeão olímpico de vôlei, Gustavo Endres, que desfilou pela Avenida Brasil.

Carino corso



No dia 6 de maio de 2004, realizou-se o panegírico do acadêmico Carino Corso. Estiveram presentes diversos acadêmicos, parentes e amigos do maestro, que engrandeceu os quadros da Academia. Os acadêmicos Meirelles Duarte e Welci Nascimento lembraram as qualidades humanas e intelectuais de Carino, que se destacou como educador, pesquisador e maestro.

Osvandré

O acadêmico Osvandré Lech está publicando a segunda edição do livro *FUNDAMENTOS EM CIRURGIA DO OMBRO*, com mais de 500 páginas, 40 capítulos e 1200 ilustrações, trazendo os últimos avanços em cirurgia do ombro. A partir de trabalhos científicos elaborados pela turma do 5º semestre do Curso de Fisioterapia da UPF (formandos em agosto de 2005), Osvandré estará editando também *MEMBRO SUPERIOR – ABORDAGEM TERAPÊUTICA DAS PATOLOGIAS ORTOPÉDICAS MAIS COMUNS*, com 350 páginas. Os livros saem sob o selo da Editora Revinter, do Rio de Janeiro.



Clima, sociedade e agricultura



Já está circulando o livro *LIDANDO COM RISCOS CLIMÁTICOS: CLIMA, SOCIEDADE E AGRICULTURA*, do acadêmico Gilberto R. Cunha, agrometeorologista da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Em 400 páginas, Gilberto também recolhe a contribuição literária dos acadêmicos Paulo Monteiro e Helena Rotta de Camargo. Como as demais obras do Autor, o livro foi editado pela Embrapa Trigo e contou com o apoio do CNPq.



Fátima Trombini

Fátima Trombini, a jornalista, faleceu, aos 49 anos, no dia 17 de outubro. Fátima, durante muitos anos foi redatora de O NACIONAL. Dignificou sua profissão, destacando-se pelo respeito aos princípios éticos do jornalismo. Jornalista, com J maiúsculo, seus textos acolhiam as características listadas por Antonio Olinto, no clássico *Literatura e Jornalismo*, uma das quais o domínio da linguagem, o que lhe permitia “criar, dar vida a uma obra (o texto jornalístico), conservando a pureza de sua emoção, a verdade de seu perceber interno, sua fidelidade ao homem como ser-consciente e ser-responsável.”



Lançamento

No dia 19 de junho, a Academia Passo-Fundense de Letras abriu suas portas para o lançamento do livro *A OUTRA FACE DA MINHA VIDA*, da escritora Anilda Maria Covatti, contando passagens de sua vida dedicada à família, à educação e à espiritualidade. O historiador Welci Nascimento, que prefaciou a obra, fez a apresentação da autora.

História de Passo Fundo

No dia 6 de agosto, o historiador Ney Eduardo Possap d'Ávila entregou ao prefeito municipal, Osvaldo Gomes, os originais do livro *PASSO FUNDO - TERRA DE PASSAGEM (DOS PRIMÓRDIOS AO 1º CENTENÁRIO)*. Compareceram ao ato os acadêmicos Paulo Monteiro, Santina Rodrigues Dal Paz, Jurema Carpes do Valle e Ana Carolina Martins da Silva; o sub-chefe da Casa Civil do Governo do Estado, Mauro Sparta; além de secretários municipais. Após receber os originais, o prefeito determinou providências para a publicação da obra.

Despedida

A Academia promoveu uma sessão especial, ao entardecer do dia 5 de agosto, para despedir-se do historiador Lindolfo Kurtz, que transferiu residência para Porto Alegre. Na oportunidade, ele foi saudado pelo presidente Antonio Augusto Meirelles Duarte. Welci Nascimento e Santina Rodrigues Dal Paz, companheiros de Lindolfo, em várias diretorias do sodalício, salientaram os dotes intelectuais e de companheirismo, demonstrados pelo escritor, que passa a integrar o quadro de membros correspondentes. Emocionado, Lindolfo Kurtz agradeceu aos diversos acadêmicos presentes.

Primícias

Neste número estamos começando a divulgar trabalhos literários de crianças. Estréiam duas poetisas: Betânia, neta da acadêmica Helena Rotta de Camargo, e Bruna, neta da acadêmica Craci Dinarte. Estamos pensando no futuro da Academia.

Poemas nos ônibus

A terceira edição do Projeto Poemas nos Ônibus, patrocinado pela COLEUB, contou novamente com a presença das acadêmicas Santina Rodrigues Dal Paz e Jurema Carpes do Valle, na comissão julgadora. Mais uma vez a acadêmica Helena Rotta de Camargo classificou um de seus poemas (*Alma bandoleira*), que publicamos nesta edição.

Alma bandoleira

Poeta – um mensageiro,
que conduz o filão do pensamento,
pra muito além do carrossel do vento.

Poeta – um jardineiro,
que recolhe, nos serões da madrugada,
aromas de sua alma enamorada.

Poeta – um marinheiro,
que carrega, na bagagem da lembrança,
ondas de saudade e de esperança.

Poeta – um confeitiro,
que prepara, com palavras e emoção,
o bolo para a festa da paixão.

Poeta – inveterado bandoleiro,
de dia um rouxinol, de noite um seresteiro.

Sumário

Editorial	1
Informe acadêmico	2
Literatura local	5
Razão e fé	6
Acontecimento cultural inesquecível	7
O anarquista que virou bispo	8
A Batalha do Pulador	10
O número de mortos na Batalha do Pulador	12
A literatura de Apparício Silva Rillo e a Revolução Federalista de 1893	15
A Batalha do Pulador: A simples evocação dos heróis de 93 fazia estremecer a ditadura getuliana	19
Nem tanto à terra, nem tanto ao mar	20
Centenário da colonização judaica no RS	21
Os Capas-Pretas	22
Rua Moron	23
Amazônia Brasileira	24
A teoria da fome	26
A busca do bem comum é o nosso ideário	28
Matar ou não matar: Eis a questão	29
Jornais e periódicos que nasceram em Passo Fundo	30
Uma Terra à Procura do Céu	32
O domador de vaidades	33
Vovô faz cem anos	36
Um tema antigo: a velhice	37
A coexistência social do Direito	38
Miriam Postal, a Pintora do Aconchego	40
Lindolfo Kurtz deixa a sua Passo Fundo	42
Nanetto Pipetta - 80 anos de sonho e realidade	44
Estive no olho do furacão	47
Jurandyr Algarve - eterno professor	48
Museu das Bonecas de Passo Fundo	50
Epitáfio de um gaúcho da gema	52
Entrevista: Paulo Bilhar Dutra	53
A canção política de Castro Alves	57
Tributo a um professor	60
As suites de Bach	61
Homenagem a Iva Micalosky	63
O medo no médico	64
A droga do dia	66
A civilização inca	67
As mulheres incas	69
Ozanam, o apóstolo da caridade	70
Lisboa revisitada, Passo Fundo destroçada	72
Amor em dose dupla	73
A posse do Brasil: Dilatação das Fronteiras e Ocupação do Espaço	74
Mulheres de minha vida	78
Centenário de Pablo Neruda	80
O juiz probo	82
Entre linhas, nós, peixes e formigas	84
Casemiro, onde andará?	85
Memória e "memoricídio"	86
Meu Grupo Escolar	91
Centenário de nascimento de César Santos	92
Impunidade motiva insegurança social	96
Bebeto e a nossa crônica falta de heróis	97
A fenomenologia do atual hábito de pensar	98
Nasser e a verossimilhança	104
Discurso de formatura	106
Quem Sou?	107
Ilusões consentidas	108



Miriam Postal (25x32cm)

Acrílico sobre tela, 2004: "Água da Fonte"

Literatura local



PAULO MONTEIRO

passagem do Dia Municipal do Escritor, que se comemora a 7 de abril, lembrando a fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras, em 1938, e sua transformação em Academia, em 1960, serviu, neste ano de 2004, para tornar pública a discussão sobre a literatura local. Os programas produzidos pela TV da Câmara Municipal de Passo Fundo, com a participação de poetas, prosadores e catedráticos universitários, seguramente, despertaram incontáveis consciências para a importância do que se escreve nas nascentes do Uruguai-Mirim.

Poetas e prosadores que participaram das entrevistas discutiram amplamente a situação da literatura passo-fundense, chegando à conclusão de que nossas letras estão ao nível do que se produz nos mais diversos pontos do país. Concordaram, também, ser mínima a divulgação. Há casos – e não raros – em que nem se pode falar de literatura local. São escritores familiares, pois os livros circulam entre parentes e amigos. Obviamente, a obra de qualquer autor, sob tais condições, vai desaparecer dentro de poucos anos.

Emprego a expressão literatura local como um verdadeiro conceito de teoria literária, apropriado do conceito de “história local”, já usado por Hegel, há mais de um século e meio, em suas “Lições Sobre a Filosofia da História Universal”.

Literatura local é, pois, as letras da menor unidade de uma nação. É, no caso brasileiro, a literatura dos municípios. Assim, em nosso país, o conceito se aplica a alguns milhares de casos específicos.

É óbvio que se fazem indispensáveis algumas condições para a existência de qualquer literatura. Três, de início: tema, criador e obra. Depois é preciso que a obra seja editada e publicada, isto é, circule entre um determinado público. A extensão e a receptividade da obra literária é que vai determinar se esta é local, nacional ou internacional. Os autores largamente consagrados, via de regra, começam como escritores locais. A recepção da obra é que determinará até onde o autor chegará, para o que contribui, especialmente, a combinação entre o espírito da época e o domínio da técnica literária, união que gera os escritores canônicos e os gênios literários.

Se os criadores não publicam suas obras, ou se estas não circulam, eles continuarão sendo, no máximo, escritores locais. A simples edição e difusão de livros, porém, não é suficiente. Ainda que um autor mandasse imprimir bilhões de exemplares, nas mais

diversas línguas, e os fizesse distribuir entre todos os habitantes do planeta, seria uma futilidade, se lhe faltasse talento. Poderia, no máximo, derrubar o preço do papel higiênico. Não basta, pois, a recepção da obra literária; é preciso a sua aceitação. Para tanto, deve alcançar, ao menos, um certo grau de universalização do particular. Por isso é que muitos escritores de best-sellers e ganhadores de cobiçados prêmios literários terminam, em pouco tempo, apenas contribuindo para a ampliação do comércio de papel reciclável.

Nas conversas lembradas acima, chegamos a uma conclusão fundamental: para que os nossos caboclos ultrapassem os limites da aldeia, é necessário que produzam e façam circular uma literatura da melhor qualidade.

A bem da honestidade intelectual, devo afirmar que, até hoje, a maioria dos escritores passo-fundenses produziu uma literatura ultrapassada. Enquanto Concretismo, Instauração da Práxis e Poema-Processo assu-



miam a vanguarda da literatura nacional, nossos romancistas continuavam escrevendo folhetins à maneira do século XIX, e os poetas compoem sonetos, sonetinhos e versos humorísticos à Belle Époque. Quando, há três décadas, a geração do mimeógrafo deixava para trás as vanguardas, continuávamos estacionados num modernismo vulgar ou presos a um baixo parnasianismo. Ora, o novo é um dos componentes indispensáveis para a melhor qualidade da obra literária. E esse não se aprende nas salas de aula, com a leitura simplória dos sempre ultrapassados manuais de História da Literatura Brasileira.

É preciso e urgente que a literatura local dialogue com a literatura praticada nos mais diversos brasis literários e em outros países. Quem conhece alguma coisa do que se passa até mesmo em pequenas cidades sabe que escritores locais são lidos e traduzidos em diferentes partes do globo terrestre. E isso não acontece de graça. É consequência de um intenso labor literário, através de publicações individuais e coletivas, além de periódicos que circulam nacional e internacionalmente.

A situação passo-fundense não é diferente da que ocorre em outros municípios. Os escritores locais não podem continuar chorando o leite derramado, mendigando o mecenato dos poderes públicos, especialmente daqueles que servem a projetos personalísticos, portanto, mesquinhos; muito menos reclamando espaços em atividades que têm uma abrangência maior, como a Jornada Nacional de Literatura, se não conseguem romper os apertados círculos familiares.

Os exemplos são muitos de que há espaço para qualquer escritor, desde que tenha talento e encontre mecanismos para a circulação de sua obra. Revistas literárias bem feitas – e a história das letras pátrias é prenhe de exemplos – têm contribuído para essa divulgação.

A literatura local somente alcançará amplitude pelo esforço dos próprios escritores. Esse o desafio posto ante milhares de brasileiros que, do Amazonas a Fernando de Noronha, do Amapá ao Rio Grande do Sul, exercem o mister de escrever.

(Paulo Monteiro exerce o jornalismo literário há 30 anos e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras e à Academia Literária Gaúcha.)

Razão & Fé

GILBERTO R. CUNHA

Blaise Pascal representa uma síntese perfeita de duas coisas que muitos julgam irreconciliáveis: a razão e a fé.

Esse francês, nascido em 19 de junho de 1623, em Clermont-Ferrant, escreveu, quando tinha 16 anos, o clássico “Ensaio sobre as cônicas” (*Essai pour les coniques*), que assombrou o grande Descartes. Foi o inventor do que se pode chamar de primeira calculadora manual. Realizou experiências com a pressão atmosférica, escreveu um tratado sobre o vácuo, inventou a prensa hidráulica, o carrinho de mão e a seringa, aperfeiçoando, ainda, o barômetro de Torricelli. Também ficaram célebres as suas teorias sobre probabilidades e o seu tratado do triângulo aritmético. E, apesar de tudo isso, há quem considere mais relevante a obra do teólogo e escritor que a do cientista, identificando Pascal, pelo seu estilo elegante e breve, como o primeiro grande prosador da literatura francesa.

Em 1639, com problemas de saúde, Blaise Pascal começou a abraçar a causa jansenista. Essa doutrina, criada pelo teólogo holandês, Cornélius Jansen, surgiu no seio da Igreja Católica, no século 17, e acabou condenada em várias bulas papais. Era, no fundo, uma pregação das idéias de Santo Agostinho, vista com olhos calvinistas, e reafirmada por Santo Tomás de Aquino. O jansenismo atribuía a salvação da alma ao juízo prévio e insondável do Criador. Seus principais adversários eram os teólogos da Companhia de Jesus que, influenciados pelo iluminismo, passaram a pregar a importância do livre-arbítrio e da colaboração da

vontade humana na salvação.

As idéias jansenistas foram acolhidas com especial fervor por Jean Duvergier de Hauranne, diretor espiritual da abadia de Port-Royal. Preso por oposição à política de Richelieu, Hauranne foi sucedido por seu discípulo, Antoine Arnauld, que popularizou a doutrina ainda mais. Um grupo de intelectuais influentes estabeleceu-se em Port-Royal. Entre eles, Blaise Pascal. Porto-Royal foi destruída em 1710, e os jansenistas adotaram uma postura mais política que religiosa, sofrendo investidas até a Revolução Francesa, quando praticamente desapareceram. Para alguns, os jansenistas eram os porta-vozes do progresso e da liberdade, e, para outros, não passavam de um bando de conservadores, que se escondiam no ascetismo místico e na ênfase da predestinação, para fugir das mudanças.

Após a morte de seu pai (1651), do casamento de sua irmã

Gilberta e da entrada de Jacqueline, sua outra irmã, para a abadia de Port-Royal (1652), Pascal ficou só. Reaparece então um Pascal cristão, que aos 32 anos converte-se à religião definitivamente. Entra na luta de Arnauld contra os jesuítas. Publica, de 1656 a 1657, uma série de 18 cartas anônimas, atacando duramente os jesuítas, as quais compõem a monumental obra “As Provinciais” (*Les Provinciales*) que, junto com o “Livro dos Pensamentos” (*Pensées*), reafirmação da sua fé cristã, são as suas obras mais conhecidas.

Pascal acabaria morrendo em Paris, aos 39 anos, no dia 19 de agosto de 1662. Foi sobretudo um homem genial. Talvez sua frase mais popular, repetida por muitos, sem identificar autoria, seja esta: “O





LINDOLFO KURTZ

Em 1948, Passo Fundo foi palco de um dos mais belos eventos culturais de sua história: O Grêmio Passo-Fundense de Letras – hoje Academia Passo-Fundense de Letras – promoveu a vinda do escritor Malba Tahan para uma série de conferências. O presidente do sodalício era o saudoso intelectual Verdi De César.

Malba Tahan – pseudônimo de renomado mestre de matemática no Rio de Janeiro - já era consagrado na literatura brasileira através de suas obras, todas versando sobre o Oriente: o povo oriental, com seus preceitos de fé, suas tradições, seus hábitos e seus costumes. Tudo, enfim, sobre as histórias das mil e uma noites, apresentadas de forma poética e espiritualizadas em obras, como *Maktub*, *Lendas do Povo de Deus*, *A Sombra do Arco-Íris*, *Mil Histórias Sem Fim*, *Céu de Allah*, e muitas outras. Sem esquecer, naturalmente, o curiosíssimo *Beremiz*, o *Homem que Calculava*, e seus prodigiosos truques matemáticos.

O curioso é que Malba Tahan, que

Malba Tahan em Passo Fundo:

Acontecimento cultural inesquecível

escrevia com tanta propriedade sobre o Oriente, nunca havia estado naquela parte do planeta. E não sabemos também se, após a consagração de sua obra, já na velhice, ele chegou a conhecer *in loco* o que já constava em seus livros.

Quanto às conferências, foram um sucesso retumbante. Movimentaram a cidade nas três noites consecutivas, tendo por local o Clube Caixerai, na época recém-reformado. Os estudantes, principalmente, lotavam as galerias e o salão, acotovelando-se, disputando palmos de espaço, sentados inclusive no chão e até mesmo junto à mesa diretora. Todos incrivelmente atentos às palavras do conferencista que discorria, de forma interessantíssima, sobre histórias e lendas orientais. O público, entusiasmado, participava, perguntava, aplaudia.

No intervalo, em meio à conferência, as alunas da Escola Normal Oswaldo Cruz apresentaram números de danças orientais, inclusive a dança-do-ventre, todas em trajes de odalisca e sob música oriental que não sei como conseguiram. O próprio conferencista, tomado de agradável surpresa com o inesperado espetáculo artístico, não se cansou de aplaudir nossas normalistas.

Hoje, passados tantos anos, é difícil avaliar quantas pessoas se encontravam presentes nessas noites, mas, certamente, mais de 1000 em cada uma delas.

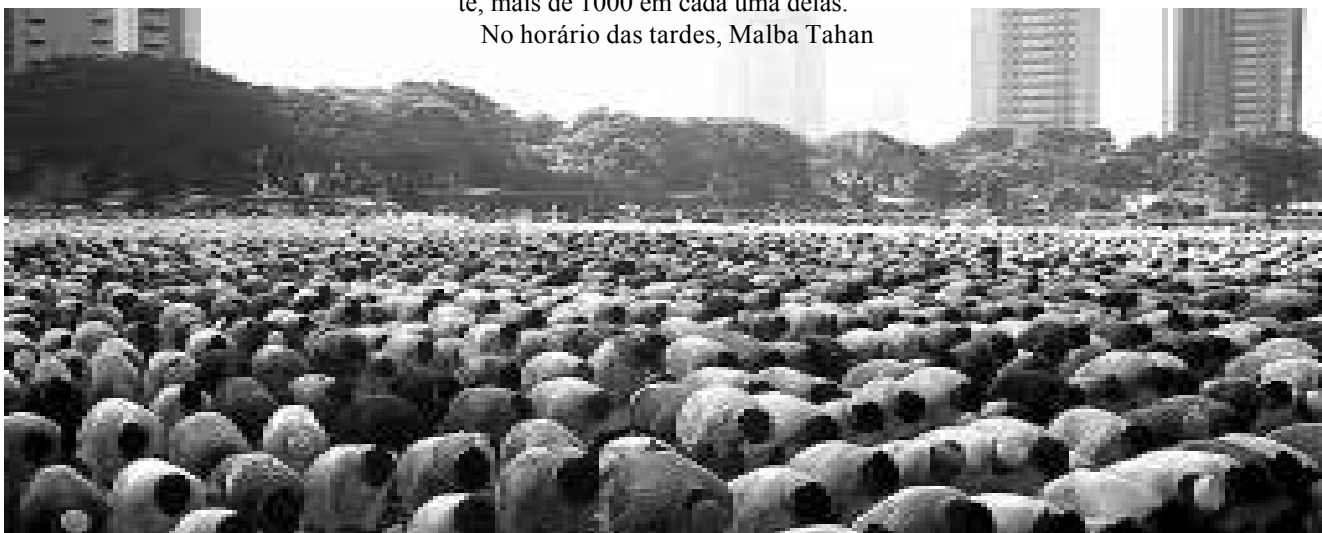
No horário das tardes, Malba Tahan

fez conferências nos principais colégios da cidade, sempre sob muitos aplausos.

Na última noite, no encerramento da conferência, recebendo homenagens e agradecimentos, Malba Tahan confessou de público que, ao receber o convite do Grêmio Passo-Fundense de Letras, foi procurar no mapa do Rio Grande do Sul a localização da cidade chamada Passo Fundo, da qual ele nunca ouvira falar. E disse mais: na viagem, vinha pensando que iria falar para um público de 40 ou 50 pessoas, como era comum noutras cidades em que palestrara. Daí sua imensamente agradável surpresa em encontrar uma coletividade tão interessada em assuntos do intelecto. Disse ainda que, de volta para sua terra, levaria de Passo Fundo, para toda a sua vida, a mais grata experiência que tivera como escritor.

Não imaginava ele que, alguns decênios depois, Passo Fundo se tornaria referência internacional em cultura, através das grandiosas jornadas de *liTANIA*turas que aqui vêm sendo realizadas. Se vivo fosse, Malba Tahan adoraria participar... *Maktub*.

(Lindolfo Kurtz é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



O anarquista que virou bispo

GILBERTO R. CUNHA

e um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras (atual Academia Passo-Fundense de Letras - APL), Sante Uberto Barbieri, pode-se dizer que, além de porta-voz do plano da Federação das Academias de Letras do Brasil, que culminou na criação da nossa APL, possivelmente, tenha sido o seu mentor. É dele a assinatura “número 1” do Livro de Atas, em que um grupo de 25 pessoas, no sempre citado encontro de 31 de março de 1938, propõe a criação de um Grêmio Literário, convocando a primeira reunião para o dia 7 de abril próximo vindouro, às 20h 30min, no salão nobre da prefeitura, visando a instalação definitiva do grêmio e eleição da diretoria provisória. Na ocasião, Arthur Ferreira Filho (prefeito municipal) seria escolhido como presidente, e Sante Uberto Barbieri como secretário geral. E, quase sempre, param por aí as citações feitas ao reverendo Barbieri, que, no ano seguinte, deixaria definitivamente Passo Fundo e o Brasil, radicando-se nos países do Prata (primeiro no Uruguai e depois na

Argentina). Afinal, quem foi Sante Uberto Barbieri? Responder a esse questionamento é o que se propõe o presente texto. Para tal, usou-se, como referências principais, as informações constantes nos livros de S.U.Barbieri, em Atas das reuniões do Grêmio Passo-Fundense de Letras, no artigo do Reverendo Luis de Souza Cardoso (Cidadão do mundo – Cidadão do Reino: Centenário de nascimento do Bispo Sante Uberto Barbieri) e nas Actas de la XII Asamblea General de la Iglesia Evangélica Metodista Argentina, 6 a 9 de Julio de 1991 (página 206).

Sante Uberto Barbieri nasceu em 2 de agosto de 1902, em Duevile, província de Vicenza, Itália, sendo filho de Sante Barbieri e Maria Luisa Zanzotto. Quando criança, viveu alguns anos na Suíça e na Alemanha, antes de, seguindo o fluxo de migrantes europeus da época, em companhia dos pais, aos

oito anos de idade, aportar no Brasil (em Santos/SP), no dia 16 de junho de 1911.

Essas andanças marcariam Barbieri e

sua obra em definitivo, pois, mais que pertencente a este ou àquele país, ele passou a se considerar um cidadão do mundo.

Herdeiro de um ousado estilo de vida dos pais anarquistas, amantes da liberdade e lutadores pela justiça, Barbieri, não se conseguiu precisar como, em 1921, aos 19 anos, se encontrava em Passo Fundo, proferindo conferências, no auditório da prefeitura municipal, sobre a “Liberdade”, em honra da Revolução Francesa, e a “Caridade”, baseado em teses sobre a defesa da dignidade humana. Na ocasião, o missionário metodista, Reverendo Daniel Lander Betts, percebeu o seu potencial e o convidou para continuar seus estudos e trabalhar no Instituto Gymnasial (depois IE), um colégio metodista que recém havia sido fundado na cidade (1920).

Barbieri reconheceu que, à época, “era um jovem agnóstico, um livre pensador, imbuído de idéias revolucionárias”, simpatizante dos ideais anarquistas de seus pais; e não tinha, portanto, nenhum interesse por religião. Começou a ler a Bíblia e acabou atraído, não pela deidade de Jesus, mas pelo seu amor à humanidade. Destacaria, anos mais tarde, que encontrou “no carpinteiro Jesus a encarnação de um amor muito mais digno do que aquele dos meus filósofos e dos ideais políticos dos meus pais.”

Impressionado com a figura de Jesus, em seu trato com os seres humanos, o “jovem agnóstico” passou a viver uma profunda inquietação existencial, evoluindo sua relação com Cristo e com o metodismo, gradualmente, passo a passo, e que acabaria por transformar Barbieri em uma das principais referências teóricas dessa doutrina, no século 20.

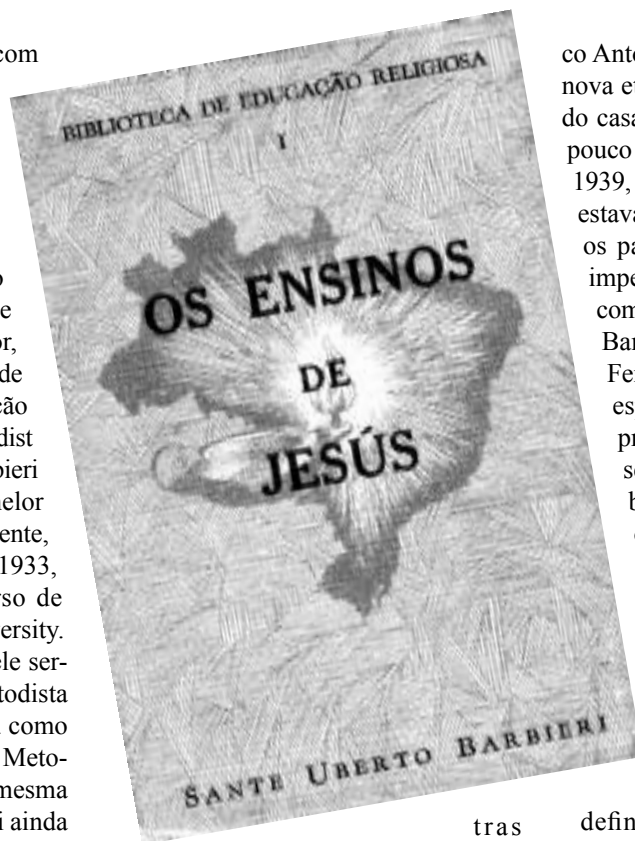
No primeiro domingo de abril de 1923, Sante Uberto Barbieri foi recebido como membro da Igreja Metodista em Passo Fundo. Três meses depois, seria credenciado, pela Conferência Distrital de Cruz Alta, como “pregador local”. Em 1924 ingressou no Seminário Metodista de Teologia, em Porto Alegre. Neste mesmo ano, em 4 de outubro, casou-se com Odette de Oliveira, sua colega no Instituto Gymnasial. Foi o primeiro aluno a formar-se, pelo “Porto Alegre College”, Bacharel em Artes e Teologia, em 1926.



De 1929 a 1933, viajou junto com sua família para os Estados Unidos, onde estudou na Southern Methodist University, em Dallas, e na Emory University, em Atlanta. Nessas universidades graduou-se em Filosofia, História da Igreja e Antigo e Novo Testamento, obtendo título de mestre, para alguns, ou de doutor, para outros, dependendo da fonte de informação. O fato é que, na relação dos ex-alunos da Southern Methodist University, consta o nome de Barbieri como tendo o grau de B.D. (Bachelor of Divinity), em 1932. Possivelmente, antes da sua volta ao Brasil em 1933, ela tenha concluído algum curso de pós-graduação pela Emory University.

Após o seu regresso ao país, ele serviu como pastor na Igreja Metodista Central de Porto Alegre, e atuou como professor e diretor do Seminário Metodista de Teologia do Sul, nessa mesma cidade. Sante Uberto Barbieri foi ainda o primeiro reitor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, criada pelo 3º Concílio Geral, em fevereiro de 1938, a qual dirigiu nos primeiros passos de implantação até outubro daquele ano, quando se demitiu por divergências com o Conselho Superior.

Intelectual, com formação acadêmica acima da média para a época, Barbieri, em 1938, integrava a Academia Rio-Grandense de Letras. Manteve sempre estreitos laços com Passo Fundo, via escola/igreja metodista local. Na cidade, junto com sua esposa, Odette de Oliveira Barbieri, tratou de pôr em prática o plano da Federação das Academias de Le-



tras do Brasil, com vistas à criação de grêmios literários em cidades do interior. Ambos são fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras. Uma leitura um pouco mais atenta das atas das primeiras reuniões dessa recém-criada instituição literária deixa explícita a liderança de Barbieri no processo. São dele as proposições de criação do “Quarto de hora literário”, da formação de comissões para organizar programas de comemoração de datas especiais, de produzir colunas para os jornais locais veicularem artigos dos sócios e da proibição do uso de títulos formais no tratamento entre os pares, nas reuniões da instituição. O tratamento ficaria restrito a senhor, senhora e senhorinha. Também foi responsável pela doação do primeiro livro à biblioteca do Grêmio Passo-Fundense de Letras: “Os ensinoss de Jesus”, de sua autoria, publicado pela Confederação Evangélica do Brasil, em janeiro de 1938. Esse exemplar, ainda preservado, contém a seguinte dedicatória, datada de 4 de abril de 1938: “Ao Grêmio Passo-Fundense de Letras, Com os cumprimentos e os votos de prosperidade, do Autor.”

Durante a primeira fase do Grêmio Passo-Fundense de Letras, 7 de abril a 19 de agosto de 1938, a participação do casal Barbieri, particularmente Sante, foi intensa e decisiva. Depois de um período de inatividade de 13 meses (19/08/38 a 16/09/39), o Grêmio foi reorganizado sob a presidência de Francis-

co Antonino Xavier e Oliveira e, nessa nova etapa, contou com a participação do casal Barbieri (Sante e Odette) por pouco tempo. Em 26 de setembro de 1939, Sante e Odette comunicaram que estavam transferindo residência para os países do Prata e assim ficavam impedidos de continuar colaborando com os trabalhos do Grêmio. O casal Barbieri, por proposição de Tristão Ferreira, recebeu uma homenagem especial de despedida (cartão de prata e flores), que se realizou em sessão solene no dia 14 de outubro de 1939. Na sessão de 20 de outubro de 1939, os gremistas aprovaram, e consta em ata, que a cadeira ocupada por Sante Uberto Barbieri (Cadeira 18) seria conservada sempre vaga, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados ao Grêmio por esse intelectual.

O casal Barbieri deixou definitivamente o Brasil, no final de 1939, passando a servir a Missão Metodista no Uruguai e depois na Argentina. Em Buenos Aires, ocupou o cargo de reitor do Union Theological Seminary e foi eleito Bispo pela Conferência Central Metodista da América Latina, em 1949. Serviu como bispo por 5 períodos consecutivos de 4 anos, entre 1949 e 1969, exercendo o episcopado um ano a mais, até 1970, quando, em decorrência da idade, entrou para a categoria de Bispo Emérito aposentado. Decisão que foi ratificada pela The United Methodist Church, em 8 de outubro de 1971.

Com Odette de Oliveira, Sante teve os filhos Laura, Stelvio, Livio e Flávio. Na década de 1980, após o falecimento de Dona Odette, casou-se com Delina Díaz, com quem viveu os anos restantes de sua vida.

Sante Barbieri faleceu em 13 de fevereiro de 1991, em Buenos Aires, onde está enterrado. Deixou uma vasta obra literária, com mais de oitenta livros publicados em português, inglês, espanhol e italiano, compreendendo teologia, prosa, novelas e contos. Alguns livros de Barbieri, ainda hoje, podem ser comprados pela Internet, no *site* da Amazon Books (www.amazon.com), por exemplo. Mais que um religioso, Sante Uberto Barbieri foi um grande escritor.



A Batalha do Pulador

**ANTÔNIO FERREIRA PRESTES
GUIMARÃES, in memoriam**

o dia 26 de junho, toda a força revolucionária passou, ao som de música, pelo centro da cidade de Passo Fundo, de Leste para Oeste, indo pernoitar no “Pinheiro Torto”, que fica a 6 quilômetros, na estrada da Cruz Alta. No dia seguinte, 27, ao encetar a marcha para a frente, encontrou no “UMBU” as avançadas do exército de Lima, travando desde logo combate, e recuando essas avançadas até perto da Fazenda de Antonio de Mello, no “Pulador”, 12 a 13 quilômetros de Passo Fundo. Aí feriu-se grande e renhidíssima batalha. O local fora escolhido pelo chefe das forças legalistas, sendo quase inacessível às evoluções da cavalaria revolucionária – que pouco fez na ocasião mais decisiva da batalha, por essa circunstância, tendo operado com melhor sucesso no começo da peleja – em que o campo prestava-se regularmente às manobras. Depois de 6 horas de fogo as forças revolucionárias retiraram-se em boa ordem do campo da luta, voltando ao Pinheiro Torto, sem perseguição do inimigo, salvo alguns tiros perdidos de canhão. É que o inimigo tinha de atender aos estragos que sofrera. Estava vitorioso simplesmente por ter ficado ocupando o campo da luta, pois perdera em seus quadros de infantaria, dizimados de perto a descargas de Manulinch, maior número de mortos e feridos, que os contrários retirantes, como depois se verificou com exatidão.

Tiveram os revolucionários 88 mortos, contados insepultos no campo, alguns dias depois, e quase 200 feridos, incluso o valente Apparício, o Mello, o José Silveria Martins e tantos outros bravos. Foi a maior perda dos legalistas. (23) Algumas centenas de mortos e cerca de mil feridos, senão mais, o que cuidadosamente trataram de ocultar, para diminuir o efeito moral da verdade dessa, para eles, vitória de Pirro. Na sangrenta batalha do “Pulador”, saíram feridos o próprio General Lima, e alguns de seus

oficiais superiores. No dia seguinte, junho, 28, o exército revolucionário marchou do “Pinheiro Torto”, ao raiar da aurora, em direção a Soledade. Em Passo Fundo ficou, porém, de observação, o chefe Veríssimo – com seu denodado corpo de patriotas. Houve-se no desempenho dessa arriscada tarefa com o valor e perícia do costume. Do exército de Lima, que se pôs em marcha pela estrada da Cruz Alta, enterrando a cada momento pelo caminho os feridos que faleciam, destacou-se uma coluna a mando de Santos Filho, para esperar em Passo Fundo, onde bateu-se por três dias consecutivos, - 28, 29 e 30 de junho – com a gente de Veríssimo, sem resultado satisfatório, pelo que, em 1º do mês de julho, tocou em retirada ao rumo da Cruz Alta. Então Veríssimo, sem inimigo pela frente, pode, muito a

salvo, mandar conduzir da serra para o campo os últimos cargueiros de munição, uma metralhadora, e os derradeiros comandados de Gomercindo que, doentes, ou por qualquer outro motivo, tinham ficado para trás – internados no seio da imensa floresta. Em meados de julho, o exército revolucionário acampava na embocadura Leste do “Campo Comprido”, a 40 quilômetros da vila da Soledade, pouco distando, portanto, do Passo do Jacuí Grande. Enviou daí para as “Quatro Léguas” uns vinte dos seus feridos, especialmente recomendados ao prestimoso chefe, José Antonio Ferreira, que relevantes serviços prestou naquele ponto à causa da liberdade da sua terra.(24)

Com esses feridos, seguiu Alexandrino, destemido marítimo, ex-comandante do velho encouraçado – Aquidaban – vindo de Santa Catarina com o agente de Gomercindo, porém fazendo parte da coluna serrana de Prestes Guimarães, desde que pisou o





solo rio-grandense. (25) Entrementes, o Coronel Thomaz Flores invade o município da Soledade, à testa duma forte coluna do governo, vadeando com ela resolutamente o Passo do Jacuí Grande. Os chefes revolucionários deliberaram não atacar a coluna Flores na passagem do Campo Comprido, que admiravelmente se prestava para isso, em razão de não aumentar ainda mais o número já tão avultado de feridos, de difícil condução, sendo que não pretendiam estabelecer quartéis de inverno em Soledade. Em consequência, erguendo acampamento do “Campo Comprido”, marcharam à direita, rumo da Serra de baixo, também denominada do “Pessegueiro”, e repassando o Jacuizinho, após duas jornadas, por um pique não freqüentado, estavam, outra vez, na estrada geral da Cruz Alta, da qual se tinham desviado com a batalha do “Pulador”. Prosseguiram essa marcha sem interrupção para “Carovi”- passando pela estrada da Conceição, Cruz Alta à esquerda e Santo Ângelo à direita. Do Lagoão foi expedida uma força, comandada por Elisário Prestes e Borges Vieira, a Cruz Alta tendo por fim unicamente entreter a atenção dos contrários, enquanto o exército passava adiante pela dita estrada da Conceição. Os cruz-altenses alarmados fugiram espavoridos,

mas a força revolucionária, cumprindo instruções, não entrou na cidade. A narrativa do que sucedeu em “Carovi”, onde a revolução perdeu ao grande Gomercindo, quando este fazia um simples reconhecimento, prendeu-se aos sucessos da revolução na região Missioneira, e aí, logicamente, terá cabimento. A morte de Gomercindo a 10 de agosto em Carovi, enchendo de justa mágoa os corações patrióticos, foi um eclipse fatal para a revolução.

(23) Os corpos de cavalaria tiveram mortos e feridos, principalmente o corpo do denodado e humanitário Pedro Bueno de Quadros, que perdeu o cavalo em que montava, morto na peleja. Elisário Prestes também teve o cavalo morto. Ditos Comandantes, bem como José Borges, Veríssimo, Chico dos Santos, e outros, sempre impretéritos (nota do próprio punho do General Prestes Guimarães).

(24) *Juca Ferreira* prestou nas “Quatro Léguas” valiosíssimos serviços à causa sacrossanta da Revolução. Foi um valente, que soube desempenhar seu posto de comandante com brio notável e convicção inexcusável. O Dr. Ângelo Dourado confundiu seu nome com o Coronel Antonio Baptista – da Soledade – outro patriota estimável. (Nota do punho do General Prestes Guimarães).

(25) O bravo Alexandrino Alencar

também seguiu com os feridos para as “Quatro Léguas”, em demanda de sua casa, ou parentes, em Santa Cruz. Por aí ficou, sem conseguir reunir-se outra vez aos companheiros de causa, que foram obrigados a seguir rumo diferente. (Nota do punho do General Prestes Guimarães).

Nota dos Editores – Antônio Ferreira Prestes Guimarães nasceu no dia 13 de junho de 1837, em Passo Fundo, e aqui também faleceu, a 19 de setembro de 1911. Exerceu a advocacia, foi Juiz de Paz, vereador e presidente da Câmara Municipal (1883/1886), deputado provincial (estadual), em 1885, 1887 e 1889, presidente da Província (governador do Estado), de 25 de junho a 8 de julho de 1889, e um dos mais importantes comandantes maragatos durante a Revolução de 1893. Na Batalha do Pulador, comandou a cavalaria, constituída quase exclusivamente de serranos.

O texto acima foi retirado de *A Revolução Federalista em Cima da Serra* (Martins Livreiro, Porto Alegre, 1987), páginas 52, 53 e 54. A obra circulou reproduzida sobre gelatina, antes que fosse editada pelo historiador Sérgio da Costa Franco, a partir de cópia obtida em Soledade, com o advogado Caio Graccho Serrano, já falecido. O título original da obra de Prestes Guimarães era “Apostamentos Históricos da Revolução Civil do Rio Grande do Sul na Zona Serrana”.

Conservamos as notas, com a numeração



Da esquerda para a direita: tenente-coronel Bento Xavier, major Afonso Nunes, tenente-coronel Chiquinote Pereira, Bertholino Nunes, Cândido Simões e Carlos Lybindo (Foto de Pedro Obino)



O número de mortos na Batalha do Pulador

PAULO MONTEIRO

acontecimento histórico, mais conhecido pelo nome de Batalha do Pulador, ocorrido no dia 27 de junho de 1894, envolvendo a coluna federalista, comandada por Gomercindo Saraiva, e a Divisão do Norte, de Francisco Rodrigues de Lima, sempre despertou minha atenção. Cresci ouvindo meu pai repetir relatos de seu avô materno, João José da Silva, contando a forma como sobrevivera ao combate, refugiando-se nos matos, onde também procuraram abrigo centenas de pica-paus que preferiram desertar a seguirem na direção de Carazinho, com seus comandantes. Na mata foram caçados por um piquete de maragatos. Quase todos os desertores eram homens da Campanha, que não conheciam a Região Serrana e que, subindo às árvores, julgavam-se seguros. Os maragatos, provavelmente

das forças do “coronel Veríssimo”, a pé, vasculharam as matas à procura dos foragidos. Quando localizavam um deles, no alto de uma árvore, zombando do fardamento verde usado pelos soldados legalistas, exclamavam: “Olha lá um periquitinho!”. E o abatiam à bala. Junto com um companheiro, meu bisavô abrigou-se numa árvore recoberta por vasto cipoal. Os perseguidores chegaram. Comentaram entre si que era o local propício para alguém se ocultar. Ofereceram “garantias de vida” para quem descesse. Meu bisavô fez um sinal de silêncio. Seu amigo desceu e foi imediatamente degolado. Bem depois que cessaram os tiros ele seguiu na direção do Faxinal, não sem ir encontrando mortos em seu caminho.

A preocupação em comprovar esse relato oral levou-me a pesquisar sobre o número real de mortos. Não encontrei documentos sobre desertores massacrados, mas outras informações orais,

quanto à duração e desenvolvimento da batalha, que concordam com relatos históricos. Ademais, outro bisavô meu, Alexandre Mendes Monteiro, que possuiu uma propriedade no Pulador, relatava que era comum encontrarem ossadas humanas por aquelas matas.

João José da Silva costumava repetir aos filhos, genros e netos, que a Batalha do Pulador foi uma carnificina e que teriam morrido mais de mil homens.

Se uma parte de seu relato, aquela que diz respeito à batalha propriamente dita, pode ser comprovada documentalmente, por que não serão verdadeiros os fatos ocorridos posteriormente e que ele teria testemunhado? Até que não apareçam provas em contrário, acredito ser verdadeira a história como era relatada por esse sobrevivente.

Divulguei minhas pesquisas preliminares no artigo *A Batalha do Pulador* publicado em *O Cidadão*, de 14 de julho de 2001, e em *O Nacional*, de 18 daquele mês e ano.

Há um documento muito conhecido sobre as forças de Gomercindo Saraiva. Trata-se do livro *Voluntários do Martírio*, publicado em 1896 por Angelo Dourado, médico daquela força revolucionária.

Após atravessar o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com mais de cinco mil homens, e ameaçar Curitiba, Gomercindo retornava ao Rio Grande com um exército reduzido e esfarrapado. Realizara uma das maiores façanhas militares da História do Brasil, comparável à Retirada de Laguna, durante a guerra contra o Paraguai, alguns anos antes, e à Coluna Prestes, três décadas depois.

Segundo Carlos Reverbel (*Maragatos e Pica-Paus*, L&PM Editores, Porto Alegre, 1985, p. 83), entre 10 e 15 de abril de 1894, Gomercindo preparou sua retirada de volta ao Rio Grande, com um exército de mais de cinco mil homens, dividido em três colunas. Acossados por forças contrárias e enfrentando um terreno que lhes era adverso, os federalistas somente conseguiram chegar a Passo Fundo no dia 22 de junho, com a tropa reduzida a 1600 homens. “Nesta altura – escreve Carlos Reverbel, à página 84 – veio ao seu encontro a força de Prestes Guimarães, que se mantivera em operações na região. Reunidas as duas colunas, o efetivo de Gomercindo subiu para três mil homens”.

Foi exatamente essa força que, naquele 27 de junho, enfrentou a Divisão do Norte, bem equipada, pois dispunha até de artilharia pesada. Divisão que teve, inclusive, a oportunidade de escolher, do ponto de vista estratégico, o melhor local para esperar e travar batalha com os maragatos. O confronto, iniciado pelas 10 horas, durou até por volta das 16 horas.

Os dados sobre o número de homens envolvidos e de vítimas são contraditórios. Angelo Dourado, médico das forças revolucionárias, que prestou socorro aos feridos no Pulador, em seu livro *Voluntários do Martírio* (Reprodução Fac-similar da Edição de 1896, Martins Livreiro-Editor, 3ª. Edição, Porto Alegre, 1979, p. 250) calcula em 1500 homens a força maragata, 800 dos quais seriam lanceiros comandados pelo passo-fundense Prestes Guimarães, e em 3 mil os combatentes pica-paus, distribuídos em três quadrados de infantaria, com mil guerreiros cada.

Quanto ao número de feridos, Prestes Guimarães, em documento, cuja cópia me foi franqueada pelo historiador Ney

Eduardo Possapp d’Avila, aqui presente, afirma que os revolucionários tiveram “88 mortos, contados insepultos no campo de batalha alguns dias depois, e quase duzentos feridos, inclusive o valente Aparício Mello (sic), José Silveira Martins e tantos outros bravos”. Carlos Reverbel (p. 85) escreve que “as baixas, entre mortos e feridos, de ambos os lados, foram superiores a 500”. Já Gomercindo Saraiva, segundo o médico



federalista, que nos legou um diário da expedição, “julgava que as forças de Lima deveriam ter mais de mil homens fora de combate”, conforme se lê à página 253 de *Voluntários do Martírio*.

O mesmo Angelo Dourado, à página seguinte, escreve: “No lugar denominado Tope, recebemos comunicações do coronel Veríssimo que continua no Passo Fundo, tendo sepultado os nossos mortos. Ele calcula o número de cadáveres deixado pelo inimigo em oitocentos, não podendo saber ao certo, porque muitos estavam confundidos com os nossos. As nossas perdas, incluindo os polacos que nos faltam, montam a 214. Temos, porém, cinco feridos que não poderão viver”. (A ortografia foi atualizada por mim, Paulo Monteiro).

Outra testemunha, o major Vicente Ferreira Castro, paranaense que lutara nas forças federalistas, assim descreveu o resultado final da batalha: “Ganhamos fisicamente o combate, porém o perdemos moralmente, e quem sabe será a nossa perdição essa derrota. Morreram muitos oficiais, desde coronéis até alferes e muitos saíram feridos. Calculam que entre mortos e feridos temos 200 homens. A Primeira Brigada foi a que mais gente perdeu, pois só o Batalhão Silveira da Mota, o meu e o do Badziak, ficaram reduzidos à metade, pouco mais”. (Vasco José Taborda Ribas, *A Gente Paranaense na Revolução Federalista*, in *Fontes para a História da Revolução de 1893*, URCAMP Editora, Bagé, 1990, p. 209).

Logo abaixo, continuando em suas anotações de campanha, parece referir-se à mesma fonte usada por Angelo Dourado, mas os números são diferentes. Com data do dia 7 de julho, assim escreve: “Veio um próprio do Veríssimo, trazendo notícia exata do combate de 27. Dizia que tivemos 88 mortos e que o inimigo teve 700 mortos. Soube-se com certeza que saíram feridos, nesse combate, o gen. Lima e o cel. Firmino de Paula”.

Luiz de Senna Guasina (*Diário da Revolução Federalista*, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul/Edições Est, Porto Alegre, 1989, p. 73), outro participante da Revolução e que dela se retirou por discordar das idéias que iam dominando os federalistas, em data de 30 de junho de 1894, lembra o jornal *La Prensa* ter divulgado “que os revolucionários tiveram 600 mortos e muito mais feridos; que os governistas tiveram somente duzentas baixas (...)”.

Gomercindo dos Reis, veterano da Revolução de 1923 e prócer libertador passo-fundense, em artigo intitulado *A Batalha do Pulador*, publicado na última página do Nacional, de Passo Fundo, a 26 de junho de 1948, assim se expressa textualmente: “Nessa batalha, a maior que se travou no Brasil, chocaram-se 8 mil homens, mais ou menos 4 mil de cada lado, ficando mil e cem mortos no campo da luta”. O poeta de *Jardim de Urtigas* conheceu, conviveu e militou ao lado de veteranos da Revolução de 1893.

Recapitulando alguns números:

1º. – Conforme o coronel Angelo Dourado, louvando-se nas informações do “coronel Veríssimo”, teríamos pelo menos 1014 mortos: 800 pica-paus e 214 federalistas;

2º. – De acordo com Vicente Ferreira Castro: 88 federalistas e 700 pica-paus, totalizando cerca de 788 vítimas;

3º. – La Prensa, citado por Luiz de Senna Guasina, calcula as vítimas fatais em 600 federalistas e 200 pica-paus, somando 800 mortos;

4º. – Gomercindo dos Reis fixa em “1100 mortos no campo da luta”, sem precisar quantos de cada lado.

Assim, quando examinamos fontes da época em que ocorreu a batalha de 27 de junho de 1894, ou que tiveram acesso a informações de sobreviventes, podemos concluir que nela se envolveram pelo menos 4500 homens, sendo 3000 pica-paus, sob o comando de Francisco Rodrigues de Lima, assistido por José Gomes Pinheiro Machado, e 1500 maragatos, 700 das forças que acompanharam Gomercindo Saraiva em seu retorno do Paraná, e 800 cavalarianos, sob as ordens de Prestes Guimarães. Os mortos, seguramente, “foram superiores a 500”, como escreveu Carlos Rever-

bel. Pelo comparativo das informações disponíveis, devem girar em torno de 800 os combatentes que tombaram na Batalha do Pulador.

Até prova em contrário, calculo em 1000 (mil) o número de vítimas fatais, segundo a informação privilegiada de Angelo Dourado, reforçada pelo “coronel Veríssimo”, que ficou na região depois da luta. Devem ter morrido 800 combatentes no local da batalha, possivelmente muitos deles feridos, executados numa “operação de rescaldo”, e 200 abatidos, nos matos, depois do confronto. Isso porque Vicente Ferreira Castro e La Prensa apresentam dados ao redor de 800 - os que realmente morreram em combate. O saldo a maior, correspondendo a 200 mortos, encontrado em *Voluntários do Martírio*, pode muito bem representar os desertores caçados nos matos do Pulador, depois do combate.

Nesse número não estão computados aqueles que morreram nos dias posteriores ao combate. O médico Angelo Dourado calculou em cinco os feridos sob seus cuidados que não sobreviveriam, e escreveu à página 266: “Saímos na estrada do Passo Fundo a Cruz Alta. Em todos os pontos do acampamento das forças de Lima, e estamos 20 léguas do campo de batalha do Passo Fundo, há sepulturas de mortos por ferimentos recebidos naquela batalha”.

Notas: O trabalho acima é uma comunicação apresentada durante o Seminário “110 Anos da Batalha de Passo Fundo”, nos dias 25, 26 e 17 de julho de 2004.



General Pinheiro Machado

Opto por grafar Gomercindo (e não Gumercendo) Saraiva, por ser a forma usada por Angelo Dourado, companheiro e amigo do líder maragato, bem como por outros contemporâneos e amigos do líder federalista.

(Paulo Monteiro exerce o jornalismo literário há 30 anos. Pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 32, que tem como patrono o poeta e jornalista Gomercindo dos Reis; à Academia Literária Gaúcha e a outras entidades culturais do Brasil e exterior.)



Pintura, feita sob fotografia, da “casa grande” que serviu como hospital de sangue, durante a batalha



A literatura de Apparício Silva Rillo e a Revolução Federalista de 1893

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

nos dias 25 a 27 de julho, aconteceu em Passo Fundo, no auditório do SENAC, o Seminário “110 anos da Batalha de Passo Fundo”, promovido pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo, coordenado pelo historiador Ney Eduardo Possapp d’Avila, Mestre em História, nosso confrade e professor da UERGS. Enquanto a Prefeitura Municipal de Passo Fundo comemorava a Batalha ocorrida em 27 de junho de 1894, durante a Revolução Federalista, no Campo dos Mello, distrito do Pulador, inscrevi a presente comunicação, somando àquelas homenagens e estudos, a figura do poeta Apparício Silva Rillo, que também deveria receber homenagens póstumas durante a semana, visto que seu falecimento data de 23, e seu sepultamento, de 24 de junho de 1995.

Proximidade nas datas, semelhanças nos sentimentos: vida e morte. Fatos naturais que só se transformam em atos grandiosos em função das pessoas e circunstâncias que os envolvem.

O presente trabalho, portanto, teve como objetivo ilustrar aspectos da literatura do Rio Grande do Sul, especificamente a de Apparício Silva Rillo, principalmente no que tange a sua poesia “Colorada” que se refere a um dos pontos abordados no Seminário: a Revolução Federalista de 1893 que, entre outros, tinha por objetivo principal estabelecer um sistema federativo parlamentarista, capaz de dar maior autonomia aos estados, em resposta ao excessivo controle exercido pelo governo central do Brasil. Naquela ocasião, a degola (chamada de “gravata colorada”) foi a forma escolhida para a execução dos prisioneiros. Ao todo, esse embate deixou um saldo de mais de 10 mil mortos. De um lado, estavam os republicanos, chamados “pica-paus”. De outro, os federalistas, apelidados de “maragatos”.

Silva Rillo: O homem e sua literatura

Para Luiz Antônio de Assis Brasil, obras no estilo desta, de Silva Rillo, fazem parte de uma literatura diferenciada – a do Rio Grande do Sul. Uma literatura que gosta de visitar o passado de seu povo, de tentar entendê-lo, de amá-lo como é. Diz o grande escritor e romancista gaúcho:

“Pensemos na Literatura, que é nossa forma privilegiada de pensamento: não fosse O Tempo e o Vento, o Rio Grande não seria o que é; à falta de uma longa História (diferente do Nordeste, que nos ganha em dois séculos), que nos daria uma identidade cultural, a Literatura se encarregou, desde os primórdios, de estabelecer quem somos.”

A essência de nosso povo tem sido cantada em prosa e verso, exaustivamente, porém, nem sempre sendo fiel à verdade histórica, nem sempre colocando em pauta protagonistas importantes como os soldados anônimos, as crianças, os escravos, a natureza.

A vida de nosso estado tem sido retratada, muitas vezes, como uma consequência de guerras chefiadas por grandes comandantes, como se a sociedade, como se cada indivíduo com sua existência singular, estivessem plenamente integrados a elas, a serviço destas guerras.

A literatura gaúcha buscou, através do tempo, definir esta essência, ora pendendo à construção do mito idealizado do Gaúcho, ora à dessacralização desse mito. Segundo Fischer (1999), no caso das narrativas, no período entre 1870-90, o principal catalisador foi a Sociedade Partenon Literário, cuja principal questão abordada era a definição do gaúcho enquanto identidade, havia a busca do mito fundador. A partir de 1910, nas próximas décadas, até a década de 80, as obras foram procuran-

do outros personagens, outras questões, como a história do peão, a história do coronel, as etnias e a história gaúcha. A partir de 1990, o foco central foi a atitude. Para ele, “não há mais temas predominantes mas atitudes: ousadia formal e perspectiva libertária com relação ao “Fantasma da História”.

No âmbito da poesia, Fischer percebe, antes do Partenon Literário, em torno de 1870, um romantismo que repete padrões já estáveis. A Sociedade Partenon



Literário

foi fundada em 1868, na cidade de Porto Alegre, e congregou importantes nomes da época no campo das letras e da cultura, como: Caldre Fião, Carlos Von Koseritz, Apolinário Porto Alegre, Múcio Teixeira, e trouxe uma definição da identidade regional na poesia culta. Essa sociedade acabou em 1885, porém, desempenhou um papel central na cultura da época, uma vez que contava com sócios em quase todas as cidades do interior, dando ênfase à participação social do literato, na busca pela significação da vida e da liberdade.

Seguindo os modelos estéticos nacionais, além do romantismo, do simbolismo, do modernismo, entre

1900 a 1950, a poesia no RS começou a fazer registros críticos da vida urbana, integrar o urbano e o regional, em perspectivas existencialistas. Afinal, a partir de 1960, os temas regionais começam a ser revistos de forma crítica e amarga. Os anos 70 a 90 trazem uma busca de liberdade e aproximam-se de forma muito intensa da canção popular. Na atualidade, vemos a nossa poesia em uma tentativa de inserir-se no mundo, é o poeta - ser planetário que pensa, age, sente e escreve, num jeito sulista, particular de ser. Há uma busca da cidade e seus temas, do excluído e seus temas, do antigo e seus julgamentos.

Apparício Silva Rillo representa uma leva de poetas gaúchos que, independentemente dos tempos em que viveram, passearam por diferentes tipos de expressões artísticas: poesia, ficção, folclore e história, teatro e música. Buscando, sempre, este elo “entre o ser e o ter sido”, que para ele significava “ser a rama que brotou (dos avós) para dar sombra aos que virão de nós”.

Este escritor nasceu a 8 de agosto de 1931, em Porto Alegre, embora seu registro civil de nascimento tenha sido efetuado na cidade de Guaíba, o que fez com que alguns de seus documentos pessoais apontassem Guaíba como seu local de nascimento. Viveu boa parte de sua juventude na capital, para onde foi mandado a estudar, em 1947, com menos de dezesseis anos. Já adulto, casado, transferiu-se para um distrito rural de São Borja, a seiscientos quilômetros de Porto Alegre, para assumir uma vaga como contabilista num grande empório comercial situ-

ado na, então, vila Nhu-Porã (Campo Lindo, em guarani). Dessa forma, a dez de outubro de 1953 (dia do padroeiro de São Borja) Silva Rillo descia do trem na estaçãozinha de Nhu-Porã. Depois disso, não quis mais abandonar o interior do estado. Em setembro de 1958, mudou-se para a sede do município de São Borja. Cidade que lhe concedeu, em 1982, no tricentenário de sua fundação histórica, o título de Cidadão São-Borjense. Em meados de 1959, a Editora Globo lançava sua primeira obra, Cantigas do tempo velho, com ampla recepção pública, tanta, que o livro, durante várias quinzenas, foi o mais vendido na Livraria do Globo, em Porto Alegre.

O talento de Silva Rillo agraciou-lhe com uma cadeira na Academia Rio-Grandense de Letras, em 1981, além de um sem-número de títulos, láureas e prêmios - dentre os quais é importante destacar o Prêmio Ilha de Laytano, em 1980, conferido a Já se vieram! - tradição, folclore e a atualidade da cancha-reta no RS, editada pelo Instituto de Tradição e Folclore do Estado do Rio Grande do Sul e considerada a mais importante obra sobre assuntos do Rio Grande do Sul lançada naquele biênio. Silva Rillo também se destacou como compositor de música nativista, vencendo festivais como a Vigília, a Vindima, a Califórnia e o Festival da Barranca, criado em São Borja por ele e seus parceiros do grupo musical Os Angüeras. Com Os Angüeras, ele fundou também o museu folclórico mais importante do estado, o Museu da Estância. A criação de Rillo

está integrada aos discos dos músicos, seus parceiros e amigos, como: Mário Barbará, Luiz Carlos Borges, Vinícius Brum, José Bicca, Cenair Maicá, Pedro Ortaça, Noel Guarany, entre outros. E aos festivais gaúchos, dos quais ele venceu vários, depois da Califórnia, com Era Uma Vez, Xote do Sul, Vidro dos Olhos e Colorada – a estrela desta comunicação. Para tristeza profunda de todos nós que o amávamos, Apparício Silva Rillo faleceu em São Borja, em junho de 1995.

Silva Rillo: Colorada e a sua relação com a Revolução Federalista de 1893

Do tema dos bons tempos que não voltam mais à preocupação do horário do operário; da poesia narrativa à poesia essencialmente simbolista; do monarca das coxilhas ao gaúcho a pé, este escritor marcou seu tempo pela poesia elegante e versátil, transitando entre o testemunho e o rompimento. A construção de Colorada assemelha-se à própria arte a que se refere: é o talho certo, preciso, o estilo Silva Rillo.

Na primeira estrofe do poema, o autor faz uso de um artifício terrível. Chama o leitor para assistir ao momento da morte. Mais que um chamamento, dá uma ordem, usando a expressão: Olha... como um susto, uma ameaça. Porém, longe de estar apenas atento aos aspectos estéticos da palavra, o poeta constrói os versos com base na ciência. Para a degola era preciso uma faca bem afiada, o que garantiria que o processo fosse rápido e mortal. A alusão à garganta faz referência direta ao tipo de pena decretada e ao medo que se instalava, o famoso nó na garganta. Quando menciona o talho certo e o sangue que se levanta, também está amparado no ato em si. Segundo Letti (1993): o degolador se esmerava em executar a tarefa com perfeição “(...) uma vez contido, encostava a faca na ponta do nariz do prisioneiro, que instantaneamente elevava a cabeça, sendo então a afiadíssima lâmina introduzida agilmente no pescoço, incisando horizontalmente as estruturas da área supra-hióidea, de orelha a orelha”. Percebe-se então, que a palavra certo apresenta duplo sentido: certo porque bem feito e certo porque, para o inimigo, não havia outra alternativa:

Olha a faca de bom corte,
Olha o medo na garganta!
O talho certo é a morte





Piquete de Aparício Saraiva, comandado pelo tenente-coronel e degolador Adão Latorre (Foto de Pedro Obino)

No sangue que se levanta.

Na segunda estrofe, o poeta usa as cores dos lenços inimigos para ilustrar a cena da degola. O lenço branco representava os republicanos, os “Pica-Paus”. O fato, portanto, do lenço branco ficar com a cor rubra do sol-pôr, pode apresentar dois significados: a vitória inimiga, trocando a cor do lenço para a sua, a partir do sangue da vítima. Ou, a partir da comparação com a cor do melancólico fim do dia, faz uma alusão antiga, retomada com maestria: o dia como a vida, e o crepúsculo vespertino como a decadência, o declínio, a morte.

Já o lenço vermelho, que poderia ter sido referido pelo autor, simplesmente como “vermelho”, é chamado “colorado”, numa alusão à origem do termo “Maragato” (S.A.), que estaria do outro lado da fronteira, no Uruguai. Segundo Moure, o termo tinha uma conotação pejorativa atribuída pelos legalistas aos revoltosos liderados por Gaspar Silveira Martins, que deixaram o exílio, no Uruguai, e entraram no RS à frente de um exército: “Como o exílio havia ocorrido em região do Uruguai colonizada por pessoas originárias da Maragateria (na Espanha), os republicanos apelidaram-nos de maragatos, buscando caracterizar uma identidade estrangeira aos federalistas.” A alternância dos dois lenços, no papel de vítima, representa a bipolarização de forças políticas daquela época, bem como o fato de que a violência não era propriedade de um só dos lados, mas uma prática de ambos.

Onde havia um lenço branco
Brota um rubro de sol-pôr.
Se o lenço era colorado
O novo é da mesma cor.

A terceira estrofe faz referência ao sistema utilizado na degola. Sistema que exigia que o prisioneiro estivesse amarrado, ou, o que muitas vezes acontecia, ferido. Matar um homem dessa forma não era uma maneira digna de se ganhar uma guerra, principalmente para o mito do gaúcho, acostumado a bradar valentia. A degola era um ato vil, frio e covarde. Por isso que: quem mata é bandido, quem morre é herói e, principalmente por isso, que o fio que dói em quem morre, na mão que abate, não dói. Ou seja, o matador não estava em posição de luta, de risco. Ele estava na posição de carrasco, de dono. A palavra abate lembra a morte dos animais para uso da carne, do couro. O homem, imobilizado nas mãos do degolador, perdia a condição humana, estava comparado a um animal.

Quem mata chamam bandido.
Quem morre chamam herói.
O fio que dói em quem morre
Na mão que abate não dói...

A quarta estrofe dá o relato do tipo de guerra à qual o poeta se refere. O famoso slogan da “Guerra entre irmãos” aparece em bom linguajar gauchesco, assim como a imagem do mercenário, muito comum naquela época, embora não tão contada em versos, contratado para lutar de um lado ou de outro da guerra.

Era no tempo das revolução,

Das guerra braba de ermão contra ermão.

Dos lenço branco contra os lenço colorado,

Dos mercenário contratado a patacão.

Embora a quinta estrofe pareça bem compreensível para nós, em nosso tempo, fazendo lembrar a presença das eleições fraudulentas, em que se usava nomes de pessoas falecidas para ga-

rantir mais votos a determinados candidatos, neste trecho da obra de Rillo há um pouco mais de profundidade. A referência aos mortos governando os vivos vem da filosofia positivista, uma das inspirações do líder republicano, Julio de Castilhos, ironicamente morto durante uma cirurgia realizada por Protásio Alves, em função de um câncer na garganta, em outubro de 1903. Castilhos possui, em seu túmulo, que se encontra na ala central do Cemitério da Santa Casa, entre muitos símbolos positivistas, como o escudo do RS e o lema Ordem e Progresso, uma pirâmide, em cujo centro está o lema positivista: “Os vivos serão sempre e cada vez mais governados pelos mortos”, como cita Bellomo, em seu texto “Revolução Federalista & Arte Funerária”.

Era no tempo que os morto votava
E governava os vivo até nas eleição.
Era no tempo dos combate a ferro branco,

Que fuzil era mui pouco e era escassa a munição.

Na estrofe final, o poeta explicita do que fala. Realmente, é da degola, prática tão usada na Revolução Federalista, esta página sangrenta e triste de nossa história, que precisa ser estudada, para que nunca mais a faça supere a força da palavra, para que nunca mais se repita, nem com lenços brancos, nem com lenços vermelhos, tampouco com lenços verdes. O verso final lembra um ditado popular muito usado na época para definir a revolução: Dois leões no mesmo capão”, segundo o Dr. Lauro Pereira Guimarães, estudioso daqueles tempos.

Era no tempo do “inimigo não se poupa”,

Prisioneiro era defunto e se não fosse

era exceção.

Botavam nele a “gravata colorada”

Que era o nome da “degola” nesses tempos de leão.

Ao comentar o cerco à Lagoa Vermelha, Branco cita a poesia Colorada de Rillo, musicada por Mário Barbará, como um exemplo fiel dos importantes combates acontecidos naquela região. Segundo ele, a “pacata vila, então com apenas oito ruas, viveu dias de pânico e angústia, mas viu exemplos de coragem e fibra, com federalistas e republicanos defendendo com brio suas idéias”. A poesia de Silva Rillo, entretanto, não se perde em idolatrias à violência, ou em retóricas ricas na forma e vazias no conteúdo. Colorada aponta a inutilidade da guerra, visto que era entre irmãos; aponta a relatividade dos ideais, pois os heróis tratavam-se, em muitos casos, de mercenários. Assinala a frieza e a covardia da gravata colorada e a fragilidade do heroísmo, pois no tempo das revoluções, a cor do lenço não fazia diferença na hora da morte. Nesta, diferentemente do que na vida, todos os homens eram iguais.

A OBRA

POESIA

Cantigas do Tempo Velho (Globo, 1959)
Viola de Canto largo (Kunde, 1968)
São Borja, Aqui Te Canto (A Notícia 1970)
Caminhos de Viramundo (Martins, 1979)
Pago Vago (Martins, 1981)
Itinerário de Rosa (Martins, 1983)
Alma Pampa (Martins, 1984)
Doze Mil Rapaduras & Outras Histórias (Tché!, 1984)
30 Anos de Poesia (Tché!, 1986)

FICÇÃO

Viagem ao Tempo do Pai (contos) (Martins, 1981)
Rapa de Tacho (causos) Rapa de Tacho 2 (causos) (Tché!, 1983)
Rapa de Tacho 3 (causos) (Tché!, 1984)
Dois Mil Dias Depois (contos) (Tché!, 1985)
O Finado Trançudo (novela) (Tché!, 1985)
Boca do Povo (causos) (Tché!, 1987)
Rapa de Tacho 4 (causos) (Tché!, 1988)
Rem-rem da Faca na Pedra (contos) (Tché!, 1990)
Os Galos Cantarão (novela) (Tché!, 1992)

FOLCLORE E HISTÓRIA

Já se Vieram! – História, tradição, folclore e atualidade da cancha reta no RGS (IGTF, 1978)
São Borja em Perguntas e Respostas (Argraf, 1982)

TEATRO

Domingo no Bolicho (primeira montagem em 1957)

João Gaudério a João Peão, Vida e Paixão (primeira montagem em 1970)

Bibliografia citada

BELLOMO, Harry Rodrigues. *Revolução Federalista & Arte Funerária*. In op.cit. Pág. 67-72.
BRANCO, Pércio de Moraes. *O cerco a Lagoa Vermelha*. In op. Cit.
FISCHER, Luís Augusto. *Para fazer diferença*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. Pág. 83.
LETTI, Nicanor. *A degola*. In FLORES, Hilda Agnes Hübner (org) *Revolução Federalista – Estudos*. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1993. Pág. 81-88.
MOURE. *Telmo Remião. História do Rio Grande do Sul - Origem dos Termos Chimangos e Maragatos*. Editora FTD S.A.

Poesia

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

Num barco descendo o rio...

Para Apparício Silva Rillo

Morreu o poeta! Gritam os alunos da escolinha.
Morreu o poeta! Gritam os músicos, os grilos e os sapos da cidade.
Morreu o poeta! Sussuram as avós.
.....! Silenciam seus livros nas estantes.
Não na minha.
Vou à janela. Abro um deles, leio um poema em voz alta.
Ninguém sabe de nada.

Nem o rio Uruguai, água dourada,
que entoa uma triste melodia,
enquanto se esvai, se expatria água abaixo.
- Morto o poeta.
Canta o rio
e se se embriaga com o fio de sol
que se estende.

O remo bate na água, desmente:
-Não.
- O fim cortou a alma do poeta.
Murmura o rio.
- Não!
-Há frio. Morta a alma.
-Não.
-Morreu o poeta! Grita o rio, na curva como um anzol.
-Não. Diz o remo, convicto -Não.
E toma um rumo diferente
do poente,
sabendo mais coisas do que todo mundo,
pois olha por cima e
por baixo da corrente,
sempre,
como o poeta,
embarcado.





A Batalha do Pulador: A simples evocação dos heróis de 93 fazia estremecer a ditadura getuliana

GOMERCINDO DOS REIS,
In memoriam

Como o povo do Rio Grande do Sul e do Brasil teve conhecimento, a 27 de junho de 1944, comemoramos o cinquentenário do combate de Pulador.

Para tomarem parte, ou, pelo menos, se fazerem representar nessa homenagem à memória daqueles bravos que se bateram pelos seus ideais, convidamos o sr. Getúlio Vargas e altas autoridades do país.

Para que a solenidade tivesse o brilho merecido, dirigimos um atencioso convite a Ernesto Dornelles, pedindo a cooperação do Governo do Estado.

Porém, tivemos grande surpresa, quando recebemos um lacônico ofício da Secretaria do Palácio, dizendo que o sr. Interventor “havia tomado conhecimento da homenagem.” E nada mais dizia no referido ofício.

Agora podeis julgar o procedimento dos presidencialistas...

Getúlio Vargas e Ernesto Dornelles tinham obrigação, o dever sagrado, de mandar prestar honras militares à memória daqueles bravos, porque, nesse memorável combate, tomaram parte colunas do próprio Exército Nacional.

Nessa batalha, a maior que se travou no Brasil, chocaram-se 8 mil homens, mais ou menos 4 mil de cada lado, ficando mil e cem mortos no campo de luta.

Quando a comissão promotora da homenagem esperava uma atitude honesta e digna do governo, dando um belo exemplo de civismo em nossa pátria, sabem qual foi o procedimento de Ernesto Dornelles?

- Mandou a polícia seguir os nossos passos... Éramos vigiados pelos esbirros da malfadada ditadura getuliana! A nossa correspondência telegráfica era controlada pelas autoridades...

A estrada de ferro não queria fornecer o trem expresso para conduzir o povo

desta cidade às coxilhas de Pulador. Para conseguirmos esse meio de transporte, fomos obrigados a dirigir uma infinidade de telegramas ao diretor da Viação Férrea do Rio Grande do Sul.

Dois investigadores da polícia de Porto Alegre estiveram no local da homenagem, observando o que se passava...

Em vista da grave situação, da rigorosa vigilância policial, fez uso da palavra, nessa solenidade, um só orador, o ilustre passo-fundense Sr. Francisco Antonino Xavier e Oliveira.

Getúlio Vargas e Ernesto Dornelles tinham o indeclinável dever de prestar um tributo de respeito e admiração à memória daqueles bravos da Força Pública do Estado e do Exército Nacional, que tombaram numa luta ingrata, em defesa do governo de Júlio Prates de Castilhos e do regime presidencialista.

Desse falido presidencialismo que combatemos naquela época, estamos combatendo hoje e continuaremos combatendo amanhã! Dessa forma de governo, que, lamentavelmente, prevaleceu no Brasil, a custa do sangue daqueles heróis!

E então, como recompensa, depois de cinquenta anos, o governo brasileiro, chefiado por Getúlio Vargas, negou apoio à modesta homenagem que “pica-paus” e “maragatos” prestavam, indistintamente, à memória daqueles bravos!

Onde está a recompensa ao devotamento cívico daqueles mártires da República? Onde está a consciência cívica dos adeptos do presidencialismo, desse regime falido, que tem feito a desgraça da nossa pátria?

Será que os ossos e a memória dos “maragatos” que jazem na vala comum, à beira da estrada de Pulador, oferecem perigo à ditadura getuliana?

Será que a idéia parlamentarista, que germinou naqueles cérebros, hoje corroídos pela terra, com as mandíbulas escancaradas, ainda fazia tremer os déspotas, os tiranos, os abusadores do povo brasileiro?

Será que os ditatoriais ainda enxergavam o exército de Gomercindo Saraiva, desfilando pelos pampas e pelos sertões de Santa Catarina e Paraná, tendo à frente a Bandeira Federalista de Gaspar da Silveira Martins?

Será que os gozadores da ditadura de ontem ainda estavam vendo a barca Marajó, rebelada nas águas do Guaíba, canhoneando o Palácio do Governo e alarmando a Capital Gaúcha?

Será que os exploradores do povo brasileiro estavam vendo Saldanha da Gama, Custódio de Mello e tantos outros, na Baía da Guanabara, com a Marinha de Guerra rebelada, canhoneando as fortalezas e desafiando o governo de Floriano Peixoto?

Será que os seguidores do presidencialismo, ainda ouviam, apavorados, a fuzilaria, o troar dos canhões, o chocar das lanças e o tropel da cavalaria daquele exército revolucionário?

Ernesto Dornelles negou apoio à homenagem que “pica-paus” e “maragatos” prestavam à memória daqueles bravos! Não admira o seu procedimento, porque os interventores do Estado Novo não passavam de meros joguetes de Getúlio Vargas...

Era isso que pretendíamos dizer aos nossos correligionários, com referência àquela homenagem, que foi desagradável aos dirigentes da ditadura, porém, que teve o acatamento do povo e da imprensa do Rio Grande do Sul.

Passo Fundo, 26 de junho de 1948.

(Gomercindo dos Reis (1898-1965), jornalista, poeta, polemista, veterano da Revolução de 1923, foi um dos líderes do Partido Libertador em Passo Fundo e pertenceu à Academia Passo-Fundense de Letras. É o atual patrono da cadeira 32, que tem como titular o acadêmico Paulo Monteiro. O artigo acima foi transcrito do jornal O NACIONAL, de Passo Fundo, edição de 26 de junho de 1948, p. 8.)

Nem tanto à terra, nem tanto ao mar

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Deus, como me flecham os nervos, assim de manhãzinha! O dia recém-nascido, ainda deglutindo o muco da noite.

Me furam os ouvidos os veículos que passam. Pigarreando sua rouca constipação. Vomitando sua bile. Baforando o pestilento charuto. Tão menininho o dia, e já se mostra eriçado, mais pra rebeldia que pra brincadeira.

Voz humana, nenhuma. Gargalhadas, nem se cogita. Ninguém fala, ninguém ouve. Todos andam prostrados, em meio ao paroxismo das máquinas. Elas é que comandam o tempo. Defloram o amanhecer. E regem a orquestra da vida urbana que, mal se despiu do pijama e – engolida a geléia e o pão num vapt-vupt – já parte pra briga, nas ruas encardidas, enfumaçadas, mal servidas do café cheiroso que escapa pelas cortinas de ferro.

Onde estamos? Para onde vamos? - Ninguém ouviu dizer que *a pressa é inimiga da perfeição?* – Que sádica vertigem a dos monstros sobre rodas que, cuspiendo veneno, avançam pelo asfalto, contorcem o corpo nas esquinas, se jogam das pontes!... Uma onda de petróleo líquido lambendo o chão. Trepidando. Esbravejando. – Ah, meus belos tempos de sossego!

Os tímpanos – são eles as vítimas preferidas desse sarcasmo acústico. Saturados do fragor persistente, resfolegam no travesseiro, enfiando-se no cobertor como um avestruz acuado, enquanto os decibéis invadem os espaços. Cúpidos. Prenhes. Um cenário esquizofrênico...

Por quanto tempo o mundo agüentará? Suportaremos nós o cérebro fervente? O coração ofegante? Até onde irá a
20 ÁGUA DA FONTE Novembro de 2004

paciência dos *Jós* modernos, diante da baderna institucionalizada, verdadeira invasão de domicílio?

Queiramos ou não, nosso destino está traçado. Servidão, apatia, conformidade. Isso é o que o progresso exige. Ordena. Impõe. Ô Cristo, tu morreste no silêncio, cavernoso até, só os trovões anunciando tua passagem. Nós aqui engolimos o fel do destino trágico, do passamento assim conturbado, pela porta estreita da vida. Ai de nós, cada vez mais estilhaçados por esse trânsito voraz, matador sanguinário, comandado por nós, desejado por nós, nossa vaidade e nossa ruína!

Foram-se os tempos da calma bucólica, abençoada pelo apoio matinal. As alvoradas cheirando a orvalho. As ruas lagarteando à suavidade do sol. Sem vapores e estampidos. Sumiram os trajetos entremeados de saudações amigas. Empolgadas. Coniventes com a alegria. É irreparável a perda! E inafiançável o estupro daquele romantismo, que chegava a ser piegas na sua despreensão.

Nada do que somos e temos hoje vale os desfalques que nos impusemos. O salto alto do consumismo afoito, sem critérios, sem precauções. A felicidade que buscamos, corpórea e material, é mais aparato que satisfação. E está mais pra covil de lobos que pra cacimba de paz.

Por favor, que não se jogue nos aterros sanitários os castelos que a ambição dinamitou. Nem se esqueça jamais o aforismo, tão atual e verdadeiro quanto o anseio de liberdade e superação que nos move: *Nem tanto à terra, nem tanto ao mar...*

Poesia

LEONILA GASPARETTO

A chuva

Cai a chuva no telhado,
E o galo canta sua alegria,
Ao ver a água rolando,
Com tanto brilho e harmonia.
Ela corre pela terra,
Que fica toda feliz,
Ao ver brotar as sementes
Que vão se abrir em raiz.
Ao sentir o chão molhado,
As árvores crescem também
Para dar frutos gostosos
Que nos fazem tanto bem.
Levantar de manhã cedo,
Dá prazer em acordar,
E ver o mundo tão limpo.
Deixa a chuva rolar.

Jardim



Se as flores fossem crianças,
Ninguém iria tocá-las, certamente,
Mas conservá-las pra sempre
No jardim de suas casas.

Ao cuidarmos das crianças,
Estamos cuidando do jardim,
E sentiremos seu perfume
Que se espalha pelo ar.

Pra você ser mais feliz,
Talvez o que está faltando,
É uma flor no seu jardim,
Risonha e cheia de cor.

E pra trazer felicidade
A essa linda flor-criança,
É preciso dar-lhe afeto,
Muito amor e proteção.

Amar como Deus nos ama
E proteger como os anjos.
O jardim se tornará um paraíso,
Onde as flores jamais murcharão.

Centenário da colonização

DANIEL VIUNISKI

presença judaica iniciou praticamente na época do descobrimento do Brasil. Muitos imigrantes judeus, em especial sob a direção de Fernando de Noronha, que era cristão-novo português, chegaram para a exploração do pau-brasil.

Mais tarde, na cultura e engenhos de cana, significativa foi a presença de judeus. Devido à intolerância religiosa, perseguições, e pelo desenvolvimento econômico de um grande número de judeus, a imigração passou a ser mais efetiva, para alguns países das Américas e, em especial, para a região norte-nordeste brasileira.

Com o crescimento do anti-semitismo na Europa, principalmente nas últimas décadas do século XIX, líderes judeus procuraram oferecer alternativas para aqueles que quisessem viver e educar seus filhos.

Alguns optaram pela criação de um Lar Judaico na Palestina. Outros resolveram investir em compras de terras na África do Sul, Estados Unidos, Argentina, Canadá, Ilha do Cipre e outros países.

Um empreendimento de colonização foi criado pela ICA (Jewish Colonization Association) em 1891. O Barão Maurice de Hirsch, doou dois milhões de libras esterlinas para essa ação filantrópica. A ICA comprou extensas terras na Argentina, no final do século XIX, trazendo milhares de imigrantes europeus.

No Brasil, com o apoio do governo, que concedeu isenções e facilidades, foi comprada uma propriedade em 1902, próxima a Santa Maria, localidade que recebeu o nome de Philipson.

As 40 primeiras famílias imigrantes chegaram em 1904 (razão da comemoração do centenário), vindos da Bessarábia, e foram instaladas em terras com 25 hectares cada. Mais tarde, em função do sucesso, uma centena de famílias estavam envolvidas em atividades labo-



er-va-mate e outras culturas, além da criação de gado leiteiro, chegando à organização até de uma cooperativa.

O povo judeu sempre foi conhecido como o povo do livro. Já em 1906, foi criada uma escola, com o atendimento de 3 professores, para mais de 50 alunos, ministrando aulas de idisch, hebraico e português.

A ICA, em 1910, comprou na região de Passo Fundo, 94 mil hectares, na localidade que recebeu o nome de Quatro Irmãos.

Inicialmente, 90 famílias instalaram-se nos núcleos de Baronesa Clara, Barão de Hirsch, Rio do Padre e em Quatro Irmãos. Posteriormente, em 1913, chegaram mais 150 famílias da Rússia. Quatro Irmãos tornou-se município em 1996.

Os colonos recém chegados encontraram muitas dificuldades, próprias da época e, em especial, pela distância, de maiores centros.

Por iniciativa dos imigrantes e da direção da ICA, criaram um hospital, escola, biblioteca, cemitério, e até uma usina de energia elétrica que, segundo consta, seria a primeira cooperativa do Brasil, além da abertura de estradas, incluindo uma ligação férrea de Erebangó até Quatro Irmãos.

As famílias foram crescendo, com casamentos, nascimentos e chegada de outros imigrantes oriundos da Argentina e de Philipson. Como consequência,

iniciou-se a formação de outros núcleos, em Erebangó, Jacutinga, Erechim e Passo Fundo.

Posteriormente, o êxodo se deslocou para Porto Alegre, Curitiba e, principalmente, São Paulo.

A causa maior não foi a econômica, mas sim a busca pela formação educacional dos filhos. A não-existência, na época, de faculdades, levou os jovens para os maiores centros e, com eles, seus familiares.

Em Passo Fundo, a comunidade judaica chegou a contar com mais de 500 pessoas, por volta de 1950 e, atualmente, está reduzida a 15 famílias, ou seja, pouco mais de 40 pessoas.

Mesmo assim, os judeus mantêm sua sinagoga, com reuniões semanais em comemoração ao Shabat, e participação nas principais festas religiosas, tais como o Pessah (Páscoa) Rosch Hashaná (Ano Novo) e Yom Kipur (Dia do Perdão). Preservam também, com muito zelo e dedicação, seu cemitério.

Por terem participado ativamente no desenvolvimento cultural, econômico, social, a presente síntese tem a finalidade de servir, com a singela homenagem, a toda a coletividade judaica de Passo Fundo.

(Daniel Viuniski é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Os Capas-Pretas

LINDOLFO KURTZ

Se bem me lembro, teria sido em 1937 que ocorreram os fatos que vou narrar. Quando nossa Passo Fundo era uma pacata cidadezinha interiorana, os moradores se conheciam e se cumprimentavam, e o maior perigo que se poderia enfrentar nas ruas quase desertas eram cavalos em disparadas loucas, arrebatando carroças e arreios, para desespero dos carroceiros, na maioria pequenos produtores rurais que vinham para a cidade vender seus produtos hortigranjeiros, ou lenha cortada para os fogões. Assaltos à mão armada eram ainda desconhecidos, e os roubos que, raramente aconteciam, eram de penosas do galinheiro ou alguma peça de roupa no varal.

Nesse tempo, a Praça Tamandaré era bem diferente da atual. Na frente da Igreja Matriz, mas dentro da praça e até próximo do busto de Gervásio Annes, havia duas carreiras paralelas de bambu que, de tão antigas, tinham perfilhado muito e alcançado considerável altura. Na parte superior, abriam-se para todos os lados, formando entre as duas filas um curioso túnel vegetal, bastante alto, que proporcionava temperatura agradável nas tardes quentes de verão.

Pois foi nesse local, por onde a população passava para ir à missa, ao hospital ou ao cemitério, que surgiu, não se sabe de onde, uma quadrilha de assaltantes constituída de uns oito ou dez elementos que ali se amoitavam. Passou a ser muito perigoso andar por ali. A população temerosa não mais saía à noite. Havia a notícia de que também em outros pontos da cidade ocorriam assaltos à mão armada. E havia um detalhe: todos os assaltantes usavam uma capa preta, dos ombros até perto dos tornozelos, as chamadas capas espanholas, forradas de lã vermelha, muito usadas na época.

Por causa dessa espécie de fardamento os assaltantes passaram a ser chamados de Capas-Pretas. Por mais quente que fosse o dia ou a noite, não tiravam a capa por nada. Mas o medo dos Capas-Pretas era cada vez maior. A população já estava aterrorizada. O Padre José Bunze suspendeu as novenas por questão de segurança dos fiéis. Esse clima de terror durou aproximadamente dois anos. E a polícia? Os policiais deram várias batidas no valhacouto, nada encontrando.

Mas algumas circunstâncias começaram a ser analisadas pela polícia: o uso de capas pretas permanentemente; o paradoro em ponto central da cidade, a praça Tamandaré; e, principalmente, nunca ter aparecido nenhum dos assaltados. Nenhuma das vítimas deu queixa à polícia. A notícia era sempre imprecisa: “o seu Fulano tem um amigo que tem um filho que foi assaltado”; ou: “no armazém tinha um cidadão que soube de um assalto”. Mas assaltado não apareceu um sequer. Tudo, afinal, não passava do imaginário popular que levou a população a um estado de neurose coletiva.

Com a ajuda da imprensa, a polícia conseguiu, aos poucos, restaurar a tranquilidade da população. As novenas foram reiniciadas. A cidade voltou a ser tranqüila. Ninguém mais acreditava nos Capas-Pretas. Mas aí começou o sentimento de frustração. Todos lamentavam o fato de que os assaltantes nunca existiram. A emoção e motivação de tanta conversa e expectativa não mais existiam. Os Capas-Pretas estavam fazendo falta... a cidade ficou vazia sem eles. Havia famílias que estavam até planejando transferir a morada para outra cidade, contanto que hovesse assaltantes. Sem eles, ainda que virtuais, a cidade ficou sem graça.

(Lindolfo Kurtz é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

MÍLTON SILVA

A minha poesia

A minha poesia
é um dos meus casamentos com a
vida,
um ato vital.
Alguém tem para contar
um acidente de automóvel,
uma festa,
um amor,
algo qualquer.
Eu tenho para dizer:
- Eu hoje fiz uma poesia.
Para os que têm
uma religião ou trabalho na vida
que à vida os une,
que suas vida qualifica,
eu digo que hoje eu fiz uma poesia.
Ela está cheia de detenções,
não remansos,
uma poesia feia,
e consegue com tudo isso
ser a amarra mais firme
da minha alma com a vida.

Focados num repente

Focados repentinamente
por olhos antes divagantes
eis cinco corruíras
ou são cinco pardais novos
tomando banho de areia ao sol
tão entusiasmado muito distraído,
em que festa revolvem a areia!
E eis-me ora cinco corruíras
ou cinco pardais novos.

Rima rediviva

Do sol nascente
saltam fagulhas
que acendem fogueiras
no mar, à frente.
No coração
sinto o prazer juvenil
de, após tanto, rimar, por acaso.

Vêm semanalmente

Não há jeito: vêm semanalmente
os domingos e
com suas tardes vazias,
turnos quartéis-generais do tédio,
e não adianta ter em casa,
muita gente
ou recém-nascido dormindo
(encanto):



Rua Moron

Rua moron 1940 - centro - quadra entre a Coronel Chicuta e a General Neto

WELCI NASCIMENTO

o final do século 19, a cidade de Passo Fundo era um pequeno núcleo arruado. A Rua Moron se limitava, somente, aos trechos entre a Capitão Araújo, que na época se chamava Rua do Estreito, até a Rua Coronel Miranda.

Tanto para o lado leste, como para o oeste, existiam terrenos baldios, cuja desapropriação, para abrigá-la, só veio se concretizar através da Lei Provincial n.º 1714, sancionada em 17 de dezembro de 1888, ano da abolição da escravatura no Brasil.

A citada lei autorizava a Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo a desapropriar terrenos particulares da Rua Moron, no valor de 400\$000 (quatrocentos mil réis).

Administrava o município o sr. Gabriel Bastos, presidente da Junta Governativa. O município se encontrava no período de transição entre o regime imperial e o republicano, como já foi analisado anteriormente.

No dizer da historiadora Delma R. Ghen, “a Rua Moron, na sua origem, contava com poucas quadras e poucas casas, ao longo do seu trajeto. Essas casas eram quilombos alegres”. A rua não ia além da Rua Marcelino Ramos, partindo do Boqueirão.

Com o decorrer dos anos, e atendendo o processo normal de crescimento da cidade, a Rua Moron foi se prolongando em direção ao Rio Passo

Fundo, até atravessá-lo e atingir o bairro Petrópolis.

A Rua Moron é uma das mais desenvolvidas da cidade. Ela alcança hoje quase sete quilômetros, indo da Vila Independente, para o lado do Boqueirão. E, em direção ao nascente, atinge a Rua Campinas, no Bairro Petrópolis.

O seu coração pulsa, no trecho compreendido entre as ruas Coronel Chicuta e Fagundes dos Reis, em pleno centro da cidade.

Não se tem notícia, nem registros, que a Rua Moron tenha tido outro nome, como aconteceu com a maioria das antigas ruas. Quando ela foi aberta e nominada, em 6 de março de 1865, a Câmara de Vereadores contratou o agrimensor Manoel José de Azevedo para efetuar o levantamento da planta geral da vila e autorizou este a inscrever, ao sul da Rua do Comércio (Av. Brasil), o nome de Rua Moron.

Administrava o município de Passo Fundo o Coronel Francisco de Barros Miranda.

A pergunta que se faz é: por que o nome de Moron a essa rua, nominada em 1865? O nome é de origem espanhola. O que teria levado as autoridades de Passo Fundo a nominar uma de suas ruas com um nome de origem espanhola? A história poderá nos ajudar nesse mister.

Em todas as lutas de fronteira, no sul do Brasil, o Rio Grande do Sul sempre esteve presente para assegurar a soberania nacional. Foi o imperador D. Pedro II que concedeu ao Rio Grande do Sul

o título de “Sentinela do Brasil”, por estarmos sempre prontos para defender o território brasileiro contra a ação devastadora dos ditadores da fronteira sul. Seguidamente havia movimentos de fronteira insuflando o povo a invadir o território brasileiro, através do Rio Grande do Sul, pondo em risco a soberania nacional. Por isso o povo gaúcho sempre estava em guerra ou em pé de guerra.

Em 3 de fevereiro de 1852, o Brasil participou da chamada “Batalha de Moron”, travada nos campos de Moron, arredores de Buenos Aires, na Argentina. Comandava as tropas o General Marques de Souza, que derrotou o ditador argentino, João Manoel Rosas.

É possível que alguns passo-fundenses tenham participado nessa batalha, como aconteceu em Paissandu, na República do Uruguai, e na Guerra do Paraguai, sob o comando dos oficiais da Guarda Nacional, aqui sediada, como comprova uma das últimas Cartas Patentes expedida, já na república, e assinada pelo Presidente da República, Nilo Peçanha, nomeando o sr. Galdino Paz de Oliveira, avô de Gilson Paz, para o posto de tenente da Guarda Nacional da comarca de Passo Fundo.

(Welci Nascimento é professor aposentado e membro da Conferência Vicentina São Marcos. Na Academia Passo-Fundense de Letras ocupa a cadeira nº 23, cujo patrono é Casimiro de Abreu.)



Amazônia Brasileira

VERÍSSIMO DA FONSECA

Eu nunca mais deixei de ver a contracapa do livro “Amazônia Brasileira: conquista, consolidação e manutenção (história militar terrestre da Amazônia de 1616 a 2003)”, do historiador militar, Cláudio Moreira Bento, presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Aquele mapa pontilhado de fortes construídos pelos portugueses, e sulcado de rios, acusa severamente o descaso dos brasileiros com a região, e a ignorância de todos sobre as lutas que nossos avós travaram para a grande conquista. É o maior feito português na América de todos os tempos. Maior e mais heróico que a conquista e anexação dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Olho, reolho, procuro entrar naquele mundo ignorado de lutas heróicas, desprendimentos, heroísmos individuais a sós naquela imensidade, esforços sobre-humanos.

Sou luso-brasileiro dos quatro costados. Ouço e leio piadas sobre meus avós, conquistadores de todas estas terras, desbravadores do mundo, um novo

grande mundo, que eles ocuparam com sacrifícios e nos legaram unido, pela fé em Jesus Cristo. Os homens que conquistaram, consolidaram e mantiveram unida a conquista, hoje são, pejorativamente, chamados de latifundiários, porque tiveram que povoar, exercer a justiça, dentro da moral dos evangelhos, e defender, com coragem pessoal, toscas armas e recursos próprios, as terras recebidas. E em outras nacionalidades também. Afinal, quem são os iluminados, tão acima de todos, para criticarem esta grande Nação? Certamente, são aqueles para os quais o trabalho é pejorativo. Os que vivem sem produzir, sem defender e sem construir. O nome deles? Os nomes deles estão, a toda hora, nos meios de comunicação.

Aos que estão pobres, dá-se o ensino; aos que são pobres, dá-se a assistência social; aos que exploram a pobreza e a ignorância, dá-se a justiça; aos que defendem o território e a unidade nacional, dá-se recursos físicos e segurança familiar.

Quais os recursos materiais que tinham os nossos ancestrais para expulsar os franceses, os holandeses, os ingleses e os espanhóis, da Amazônia? E conseguiram! E nós?

Amazônia Brasileira não é um livro

para, apenas, ser lido. Nele não consta a vida dos jacarés, das piranhas, das preguiças... É um livro para conhecimento e reflexão. Reflexão sobre o mundo atual, sobre os predadores nacionais e internacionais, sobre a defesa física da Amazônia Brasileira, ora em alto risco. Coloque-o onde você está olhando todos os dias.

Assim como nossos pais nos ensinaram a pensar em Deus todos os dias, e à noite antes de dormir, e agradecer o que dele recebemos, pense na Amazônia Brasileira, olhe para a contracapa, medite sobre o conteúdo, até ter a Amazônia, e os feitos dos portugueses em defesa dela, dentro do teu coração.

Será que as nossas crianças conhecem e têm intimidade com Pedro Teixeira, Mendonça Furtado e Manoel da Gama Lobo d’Almada? É possível que esses nomes nem constem no provão do Mistério da Educação. A conquista da Amazônia brasileira, iniciada com Pedro Teixeira, consolidada por Mendonça Furtado e defendida por Lobo d’Almada, ainda não terminou.

O Jornal do Conselho Federal de Medicina, no volume X, Nº 82, Junho de 97, traz extenso e elucidativo artigo sobre a doação que fez o Brasil, à comunidade mundial, da sua biodiversidade, sem ne-

A teoria da fome



GILBERTO R. CUNHA

Engana-se quem imagina que lidar com fome, desnutrição e segurança alimentar seja algo simples. Não é, pelo contrário.

Há muito mais coisas por trás dessas palavras do que supõe a nossa vã filosofia. Começando por definições e questões teóricas de base, e chegando até o extremo das dificuldades operacionais para a implementação de propostas práticas.

Fome, por exemplo, tem muitas definições. Nenhuma tão cruel e objetiva quanto a realidade de quem passa fome, mas, certamente, todas úteis nas discussões que buscam resolver um dos mais importantes problemas do mundo contemporâneo. Talvez a mais completa seja aquela que considera a fome como um processo, pelo qual há um acentuado declínio nutricional de uma população, levando a um aumento de mortalidade, morbidez e, cada vez mais, expondo um maior número de indivíduos a esse risco. Nela, claramente, percebe-se que a ótica individual é deixada de lado. Predomina a visão de

população, e é muito mais centrada na origem, em causas com raízes estruturais, do que propriamente em eventualidades. Também não podem ser descartadas as eventualidades (secas, enchentes, guerras, crises econômicas etc.), que comprometem a produção de alimentos e o nível de renda das pessoas, espalhando mortes e migrantes.

Os dois aspectos teóricos da fome (processo e eventualidade) mais que conflitantes são, no fundo, complementares. A visão de processo é fundamental, pois permite a identificação antecipada e uma intervenção preventiva, quando for o caso. Também o aspecto de eventualidade não pode ser desprezado, pois é útil na definição do caráter de emergência dos acontecimentos e possibilita distinguir fome de desnutrição crônica, embora quase sempre estejam associadas. De qualquer forma, é importante se ter claro que fome pode ocorrer sem nenhuma eventualidade extrema aparente e vice-versa. E, ainda mais, como é comum acontecer, a fome afeta algumas regiões do globo, embora não atinja

todas as camadas da sociedade local.

É mais fácil a aceitação da fome como um fenômeno decorrente de eventos episódicos, quase sempre naturais, do que propriamente como tendo origem em causas estruturais. Mas, de fato, fome é sinônimo de pobreza. E lidar com pobreza é muito mais complicado, pois envolve também aspectos de dominação política e econômica.

Segurança alimentar é um outro conceito muito citado, pelo menos nos últimos tempos, e pouco entendido, pelo que parece. Tome-se como referência a definição do Banco Mundial: "... é o acesso por todas as pessoas, durante todo o tempo, aos alimentos suficientes para terem uma vida ativa e saudável". Por analogia, insegurança alimentar, o problema de fato, é o contrário disso: "a falta de acesso aos alimentos". Mais que em nível de uma nação, o conceito pode ser expandido (ou reduzido se preferirem) para o domicílio familiar.

Indo às raízes do problema fome no Brasil, não há como deixar de lado alguns pontos. Primeiro: não é verdade que há fome no país, porque

faltam alimentos. Já foi assim, mas hoje a agricultura brasileira tem capacidade para produzir alimentos para o consumo interno e para a exportação de excedentes. Segundo: o problema estaria no setor de distribuição e comercialização, que não consegue atender adequadamente, em níveis satisfatórios, à demanda interna. Também não é mais verdade. Essa etapa, tipicamente anos 1960, já passou. Terceiro e último: não faltam alimentos, mas sim dinheiro para que a população de baixa (ou mesmo sem) renda consiga adquiri-los. Essa parece ser a mais provável causa da fome no Brasil. Embora não se deva desconhecer que é essencial aumentar a produção interna, visando aumentar o consumo da população e os postos de trabalho. Em resumo: existe fome não porque faltam alimentos, mas porque falta dinheiro para a compra.

A fome brasileira concentra-se tanto no meio rural como no urbano, embora não sejam idênticas. Também é inegável, mesmo que esse flagelo esteja espalhado pelo país, que há diferenças marcantes entre regiões: a fome nordestina já é secular. A fome é a face mais visível da insegurança alimentar. Mas não só ela: a desnutrição tem sido a sua parceira inseparável. E junto todas as mazelas da pobreza: mortalidade infantil, problemas de saúde pública e baixos índices de produtividade dos trabalhadores. Há muito mais por trás do conceito de segurança alimentar que simplesmente disponibilidade de alimentos ou acesso aos alimentos. Tem que ser considerada também a disponibilidade dos serviços de saúde e acesso à educação, por exemplo. O custo-benefício pode ser maior do que acudir simplesmente os efeitos da fome.

Por falar em fome e mortes, você saberia dizer quanto vale uma vida humana? A resposta, na língua dos avaliadores, geralmente começa assim: *It depends...* Ou seja: depende. E depende do quê? Depende se estamos falando de um cidadão do primeiro ou do terceiro mundo. Independentemente de qualquer julgamento moral nesse fato, todos nós, por uma ótica econô-

mica, temos um valor de mercado. Em nome da eficiência econômica, como parte de análises de custo-benefício do aquecimento global (popular efeito-estufa), nos anos 1990, por exemplo, os economistas não tiveram como escapar de tal valoração. Por alguns critérios, a estimativa foi de que, no mundo industrializado, uma vida humana valia ao redor de US\$ 1,5 milhões. Eu e você, leitor, ficamos, nesse estudo, na faixa entre US\$ 150 mil e 300 mil. Que tal? Você imaginava o que valia, mais ou menos, para os olhos do mercado?


Não se preocupe em responder o questionamento acima. E por favor, não me deixe repugnado, por se julgar surpreso em valer tanto, só porque conhece pessoas que vendem filhos, se vendem ou escravizam semelhantes, por

muito menos que isso. A base de cálculo foi o quanto se estaria disposto (ou se poderia) pagar para evitar riscos. E os cidadãos dos países ricos têm condições de pagar, por baixo, entre 10 e 15 vezes aquilo que é possível ser pago por um indivíduo de uma nação pobre. Em outras palavras: o seu direito à vida depende da sua renda. Mas, também não ignore que os debates sobre esse cálculos e números foram e têm sido intensos. A aceitação não tem sido pacífica. Há quem rejeite esses números e sua maluca análise. Fique tranqüilo e não perca o sono por isso. Todavia, por mais triste que isso possa parecer, é assim também na questão da fome, onde renda é sinônimo de acesso aos alimentos.

Para a erradicação da fome, tem-se que lidar com causas de base, entrando, muitas vezes, em controvérsias políticas e econômicas. O que está em jogo é subdesenvolvimento e pobreza. O foco pode ser na fome, até por ter um maior apelo emocional e de mídia, mas o que realmente importa é a questão da segurança alimentar. Não é por nada que o PROJETO FOME ZERO, do Governo Federal, representa, na verdade, uma ambiciosa proposta de política de segurança alimentar para o Brasil. O objetivo é garantir que todos os brasileiros tenham, em todo momento, acesso aos alimentos básicos de que necessitam. Para essa garantia, mesmo sendo um direito inalienável da pessoa humana, muitas transformações serão necessárias, no tocante ao desenvolvimento econômico. Começando com geração de empregos e de renda, recuperação dos salários e expansão da produção agrícola. Também há necessidade de novas políticas de incentivo à produção, à comercialização, e muitas ações emergenciais de combate à fome. Por isso é que, erradicar a fome no Brasil e assegurar o direito a uma alimentação de qualidade para todos, não pode ser apenas mais uma proposta de governo. Para ser efetiva, vai ter de contar com o envolvimento de toda a sociedade, numa ampla mobilização.



(Gilberto R. Cunha (45) é pesquisador



A busca do bem comum é o nosso ideário

IRINEU GEHLEN

Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG), hoje, mais do que nunca, tem uma responsabilidade social inderrogável. Vivemos momentos extremamente delicados no Brasil, na América e no mundo. Movimentos extremistas estão presentes em toda parte. Urge que os adesguianos, que formam a elite pensante da sociedade, comecem, desde já e agora, a entenderem que não há segurança sem desenvolvimento, assim como não haverá jamais desenvolvimento, se não houver educação com qualidade total.

Dessarte, vê-se que, na economia moderna, o fator mais relevante é o capital humano. Os países que mais crescem são aqueles que promovem o ser humano com programas educativos eficazes.

Para que possamos desenvolver com eficiência os programas da ADESG e motivar os companheiros na busca do bem comum, com um só coração e uma só alma pelo Brasil, numa iniciativa inédita, em nível nacional, descentralizamos a representação de Passo Fundo, criando Diretorias Regionais, em


Tapejara, Getúlio Vargas e Carazinho, vinculadas à Representação da ADESG em Passo Fundo. Essa iniciativa teve a aprovação da Delegacia da ADESG no Rio Grande do Sul e, certamente, haverá de produzir os frutos desejados, porquanto, é imperioso que se modernizem os métodos de ação e de decisão. Não há mais espaço para a prevalência dos interesses individuais e de grupos. Precisamos, já, de imediato, fazer prevalecer a competência, a modernização metodológica, seguida de rápida ação de cada um de nós. Para marcar essa linha de atuação patriótica, realizamos o VI Ciclo de Estudos de Política e Estratégia, este ano, na cidade de Passo Fundo. Convidamos a todos para se integrarem a essa iniciativa, que nos dará, indiscutivelmente, uma ampla visão da doutrina da Escola Superior de Guerra e da conjuntura nacional, permitindo-nos auxiliar no desenvolvimento geral da nação e expandir os sentimentos de Pátria, alicerces básicos do crescimento de qualquer país. Os adesguianos são líderes comunitários e propagadores permanentes dos sagrados princípios da democracia, da amizade e do sadio companheirismo, que o convívio exige entre os indivíduos.

Agradeço aos coronéis Hélio Lourenço Ceratti e Amarcy de Araújo Freitas – delegado e secretário geral da ADESG no RS, respectivamente, bem como ao coordenador geral, dr. Sérgio Domingues de Figueiredo, pela confiança e prestígio depositados em nós. Quero dizer que tenho o maior respeito e admiração por ambos, visto que são pessoas honradas, competentes e dignas. Registro meus agradecimentos e minha admiração ao Tem. Cel. Antônio Francisco Ferreira, pela colaboração e parceria emprestada a esta solenidade.

Desde que se estabeleceu o pacto social, mencionado por Rousseau, o homem assumiu a responsabilidade de viver em sociedade. E essa convivência nos obriga a colocar a Pátria acima de tudo. A verdadeira política não pode caminhar nem dar um passo sequer, antes de prestar homenagem à moral e aos princípios da honradez. Aí reside a importância fundamental do patriotismo. Homens sem moral, sem dignidade e sem ética, não podem comandar os destinos de uma Nação. Há que se estabelecer uma diferença entre o Brasil exterior e o Brasil interior. O primeiro, que é o formal, manifesta-se através das comemorações cívicas, da execução de hinos, invocação dos vultos históricos, e assim por diante. Já o segundo manifesta-se no dia-a-dia das nossas vidas: na prática das virtudes, da verdade, no cumprimento dos deveres sociais, dos deveres de Estado e dos deveres comunitários.

Estimados Adesguianos! Concito-os a erguermos, dentro de nós, um púlpito em cujo cimo cintile, sempre, a chama do nosso devotamento à Pátria, que não conhece sacrifícios nem recusas, porquanto, nós adesguianos, constituímos a expressiva e verdadeira elite pensante da sociedade. A despeito, não temos o direito de omissão, mas temos o dever cívico de participar permanentemente dos problemas brasileiros, ora sugerindo e apresentando soluções, ora agindo de forma efetiva dentro da nossa comunidade. Com entusiasmo e ação, ajudaremos o Brasil a crescer e se desenvolver. A busca do bem comum é o nosso ideário.

(Discurso proferido pelo adesguiano e acadêmico da APL, Irineu Gehlen, na ocasião em que assumiu, pela segunda vez, a representação regional de Passo Fundo, da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, em 2002.)



Matar ou não matar: Eis a questão

CARLOS ALCEU MACHADO

a sempre recorrente discussão a respeito da conveniência ou não da instituição da pena de morte, para punir delinquentes que cometam delitos atrozes, há uma pergunta que necessita ser feita aos que defendem o castigo capital: qual a reação adequada quando um crime hediondo é perpetrado pelo próprio Estado?

Sabemos todos os que têm conhecimento da realidade internacional, que em inúmeros países o nível de violação dos direitos humanos chega às raias da insanidade. Indivíduos que nunca propugnaram pela violência são sumariamente executados pelas forças de segurança tão-só pela divulgação de suas idéias; políticos opositores que jamais advogaram o uso da força são detidos, torturados e mortos sem qualquer julgamento; pessoas que se destacam nas lutas pacíficas pela melhoria das condições de vida de suas comunidades são seqüestradas à luz do dia e desaparecem para sempre.

Na maioria absoluta dos casos a responsabilidade do Estado, conquanto notória, não é judicialmente apurada. Somente vez por outra, por descuido do poder ou pela alteração do quadro institucional de um país, a verdade vem à tona e o crime oficial é aclarado. Mas, e aí, quando o fato se torna público ou não mais pode ser ocultado, o que fazer? Eliminar o funcionário “zeloso” que sob ordens praticou a atrocidade?

Enforçar seus superiores? Decapitar o governante? Destruir o Estado, para que não repita o ato? Ou nesses casos é suficiente indenizar a família da vítima com trinta moedas e esquecer o passado, como normalmente se faz?

Não há porque exterminar o delincente, seja ele o cidadão ou o Estado. Como afirmou corretamente Cesare Beccaria, famoso penalista italiano, não é a crueldade da pena que inibe o criminoso, mas sim a crença de que ela será infalivelmente aplicada. Confiando-se que todos os delitos serão punidos de forma honesta, a criminalidade - inclusive a do “colarinho branco”, que indiretamente ceifa mais vidas do que a marginal - diminuirá.

A pena de morte, utilizada como meio de proteção da sociedade, é comprovadamente desnecessária; usada como método de vingança, é embrutecedora e reacionária. Um simples exame da história da pena capital demonstra o esforço que o homem vem fazendo há séculos para erradicá-la, seja através da diminuição gradativa do número de delitos puníveis com a morte, seja através da tentativa de suavizar os processos de execução.

Do “olho por olho, dente por dente”, da Lei de Talião, saltamos para as fogueiras da Idade Média. Das mutilações e torturas que precediam o enforcamento dos plebeus franceses, alcançamos a guilhotina instituída pela revolução burguesa de 1789. Do garrote vil espanhol, que aos poucos quebrava a espinha

dos condenados, atingimos o pelotão de fuzilamento. Da cadeira elétrica, que descarrega dois mil volts sobre o corpo do sentenciado durante períodos alternados, chegamos até a injeção letal aplicada aos norte-americanos penalizados com a morte.

A pena capital tem progredido - se assim se pode dizer - não só no concernente às formas pelas quais ela é posta em prática, mas também em relação à natureza dos delitos e ao tipo dos criminosos passíveis de condenação à morte. Se atualmente em algumas poucas nações mulheres adúlteras ainda são apedrejadas até que a vida se lhes acabe, na maioria delas apenas homicidas cruéis são levados ao patíbulo. Se no alvorecer do primeiro milênio os cristãos eram jogados aos leões para divertimento dos cidadãos de Roma, e se dava fim aos desequilibrados mentais por serem julgados endemoninhados, hoje a maior parte dos ordenamentos penais existentes no mundo veda a aplicação da pena de morte a prisioneiros de consciência, a menores, a anciãos, a mulheres grávidas ou que acabem de dar à luz, a pessoas mentalmente enfermas.

O empenho que o ser humano vem fazendo a centenas e centenas de anos para aprimorar o Direito, justificando sua condição de animal inteligente, é comprovado claramente pela contínua e definitiva restrição que as normas legais vigentes vêm fazendo à vingança pessoal ou estatal.

Jornais e periódicos que nasceram em Passo Fundo

SANTINA RODRIGUES DAL PAZ

Imprensa é um elemento de ordem pública, bem como social, e essa relação é que faz com que ela seja algo atual, vivo e humano. Toda a sociedade se beneficia com a boa informação obtida pelos órgãos de opinião, os jornais. Dessa forma, atende vontades, esclarece dúvidas, faz desaparecer erros, mostra a justiça ou a injustiça de determinadas manifestações, aproxima padrões e empregados, exalta heróis, critica o crime, encaminhando todas essas situações da vida pública, e, com um único objetivo, o bem comum.

O jornal é um órgão natural de manifestação da opinião pública. O noticiário que ele diariamente, nos proporciona e nos serve como um alimento é um conjunto de das novidades mais recentes. O seu objetivo é informar, sobre todos os setores da vida humana.

Nasceu o jornalismo como consequência de uma das mais nobres necessidades do homem – a liberdade de pensamento e a liberdade de opinião, tendo como sustentação a liberdade de imprensa. Daí a sua missão – a mais sagrada – que consiste em servir de transmissor e reforçar a voz do povo.

A imprensa é ponto fundamental, sem o qual não se pode entender a vida dos países civilizados. Sua força é tanta que autoridades governamentais não a desconhecem, não a sufocam, mas procuram limitar seus entusiasmos, respeitando sua necessária liberdade.

A imprensa é uma dádiva que a opinião pública não pode deixar de apreciar, usar e defender, ajudando-a a atingir a sua projeção. Embora a liberdade de imprensa tenha sofrido algumas dificuldades, em alguns governos, a sua conduta não será interrompida, muito pelo contrário, será sempre vitoriosa. Enquanto o homem for livre, a imprensa prosseguirá como o órgão vital da opinião pública, e o jornalismo cumprirá sua caminhada informativa.

Em nenhuma terra civilizada faltará o jornal. Respaldados nessa afirmação, homens ilustres, livres e cultos, da cidade de Passo Fundo, apressaram-se e criaram jornais que circularam e circulam em nossa comunidade. Procuraram, assim, provar que a imprensa é uma riqueza que a opinião pública não pode deixar de lado, porque ela manifesta uma das liberdades mais fundamentais. Ao relacionar jornais e periódicos que Passo Fundo teve e tem, me sinto feliz por aqui viver e acompanhar o progresso desta terra.

Alguns deles sobreviveram graças às lutas e à perseverança dos seus dirigentes. O Nacional e o Diário da Manhã que ainda hoje circulam aqui, e até em cidades vizinhas, como é o caso do segundo, são uma prova disso.

Então, vejamos:

ECO DA VERDADE - 27/04/1890 – 1891 - Órgão do Partido Republicano. Semanal – 4 páginas. Redator: Cel. Gervásio Lucas Annes. Gerente: Manoel Francisco de Oliveira. Colaboradores: Gezerino L. Annes, Gasparino L. Annes, Antonio José Pereira Bastos (pseudônimo “Avelar Bastos”), Dr. Cândido Lopes de Oliveira e Gabriel Bastos.

A VIOLETA – 01/05/1891 – 1893 - Orientação Castilhistas – Semanal – 4 páginas, 23x33. Redatores sucessivos: Manoel Francisco de Oliveira e Antonio Manoel de Araújo. Impresso nas oficinas do “ECO DA VERDADE”.

17 DE JUNHO - 17/06/1892 – 1893 - Órgão do Partido Republicano – Semanal – 4 páginas – 25x45. Redator: Cel. Gervásio Lucas Annes. Gerente: Manoel Francisco de Oliveira. Colaborador: Gabriel Bastos.

O VIAJANTE – 01/06/1897 - Órgão de propaganda da Loja Serrana (cultura da erva-mate e cooperativismo). Dirigido por Gabriel Bastos.

O PALCO - 01/08/1899 – 1900 - Órgão do Grêmio Dramático Passo-Fundense, jornal literário, 23x34. Redator: Francisco Antonino Xavier e Oliveira.

O GAÚCHO - 11/03/1899 – 1920 (duas fases). Órgão Republicano – Semanal – 4 páginas – 37x53. Fundador e Redator – Cel. Gervásio Lucas Annes. 1ª. fase: de 1899 a 1900. Interrupção: de 1901 a 1905. 2ª. fase: de 1906 a 1912. Diretores: Dr. Inocêncio Borges da Rosa, Cap. Jovino da Silva Freitas, Brasília Gabriel de Oliveira Lima, José Dario de Vasconcelos, Francisco Anto-



nino Xavier e Oliveira, sucessivamente, e Gabriel Bastos.

O AVANÇA – 1909 - Jornal dedicado ao humor e às artes, de curta duração. Proprietário: Queiroz Ribeiro.

O GUISO - 1911 - Humorístico. Jornal de críticas e ironia, de curta duração. Diretor: J. Vargas.

O PROGRESSO - 1912 - Orientação republicana. Divulgou um marco importante, a telefonia local, que estendeu a rede telefônica até Carazinho, graças ao Cap. Jovino da Silva Freitas e à Prefeitura de Passo Fundo. Teve curta duração. Fundadores: Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro e Jovino da Silva Freitas.

O REGIME – 1916-1917 - Orientação republicana. Editado pela Livraria Minerva de propriedade do Cap. Jovino da Silva Freitas. Curta duração, em razão da morte do Capitão Jovino, em 1918. Diretores: Renato Sá Brito e João Batista de Oliveira de Mello

VOZ DA SERRA - 30/12/1915 – 1923 - Inicialmente independente, ainda circulava em 1923. Fundadores: Cap. Jovino da Silva Freitas, Dr. Antonio Bitencourt de Azambuja e João Batista de Mello. Redator-chefe: Antonio Bitencourt de Azambuja.

A ÉPOCA - 05/02/1921 – 21/02/1924 - Orientação borgista – semanal – 4 páginas – 54x36, mais tarde 32x48. Proprietários sucessivos: Livraria Minerva, Cel. Gervásio Lucas Annes. Antão Chagas e Pindaro Annes. Interrupção: fevereiro a julho de 1923. Possui coleção completa: Dr. Murilo Annes.

A VANGUARDA - 24/06/1923 - Formato 34x50. Diretor: Dr. Ney de Lima Costa. Gerente: Marcelino Rodrigues Braga.

AGAZETA - 1924-1930 - Em 1930 o jornal era de 39x54 – 4 páginas. Diretor: Carlos Araújo.

O NACIONAL - 19/06/1925 até a presente data independente – semanal – bissemanal – trissemanal – diário, a partir de 1933 Formato 33x46. O n.º 24 de 09/09/1925 já era bissemanal. Foi fundado pelos senhores Herculano d'Araújo Annes e Gabriel Bastos, e seus familiares. Mais tarde, em 1940, foi ad-



quirido pelo jornalista Múcio de Castro, que dirigiu o jornal até sua morte, em 30/08/1981. Em 1983, o jornalista Múcio de Castro Filho assumiu a direção e presidência do jornal.

TRIBUNA GAÚCHA - 1929 – 33x49 – 4 páginas. Diretor: Jéferson Carvalho Dantas. Gerente: José de Souza Barros. Redator: Waldemiro Portugal.

JORNAL DA SERRA - 14/05/1930 – 05/10/1930 - Bissemanal. Publicou em Passo Fundo 42 números, transferindo-se depois para Carazinho. Proprietário: Astério Canuto de Souza. Gerente: Gustavo Gonzaga.

A RAZÃO – 1930 - Dirigido por Túlio Fontoura.

A LUTA - 15/05/1931 – 31/12/1932 - Diretor: Túlio Fontoura. Foi fechado pela Revolução.

DIÁRIO DA MANHÃ - 28/11/1935 até a presente data edição matutina. Composto em máquina “linotipo”. Primeiro jornal a possuir “linotipo” da região serrana. O segundo jornal diário do interior, em tiragem – 8 páginas diárias e, aos domingos, 16 páginas. Diretor-fundador: Jornalista Túlio Fontoura (1935-1979). Após a morte de seu fundador, assumiu, como diretor-presidente o dr. Dyógenes Aulido Martins Pinto (1972-1998); com a sua morte, assumiu como diretora-presidenta, a jornalista Janesca Maria Martins Pinto.

DIÁRIO DA TARDE - 1945-1947 - Edição vespertina. Diretor: Jornalista Carlos de Danilo Quadros.

EXPRESSO - 05/11/1961 – ABRIL/1972 - Semanal – 4 páginas. Diretor: Jornalista Edy Isaías.

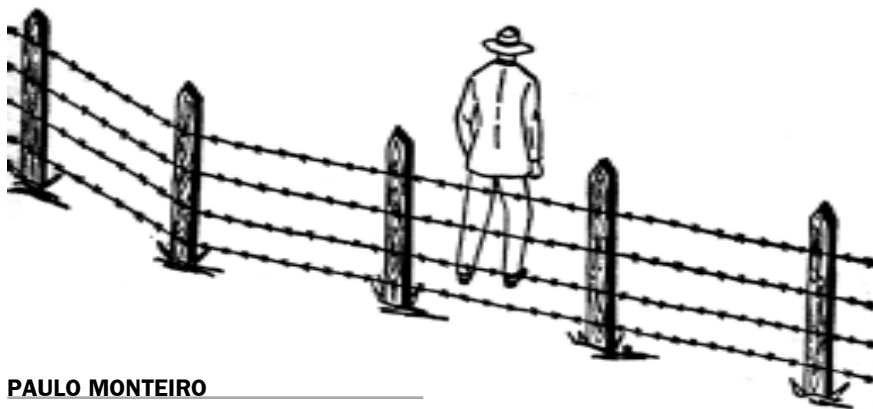
Concluindo, pode-se dizer que, de 1982 a 2002, isto é, em apenas 20 anos, circularam em Passo Fundo mais de 20 jornais que engrandecem nossa cidade. Infelizmente alguns interromperam sua circulação.

O trabalho de pesquisa aqui apresentado destaca o período de 1890 a 1972, enumerando 21 jornais, alguns com pouca duração. É realmente louvável a iniciativa dos homens daquela época. A tentativa foi válida.

Nos dias de hoje, a imprensa sofreu muitos avanços com a tecnologia e a criação de faculdades que habilitam os jovens na área de Comunicação. O curso de Jornalismo, em especial, prepara jovens estudantes para uma oferta de trabalho ainda acanhada. Esperamos que, para um futuro não distante, se abram novos caminhos. A profissão é fascinante e enriquecedora, transmitindo notícias, procurando furos de reportagem, deparando-se com fatos interessantes, ora tristes, ora alegres, mas sempre destacando a verdade, para que o leitor receba a notícia quentinha em suas mãos. Também oferece perigos. Mas o que fazer? São os cavacos do ofício. Parabéns e muito sucesso a todos os jornalistas, em sua bela e importante missão!

(Santina Rodrigues Dal Paz é pedagoga e membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 33, que tem como patrono o jornalista

Uma Terra à Procura do Céu



PAULO MONTEIRO

raças a meu confrade Gilberto R. Cunha, depois de uns 30 anos, reencontro-me com *Uma Terra à Procura do Céu* (Instituto Social Pe. Berthier, 1966, 319 páginas, Passo Fundo). Lembro-me que, em princípios dos anos 1970, andei lendo alguns trechos do romance de Gilberto Borges. O jovem romancista cedo abandonaria a ficção, formando-se engenheiro-agrônomo, e optando pelo prosaísmo da vida prática, que o levaria, alguns anos depois, à imprensa agrícola, através do jornal *Plantio Direto*, transformado na revista que ainda mantém o mesmo nome.

Devo, a bem da verdade, reconhecer que o exemplar tido em mãos há cerca de três décadas pertencia, ou a Ubiratan Porto, poeta, hoje residindo em Capão da Canoa, ou a um outro companheiro do Grupo Literário “Nova Geração”, que movimentou os meios culturais de Passo Fundo, entre 1970 e 1980. Pouco me lembrava da trama, tendo como personagem central o fazendeiro Francisco Costa, tornado esquipático pela orfandade temporã. Nascido pelas alturas do Mato Castelhano, ao redor de 1887, sua história se passa entre 1917 e aproximadamente 1945.

Gilberto Borges nos apresenta algumas passagens históricas, como o “cerco de Passo Fundo” pelos assisistas, em janeiro de 1923, e o ataque, em Giareta, à composição ferroviária que transportava o general chimango Firmininho de Paula, para retomar Erechim ocupada pelo general libertador Felipe Portinho. O romancista descreve a mistura entre revolução e banditismo, com grupos de facínoras aproveitando o conflito para saquearem propriedades e cometerem

todo tipo de violências contra pessoas.

Francisco, já casado com a argentina Maria Cortez, participa da Revolução de 1923 mais como forma de libertação, espécie de esconjuro de seus demônios interiores, motivo que o levaria a tomar parte na Revolução de 30, agindo heroicamente em Itararé. Retorna para encontrar Maria com a saúde abalada, a qual engravida pela terceira vez e morre no parto. O filho, Chico, tem o nome e praticamente as mesmas características esquisitas do pai, tanto que os irmãos mais velhos, Libório e Roberto, são enviados para estudar em Porto Alegre, enquanto ele permanece na fazenda.

Já quarentão e viúvo há vários anos, o fazendeiro encontra o amor na professora Sandra, enfrentando a oposição de Chico, que costuma vagar pelos campos e matos, sendo, várias vezes, definido como “bicho”. Apegado à memória materna, apresenta um violento complexo

de Édipo, que o leva a investigar a vida da mãe, descobrindo que não era feliz com o pai e que tivera relacionamento íntimo, antes do casamento, com o fêmeiro Olívio, filho do bodegueiro José Ramos. Esses achamentos desmitificam a rainha Jocasta, abrindo caminho para que o “mito” se materialize através do casamento de Chico com a jovem vizinha Maria Souza, com a qual some, no mundo e da história.

O desaparecimento de Chico/Édipo com Maria/Jocasta, deixa o caminho livre para Francisco/Laio encontrar felicidade com a professora Suzana, espécie de Sofia.

O próprio velho maltrapilho e barbudo (p. 264) que Chico encontra num mato, e lhe profetiza a descoberta, não antes dos dezoito anos, de um tesouro enterrado, personifica Políbio, outra figura edipiana. De fato, na data em que atinge aquela idade, mesmo dia em que sua mãe falecera, enquanto Francisco festeja as segundas núpcias, ele encontra a fortuna prometida, que o permite libertar-se dos seus complexos ao sumir-se com a sua Jocasta.

Obra de um escritor bastante jovem, mesmo não ficando presa aos estreitos limites folhetinescos e regionalistas, *Uma Terra à Procura do Céu*, necessariamente, pagaria tributos à idade do autor. Embora um certo fatalismo naturalista, pois as tragédias acontecem na Primavera e o renascimento no Inverno, estação em que termina o romance, e que também se manifesta no sentido edipiano do entre-texto, Gilberto Borges entrou para a história da literatura passo-fundense como a melhor promessa de ficcionista que tivemos. Pena que tenha ficado apenas na promessa e que a raridade de seu livro permita somente a alguns privilegiados, entre os quais agora me incluo, o prazer de degustar essas páginas escritas há quase quatro décadas.

Gilberto Borges não está mais entre nós. Queira Deus que ele tenha alcançado o paraíso que nossa terra continua a procurar, pois o seu talento literário não encontrou o céu merecido.

(Paulo Monteiro é membro titular da cadeira 32 da Academia Passo-Fundense de Letras, que tem como patrono o poeta e jornalista Gomercindo





O domador de vaidades

GILBERTO R. CUNHA

ão nos cabe questionar os desígnios e as vontades de Deus. Sabe-se lá por que motivo ele resolveu chamar o Gilberto Borges para o céu, no último dia de agosto de 2002. Talvez andasse à cata de um editor para uma nova versão da bíblia, e, não se fazendo de rogado, procurou logo um bom. Ou, sob uma ótica materialista, tudo não passou de mais um coração que, entre uma sistole e uma diástole, acabou explodindo, no meio de um jogo de futebol. Eu, sinceramente, fico com a primeira opção.

Quase tudo já foi dito sobre o Gilberto Borges, desde o seu inesperado passamento. No necrológio publicado em O Nacional, na terça-feira, 3 de setembro de 2002, pode-se encontrar um minucioso perfil da sua trajetória pessoal e profissional. Desde os tempos de estudante em Passo Fundo, ator de

teatro amador, militante político, escritor, engenheiro-agrônomo, até chegar à condição de empresário, inovador e criativo, na área editorial e em organização de eventos. Ou ainda, nesse mesmo jornal, em artigo assinado pelo dr. Hugo Lisboa (A agricultura e a ecologia estão de luto. Faleceu Gilberto Borges. Página 2, quarta-feira, 4 de setembro de 2002), que deu destaque para o intelectual inquieto e a figura humana ímpar do Gigi.

De qualquer forma, sempre cabe dizer algo mais sobre pessoas como Gilberto de Oliveira Borges. E ainda por cima, quando se acredita que, apesar do muito que foi dito, faltou um detalhe essencial. O algo mais que, na nossa visão e por experiência vivida, fazia dele uma pessoa singular. Talvez tenha sido essa, a par de todas as qualidades destacadas, a razão maior do seu sucesso pessoal e profissional.

Conheci o Gilberto Borges no começo dos anos noventa. Era o homem da Revista Plantio Direto, sempre atento

às novidades, na área científica, para o setor agropecuário. Nunca fiz parte da sua relação de amigos, por isso tenho isenção para escrever, sem qualquer comprometimento emocional. Fui colaborador, com artigos assinados, em vários números da sua Revista Plantio Direto. Também participei como palestrante em eventos promovidos por ele. O mais recente em julho de 2002, em Erechim. Seguidamente conversávamos, pois, a cada número que saía da Revista Plantio Direto, ele fazia questão de uma visita e de entregar pessoalmente um exemplar de cortesia.

Admirava o Gilberto Borges, principalmente, pelo seu jeito de tratar as pessoas. Essa característica tornava-o querido por todos. Sabia lidar com os egos inflados da comunidade científica, e com as vaidades das personalidades ligadas ao sistema plantio direto, reunindo-os em eventos sem precedentes, que muito beneficiaram o desenvolvimento do agronegócio brasileiro. Ele, discretamente, semeou seminários, simpósios, reuniões, encontros, exposições etc., além de ter publicado, pela Aldeia Norte Editora, a Revista Plantio Direto e diversos livros para o setor.

Segue uma pequena história para ilustrar a sua sensibilidade no trato pessoal. Um dia, a recepcionista da Embrapa me ligou, dizendo que o Gilberto Borges estava lá e queria falar comigo. Eu: - Pede para ele subir, por favor! - Alguns minutos depois, ele bateu na porta da sala, entrou, não disse nada, e mostrou uma folha de papel com o desenho de um *cartoon*. Segundos depois, perguntou: - Que tal? - Comentários evasivos, de ambas as partes, e ele emendou: - Queria dizer que estou organizando um evento aqui na Embrapa e convidei um palestrante de São Paulo para falar sobre clima. Espero que você não fique chateado com isso. - De forma nenhuma-, foi a minha resposta. Com o episódio do *cartoon* ele havia desarmado qualquer animosidade de espírito possível, e tratou do assunto que o incomodava. Demonstrou que estava sensível ao que eu poderia pensar do fato, e que gostaria de contar no futuro com colaborações minhas. O que de fato acabou acontecendo.

Perdão pela tristeza, mas, para resumir tudo, o Gilberto Borges foi “um encantador de pessoas”. Ou, se preferirem, profissionalmente: um grande domador de vaidades.

Oi, vida

Oi, vida,
eu estou aqui,
nesse escuro cantinho,
mastigando você
como uma fruta de outono.
Vida, vida,
não esqueça
que eu também gosto
de saborear frutos maduros,
com o suco escorrendo pela mão,
como o sangue circula pelo corpo.
Oi, vida,
eu estou aqui,
neste cantinho,
esperando viver
meus antigos sonhos.

Ninguém é de ninguém

Na vida,
ninguém é de ninguém.
Nada nos pertence,
nem eu sou de mim.
A vida é como fogo
que queima,
ilumina,
vibra,
aquece
e se apaga.
O que resta
não sei para onde vai.
só sei
que ninguém é de ninguém.

Nós também amamos

Você diz “amo”,
e vejo a criança desabrigada.
Você diz “amo”,
e vejo velhinhos sendo abandonados
pelos seus familiares.
Você diz “amo”,
e vejo luta sangrenta
de irmão contra irmão.
Você diz “amo”,
e as filas de famintos crescendo.
De minuto a minuto,
o egoísmo destruindo espíritos.
Todas as dores
irão desaparecer,
quando você disser:
“Eu amo”,
e muitas vozes responderem:
“Nós também amamos”.

Olhos do mundo

Existem hoje tantos
olhos tristes,
olhos saudosos,
olhos medrosos,
olhos que não vêem,
olhos que buscam,
olhos que gritam,
olhos vazios,
olhos que sonham.
Quem roubou os olhos confiantes,
os olhos alegres
e os olhos de amor?

Preconceito

A solidão cresce no homem.
Querendo afastá-la,
mais profunda ela se injeta.
A quem culpar?
- Eles não pertencem a minha classe social;
- eles não têm a minha cor;
- eles não são cultos;
- eles não têm a mesma religião.
E o homem grita sua solidão
criada por preconceitos destruidores.
Homem, cresça!
é hora de gritar “liberdade”
e dizer sim
à AMIZADE.

Balanco da vida

O balanço vai e vem.
A vida vai e vem.
No balanço da vida,
perdemos muito de nós.
Vem o sorriso,
vai uma lágrima,
vem o amor,
vai o adeus,
vem a velhice,
vai a juventude.
No balanço da vida,
ela vai,
e um dia não vem.

Terra

Amar a terra
é como agradecer
todas as formas da natureza
que, a todo o instante,
nascem,
brotam,
explodem numas cem formas de vida:
é homem,
é árvore,
é pássaro,
é água,
é fogo,
é astro,
vidas, vidas,
que preenchem o espaço.

O poeta precisa

O poeta precisa
de imagens inebriantes,
de música envolvente,
de brisa que acaricia,
para, com palavras
após palavras,
formar seus versos,
como pequenas vertentes
formam rios,
invadindo prados,
matas,
recortando rochas,
criando vida.



Uma estranha mulher

Encontro,
lá dentro de mim,
num lugar bem profundo,
uma estranha mulher.

É mulher ou fera,
essa que tritura
minhas entranhas,
e delicia-se vendo o sangue
e a dor?

Devora-me com gula insaciável,
e, com olhos brilhantes,
contempla feliz
o que restou.

Loucura

Enlouqueceu o mundo:
as estações se confundem,
o amor e o ódio se misturam,
o ideal e a realidade do dia-a-dia se debatem,
e uma dolorosa sensação de inutilidade espalha-se no ar.
Quem é agora o mais louco:
o homem ou o mundo?

Quando o outono chegar

Quando o sonho se fizer amor,
quando o outono secar as flores
e matizar as folhas,
quando o vento frio tocar o teu corpo numa carícia,
lembra-te de mim.

Diamante

Clara,
mil facetas brilhantes,
a pedra diamante
empolga,
fascina,
deprime
e assassina.
Carinho,
gratidão
e ternura de quem quer
ser lembrado por todo o sempre,
no seu brilho
de mil facetas de sentimento.

Novo renascer

A humanidade caminha,
cresce
e envelhece.
São milhões de seres
de grisalhos e brancos cabelos.
Os velhos,
uma força ignorada,
esquecida,
com sua experiência,
aliada ao entusiasmo do jovem,
poderiam ser a bússola
a levar a humanidade a um novo renascer.

Areias brancas

Um silêncio cúmplice
domina a natureza
e toca a minha alma
que, tomada de leveza e brandura,
se comunica com o frescor da árvore,
no seu translúcido verdor,
na luminosidade amarelo-ouro,
rosa-vermelho, do sol poente.
A paz nevoenta acentua-se no mar,
nas areias brancas,
num momento de total harmonia.
A brisa, repentinamente intensa,
é um brusco despertar.

Liberdade, eu te busco

Sufoco-me,
morro aos poucos.
Por isso,
liberdade, eu te busco.
Quero-te
nos meus olhares,
nos meus sorrisos,
nos meus gestos,
nos meus pensamentos,
sentimentos,
expressão de amor,
no meu trabalho,
no meu andar
em busca da verdade.

Primícias

BRUNA CENCI ORTIZ

Tristeza é:

Tristeza o que se passa?
Quando o rio passa
O rio é tranquilidade
A tristeza é...
Aquilo que não é
É bom sentir é...
Bom chorar é...
Ver que o mundo
Também sente
É ver que o dia escurece
E que o amanhã te aguarda
Para melhor, pior ou
Até mesmo igual é...
Sentir o que os outros sentem
É olhar para você é...
Amar enquanto é tempo
Viver, chorar, amar é...
Saber começar!

Seja bem vindo!

Não desanime!
Porque lá vem,
Lá está a bomba estourando,
em cima de alguém...
No rio lá vem, na maior curtição...
Da vida em ação.
Ouça o cabum!!!...
Cabum!!!
Bomba!!!]

(Bruna Cenci Ortiz, 13 anos de idade.)

(Craci Dinarte é membro da Academia Passo-Fundense de Letras, ocupa a cadeira nº 1, que tem como patrono, o escritor Paulo Setúbal).

Vovô faz cem anos

PAULO PRADO

Sr. Vivaldino Prado comemorava os cinquenta anos, quando eu já habitava a proeminente barriga de minha mãe, anunciando que estava chegando neste mundo de Deus. E havia vários mundos onde chegar, mas nosso merecimento assinalava a Terra como escola acolhedora.

Agora, cinquenta anos depois, vovô faz cem anos. Que experiência gratificante foi viver ao seu lado, receber seu exemplo transbordante de ensinamentos, de vida, de humanidade, de civilidade, de respeito. Naqueles tempos jamais eu poderia fazer prognóstico de viver, ou de quanto viver. A primeira surpresa foi aos sete anos, quando assisti, ao seu lado, o centenário de seu pai, Clementino Prado, meu bisavô. Lógico que, naquele momento, isso não dava margem a pensar que a data magnânima se repetiria em minha vida.

Vivaldino é a antítese do significado de seu nome. Honesto, boníssimo, profundamente humano, ensinou-nos a todos que é preferível perder do que adquirir algo ilícito, que devemos auxiliar sempre, acreditar sem dúvidas, ser autênticos sem qualquer subterfúgio.

Ele é o amigo de todas as horas, a fortaleza que, ao longo da existência, foi abrigando todos os parentes e amigos, com seu exemplo, sua palavra, seus atos. Décadas passaram, conceitos, realidades. Um século de mudanças. Inventos surgiram. Um mundo transforma-se em outro, e ele, firme! Viu por duas vezes o cometa de Halley, e decepcionou-se, na sua última passagem, ficando com a imagem do início do século passado, quando esse visitante encheu o céu de magia e luz, na noite de então.

Dirigiu os primeiros automóveis, foi pioneiro no cinema fixo e itinerante nas Missões, Planalto e região Celeiro. Foi fotógrafo, caixeiro-viajante, vendeu rádios, cata-ventos e máquinas de costura. Instalou luz elétrica. Em Redentora,



inaugurou a primeira bomba de gasolina, o posto de correio, o CTG, a rodoviária, o hospital, a oficina mecânica... em Santo Ângelo, encerrou seu trabalho físico, consertando bicicletas para os pequenos e grandes, ali na baixada da Av. Brasil com a Tiradentes.

Quando um ser humano se aposenta? Quando pára o trabalho braçal? Não! Não creio que uma pessoa se aposente no sentido verdadeiro. Até o último suspiro neste mundo, o ser humano trabalha para si e para o próximo. Um olhar, uma palavra, o seu próprio modo de ser, é exemplo, é trabalho, é construção. Por mais que se avance no calendário dos dias, sempre é tempo de semear e de colher.

Em nossas pescarias, ele é o gato que não chega perto da água, mas o primeiro que come os peixes. Até hoje o peixe não falta em sua mesa, às vezes exageradamente, três vezes ao dia. Lembro de minha avó, uma senhora de cabelos alvos que, independente de seu peso, ficava horas com uma linha na mão, pescando. Adorava pescar. Após fugar os primeiros lambaris e saicás que serviriam, à noite, como isca para as traíras, via o meu avô banqueteadando com sua pesca miúda, pouco se importando com

a continuação da pescaria.

Um dia, viajando pelo interior, encontrou uma mala que caíra de um ônibus. Juntou as roupas esparramadas e, durante um mês, percorreu rodoviárias para informar-se do dono da mala, até encontrá-lo e devolver.

Um centenário é um ser calmo, manso, doce. Os anos vão adoçando o ser humano, mesmo que sua vida seja um rosário de acontecimentos dolorosos. O corpo sente, o espírito se tempera. Viver é humanizar-se. Viver é subir, mesmo caindo, machucando-se, chorando ou rindo. Viver é uma experiência fantástica que Deus nos faculta, e o quanto viver é um mistério que não nos compete questionar, mas aceitar. Ele, por exemplo, neste século de saudável existência, viu desembarcar do trem em que viaja, mãe, pai, irmãos, tios, esposa, filho, neto, bisnetos.

Confesso que assusta-me a possibilidade de uma existência assim tão dilatada. O vale de lágrimas é por demais doloroso, o oceano desconhecido, cheio de surpresas e desafios. Embora a prisão física nos retenha neste mundo, é claramente compreensível que é aqui que pomos em prática as idéias e os planos traçados na espiritualidade. É aqui que somos postos à prova, e provamos os nossos planos de evolução. Que importam cem anos para quem é eterno? Um segundo de experiência. Quantas outras escolas nos contemplam na imensidão do cosmos, aguardando a matrícula em suas classes? Quantos amigos do lado de lá? A certeza do encontro, da continuação, do alvorecer após a longa noite. Chegadas e despedidas. Idas e vindas. Tudo o que é vivido com o coração, que é conquistado com amor, tem seqüência, tem continuidade. Na vida tudo passa, só não passa o que é verdadeiro.

Obrigado, vovô Vivaldino, por teres sido verdadeiro!

(Paulo Prado Machado pertenceu à Academia Passo-Fundense de Letras. Atualmente reside em Santo Ângelo/RS e é presidente da Academia Santo-Angelense de Letras.)

Um tema antigo: a velhice

JUREMA CARPES DO VALLE

o mundo contemporâneo, a atitude geral da sociedade para com os indivíduos que envelhecem chega a ser com frequência, de grande hostilidade. A palavra “velho” parece estar carregada de um sentido pejorativo e ela soa, muitas vezes, como um verdadeiro insulto. Assim, quando chamamos alguém de velho, não raro, essa pessoa reage de forma irritada.

Existem preconceitos em relação ao comportamento dos idosos, impedindo-os de manifestarem livremente sua personalidade, fazendo com que “o modelo ideal de velho” seja o do conformado, passivo e sobretudo distante da juventude.

Como escreve Simone de Beauvoir, em sua obra *A Velhice*: “A tragédia da velhice representa a condenação radical de um sistema de vida mutilador: um sistema que não oferece à maioria de seus componentes o menor incentivo de viver, ao se tornar velho.”

Faz-se necessário, portanto, uma retomada de nossos conceitos sobre a velhice, o abandono dos preconceitos que a envolvem e a descoberta dos valores que ela encerra.

Encontramos autores que defendem a velhice como um fenômeno cultural e tendem a indicar que de modo geral se pode dizer que os idosos são saudáveis, tanto física como mentalmente, mas vivem frequentemente entediados, devido a fatores sócio-econômicos.

Em *O Declínio da Vida*, Márcia Teresinha Dambroz argumenta que, até recentemente, havia confusão entre os processos de envelhecimento e os processos patológicos: a idade avançada não é causa direta da morte. A morte é, sempre, causada por uma entidade patológica. O declínio da capacidade intelectual tem relação mais com a doença do que com o envelhecimento.

As capacidades verbais continuam crescendo durante toda a vida e o aprendizado é um fenômeno constante.

Sendo a velhice uma etapa da vida, envelhecer não significa ruir; envelhecer é evoluir. O velho tem de sentir alegria em envelhecer e se recusar a tornar-se objeto de compaixão. Se o velho é

de modo geral, capaz de trabalhar, de aprender e de se adaptar a mudanças, não pode ser considerado um estorvo, um inútil na sociedade.

Talvez, muita gente, nunca tenha parado para refletir sobre esta importante quadra da vida.

Qual é o espaço do velho em nossa sociedade? Ele ocupa um lugar condigno com o de pessoa? Qual é o seu papel?

Você, criança, que maltrata o velho; você, jovem, que não tem paciência; você, adulto, que se preocupa com enormes problemas econômicos... já pensou que a velhice é inevitável?

Ao olharmos para um velho, será que nos damos conta de quanta sabedoria está armazenada naquela cabeça encanecida?

Nas grandes civilizações do passado, os velhos sempre ocuparam um lugar de destaque. A história nos revela que, nos grandes feitos humanos, nas descobertas que mudaram os rumos da humanidade, estiveram sempre presentes pessoas idosas.

Hoje, podemos constatar que é grande o número de idosos que desempenham tarefas importantes, em várias áreas da atividade humana.

Diariamente, estamos recebendo lições de vida de pessoas idosas. Líderes estatais, filósofos, psicólogos, escritores, artistas, são presenças marcantes em todos os veículos de comunicação.

Então, como ignorar o valor do velho na sociedade?

A infância de uma criança será mais alegre, se ela tiver o carinho de um velho. Felizes aqueles que tiveram ou ainda têm uma pessoa idosa a quem pedir orientação, de quem ouvir histórias.

A velhice é uma etapa normal do desenvolvimento humano, porém, é, antes de tudo, um estado de espírito determinado por diversos fatores:

o desenvolvimento da pessoa

e o ambiente em que

ela vive. Se o ambiente

for de rejeição, o

velho será uma pessoa

infeliz, amarga, de mal

com o mundo. Se, por

outro lado, o

ambiente for

de aceitação,

de carinho, o velho será uma pessoa adaptada que receberá com segurança as transformações que a velhice traz.

De acordo com Leo Buscaglia, em seu livro *Assumindo a Sua Personalidade*, “Os tesouros mais valiosos dos idosos ainda são as surpresas constantes que a vida diária pode trazer. Eles podem escolher a vida. Não precisam optar pela confusão, medo, desespero, solidão e isolamento. Podem escolher a si mesmos como potencial ainda irrealizado e, ao fazê-lo, podem optar pela realização contínua.”

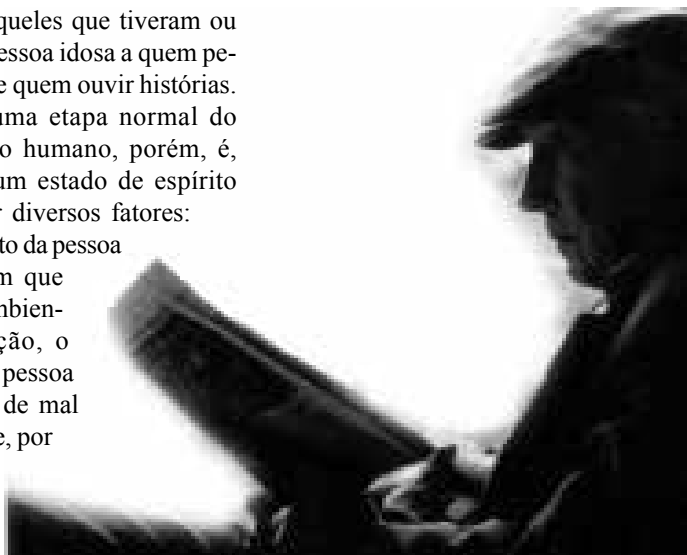
Refletamos sobre isso e ajudemos nossos velhos, envolvendo-os numa atmosfera de respeito, compreensão e amor, e permitindo-lhes, desta forma, viverem mais felizes a vida que lhes resta.

Lembremos, por fim, a afirmação de um grande humanista, Erich Fromm: “O amor é a única resposta sadia e satisfatória para o problema da existência humana.”

Este artigo foi escrito há dezoito anos. Mas ainda é atual, pois, apesar do Estatuto do Idoso, Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, pouco mudou.

Cabe aos idosos e à sociedade conhecerem este Estatuto e fazer com que seja cumprido.

(Jurema Carpes do Valle é professora e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Membro atuante





A coexistência social do Direito

ROMEU CARLOS ALZIRO GEHLEN

e um modo geral, a pessoa não percebe como está intimamente ligada ao Direito. Quando atravessamos uma rua ou quando paramos num semáforo, estamos, de um modo ou de outro, obedecendo a um comando legal. Desde que o ser humano nasce, e antes mesmo disso, desde a sua concepção – *a personalidade civil da pessoa começa do nascimento com vida; mas a lei põe a salvo, desde a concepção, os direitos do nascituro* (Art. 2, CC)-, o Direito já está agindo com vistas a proteger a sua integridade física, a sua liberdade, a sua formação como um todo. O Direito prevê a incapacidade e a capacidade do ser humano e regula todos os atos da sua vida, disciplina os direitos patrimoniais e extrapatrimoniais, regulando direitos mesmo depois da sua morte, em atos sucessórios. Fixa normas de proteção do meio ambiente e de preservação da vida.

Acontece que o Direito é uma ciência eminentemente social e, como tal, coexiste com o todo. Em suma, o Direito é um complexo de normas e princípios que regulam a conduta humana. A palavra Direito deriva do latim *directum*, significando a idéia de reto, direito, correto, conforme a regra. Em inglês diz-se *right*, em alemão *recht*, em espanhol *derecho*, em francês *droit*, em italiano *diritto*. Planiol, emérito pensador francês, esclarece que, em latim, *rectum* tem um sentido mais moral do que jurídico: *...ni en grec ni en latim, où les mots rectum, seuls comparables par leur étymologie avec notre mot "droit", avaient un sens plutôt moral que juridique*.¹ Por isso, o Direito é traduzido pela expressão *jus*, passando para as línguas latinas como radical das

palavras jurista, juriconsulto, justiça, juiz, jurídico, jurisprudência, justo, e assim por diante.

Mas o Direito não se confunde com a lei. Esta é uma regra legislativa, formal, textualizada, que regula um determinado assunto ou mesmo um ramo do Direito. A lei não é ciência e o Direito é quem a interpreta. A lei é apenas fonte formal de direito. O Direito, por sua vez, é muito mais amplo. Possui uma estruturação jurídica complexa, fundada em princípios e interpretações que vão muito além da leitura fria do texto da lei.

O Direito remonta ao próprio ser humano, havido como ser social. O Direito cria deveres e direitos e regula essas obrigações em toda a sua extensão, sempre com vistas à harmonia e ao bem-estar social. Mas o Direito também regula as relações internacionais, entre estrangeiros, entre Estados. Essas relações podem ter natureza comercial, civil, bélica e, muitas vezes, exige a intervenção de Cortes Internacionais de Justiça para dar solução a complexos casos de conflitos surgidos entre os Estados. Isso significa dizer que o homem jamais viveu e jamais viverá sem a intervenção direta de normas e regramentos ditados pelo Direito. Não fora assim, a sociedade, por certo, viveria o caos e a baderna generalizada. A mais propalada regra de direitos do homem e do cidadão decorre da declaração feita na França, em 1789, quando da conhecida Revolução Francesa: *Os representantes do povo francês, constituídos em Assembléia Nacional, considerando que a ignorância, o abandono e o desprezo dos direitos do homem são as causas, únicas, das desgraças públicas e da corrupção dos governos, resolvem enunciar em uma Declaração solene os direitos naturais, inalienáveis e sagrados do homem, para que, cons-*

*tantemente presente a todos os membros do corpo social, esta Declaração lhes lembre, sem cessar, os seus direitos e os seus deveres, para permitir que os atos do Poder Legislativo e do Poder Executivo, confrontados a todo instante com a finalidade das instituições políticas, se tornem mais respeitados e, finalmente, para que as reclamações dos cidadãos, agora fundadas em princípios simples e incontestáveis, contribuam sempre para o respeito da Constituição e para a felicidade de todos.*²

E o primeiro princípio na Declaração é de que *os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos*.³

Essa liberdade e essa igualdade de direitos entre os seres humanos têm sido alvo de inúmeros questionamentos no âmbito do Direito, na medida em que as desigualdades e a ausência de liberdade do exercício do Direito constituem-se em corolários dramáticos na sociedade humana.

Esses dois princípios jurídicos oriundos da Revolução Francesa, da liberdade e da igualdade, acabaram por determinar dois grandes regimes políticos no mundo: o capitalismo e o comunismo. O capitalismo assentou suas bases no princípio da liberdade, enquanto que o comunismo no princípio da igualdade. No entanto, o Direito ainda não conseguiu alcançar o seu apogeu, a despeito do desenvolvimento cultural que a humanidade alcançou. É certo que os homens não atingiram o grau de liberdade que pretendem e tampouco que pensam ter, a ponto de, em vários momentos da história, se terem envolvido em conflitos bélicos de grandes proporções, como foram as duas grandes guerras mundiais, a guerra do Vietnã, a guerra do Golfo e do Iraque, a par das guerras contra a fome, a miséria, e as decorrentes das diferenças

de classes sociais. Tampouco, o homem logrou conseguir a propalada igualdade. Na essência, verifica-se a frustração nessa coexistência jurídica e sociológica. É certo que o princípio da liberdade consagrou teorias jurídicas, como a da autonomia plena da vontade, conhecida como *pacta sunt servanda* (os pactos devem ser respeitados), porque os pensadores acreditavam que a manifestação da vontade era fonte de direito por excelência. Aos poucos, verificou-se, porém, que a vontade humana nem sempre era feita com liberdade plena, e que os mais fortes podiam impor condições mais favoráveis em detrimento da parte mais fraca.

O Código de Napoleão, código francês, foi um dos arautos dessa perspectiva jurídica de que o contrato tinha o sentido de justo, e de que o Estado não poderia interferir no que fora ajustado. Isso se relativizou com o código alemão, que emprestou grande valor às relações humanas com a idéia de fidelidade e de boa-fé, numa tendência profundamente moralizadora e educativa dos costumes, no tráfego jurídico.

Um dos códigos civis mais recentes do mundo é o novo Código Civil Brasileiro, com vigência a partir de janeiro de 2003. Também ele abriu uma porta segura para as cláusulas gerais que exigem um *standart* de conduta, segundo a boa-fé e os bons costumes: *Os negócios jurídicos devem ser interpretados conforme a boa-fé e os usos do lugar de sua celebração* (Art. 113, CC). Ditou regras novas para a convivência dos brasileiros e fixou a maioridade aos dezoito anos: *A menoridade cessa aos 18 (dezoito) anos completos, quando a pessoa fica habilitada à prática de todos os atos da vida civil* (Art. 5, CC). Diminuiu os prazos relativos à prescrição, diante de um mundo que anda mais rápido e célere. Concedeu à viúva-meeira o direito de participação do quinhão hereditário. Modernizou regras ultrapassadas pelo código de 1916 e colocou, em ordem de preferência, primeiro os direitos da personalidade, depois regulou as diferentes classes de bens, ou seja, primeiro a pessoa, depois o material: *Pode-se exigir que cesse a ameaça, ou a lesão, a direito da personalidade, e reclamar*

perdas e danos, sem prejuízo de outras sanções previstas em lei (Art. 12, CC).

É elucidativa ao tema a norma contida na Constituição Federal, quando trata dos direitos e garantias fundamentais, ao afirmar que *ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei* (art. 5, II, CF).

Não há como negar, portanto, que o ser humano está diretamente ligado ao Direito, de uma ou de outra forma, ante a coexistência entre o social e o Direito. O passageiro que toma o ônibus na parada realiza um contrato social. Aquele que vai ao cinema celebra um contrato oneroso com o direito de ver o filme anunciado. Se a pessoa vai ao *shopping* e deixa seu veículo no estacionamento, cria direito em seu favor pelo cuidado do automóvel. Se compra uma mercadoria, está ampara-

do por leis protetivas do consumidor. Enfim, a vida moderna, sem dúvida, coexiste com o Direito, a todo instante.

Portanto, o direito disciplina a vida social, *não abandona o ser humano à própria sorte, antes, lança-o no caminho da perfeição, do desenvolvimento e do progresso, não só de sua vida física, mas também de sua vida psíquica, para constituir, por este modo, sim, uma coletividade melhor formada por seres melhores.*⁴

Notas

¹ PLANIOL, Marcel. *Droit civil*. Quatrieme édition. Tome Premier. Paris: Librairie Générale de Droit & de Jurisprudence, 1906, p. 1.

² RÁO, Vicente. *O Direito e a vida dos Direitos*. 5.ed. anot. e atual. Por Ovídio Rocha Barros Sandoval. São Paulo: RT, 1999, p. 57.

³ Idem, *ibidem*, p. 61.

⁴ Idem, *ibidem*, p. 45.



Miriam Postal, a Pintora do Aconchego

passo-fundense Miriam Postal tem alcançado destaque nacional e internacional no campo da pintura, participando de mostras e exposições desde 1982. Pinta por vocação e profissão, assim, para usar a conhecida expressão comoniana, serve-se de “engenho e arte”. Para tanto, visitou diversos países da América, Europa, África e Ásia, ampliando seu horizonte visual, que aplica em sua arte. “Meus sofás – confessa com uma certa inocência, típica dos grandes criadores - reproduzem sofás que eu vi em Cuba, numa casa que conservava móveis anteriores à Revolução”. Sua arte é quase memória. O “quase” é que faz a diferença. Em Picasso, faz da sua

Guernica destruída pelo Fascismo, todas as Guernicas do mundo... Faz o “fingidor” de que Fernando Pessoa falava...

Miriam estudou no Colégio Joaquim Fagundes dos Reis, onde sua mãe lecionava, e na EENAV, fez bacharelado em Desenho e Plástica, e Pós-Graduação em Arte e Educação pela Universidade de Passo Fundo. Lecionou Português e Educação Artística no Instituto Educacional. Prestou concurso para o magistério estadual, exercendo suas funções na Escola Estadual Salomão

Iochpe e na 7ª. CRE. Também lecionou Desenho na UPF. Deixou o magistério para dedicar-se à sua arte.

“Sempre gostei de arte. Toco piano e sempre gostei de desenhar. Toco piano desde os 10 anos. Comecei a pintar aos 13. Fui me aprimorando. Desenvolvi várias coisas: cenários, teatro e balé..., pois quem gosta de arte se abre para diversas manifestações”, conta a pintora. E os olhos da professora de 4ª. série, no IE, se iluminam ao falar de educação. “Usei muito a arte para ensinar Português e Estudos Sociais. A educação é integrada. A Pintura, a Escultura, a Palavra, são interligadas”.

Impossível falar de arte, sem falar em educação, com Miriam. “Vejo – diz ela – que falta profundidade, mais base para que o ensino não seja limitado. A arte e a vida prática estão interligadas. A arte serve para a pessoa desenvolver sua própria capacidade. O importante é cada um buscar sua própria linguagem”.

Arte e diletantismo. Falamos de artistas de televisão, treinadores de futebol e outras “celebridades” que pintam. Muitos deles também são subliteratos. “Existe uma pintura e uma subpintura. Hoje há muito marketing criando uma valorização fictícia. Muitas vezes, pessoas famosas, que pintam por pasatempo, não sobrevivem como valor artístico, mas como souvenir. Adquirem notoriedade artística pela mídia, mas não sobrevivem para a história da arte”.

Falamos dos escritores e pintores doidos. “De artista e de louco, cada um tem um pouco”, diz o adágio. Van Gog era pirado. E os pintores malucos? “Acho mais interessante o trabalho de um alienado, um Antonio Bispo do Rosário, por exemplo, com muito mais valor do que as telas de certos figurões”.

Impressionismo e expressionismo. Miriam: - “O artista se torna introspectivo. A arte vale por ser diferente,



nova. Comecei usando um material diferente, empregado em solado de sapatos. E aí está o diferencial. A introspecção existe. Até mesmo o realismo mais radical das fotografias, por exemplo, tem muito de impressionismo, transmitindo o sentimento e as sensações do artista”.

Falamos do traçado redondo, curvilíneo, de suas figuras, especialmente quando reproduzem pessoas. “Cada figura, nos meus quadros, representa coisas dispersas captadas e unificadas na pintura. As janelas, as cortinas, as luminárias, os tecidos, tudo simples. São pessoas simples, homens com roupas mais antigas. Gosto das flores. Tudo o que faço é o que vi em algum lugar. As figuras são as mesmas, curvilíneas, mais dóceis, mais aconchegantes, as roupas frouxas. São figuras conservadoras. Adoro panos estampados”.

“Passo Fundo tem bons artistas na música, no teatro, na pintura – continua Miriam. Tenho o sonho de criar um atelier livre, municipal. Poderíamos ter um lugar onde fossem oferecidos cursos, com espaço para exposições. Penso no local onde hoje funciona a Biblioteca Pública. Quero falar sobre isso com o prefeito



Airton Dipp”.

Lembro à artista que o programa de governo da nova administração propõe a criação da Casa da Cultura de Passo Fundo, onde a sua idéia já estaria contemplada. Imagino essa idéia integrando os prédios da Academia Passo-Fundense de Letras, da prefeitura antiga e da câmara velha, com um anfiteatro ao ar livre, onde hoje é o estacionamento, e com um novo prédio confrontando com a rua Morom. E com três ou quatro andares. “É. Ali tem espaço, é central. Poderia ser feito um concurso entre os alunos do curso de Arquitetura, para escolher o melhor projeto...”, diz Miriam, quando nos despedimos. (PAULO MONTEIRO).



Miriam Postal

MIRIAM POSTAL GARBELOTTO nasceu em Passo Fundo, Rio Grande do Sul em 1962. Bacharel em Desenho e Plástica e Pós Graduada em ARTE/EDUCAÇÃO ambos pela Universidade de Passo Fundo.

Com cursos de especialização no Brasil e exterior, seu currículo vem sendo construído através da participação em importantes exposições de arte nacionais como: 44º Salão Paranaense - V Salão da Ferrovia-Rio de Janeiro - Salão COPESUL - Porto Alegre e várias edições da Casa Cor Brasil. Realizou inúmeros painéis públicos, tendo obtido o 1º lugar no Projeto Missões 300 anos, capa do Guia Telefônico de Porto Alegre de 1988.

Em 1997 seus trabalhos foram escolhidos para capa das Listas Telefônicas das Regiões: Norte, Nordeste, Noroeste e Centro do Rio Grande do Sul.

Tem participado de várias edições da Casa Cor do Brasil.

Nas participações Internacionais em 1995 expõe na ARTEXPO em Nova Iorque, Panorama da Arte Brasileira na Bélgica em 1996 e em Berlim em 1998.

Neste mesmo ano faz uma individual na Embaixada do Brasil em Portugal e em Assunção, no Paraguai. Em 2001 expõe em Gotemburgo, Suécia.

Miriam Postal utiliza a técnica de acrílico sobre tela, criando fórmulas esquemáticas que se incorporam aos volumes sensuais e formas generosas numa temática que conta a história dos centros urbanos.

Transmite pelas suas cores vibrantes e desenho de estamparia dos tecidos populares, um retrato da alma brasileira.

Seu mundo é uma aldeia global. Tem profundo interesse que seus “Joãos e Marias” brasileiros se tornem cidadãos do mundo.

Aplicando elementos (tickets, dinheiros, panfletos, sacolas, etc.) que coleta pelo mundo afora, insere seus personagens por outros continentes sem perderem a sua

Após 74 anos em sua terra natal, Lindolfo Kurtz deixa a sua Passo Fundo com muitas obras sociais

MEIRELLES DUARTE

É muito valioso e até necessário que se homenageie valores humanos, enquanto eles ainda estão convivendo conosco. O mais comum, a bem da verdade, é homenagear quem já partiu, mais para manter viva a memória dos que o conheceram ou que com o homenageado conviveram. Hoje, prestamos uma justíssima homenagem a um grande valor humano que, depois de viver seus 74 na terra em que nasceu, deixa-a, levado pelos sentimentos de pai e avô, para viver mais próximo dos seus. O nosso homenageado é Lindolfo Ratier Kurtz, ou tão somente, Lindolfo Kurtz.

Família de sapateiros

Lindolfo Kurtz é filho e neto de sapateiros. Foram seus genitores, Lindolpho Kurtz e Bertolina Ratier Kurtz. Neto de Frederico Guilherme Kurtz e de Anna Neckel Kurtz, do lado paterno, e pelo materno, de Nicolau Ratier e Elizabeth



O casal Lindolfo e Damaris Kurtz, com filhos e netos

Wassermann Ratier. Além do pai e do avô paterno, vários tios seus exerceram a atividade de sapateiros, alguns fabricando e outros somente consertando sapatos. Seu avô, Frederico Guilherme Kurtz foi o primeiro intendente constitucional de Passo Fundo.

A vida estudantil

O nosso homenageado cursou o primário no Colégio Protásio Alves e o ginásio pelo Artigo 91, hoje,



Os avós paternos de Lindolfo, Anna Neckel Kurtz e Frederico Guilherme Kurtz, este o primeiro intendente constitucional de Passo Fundo

denominado supletivo. Formou-se Técnico em Contabilidade no curso noturno do Instituto Educacional (IE) e, mais tarde, ingressou na Faculdade de Direito, formando-se, como orador de sua turma, em 1971.

Muitas atividades profissionais

Já aos 13 anos, Lindolfo empregou-se na Casa Floriani, onde trabalhou por um ano, passando para a Casa Schmidt, onde ficou cinco anos. Foi, também, caixeiro-viajante e funcionário público do IBGE, tendo coordenado o recenseamento de 1950, em Antônio Prado. Por concurso, tornou-se bancário, primeiro no Banrisul e, posteriormente, no Banco do Brasil, onde aposentou-se.

A vida familiar



O casal Damaris e Lindolfo e Zila Kurtz Lisbôa, com o Diploma de Mérito Acadêmico, conferido ao homenageado pela Academia de Letras



Lindolfo Kurtz e esposa Damaris, em suas bodas de prata, em 1982

Agradecimento

LINDOLFO KURTZ

Prezado jornalista Antonio Augusto Meirelles Duarte:

Razões de força maior não me ensinaram enviar-lhe esta missiva a mais tempo, conforme era meu desejo. Faço-o agora para dizer-lhe o quanto me foi gratificante sua página em O Nacional, edição de 14 de agosto, em que aborda, com muita propriedade e refinado profissionalismo, os sentimentos que me envolveram e ainda envolvem, por deixar a minha amada Passo Fundo, transferindo-me para Porto Alegre. É que entre dois amores, a cidade natal e os filhos falou mais alto este último. Nada é mais importante que a família.

Além de minha esposa Damaris, também os filhos e netos apreciaram enormemente a referida página de O Nacional. Os numerosos cunhados, que tenho em Porto Alegre, presentearam-me com um magnífico quadro, contendo a página do jornal, em tamanho natural, que passou por um processo moderno de conservação e que estará para sempre na parede do meu gabinete.

Caro jornalista! Uma vez reiterada nossa apreciação pelo excelente trabalho, fazemos votos pela sua felicidade e progresso, na já consagrada carreira de comunicador.

Receba um abraço muito fra-

Lindolfo, em 1957, casou-se com a jovem Damaris Ruas, na época funcionária do IE. Dessa união, nasceram os filhos Marcus Vinícius Kurtz, arquiteto em Porto Alegre, casado com Ana Maria Ceccato; Tito Marius, funcionário da CEEE, exercendo suas funções em Gramado, casado com Rosane Fulginitti; e Eliane, formada em Publicidade e Propaganda, em Londres, onde reside. Aqui tem sua única irmã, Zila Kurtz Lisbôa, e o sobrinho, o médico Hugo Roberto Kurtz Lisbôa. Tem ainda duas netas.

Presença viva na cidade

Lindolfo teve marcante presença na vida da cidade. Fundou o Berço do Bebê, da Igreja Metodista, com mais sete casais. Criou o único museu do Banco do Brasil, com documentos históricos que estavam destinados à extinção. Foi líder nas pesquisas do Combate de Pulador, com apoio da imprensa, maçonaria e poder público. Foi venerável da Loja Maçônica Luz do Planalto. Ingressou na Academia de Passo-Fundense de Letras, em 1996, com aprovação unânime de seus membros, e pela qual foi homenageado antes de partir para Porto Alegre. Depois dessa homenagem, deixou-nos, levando consigo e sua esposa, toda a nossa admiração, e os aplausos pelo muito que fez por sua Passo Fundo e pelo quanto ela lhe é devedora e orgulhosa deste ilustre filho.

(Antonio Augusto Meirelles Duarte é advogado, jornalista e presidente da Academia Passo-Fundense de Letras.)



A homenagem da Academia de Letras a Damaris Kurtz, pela secretária do sodalício, Santina Dal Paz

Poesia

DINAIR FERNANDES PIRES

Quatro Estações



A natureza,
as emoções,
o ser humano,
as canções,
vivem em QUATRO ESTAÇÕES.

Do lamento ao aconchego;
Da chama ardente a saudade,
o tic-tac do tempo,
vibra sem piedade.

Às vezes, no mesmo dia,
outras em tempos cruzados,
sente-se o frio, a neblina,
vento forte e corpos suados.

Fazer versos tem compasso
que segue o do coração
Por isso o AMOR que canta
no inverno, outono e verão,
traz flores que desabrocham
ou que enfeitam o chão.

Isto tudo é POESIA:
Sonhos, quimeras, vazios,
corre-corre, dia-a-dia,
data especial ou rotina,
derrota, mágoa, ferida,
frutos de amor incontido
ou de amor incompreendido,
às vezes correspondido
e outras adormecido
num caderninho escondido
sem tempo, idade ou destino!

Nanetto Pipetta: 80 anos de sonho e realidade



SANTO CLAUDINO VERZELETI

Pretende este trabalho levar ao conhecimento dos leitores da Revista “Água da Fonte” a realidade vivida por nossos imigrantes italianos.

Em 1860, a Itália tinha 30 milhões de habitantes. Nanetto Pipetta retrata os 17 milhões de italianos que, de 1860 a 1914, famintos, emigraram para diferentes países. No mesmo período emigraram também outros 30 milhões de europeus, povoando diversos países, como é o caso do Brasil, de diferentes etnias e culturas.

Dos 17 milhões de italianos que emi-

graram nesse período, um milhão e meio escolheu o Brasil para satisfazer o sonho de seu estômago de encontrar uma mesa farta que lhe saciasse a própria fome. Assim, nos últimos dois séculos, cerca de 50 milhões de italianos se fizeram cidadãos do mundo. Deixaram a Itália da “emigração e da expulsão, que hoje se volta para o mundo dos seus descendentes, camuflada em Itália de atração”.

Em 1877, a Itália, pequena, desorganizada e pobre, dava seus primeiros passos. O jovem reino fora proclamado há 16 anos (1861). E há 7 anos Roma se tornara sua capital (1870). A malária ainda matava 40 mil pessoas por ano (também Cavour morrera de malária),

enquanto a pelagra matava 100 mil. A cólera, de 1884 a 1887, dizimou 55 mil.

Estatísticas oficiais falam em 400 mil mortes por ano, metade das quais eram crianças com menos de cinco anos, devido à comida escassa, à falta de higiene e de médicos.

No momento da unificação (1860), a Itália contava com menos de 400 mil operários, com poucas fábricas e o artesanato em crise. Roma possuía 180 mil habitantes. Nápoles, extraordinária e miserável, era a segunda cidade da Europa, com 430 mil.

Em 1887, a Itália podia ser considerada um país sem esperanças, ainda com 30 milhões de pessoas, das quais 21 milhões de agricultores. Estes continuavam usando o rudimentar arado utilizado por Cincinato, dois mil anos antes. A pesquisa agrária, dirigida pelo católico moderado Jacini, várias vezes ministro, e realizada no período compreendido entre 181 a 1886, demonstra “uma Itália austera, de necessidades, com falta de dinheiro para remédios, roupas com sucessivos remendos, doentes em manjedouras, e porcos dentro de casa como membros da família. Vender os filhos era prática difundida no Norte e no Sul da península. Em Altamura, na Puglia, todos os anos na Feira de 15 de Agosto, meninos eram postos à venda como mercadoria. Para 17 milhões de italianos e tantos outros milhões de europeus, corajosos aventureiros de barriga vazia, Nanetto Pipetta é o precursor da “cocanha” (fortuna), primeiramente sonhando encontrá-la pronta, mas descobrindo, depois, que ela só poderia ser formada pelo trabalho.

Nanetto Pipetta partiu da Itália como um herói ao avesso, herói com fome, saindo de um país sem comida para todos; herói com vontade de trabalhar, deixando um país sem terra e trabalho para 21 milhões de agricultores...

Ele se fez cidadão do mundo, esperando encontrar a “cocanha”. Em seu poder, apenas a vontade férrea de fazê-la onde encontrasse espaço para concretizar suas idéias de abundância e mesa farta.

Com os braços livres e o coração repleto de sonhos, Nanetto descortinou a esperança. “Centenas de milhares de italianos viviam ainda em grutas ou em cabanas sem janelas, feitas de ramos e barro. Dezenas de milhares de famílias ainda viviam em condições alucinantes, nos úmidos “bassi” de Nápoles ou nos “sassi” de Matera, escavados na rocha, em bairros operários das cidades, nos

quais, segundo dados do censo de 1879, havia uma densidade populacional de dez pessoas por cômodo” (Deliso Villa, em *Storia Dimenticata*).

Frei Paulino Bernardi, em sua obra contando a vida de Nanetto, como em geral os demais descendentes, descreveu as dificuldades iniciais: casa provisória, com comida escassa, falta de ferramentas, de sementes, de remédios, de médicos, de escola e capela, enfim, uma América ainda inexistente, que era ilusão pensar encontrar, mas possível, com muito trabalho. América dos sonhos que, em 129 anos, floresce em diferentes realidades, segundo a cabeça e os braços de cada um.

Frei Paulino, filho de Antonio Bernardi e Elisa Polesso, nasceu na Capela São Bartolomeu, da 9ª. Léguas de Caxias do Sul, a 21 de dezembro de 1903, 16 anos depois de chegarem as primeiras famílias de imigrantes.

Antonio Bernardi deixou sua família na Itália e embarcou para a América, chegando em Caxias a 17 de abril de 1879, junto com a família do tio Matteo, que faleceu algum tempo depois, e Augusta Bernardi, que se tornou a proprietária de meia colônia do lote 105, fato que vai colocar Nanetto às voltas com o pagamento de meia colônia. Frei Paulino tinha mãe padovana e pai trevisano, por isso, em Nanetto, privilegia os dialetos de Pádua e Treviso. O herói italiano nasceu em Veneza, mas de Veneza o autor só fala no Canal Grande (canalasso) e no campanil de São Marcos; morou num conjunto de casa e cozinha, separadas; buscava água na fonte; possuía uma cabra. Lá as casas eram de vários anda-

res, não havia fontes nem terrenos para criar cabras. Mas tudo isso se refere a Veneza, leitores... embora Frei Paulino tenha usado a paisagem do Rio Grande do Sul, para fazer-se entender pelos leitores. Frei Paulino também não define a escolarização de Nanetto, que escrevia com fórmulas conhecidas. Veio de Veneza, mas desconhecia a navegação. Tinha pouca noção de dinheiro em uma terra de comerciantes. Mas sabia nadar. E em Rio Grande, porque era clandestino, saltou do navio e alcançou a praia, a nado, mas viria a perecer miseravelmente, como herói ao avesso, no Rio das Antas, agarrado a um tronco. Sabia atirar com funda. Porém como atirar com funda em Veneza? Sonhava dar um automóvel aos pais, quando o automóvel ainda não se popularizara, além de que em Veneza, não existiam automóveis. E se existissem, para que serviriam onde não havia estradas?

Antes de varar o oceano, Nanetto nunca conseguira saciar a fome. Essa a característica da imigração, que Frei Paulino apresenta com todo o realismo. Nanetto deixou sua família e aldeia compelido pela fome. E hoje, os sofridos pioneiros, filhos da fome, são 60 milhões de construtores do progresso, que assinalam a presença da Itália no mundo, preocupados com o futuro de sua pátria de origem, em acelerado processo de recuo demográfico.

Realidade e imaginação

Ainda que tivesse nascido em Veneza, Nanetto se desloca sem medo pelas matas brasileiras, onde começava a con-

fusão entre a realidade e sua exarcebada imaginação. Ele não se expressava por meio de histórias tramadas, mas suas palavras apontavam para a presença da família, da religiosidade, da ética, da experiência e da sabedoria acumulada nos embates da vida.

Quando precisava dar-se importância, falava português, porque sabia que, no Brasil, tudo se decidia em português. Arremedava o italiano gramatical, ao referir-se à oficialidade italiana, que se sentia sadicamente feliz em despachar, pelos caminhos do mundo, a famosa “tonelada humana”.

Quando foi registrar o Nanetto, seu pai o fez solenemente, acompanhado da esposa. Dirigiu-se ao Sindaco (prefeito) de Veneza e, enfaticamente, cumprimentou-o como Signor Cínico (alfinetando a oficialidade) o qual, no caso, representava todos os cínicos do poder político e econômico, que provocaram a emigração em massa, protegida apenas pela Igreja, sua vanguarda e evangelizadora no mundo, como acenaria o apóstolo dos emigrantes, Dom João Batista Scalabrini, o inventor da igreja tanto emigrante, como imigrante e migrante.

Nanetto demonstrou a dupla situação de ridículo do imigrante italiano: no Brasil, precisava falar português para ser ouvido, e da Itália foi despachado em italiano oficial. Nanetto Pipetta não é um livro de história, de estórias, de contos ou poemas. É tudo isso ao mesmo tempo. Concretamente, trata-se de um romance lingüístico, capaz de mostrar em cada palavra ou frase um traço antropológico e histórico, com privilegiada ironia social e religiosa.

Nanetto é a língua, fez uma língua, sonhou com uma língua e imortalizou-se na primeira história saída da cabeça de um ficcionista, que se aliou a história e à palavra de cada sujeito da mesma panorâmica antropológica. Nanetto encaminhou a imigração italiana no mundo com roupagem própria, social, política, filosófica e religiosa, e com palavras adequadas a expressá-la. Nanetto é uma cultura e uma linguagem. Uma obra aberta que vai sendo construída, de forma lúdica, ora bem sucedida, ora azarada, ora trágica, mas sempre empolgando... Características do italiano que se realiza através do exagero – dos braços trabalhando, do estômago comendo, da voz cantando, e da paixão, em forma de arte, sexo e religião.

O forte do Nanetto é a ingenuidade esperta, o pitoresco, que vê as realida-



des conforme seu imaginário de como deveria ser, e expressa as contradições através do ridículo verbal. No sabor verbal está a força de Nanetto. Cada palavra é uma história e um romance. Traduzido, se torna tão ridículo quanto a ridícula (no pensar da elite italiana) emigração que retrata.

Embora os muitos sonhos afogados no Rio das Antas, sobrevive a honestidade da família, que manda o Nino, irmão de Nanetto, a pagar parte da meia colônia que ele comprara, sua “cocanha” quase alcançada.

Nanetto era católico praticante, de missa e orações. Rezava em latim, mesclado de italiano, mostrando que a fé não se confunde com palavras, mas é vida e relação com Deus. O latim e o italiano oficial ficaram com os “signori”, na Itália. O imigrante preferiu trazer a fé, à qual emprestava o colorido e a roupagem de sua ingenuidade, confundida com ignorância pelos sábios, que nunca puxaram a enxada, nem mesmo

desfilaram as contas de um rosário.

O quadro era tão pungente para os pobres que só restava fugir da fugir da Itália. Em situação de miséria, não havia outra escapatória senão emigrar o mais rápido possível, antes que o inverno batesse à porta. Entre os camponeses, dizia-se: “Viça l’Ámerica e muôiano i signori” (Viva a América e morram os patrões!). Ampliando este pensamento, o poeta Berto Barbarini assim escreveu:

E i conta frea de tutti – in quanti sio?
Apena diese, Che pol far strapasso;
Il resto donne coi putini in braso,
El resto venci e puteleti a drio.

Ma a star quà, no se magna nò, perdio,

Bisognerà pur farlo sto passo,
Se l’inverno el ne capita col giasso,
Pori nualtri, el ghe fà um desio!
Dentro l’otobre, carghi de fagoti,
Dopo aver dito mal di siori,
Dopo aver fusilà ter quatro goti,
Co la testa sbalota, imbrigata

I se dà du strucuni in trà de lori
Etonteando i ciapa sù la strada.

Tradução:

“Fazem verificação, quantos são?
Apenas dez que podem fazer algo!
O resto, mulheres com crianças nos braços,

O resto, velhos e crianças, ao redor.

Mas, ficar aqui... Não se come, barbaridade!

É preciso dar o grande passo.

Se o inverno chega com gelo,

Ai de nós! Todos, vítimas duma calamidade!

No mês de outubro, carregados de embrulhos,

-Amaldiçoados todos os patrões-

Após dois ou três copos,

A cabeça estonteante, embriagada,

E, cambaleando, começa a caminhada.

Quando aqui chegaram, os imigrantes assim se pronunciaram, sobre a maldição do ódio, da raiva e do rancor:

I siori porta sassi
Lê siori porta malta,
Chi vol andar im Mèrica
Che là i starà bem.
Noi italiani, lavoratori
Alegri, andian in Brasile
E voi altri, d’Ítalia signori
Laoratelo il vostro badile.

Tradução:

Os patrões carregam pedras,
As damas carregam massa,
Quem quiser ir para a América,
Por lá, vai passar bem.
Nós, italianos, trabalhadores,
Alegres, vamos pro Brasil.
E vocês, da Itália senhores,
Arranjem-se... no cabo da pá!

Concluimos, reconhecendo que a saga de Nanetto Pipetta diz um pouco de todos nós, que almejamos vencer, criar o próprio caminho, na alegria e na dor.

Bibliografia

Vita e Stória de Nanetto Pipetta.

Nanetto in meso i bulgari.

Nanetto in strada.

Jornal “Correio Rio-Grandense”.

(Santo Claudino Verzeleti é titular da cadeira 27 da Academia Passo-Fundense de Letras e preside a Academia dos Contabilistas do Rio Grande do Sul.)





Estive no olho do furacão

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Em visita a um familiar, que é microempresário na cidade de Sombrio/SC, vivenciei um acontecimento insólito em nosso país, que jamais imaginara pudesse um dia presenciar.

Na verdade, não presenciei, porque era noite, uma noite de breu, sufocante e aterradora. Mas vivi, ouvi, senti, estremei e me arriei apavorada, com a fúria que a natureza é capaz de assumir, quando se dispõe a provar ao homem seu poder invencível e devastador.

Somos menos que formigas, diante de um fenômeno desse porte. Tão indefesos e impotentes que só temos duas alternativas: o desespero ou a apatia, aquela apatia mórbida que nos petrifica e emudece por completo.

Assim foi a noite que deixou, na memória de muita gente, marcas da fantástica prevalência das forças da natureza sobre a capacidade intelectual

e gerencial do homem.

Pela manhã, começaram a espalhar-se rumores de que um “tornado” passaria pelo sul de Santa Catarina, entre o dia de sábado e a segunda-feira. Cheguei a menosprezar o comentário, julgando tratar-se de alarme falso, de uma piada de mau gosto. – Ora, um “tornado” no Brasil!

Todavia, estou agora irremediavelmente convencida de que nada existe de definitivo sobre a terra. – No Brasil, sim, e por que não?

Um vento persistente, um ar opressivo, dominaram o clima durante todo o dia de sábado. E a expectativa mesclava incerteza e ceticismo com apreensão e insegurança.

Já pela tarde não se falava outro assunto. Tornado, ciclone, furacão... Qual é mesmo a diferença entre um e outro?

Os palpites saltavam de todas as bocas e a ansiedade aumentava seus contornos. Vai que ele resolve mudar de rota, passar pelo leito do oceano, chegar mais brando ao continente... Assim se tentava ame-

nizar a tétrica previsão.

E a noite baixava sua lona. E o céu se tingia de negro. E o vento tonificava suas garras. E a gente em casa, aguardando.

Pelas 23 horas, a ventania já avançava com gana de fera bravia. As rajadas sobrevoavam e açoitavam a casa, onde me encontrava com meu filho, minha nora e futuro neto. Elas cruzavam sibilando, urrando, desafiando o homem e as estruturas por ele construídas. Uma... outra... muitas... dezenas de rajadas... Meu Deus, que barulho infernal! Parecia um exército desfilando seus canhões no ar, fazendo algazarra, esmagando os últimos fios de coragem que nos mantinham em suspense. Tudo doidamente, furiosamente. O terror foi-me sugando como um vampiro ávido de sangue. Só se escutava o galope do vento, esfregando no telhado suas patas gigantes. Depois estouros de vidros quebrando, de telhas se partindo, de paredes desabando... No encalço do turbilhão, muita chuva, desvairada e impiedosa, que entremeava os estrondos, naquele globo da morte.

A mente aturdida, o coração descompassado e, bem lá no íntimo, a prece, desesperada e confiante: Santa Bárbara, rogai por nós! Nossa Senhora, Mãe das Graças, protegei todos os que estão em perigo!

Depois de três horas de aflição e pânico, o indômito dragão aquietou. Calmaria total, ar abafado, calor intenso. A curiosidade levou muita gente às ruas, a fim de conferir os estragos. Sequer imaginavam que o pior estava por vir. Em menos de uma hora, começou tudo de novo. Antes o furacão esbravejava do Sul, agora rugia do Norte, ainda mais fragoroso e enfurecido. Uma investida atrás da outra, como se quisesse plantar, sobre a terra arrasada, sua bandeira de protesto, rebeldia e destruição.

Estava prestes a raiar o dia, quando o soberbo forasteiro resolveu partir... Graças à proteção do céu, nossas vidas e nossos bens foram preservados.

Só então conciliei o sono. Mas por pouco tempo. Temia que o fenômeno se repetisse, e a noite de horrores se prolongasse até a eternidade...

Literalmente, e por acaso, estive no olho do furacão.

(Relato verídico de situação vivenciada pela autora, quando da passagem do Furacão Catarina, na costa sul-catarinense, no dia 27

Jurandyr Algarve: eterno professor

LUÍS MARCELO ALGARVE

Um homem de poucas palavras, porém dedicado, franco e objetivo no trato da profissão exercida. Essa foi a insígnia que marcou a vida do professor e advogado Jurandyr Algarve. Bacharel pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, consagrou o seu trabalho através do esforço e da paixão pelo Direito. Aluno da turma de 1958, o Sr. Jurandyr firmou-se na profissão, em virtude da habilidade jurídica e do intensivo estudo que destinava às matérias forenses. Em 1970, escreveu uma *Separata*, para a Revista da Faculdade de Direito de Passo Fundo, intitulada: *O Arbítrio do Locador às Ações de Despejo Disciplinadas pelo Decreto-Lei Nº 4, de 7 de Fevereiro de 1966. A publicação apresentou tópicos importantes, como por exemplo: os fins sociais da lei, exigência do bem comum, abuso do Direito, inconstitucionalidade do Decreto-Lei e posição no processo civil.*

Em dezembro de 1992, a Revista dos Tribunais (RT 686/259-262) publicou um artigo de sua autoria, intitulado *A União Estável Entre os Concubinos Prevista pela Constitui-*

ção Federal de 1988. No artigo, por sinal muito bem arrazoado, conforme o ilustre advogado, “a união estável não se evidencia entre o homem e a mulher, se qualquer deles se encontrar impedido de se casar. Logo, tal união somente ocorre entre o homem e a mulher solteiros, viúvos ou divorciados, nunca entre pessoas separadas judicialmente ou de fato, pois continuam mantendo o vínculo matrimonial, com impedimento absoluto ou público, previsto pelo Art. 183, VI, do CC, porque o casamento válido somente se dissolve com a morte de um dos cônjuges ou pelo divórcio”. O texto fala também sobre os alimentos na união estável e a repercussão no direito sucessório da união de fato. O artigo ganhou notoriedade no meio jurídico, sendo, logo após, publicado também na RJ 198/141.

Jurandyr Algarve, advogado, professor, segundo filho de Eurico Bernardes Algarve e Basílica de Oliveira Algarve, nasceu em Laguna, Santa Catarina, no dia 13 de outubro de 1917, e faleceu em 13 de julho de 2001, tendo concluído seus estudos, anteriormente ao ingresso no curso de Ciências Jurídicas e Sociais, no Instituto Educacional de Passo Fundo. Colou grau em fevereiro de 1959, como bacharel em Direito, na UFRGS. Após formado iniciando sua carreira como advogado, continuou desempenhando sua função como funcionário público municipal por mais alguns anos, tendo, inclusive, exercido o cargo de secretário do município, por mais de uma vez, e diretor do ensino municipal.

Foi homenageado pela Ordem dos Advogados do Brasil, Subseção de Passo Fundo, como Advogado Exemplar, destaque 1993, oportunidade em que esteve presente o falecido deputado federal Jorge Alberto Mendes Ribeiro, que também prestou a sua homenagem. Sua inscrição na OAB/RS era 2309, uma das mais



antigas entre os colegas ainda vivos, tendo exercido a advocacia, em todas as áreas do Direito. No início da carreira atuou em diversos júris, inclusive como defensor dativo. Em meados do ano de 1999, pela gravidade de sua enfermidade, viu-se obrigado a deixar de exercer sua profissão.

Foi professor universitário, jubilado pela UPF, tendo lecionado na Faculdade de Direito local, Direito de Família e Sucessão, e Direito das Obrigações, ocasião em que participou de vários seminários, integrando a mesa organizadora, e deslocando-se com alguns de seus alunos ao domicílio dos conferencistas, a fim de convidá-los para os eventos. Participou da Diretoria da OAB/RS, Subseção de Passo Fundo, por duas gestões. Autor de publicações editadas em revistas jurídicas, tais como a Revista dos Tribunais, a Revista Forense e a Revista Síntese, sendo mencionado, ainda, na obra jurídica de Francisco José Cahali, “União Estável e Alimentos entre Companheiros”. Enquanto advogado, teve muitas de suas causas citadas em acórdãos, em diversas revistas jurídicas, entre elas, RT, RF, RTJRGS.

Foi membro da Academia Passo-Fundense de Letras, por vários anos, tendo, como patrono, Arthur Ferreira Filho. É de sua autoria o romance intitulado “Marta”, publicado em 1947, influenciando seu neto mais velho, Luís Marcelo Algarve, a concorrer a uma cadeira na digna APL.

Foi pai e avô querido e admirado pelos sete filhos, três enteados e dezoito netos.

O Dr. Jurandyr Algarve permaneceu em plena atividade até o ano de 1999, quando teve que deixar a vida jurídica



para tratar de uma enfermidade que o consumia cotidianamente. Ocupava o seu dia da melhor maneira possível, vivendo entre o escritório e a biblioteca de casa. Preparava no momento um material de reminiscências da vida profissional, com algumas críticas ao comportamento jurídico.

Vasculhando os arquivos do jornal Res Publicae, do Diretório Acadêmico João Carlos Machado, da Faculdade de Direito da UPF, encontramos uma entrevista inédita realizada pelo jornal, em 1999, com o professor Jurandyr, onde ele afirmara que a dedicação à pesquisa é a alma do estudioso do direito, e que a verdadeira pesquisa jurídica ficou em segundo plano. Em consequência disso, o exercício da profissão decaiu muito nestes últimos tempos. Segue a transcrição parcial da entrevista:

RP - No seu ponto de vista, qual é o papel do professor no ensino atual?

Jurandyr Algarve - O professor somente orienta e resolve as dúvidas encontradas pelo aluno. O aproveitamento do ensino ou a orientação ministrada será do aluno, do maior interesse do próprio aluno. Nem todos saem da Faculdade, por melhor que esta seja, com o mesmo grau de conhecimento. Esse conhecimento está intimamente relacionado com o interesse revelado pelo aluno.

RP - Existe um grande número de alunos que reclamam quanto à falta de didática de alguns professores do Direito. Isso porque a maioria dos professores são apenas advogados e,

assim, falta-lhes essa técnica de ensino. O Sr. pensa que esse despreparo técnico é decisivo na formação do aluno ou não? Por quê?

Jurandyr Algarve - Não são todos os alunos que reclamam. Daí se conclui que não é aplicável o mesmo método para todos. Assim o despreparo técnico não é fator decisivo para o aproveitamento dos alunos. Porque são heterogêneos e, como tal, numa mesma sala de aula ter-se-ia que aplicar métodos diferentes. A experiência do professor é importantíssima e ao aluno cabe procurar a doutrina do estudo a que se dedica.

RP - Como era o exercício da advocacia antigamente?

Jurandyr Algarve - Com relação à ética, temos observado que há uma falta completa hoje, o que não acontecia no passado por ser menor a concorrência. Quanto ao exercício da profissão, decaiu muito nos últimos tempos, também relacionado com a ética. Há colegas que procuram copiar as ações e as contestações, sem uma consulta prévia do advogado.

RP - Quais as principais mudanças que o Sr. vê na advocacia atual?

Jurandyr Algarve - O aproveitamento do aluno nos últimos tempos contribuiu para uma mudança sensível no exercício da advocacia. Poucos se esforçam em pesquisar. Esta pesquisa é feita unicamente pelos trabalhos elaborados pelos colegas, contribuindo para isso a "era da informática", pois as ações e as defesas são facilmente encontradas nos disquetes e nos CD's.

RP - Sabe-se que o Sr. está confeccionando uma riquíssima obra jurídica. O Sr. pode antecipar alguma coisa para a gente? Do que tratará e quando estará disponível para leitura?

Jurandyr Algarve - Não seria uma obra jurídica, porém sim, algumas reminiscências da vida profissional, com alguma crítica, é verdade, ao comportamento judiciário.

RP - O Sr. é professor jubilado de Direito Civil da Faculdade de Direito de Passo Fundo/ RS, e também jubilado pela Seccional da OAB do Estado do Rio Grande do Sul. Possui diversas publicações de sua autoria e, além disso, é o advogado mais antigo de Passo Fundo. Sabe-se também que o Sr., mesmo jubilado, não abandonou as suas atividades advocatícias e continua estudando freqüentemente essa paixão que é o Direito. Assim, que mensagem o Sr. deixaria para os acadêmicos do Direito que estão iniciando a sua vida jurídica?

Jurandyr Algarve - A mensagem que eu deixo para os alunos é a de pesquisar em bons livros do Direito e assim aprender a ampliar os seus conhecimentos. A pesquisa de bons autores e a jurisprudência não faz mal a ninguém. Portanto, pesquisar é dedicar-se ao Direito, é obra de todos.



Museu das Bonecas de Passo Fundo

ORFELINA VIEIRA MELO

o Museu das Bonecas é um projeto-semente de um mundo feliz que, através das bonecas, pretende resgatar o aspecto lúdico nas crianças. Afinal, quem nunca brincou com uma boneca? Seja ela feita de pano ou de sabugo de milho, como as de antigamente, quando meninas e meninos criavam suas próprias bonecas e bonecos; seja enfeitada e atraente como as de hoje, feitas em série e cada vez mais sofisticadas, ganhando a preferência das crianças por sua originalidade.

No Museu das Bonecas de Passo Fundo, encontramos um conjunto de bonecas, históricas, típicas, excêntricas, singelas, e várias outras que constituem o alegre universo das crianças. Trata-se de uma coleção que se multiplica com a sensibilidade, o interesse e o gosto das pessoas, tanto do público infantil como do adulto. Hoje, por exemplo, há no acervo do museu cerca de 300 bonecas, provenientes de doações e do trabalho feito por voluntárias. Elas representam diferentes países e estados, por isso vestem trajes característicos que distinguem umas das outras.



Bonecas expressão de vida e alegria

O que pretende?

O Museu das Bonecas pretende resgatar este tipo prazeroso de brinquedo, que embalou a infância de todos nós, e acalentou sonhos e projeções de meninas e meninos, e até de adultos. É uma forma toda peculiar de guardar para sempre aquelas lembranças da infância. Não é seu objetivo cultivar o saudosismo ou exalar cheiro de passado, e sim preservar, para as gerações presentes e futuras, algo construtivo e agradável. A coleção se propõe a orientar e motivar a recreação de crianças, jovens, mães e avós, levando-os a se deliciarem com as características próprias de cada exemplar, ao demonstrarem

os costumes e as tradições de diversos lugares e regiões. A vestimenta da boneca retrata a alma do povo, apresentando as origens, o clima, as atividades ocupacionais, até a forma de diversão, produção, religiosidade ou crenças.

O projeto busca também ser um ponto de encontro de pessoas e gerações, indivíduos e instituições. Ao circular ao redor das bonecas, afloram gratas recordações e comentários das avós para os netos, das mães para os filhos e amigos. Cada boneca oferece um componente social forte e significativo. Atrai um público bem diversificado. É uma opção de lazer peculiar e saudável.

Como os demais, o aspecto educativo é também importante, por desenvolver habilidades, tanto na confecção como na conservação, no enfeite como na exposição. Além disso, através das bonecas, é possível ensinar o respeito, os cuidados e o carinho que essas pequenas criaturas merecem no processo das relações, pois enfeitam este nosso universo tão hostil, até mesmo para com as indefesas crianças. Atualmente, se observa em muitas delas o espírito agressivo, vingativo e anti-social, reflexo da presença dos brinquedos eletrônicos, que reforçam atitudes egocêntricas e induzem os pequenos ao individualismo e à competição desenfreada, tão nociva ao seu bom relacionamento e crescimento harmonioso, na família e na sociedade.



Intercâmbio com representação da Espanha

Boneca companheira

É amiga fiel
Companheira infantil
Que fala e embala
O sonho pueril.

Arquiteta sonhos
Sem ocupar espaço.
Constrói castelos
Não tem fracasso.

Escuta paciente
Entende os gemidos
Da dona tristonha
Nos dias sofridos.

Alegra-se depois
Em dias festivos
Sorri como amiga
Canta feliz.

*Faz nana, nenê
Aconchega o bebê
Aquece a amizade
Traz, enfim, felicidade.*

O que já existe?

O acervo inicial oferece aos espectadores dezenas de modelos de bonecas típicas, representantes do Brasil e de países estrangeiros, obtidas com a colaboração do Cioff. Neste conjunto, há também mais de duas centenas que foram confeccionadas por pessoas que compreenderam o valor do empreendimento e promoveram doações. Outrossim, existem no museu bonecas características de alguns estados brasileiros. Mas é evidente que há possibilidade de ampliar ainda mais, tudo dependendo da sensibilidade e generosidade das pessoas que viajam a outros países e

estados brasileiros, que fariam um grande bem, ao museu e a seus frequentadores, se trouxessem de lá colaborações espontâneas.

O que já foi feito?

No ano de 2002, lançamos a idéia na comunidade passo-fundense, por intermédio do Grupo Pró-Memória de Passo Fundo, em conjunto com o Cioff. Para isso, mantivemos contato e tratativas com outros grupos, a imprensa e entidades interessadas.

Enviamos correspondência para todas as secretarias de cultura dos estados brasileiros, no entanto, só pouquíssimas responderam. Muitas informaram que não dispunham de exemplares próprios do local. O único estado que enviou bonecas caracterizadas foi o Tocantins, que nos brindou com um casal de bonecos típicos da região.

No mesmo ano, promovemos, em nosso município, um concurso aberto ao público em geral, visando à confecção e arrecadação de bonecas com indumentária gaúcha, incluindo trajes folclóricos das várias épocas. Houve interesse por parte da comunidade e expressiva participação dos artesãos de Passo Fundo.

Com o material recolhido montamos uma exposição no Bella Città, durante o VII Festival Internacional de Folclore, o que foi muito apreciado e valorizado.

Promovemos ainda intercâmbio com os grupos folclóricos presentes ao evento, os quais, na oportunidade, deixaram para o museu mimos característicos de suas regiões, e levaram a boneca Gauchinha como lembrança.

Em 2003, como parte integrante da programação da Semana do Município, foi realizada uma exposição mais



ampla e expressiva, com as bonecas já mencionadas, mais a contribuição das vovós do DATI, além de outros exemplares de época (aproximadamente 300 bonecas).

O acervo continua crescendo, ainda que de forma lenta.

A próxima exposição, que deverá acontecer durante o VIII Festival Internacional de Folclore, em agosto de 2004, está sendo preparada.

Quem colabora?

Há uma boa receptividade da parte de muitas pessoas, em diversos setores, quais sejam:

- a) na confecção – criando, consertando, vestindo ou aprimorando as bonecas;
- b) no intercâmbio – permutando com outras entidades e moradores de Passo Fundo, de outros estados e de outros países;
- c) na compra e venda – adquirindo novos exemplares e divulgando a nossa Gauchinha, com seus trajes típicos do folclore do Rio Grande do Sul;
- d) na divulgação – promovendo exposições em eventos e oferecendo à comunidade programações específicas.

O que falta fazer?

Falta muito...

O projeto ainda está em fase de implantação, e precisa ser materializado com o apoio de mais entidades e pessoas. Precisa também o respaldo do poder público, destinando-lhe um local adequado e permanente, além de verbas para sua manutenção e ampliação.

Trata-se de uma iniciativa que tem tudo para dar certo, projetando Passo Fundo como opção turística e tornando mais feliz e criativo o mundo das crianças.

(Orfelina Vieira Melo é coordenadora do Grupo Pró-Memória de Passo Fundo, membro



Bonecas confeccionadas pelas “vovós”

Epitáfio de um gaúcho da gema

ANTÔNIO CLÁUDIO ROTTA

Peço licença aos senhores,
E permissão a meu patrão maior.
Já tirei o meu chapéu.
Volvo meus olhos ao céu
E faço o sinal da cruz,
Pra homenagear alguém
Que se encontra lá no além,
Na internada de Jesus.

Que ele aceite esta homenagem
De um gaúcho beletrista
Que procura ser correto,
Pois, quem na história é seletto
Me deixa na obrigação
De forçar minha memória,
Pra lembrar sua história
E seus feitos, neste chão.

Tu foste, **Leonel Brizola**,
Mais livre que os quatro ventos.
Trazias presa nos tentos
A chama da liberdade.
Foste um vivente modesto,
Cabra íntegro e honesto,
Que mostrava serenidade.

Começaste ainda guri
A lutar num descampado,
E cada ideal alcançado
Tu tinhas como o primeiro.
Levaste uma vida pobre,
Mas índio mui guapo e nobre,
Te formaste um engenheiro.

Quando alguém te provocava
Ou urdia alguma intriga,
Entravas firme na briga,
Revelando teu valor.
Ficando assim conhecido,
Como um qüera destemido,
Chegaste a governador.

O Rio Grande governaste,
Mostrando que tinhas tino,
Revelando tua paixão.
Espalhaste a luz e as letras
Entre toda a gurizada,
E crente de que o saber
Não é luxo nem esmola,
Construíste tanta escola,
Centenas de brizoletas,
Por todos estes rincões.

Transformaste este Rio Grande,
Num grande galpão de estância,
De porta aberta, sem trinco,
De ampla democracia.
É o simbolismo que eu sinto
No teu ardor de gaúcho,
Pregando, contra o repuxo,
Liberdade e valentia.



Quando veio a ditadura,
Contrariando teus ideais,
Logo chamaste os iguais
À cruzada legalista.
Tua alma nacionalista
Se revelou um baluarte,
Ao enfrentar o descarte
Que te cobriu de amargura.

Neste Rio Grande querido,
Tua lição deixaste feita,
Foste até a mão direita
Do povo humilde e sofrido.
E depois de tanto auxílio,
Pro rancho triste do exílio,
Tu foste embora, ferido.

Mas um dia tu voltaste,
Herói nos braços do povo.
Começar tudo de novo
Era o grande desafio.
Partiste para a empreitada,
Vencer a grande jogada
De ser governador do Rio.

Batalha ganha, era urgente
Vencer também outra guerra:
Domar a temível fera
Do capitalismo demente.
Pra conseguir este feito,
Havia somente um jeito:
Precisavas ser eleito
Do Brasil, o presidente.

A vida não é maleva,
O homem que é traiçoeiro.
Te puseram num entrevero
Que, até parece impossível,
Mas quase te derrubou.
Tombaste desanimado,
Porém, te ergueste apumado,
Pra nova batalha bruta,
Pois, enfrentar nova luta,
Tua sina te ordenou.



Viveste então guerreando
Contra um inimigo da peste
Que, violentamente, investe
Contra teu corpo cansado,
Fraco, abatido, esgotado,
Sem forças para a reação.
Tronco velho e desgastado,
Estava o destino traçado.
Como o inverno que esporeia,
Te meteu numa peleia,
Cruelmente, sem razão.

Da velhice, se tramaram
Os tentos, num laço rude,
Aporrinhando a saúde,
Deixando-te na fraqueza.
Mas sem perder a firmeza
Da palavra soberana,
No peito mataste os golpes
Das batalhas infelizes,
Que deixaram cicatrizes
De traições e desenganos.

O branco dos teus cabelos,
Uma espécie de coroa
Tecida de muitas geadas,
Ornada de destemor,
Simbolizava, por certo,
Lá do exílio as madrugadas
De sofrimento e de dor.

Como prova de lealdade,
Somos gratos pra contigo.
Terás teu eterno abrigo
Em São Borja e no Rio Grande.
Para sempre, em todo o instante,
Seremos teu sol levante,
Sol da luta, da igualdade.

E depois do bem plantado,
Tomando o rumo do céu,
Levaste junto um sovéu,
Presente ao patrão do além,
Que tu entregaste em segredo
Ao bom velhinho São Pedro,
Que é gaúcho também.

Que a paz esteja contigo,
Em nome do Pai e do Filho,
E do Espírito Santo. Amém.



(Versos adaptados de João Pantaleão Leite por Antônio Cláudio Rotta, Cirurgião-Dentista, de Espumoso/RS.)

entrevista

entrevista

entrevista

entrevista

A can- ção política de

UBIRATAN PORTO

Por volta de 1863, quando da iniciação poética de Antônio de Castro Alves, os maiores vultos do Romantismo já haviam falecido, enquanto Gonçalves Dias iria falecer no ano seguinte. Restava apenas Fagundes Varela, cuja existência seria consumida numa peregrinação pelos sertões, inconformado com a morte prematura de um filho.

Salvo algumas exceções, como o poema *Pedro Ivo*, de Álvares de Azevedo, e meia dúzia de poesias escritas por Junqueira Freire, todos eles omitiriam a realidade nacional, eivada de injustiças e desigualdades aviltantes.

Tocaria, assim, a um jovem baiano a tarefa de retratar a situação dos brasileiros e evocar um futuro mais fraterno e venturoso, na esteira de seus versos contundentes.

A par de uma reação aos rígidos padrões estéticos do Classicismo, o Romantismo florescera durante a ascensão ao poder, da burguesia, e a afirmação do Capitalismo no final do século XVIII, forjado pela revolução industrial e o fortalecimento das nações. Porém, passadas algumas décadas, os ideais

desfraldados pela tomada da Bastilha haviam sido deturpados, a monarquia ainda imperava em vários países, e o trabalho operário, apesar de indispensável à acumulação do capital, chegava ao nível mais degradante.

A insurgência contra esse quadro infame de opulência e miséria suscitaria as mais diversas interpretações do pensamento filosófico, desde as teorias de Hegel até a definição de um caminho científico nas páginas do *Manifesto Comunista*, elaborado por Marx e Engels, em 1848, um ano após o nascimento de Castro Alves.

Por seu turno, destoando do restante da América republicana, o Brasil continuava atrelado à imagem mítica do imperador Pedro II, cujo governo usufruía uma paz aparente, obtida pela pacificação das rebeliões regionais. Não levava muito a sério, por isso, a boemia despreocupada e inconseqüente daqueles jovens intelectuais anestesiados por um lirismo piegas e a mórbida obsessão pela morte, a maior parte ceifada na flor dos anos pelo flagelo da tuberculose.

Embora influenciado inicialmente por esse vírus nefasto que curti o langor pessimista dos *Spleens*, do qual o poema *Mocidade e Morte* é o melhor exemplo, Castro Alves desviaria seu estro para os temas palpitantes da época, emprestando um novo tom ao discurso da poesia. Afinal, vivia numa terra penalizada pelo atraso de uma economia agrária baseada no latifúndio, onde a riqueza era partilhada por uma minoria e o povo ficava à margem da escolha de seus governantes.

Por outro lado, uma grande parcela da população era ainda vitimada por uma nódoa praticamente abolida no

Ocidente : a escravidão da raça negra, traficada desde a África e segregada a ferro e fogo em solo americano, ao longo de três séculos.

A opção

De descendência luso-espanhola, e pertencendo a uma família tradicional da Bahia, o inspirado bardo, além de poder arrebatrar o coração das donzelas com seu porte de galã, tinha tudo para granjear a simpatia e as benesses da elite tupiniquim.

Por que raios, então, arriscar seu futuro com um verso voltado para os oprimidos e os excluídos ? Em vez de representar um arroubo passageiro da mocidade, a compreensão do espectro social e a lógica verossímil da sua obra desautorizam essa simplória dedução.

Modismo também não seria, posto que seu versejar contrastava frontalmente com o cantar poético em voga. Outrossim, não poderia ser acusado de oportunismo ao atacar o modelo político vigente, já que estava atraindo o ódio da aristocracia e a sanha dos seus algozes.

Insosfismável, contudo, que ao enfocar o drama dos seus patrícios e dar voz local ao estilo de pensar alto praticado pelo francês Victor Hugo, anteciparia em quase meio século a postura crítica e instigante de escritores do porte de Lima Barreto e Euclides da Cunha.

Endossaria, por fim, uma dicotomia presente desde os primórdios da diáspora humana, pautada pela intervenção de indivíduos determinados a eliminar os efeitos perniciosos do egoísmo e da indiferença, sensibilizados com o sofrimento dos fracos e dos deserdados.

O canto político

Extrapolando a mera constatação das carências e vicissitudes da sociedade, a gesta de Castro Alves foi mais além. Enveredando para a solução política, apontaria o caminho da libertação.

Inobstante desconhecesse a via socialista e a destruição programática do

regime capitalista, ao pregar, no antro da monarquia, a implantação da república e a abolição da escravidão, assumiria a posição de um arauto da boa nova, um partidário da ruptura radical do sistema que vigorava no país. Enfim, um militante da transformação.



Alguns episódios ilustram essa linha contestatória, emoldurada pelo brilho e eloquência da sua oratória. Certa vez, aproveitando a presença dos senhores de engenho, divulgaria a mensagem luminar de *O Século*, alertando para a incúria do poder religioso: “*Quebre-se o cetro do Papa / Faça-se dele uma cruz / A púrpura sirva ao povo / Pra cobrir os ombros nus*”. Não satisfeito, lançaria, em outra ocasião, na face dos fazendeiros do café, também donos de escravos, a verdade insofismável que chicoteia cada verso do poema “*O Navio Negreiro*”, denunciando a cumplicidade hipócrita de um povo “*que a bandeira empresta / Pra cobrir tanta infâmia e covardia*”.

Entrementes, sua conduta pública ultrapassaria os limites da retórica: em Recife, após assistir à prisão de um orador republicano, ocuparia o lugar dele, abordando o mesmo mote subversivo. Mais adiante, participaria de uma sociedade abolicionista secreta, formada por simpatizantes e colegas da Faculdade de Direito de São Paulo, entre os quais o conterrâneo Ruy Barbosa, com o objetivo de dar apoio e guarida aos escravos que fugiam do cativoiro.

Utilizando uma linguagem inflamada e muitas vezes áspera, bem ao gosto do bordão jacobino, a poética castro-alvina está repleta de evocações que encorajam um levante popular, em prol do banimento de toda a opressão e exploração impostas pela casta dominante:

Do braço o clarim suspenso, / O punho no sabre extenso (...) *Perpassa a Revolução! (...)* *Então repeti ao povo: / Desperta do sono teu! (...)* *República! Vão ousado / Do homem feito condor! (Pedro Ivo); Hoje há salário p'ra qualquer trabalho / Cinzel ou malho, ferramenta ou pena! / Melhor que o Rei sabe pagar ao pobre (...)* *Abre-se a choça aos Miseráveis de Hugo (Poesia e Mendicidade); Maldição sobre ti, rico devasso, / Embriagado não vês / A criança faminta, que na rua / Abraça uma mulher pálida e nua / Tua amante*

talvez! (Confidência); Nem mais um passo! Cobardes! / Nem mais um passo, / Ladrões! / Se os outros roubam as bolsas / Vós roubais os corações! (Tragédia no Lar); Cai, orvalho de sangue do escravo / Cai,

orvalho na face do algoz / Cresce, cresce, seara vermelha / Cresce, cresce, vingança feroz (Bandido Negro); Ó pátria, desperta (...) */ Não miras na fimbria do vasto horizonte / A luz da alvorada de um dia melhor? (América); Vós, que o templo das idéias / Largo, abris às multidões / P'ra o batismo luminoso / Das grandes revoluções (O Livro e a América); Das cristas do Himalaia aos píncaros dos Andes / Quebram-se as cadeias, é livre a terra inteira (O Vidente); Homens! Esta lufada que rebenta / É o furor da mais lúgubre tormenta / Ruge a revolução! (Estrofes do Solitário); Não calqueis o povo-rei / Que este mar d'alma e peitos / Com a vaga de seus direitos / Virá partir-vos a lei (O Século); Eu sei que ao longe, na praça / Ferve a onda popular (...)* *Sobre o ovo da utopia / Que guarda a ave do porvir (Adeus, meu Canto).*

Para melhor identificar essa distinção entre intento e perspectiva, ao apelar para a benemerência, no poema *Quem dá aos Pobres, empresta a Deus*, sua lavra procurava minorar a penúria das viúvas e órfãos dos soldados que lutaram na guerra do Paraguai. Porém, ao propor a eliminação do regime monárquico e a insurreição do povo pelas armas, seu verso estava traduzindo uma vontade de mudança institucional. Daí a definição exata do seu canto: não apenas social, mas político.

Ou, mais precisamente, político-social.

Ser ou não ser

Ao compor uma poesia ligada às aspirações coletivas, Castro Alves acabou introduzindo em nossa literatura o célebre aforismo do príncipe Hamlet, reproduzindo o dilema que cruza a existência de todo artista: exilar-se numa torre de marfim e passar em brancas nuvens pelo conflito dialético dos homens, ou descer à arena real, assumindo a condição de cidadão integrado ao clamor que pulsa e emana das ruas.

Algo que seus contemporâneos haviam solenemente ignorado, ou quando muito, idealizado, sem olvidar o retrocesso das gerações seguintes, quando os vates parnasianos estariam preocupados apenas com o esmero da forma, e os simbolistas seriam anestesiados pela fuga *nefelibata* dos seus fantasmas e missais.

Evidente que o repertório da poesia é livre e ilimitado, o que inclui o campo lírico, em cuja seara o autor das *Espumas Flutuantes* foi igualmente pródigo e exuberante, ao descrever a mulher como um ente concreto, não empírico, além de pintar com a maestria de seu gênio precoce a natureza e outros instantâneos da vida. Sua obra, por isso, é mais completa e tem sobrevivido ao curso dos anos, sendo lembrada e recitada a cada geração como um exemplo de humanismo e superação. Como ressalta Vicente de Azevedo, no livro *O Poeta da Liberdade*, o marco rutilante da sua passagem pertence à estirpe daqueles seres raros que esculpem “*o lema do Bem-Comum, sem o qual não se alcança os horizontes do Trabalho, do Progresso, do Amor e da Paz*”.

Louvores à parte, o motivo determinante que desviou do individualismo egocêntrico os membros da Escola Condoreira foi o afastamento da influência



negativa do inglês Lord Byron. Nomes como Pedro Luís e Tobias Barreto, sem olvidar a contribuição de Luís Gama, autor de uma impagável sátira à realza imperial, intitulada *A Bodarrada*, optaram pela reprodução dos embates libertários, construindo com paixão e emoção uma poesia calcada em rompan-tes épicos, metáforas grandiloqüentes e hipórbolos ousadas.

Uma profissão de fé sintetizada por nosso bardo em algumas passagens marcantes :

Oh ! Maldição ao poeta / Que foge – falso profeta / Nos dias de provação ! (Adeus, meu Canto); Quem és tu, poeta? A lâmpada da orgia / Ou a estrela de luz, que os povos guia / Á nova redenção ? (Confidência); Também deixa o poeta a selva escura / E traz alguma estrofe que fulgura / P'ra legar ao porvir ! (Sub Tegmine Fabi).

Por conseguinte, negar ou menosprezar essa tendência literária é defender uma forma velada de censura, além de pactuar com o beletrismo que atende aos interesses da elite dominante, cujos pruridos urdidos pelo chiste reacionário e conservador são um reconhecimento, segundo o português José Barata Moura, da eficácia da canção política. E mesmo sendo a qualidade estética um requisito indispensável, não é o único fator decisivo, visto que outros valores, como a beleza, a harmonia e a técnica, não valem por si, mas somente como partes integrantes de uma obra ou produto cultural que acabam fatalmente interagindo com a função social desempenhada pela arte.

Polêmica ou não a questão, visto abranger o confronto de interesses ideológicos distintos, custa crer que um poeta, inserido num contexto de miséria e violação do mais elementar direito humano, possa omitir-se e fechar os olhos para o cotidiano a sua volta, negando o próprio ar que respira. E, nas vezes em que dedica uma parcela da sua produção artística a uma atitude engajada, seja aconselhado a não cultivar esse tipo de temática e entrar num partido político, como ironiza Mário Quintana.

Tais disparates, em verdade, sinalizam o divisor de águas de uma surda batalha que tem acompanhado a trajetória da humanidade, da qual, direta ou implicitamente, nenhum artista escapa. Uns são talhados a servir, como os velhos bufões, ao deleite dos senhores do raio e do trovão, enquanto outros, mais resolutos e audazes, tentam ajudar a semear

o almejado ciclo, mesmo que utópico ou distante, da bem-aventurança e da felicidade coletiva.

Felizmente, atestando que o homem, consciente ou alienado, participativo ou acomodado, é um animal político, o grupo de praticantes da segunda hipótese é mais amplo e significativo, a começar pelos vultos mais expressivos do modernismo brasileiro, autores de versos memoráveis que dignificam o cancionero pátrio : Mário de Andrade (*Ode ao Burguês*), Manuel Bandeira (*Rondó dos Cavalinhos*), Carlos Drummond de Andrade (*A Rosa do Povo*), Vinicius de Moraes (*Hiroxima; Operário em Construção*), João Cabral de Melo Neto (*Morte e Vida Severina*), Ferreira Gullar (*Poema Sujo*), Thiago de Mello (*Os Estatutos do Homem; Faz Escuro mas Eu Canto*). E assim por diante.

No entanto, esse credo solidário seguidamente tem cobrado um alto preço. Conterrâneo do badalado vate dos *Quintanares*, e detentor de uma obra poética substancial, Laci Osório não mereceu o mesmo beneplácito da mídia oficial, por causa da sua inclinação política. Como ele, vários cantadores, que ousaram afrontar a ira dos tiranos e ditadores, acabaram provando o gosto amargo da prisão, provação essa agravada no caso do chileno Pablo Neruda e do padre Ernesto Cardenal, da Nicarágua, pela pena do exílio. Outros seriam vítimas de uma execução sumária, como Federico Garcia Lorca, fuzilado durante a guerra civil espanhola, ou enforcado pelo regime racista da África do Sul, como Benjamim Moloise.

Talvez a melhor explicação para essa escolha, que tem seduzido a lira dos poetas, e que levou o russo Vladimir Maiakovski a propagar o surgimento de uma nova era, pelos confins da União Soviética, repousa no fato dos escritores trilharem um caminho diferente de outros segmentos artísticos, que se submeteram aos favores e humores do mecenato, constituindo, assim, uma classe que, por força da sua altivez e autonomia, não se curva ao jogo dos poderosos, encarnando uma espécie de consciência do mundo.

Além disso, não é preciso entender da questão social para exercitá-la, como proclama Mário Quintana, na abertura do seu *Soneto V*, muito menos mergulhar nos jargões da economia, da história e da política, critérios considerados secundários, uma vez que os artistas dispõem da chamada liberdade poética para



usar a criatividade, inclusive quando resolvem transmitir sua impressão em torno das lutas e necessidades materiais do seu tempo.

Humania em forma de rebeldia ao portador, o fato alvissareiro é que essa messe tem sido cultivada desde então por todos os motes e fins. Da récita ao texto impresso. No palco, na rua ou nos meios eletrônicos de comunicação. Onde possa e deva estar a poesia, como uma chama reflexiva que dormita nos braços da liberdade e navega no conturbado mar da esperança, sempre pronta a exorcizar e combater os argumentos dissimulados da arte neutra. Porque virtual e inexistente.

Enfim, uma senda oposta aos louros da glória passageira e que busca tão somente acalentar o singelo anseio de cidadania, que pulsa e viceja no coração do mais humilde habitante da Terra. Algo que o tambor retumbante de um intrépido moço do Império soube tão bem definir e interpretar :

*Basta escutar do fundo lá da cova,
Dançar em vossa lousa a raça nova
Libertada por vós.*

(Palestra proferida em Porto Alegre, durante a Semana Nacional de Castro Alves, promovida pelo GLCA, em 14 de março de 1991, por Ubiratan Porto, ex-membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, e, hoje, mora em Capão da Canoa.)

Tributo a um Professor

ELIZABETH SOUZA FERREIRA

a minha infância, lembro bem, passava freqüentemente pela Rua Moron, onde funcionava o gabinete dentário do dr. Antônio Preto, e olhava, curiosa, para o muro lateral, que separava aquela casa de uma outra, e ostentava, em letras garrafais, os dizeres: “Leciona-se: Inglês, Francês, Espanhol, Italiano e Alemão”.

Aquilo me chamava a atenção e eu ficava a imaginar quem seria o genial professor, tão culto, que conhecia tantos idiomas. Disseram, certa vez, que se tratava de um homem, de nacionalidade alemã, que residia havia anos no Brasil. Chamava-se Juan Pedro Ottenstein. O nome pomposo aguçara-me ainda mais a curiosidade juvenil, despertando-me também a vontade de falar a língua de outros povos.

Ali, diante de mim, começara a funcionar o primeiro curso de idiomas que Passo Fundo conheceu: o Yázigi, cujo diretor era justamente o genial professor em questão.

Quis, no entanto, o destino, que eu não o conhecesse naquela época, uma vez que acabei sendo matriculada na Escola Fisk, que surgiu um tempo depois, na Avenida Brasil.

Observava, porém, e sempre que podia, ao longe, aquele homem baixinho, com um elegante chapéu na cabeça, óculos pequenos e uma pastinha de couro sempre à mão. Seguia silencioso o seu caminho e retirava o chapéu, educadamente e em sinal de respeito, aos conhecidos que encontrava pela rua.

Os anos se passaram, desde o meu tempo de menina até a época de entrar para a faculdade, onde, pela primeira vez, tive a felicidade de conhecer de perto a figura encantadora que sempre me cativara, e cuja expectativa de vê-la tanto me castigava. Era o professor Juan Pedro. Ele nos dava aulas de História da Arte e jamais esquecerei a maneira incomum com que nos tratava. Pude

constatar que ele não só conhecia vários idiomas, mas era dono de uma cultura muito vasta, dado às viagens que havia feito pelo mundo. Contava-nos que havia conhecido pessoalmente Eva Perón, durante sua permanência na Argentina, onde residiu por muitos anos. Um dia, em visita à Casa Rosada, tomara chá com Evita, prenda que ela mesma desenvolvera. Contou-nos tudo sobre aquela mulher maravilhosa e humana.

Chegar, assim, a conhecer um homem culto que estivera em presença de personalidades tão ilustres era uma honra para mim, menina humilde, e para nossa turma toda, pois nos fazia orgulhosos.

Concluído o curso, resolvi dedicar-me ao comércio livreiro. Gostava de ficar à porta, para apanhar o sol da manhã. Um dia, quando menos esperava, recebi a visita do meu ex-professor Juan Pedro. Suas visitas tornaram-se freqüentes e iniciamos, assim, uma grande e bela amizade. Pude constatar tratar-se de um homem espiritualizado, sempre em busca de conhecimentos mais profundos a respeito da alma humana. Era um homem extremamente bondoso e não tinha maldade alguma em seu generoso coração.

Quando ingressei na Academia Passo-Fundense de Letras, lá estava o querido professor Juan Pedro. Era meu confrade. E, a convite dele, passei a freqüentar a Cultura Artística. Privilegiada, pude vê-lo tocar piano, violino e flauta.

Juan Pedro foi um dos homens mais cultos e brilhantes que conheci. Depois de muitos meses sem vê-lo, fui surpreendida com a notícia de seu falecimento. Não pude sequer despedir-me dele, como tantos outros, só soube de seu desenlace físico uma semana depois do fato ocorrido.

Enfim, ele se foi. Deixou para trás sua esposa, Odete, e duas filhas, Rafaela e Ana Cecília. Além de muitos amigos, é claro. Sei que o mais correto seria homenagearmos os entes queridos ainda em vida. Não pude fazê-lo em tempo, porém. Como um consolo, então, faço-o agora: nossa Academia e eu somos-lhe gratos, velho mestre, pelo privilégio de termos tido lugar tão nobre, como era o seu coração. Muito obrigado, e que a paz do Senhor o acolha noutras dimensões!

(Artigo originalmente publicado em O Guarani, ano 1, n.º 2, p. 6, junho/julho de 1997.)



As suítes de Bach

JUAN PEDRO OTTENSTEIN,
in memoriam

Em 1723, Johann Sebastian Bach iniciou suas atividades com os Cantos de São Tomás, em Leipzig. Desde então, foi obrigado a consagrar-se à música religiosa, sendo que sua atividade criadora tinha sido anteriormente devotada, em Cöthen, à composição de concertos, sonatas e suítes.

No entanto, em 1729, Bach assumiu a presidência do Musikverein, fundado por Telemann. Assumiu, também, o Collegium Musicum da Universidade, sendo assim dirigido a um novo campo de atividades, o que lhe permitiu a execução regular da música profana.

Parece provável ter sido por ocasião dos concertos do Collegium Musicum que Bach estreou suas suítes. Tanto o estilo como a distribuição instrumental dessas obras orquestrais brilhantes levaram a pensar que tivessem nascido ainda em Cöthen, sendo, contudo, interpretadas em Leipzig, em forma parcialmente modificada.

O título francês de suítes, bem como os nomes das danças que as compõem, se refere à França, onde o florentino Jean-Baptista Lully havia começado, desde cedo, a reunir em suítes as danças de seus ballets, ou Opera-Ballets.

Uma evolução paralela teve lugar com a arte refinada dos alaudistas e clavecinistas franceses do século dezessete.

Finalmente, eles penetraram na Alemanha, graças a Froberger. Este desenvolvimento histórico

permitiu a eclosão de uma nova forma, baseada no esquema seguinte: Allemande, Courante, Sarabande e Gigue, esquema que cada músico amplificaria de acordo com seu próprio gosto. Quanto ao ritmo de dança, este foi conservado nas suítes puramente instrumentais, sendo reencontrado até em Bach, cujas “Suítes e Partitas” conferem com este gênero aperfeiçoado, especialmente

quando interpretadas no estilo francês, seu nível mais elevado e supremo.

As antigas danças, em toda a sua diversificação, não regulam apenas o movimento das pernas. Sejam elas originárias da corte, da cidade ou da campanha, descobre-se sempre nelas um elemento expressivo que ultrapassa a figura dançada ou a forma rítmica.

Cada dança era, devido a seu movimento rítmico e por sua linha melódica, a expressão de um sentimento afetivo. Essa multiplicidade de sentimentos, tal como é refletida na doutrina dos temperamentos, aparece igualmente nas formas rígidas dos tipos de danças.

Daí, em Bach, o concatenamento harmonioso dos movimentos de uma suíte, junto à associação íntima da dança e da emoção.

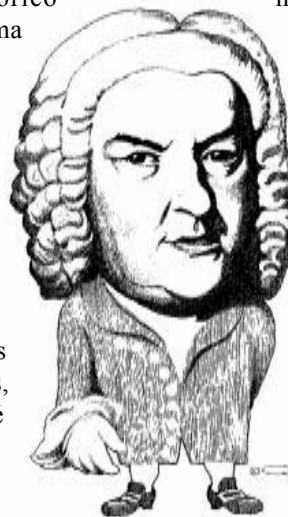
As suítes para orquestra são obras individuais, tendo, no entanto, mais semelhança entre elas do que Bach conferira a obras de um estilo idêntico de um mesmo ciclo, como por exemplo, os “Concertos de Brandeburgo”. Dessa feita, os movimentos iniciais possuem uma estrutura interna semelhante, fazendo abstração das variações de ritmo das introduções lentas. Muito semelhante é também a construção de algumas danças. É assim que Bourrés, Gavottes e Menuetos não diferem em nada, em seu desenvolvimento rítmico, nem em sua linha melódica ou harmônica.

Sem embargo, a partir daquela data, aparecem diferenças que fazem das quatro suítes, apesar do que possuem em comum, quatro obras bem individualizadas. Manifesta-se em cada um de seus movimentos e em cada um de seus compassos, contradizendo a rigidez das formas, a linguagem completamente pessoal do compositor, principalmente a alternância dos jogos polifônico e harmônico.

Bach cria um equilíbrio ideal entre essas duas forças. A sua linha musical é animada de poderosas vozes individuais, cuja concepção desloca-se, no entanto, sempre em direção da harmonia.

Por outra parte, os desenvolvimentos harmônicos possibilitam, constantemente, a expressão autônoma das diferentes vozes.

A estrutura harmônica e a textura polifônica, em concordância, são





elementos que proporcionam característica especial às danças, construídas de acordo com um plano precisamente definido.

Nos “Concertos Brandeburgueses”,

Bach quis apresentar toda a gama de possibilidades sonoras de uma música de câmara, confiada a uma orquestra mais ampla, sendo que esta era a preocupação do Mestre, passar a segundo plano nas quatro suítes.

De fato, a segunda Suíte, em Si Menor (BMV 1067) para flauta transversal, cordas e baixo contínuo, pode ser considerada quase um concerto moderno para flauta

transversal e cordas. A distribuição instrumental lembra a “Suíte em La Menor”, de Telemann. Esse parentesco permite, contudo, comprovar a origina-

lidade do estilo de Bach.

Toda a obra exige o respeito de sua distribuição e de sua arquitetura. É por esse motivo que a Suíte n.º 2 é interpretada em tonalidade mais grave, conforme o período Bachiano de Leipzig, ou seja, meio tono abaixo do executado na atualidade. No que se refere à distribuição instrumental, esta, também, se conforma à época. A execução foi confiada unicamente a solistas, para destacar a sonoridade delicada da flauta.

(Artigo originalmente publicado no Anuário da Academia Passo-Fundense de Letras, p. 259-261, 1976.)

Poesia

SIMONE MÜLLER CARDOSO

Desejo

Uma noite acordarás
De um sono solto
E hás de continuar sonhando.
Encontrarás um corpo de mulher
Ao teu lado (serei eu, talvez?)
E buscarás teu complemento.
... é nesta busca sem data,
De aconchego e emoção,
Que se instalará a partilha...
À medida que o instante passa,
O sonho se esvazia e se desfaz.
Volta a ser desejo
Que viaja e torna a regressar.
Não há mais ninguém. Não há mais motivos.

Novamente a noite

A noite exerce um domínio
através da escuridão
que nos remete ao nada,
ao medo, ao vazio e ao silêncio.
Os segredos pairam.
Os corpos silenciam.
E a mente vaga...
por lugares desconhecidos.
Sai em busca de fantasmas do passado,
de sonhos perdidos,
de lembranças...
Para onde vamos?
Para onde fomos?
Para onde queremos ir?
A noite traz o reflexo dos desejos
em sonhos.



Horas de silêncio

É perigoso saber
que o que inflama o coração
não é algo dissolúvel...
Tem caráter de urgência...
É natural
fotografar o pensamento
e cair no abismo
de uma estranha profundidade
desconhecida: o sentimento.
É forte,
atrai a dúvida
e se alimenta
de pedaços da vida...
Nada sabe e tudo pode...
É significativo,
tocando o intocável,
delatando o que não se deixava ser espontâneo.

(Simone Müller Cardoso é psicóloga, pertenceu à Academia Passo-Fundense de Letras, e, hoje, vive em Montenegro/RS.)

Travessuras

A minha mão
Te tateia,
Te procura
No escuro da paixão
Desta teia, imenso turbilhão
Que é a vida,
Cheia de inusitadas surpresas.
Longe, talvez nas estrelas,
Nas estradas,
Estou aqui, ali,
Para que só tu me reconheças,
Me traduzas entre mil rostos,
Mil disfarces, ensaios e erros,
Tentativas de amor.
A minha voz
Te procura
Dentro do impossível.
Te toca
Na alma masculina,
Ressuscita o menino adormecido.
Não há pressa...
Espera...
Vamos nos encontrar
Numa travessura do destino
E compor a melodia do começo.

Homenagem a Iva Micalosky

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Este trabalho faz parte da homenagem prestada a Iva Micaloski, quando da sua partida para Florianópolis, Santa Catarina, em nome de todos os alunos, funcionários, pais e professores da Escola de Danças Ballerine.

As estrelas pequeninas sentem-se perdidas na imensidão do palco e na escuridão da noite, sem a presença da estrela-mãe para iluminá-las e guiá-las, com passos firmes e seguros na direção correta. Mas, quando ela chega, basta um olhar, uma expressão, para saberem como estão se conduzindo.

Basta um sorriso para incentivá-las.

Basta um aceno para reagirem.

Basta um aplauso para se encherem de esperança.

Quando uma bailarina cai, lá está a mão amiga estendida, para levantá-la.

Quando uma bailarina tropeça, lá está o apoio, para que tente mais uma vez.

Quando uma bailarina chora, lá está o ombro amigo de que precisa para desabafar.

Quando uma bailarina desanima, lá está a palavra certa, na hora exata, para despertá-la.

Quando uma bailarina erra, lá está a professora vestida por inteiro de compreensão.

Quando uma aluna parte, um pedacinho de sua alma segue para longe. Quando uma aluna retor-



na, seu coração palpita feliz.

Quando uma aluna chega, sua alma se expande.

Sem ela, parece que as coisas não funcionam.

Sem ela, parece que nada anda.

Ela, simplesmente ela, mesmo distante um pouco, estimula os saltos, as difíceis posições.

Quando uma bailarina dança, seu coração também dança. E o mundo inteiro parece dançar.

Quando uma bailarina sai de cena, o palco fica vazio, mas, por trás das cortinas que se fecham, fica um rastro luminoso de sementinhas prontas para germinar, no cenário da vida. Afinal, todos estamos cumprindo um determinado papel nesta existência. Uns

têm mais jogo de cintura e se movimentam com mais facilidades; outros têm menos experiências e sofrem um pouco mais para aprender a se mexer. Mas, na verdade, todos estamos

dançando algum tipo de música, mesmo sem perceber, encantando alguns e desagradando outros, talvez. Porém, o principal é sabermos que a vida é movimento, agitação, ansiedade, harmonia, equilíbrio e cansaço.

Querida Ivã!

Existimos, e, por isso, temos uma vibração que é característica nossa. Estamos vivos e amamos esta vida que tu nos ensinaste a tornar maravilhosa. Tu nos ensinaste a enchê-la de brilho e graça. Tu nos tiraste do anonimato e jogaste luzes coloridas sobre nossas cabeças. Tu acreditaste nas nossas potencialidades e nos permitiste desenvolvê-las.

Como é extraordinária a tua presença entre nós! Infelizmente subirás em outros palcos que o destino colocará a tua frente, mas nós jamais esqueceremos as tuas sagradas lições.

Seguiremos pelo pensamento os teus passos, e teremos certeza que nos acompanharão de perto o sucesso e as realizações que acontecerão em tua homenagem.

Todo o nosso carinho para ti!

Passo Fundo, outubro de 2001.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 10, que tem como patrono Monteiro Lobato.)





O medo no médico

JORGE ALBERTO SALTON

Quando vocês deram a seus pais, aqui presentes, a alegria de nascer, caros afilhados, eu já era médico. E estes longos anos me fizeram ver que, nesta profissão, o que mais fazemos é lidar com o medo. O medo que habita o interior de nossos pacientes e o medo que, às vezes veladamente, às vezes descaradamente, penetra dentro de nós mesmos.

Será este o único tema desta última e singela aula. Primeiro direi que ser médico é sentir medo. Depois falarei sobre como lidar com nosso medo.

Os Irmãos Grimm escreveram sobre o herói que queria aprender a tremer. Ele se expunha a aventuras de arrepiar os cabelos e não conseguia tremer. Numa dessas peripécias, desencantou o castelo de um rei que, agradecido, lhe deu a filha em casamento. No leito conjugal, e não nas perigosas aventuras, ele acabou aprendendo o que tanto desejava. O novo relacionamento se solidificou e ele gritou: “Estou tremendo, finalmente estou tremendo!” O herói aprendeu a ter medo, quando passou a gostar de alguém, quando fez um vínculo afetivo.

Estamos agindo como médicos, meus novos colegas e amigos, à medida que estamos criando vínculos com as pessoas que nos procuram. Nós, médicos, aprendemos a tremer à medida que, pelo processo de escutar, de olhar, de perceber emoções, vamos criando um vínculo de tipo gente com gente.

Véspera de Natal. Concluo o trabalho do dia numa enfermaria de psiquiatria para crianças e adolescentes. Espocam foguetes. As festas já principiam. No

corredor que me levará para a saída do hospital e para o Natal, ouço passos. Atrás de mim um paciente, um menino. “Doutor, diga para... para alguém que eu estou aqui”. Curvo-me para ouvi-lo melhor e me torno um pouco mais médico. Li, depois, que um colega no Uruguai vivenciara situação semelhante. Platão, há mais de dois mil e quinhentos anos, ensinou: “Tudo está se tornando, nada é”. Na nossa profissão é assim mesmo. Estaremos sempre nos tornando. O médico uruguaio e eu, quando escutamos aqueles meninos, nos tornamos mais médicos. Ao escutá-los, aliviemos parcialmente seus temores de solidão. Essa é nossa obrigação, só somos médicos quando fazemos isso. Ao mesmo tempo, as tragédias pessoais daqueles meninos passaram a ser um pouco nossas tragédias também.

Os médicos sempre se dedicaram a olhar, o “olhar clínico”. Com todo o desenvolvimento tecnológico, com os modernos instrumentos diagnósticos que tanto facilitam nosso trabalho, estamos perdendo esta habilidade. Samuel Levine, prêmio Nobel, antes de parainfar uma turma de formandos em medicina, visitou o Museu do Louvre e postou-se, com calma e tempo, frente à Mona Lisa. “O médico que observar cuidadosamente a Mona Lisa – disse ele no discurso a seus afilhados - verá que seu fascínio provém de seu hipertireoidismo. As pessoas com alta função tireoideia tem olhos brilhantes e parecem interessantes, pois a personalidade sempre se projeta pelos olhos”. Deve ter dito: olhem para seus pacientes como quem olha para um quadro de Leonardo da Vinci. Deve ter se referido a um olhar de admiração.

Vou me voltar agora à capacidade de observar emoções no paciente. Ainda como estudante, eu aguardava o dr. Pedro Martinez, ao lado da cama de uma jovem que chorava e se contorcia de dores. Sua mãe a consolava sem sucesso. Meu professor chegou para a primeira consulta, apertou sua mão e disse: “O pior já passou”. “Como passou, se eu estou aqui desesperada de dor?” – reclamou ela aos prantos. “Passou sim” - afirmou ele –. “Até agora você sofria sozinha com sua mãe. Agora você tem também a mim e aos colegas de outras especialidades que, se necessário, vou chamar. Você tem, a partir de agora, muitos ao seu lado que estarão com você enquanto você precisar, você tem agora toda a medicina, com toda sua história e com todos os seus avanços”. Ao final da consulta, fechamos a porta do quarto com vagar, para não acordar aquela jovem que dormia a sono solto.

Os anos se passaram. Encontro outro professor, então meu colega, o dr. Prado Veppo, numa palestra. Uma reconhecida conferencista estrangeira nos transmite muitos conhecimentos, em duas horas de brilhante explanação sobre a relação mãe-bebê. Não me recordo mais de nada que ouvi na conferência. Mas me recordo da síntese da palestra que saiu espontaneamente dos lábios de meu professor, enquanto tomávamos um café: “Toda criança é um gira-mamãe”. Comentário tão despretensioso quanto definitivo de um médico possuidor de um grande tato, de um poeta: “Toda criança é um gira-mamãe”.

Falei no meu professor. Vou recuar mais no meu passado. Ambiente agitado, minha mãe aflita, meu pai preocupado. Dr. Telmo Ilha, pediatra, sentado numa

cadeira de couro ao lado de minha cama, sem pressa e com voz calma, apontou um caminho. Voltou o equilíbrio a minha casa e eu, o doente, dormi e sonhei que minha cama era uma nuvem. Criança *igual* “gira-mamãe”, mamãe *igual* “gira-médico”. Sim, é função do médico ser continente dos medos de seu paciente e de todos aqueles que querem bem ao seu paciente.

Outro dia, o dr. Telmo atendeu um irmão meu, olhou para mim e disse: “Pegue seu travesseiro e venha se deitar, amanhã você estará doente como ele”. Obedeci correndo, faceiro, como é bom ser doente: quanta atenção, quanta proteção! Como evoluíram aquelas crianças com sarampo? Teriam alguma complicação? Quantos medos deveriam afligir o dr. Telmo, uma pessoa humana que criava vínculos e que sofria, um médico. Eu me pergunto hoje: como meu pediatra lidava com os seus medos? Com o medo de perder por morte alguns daqueles seus pequenos pacientes? Com o medo de cometer um erro, um erro médico e, com ele, trazer sofrimento e sofrer também?

Meus afilhados, deixei bastante claro que os longos anos de profissão me ensinaram a importância de o médico tremer. Se um médico não aprendeu a tremer, cuidado, médico ele não é.

Começamos a segunda parte desta última aula, com a pergunta: como o médico pode lidar com o seu tremor?

Vamos abordar dois medos: o medo de ocorrer sofrimento por erro nosso, e o medo existencial e humano que sentimos, ao nos vincularmos a pessoas que estão a perigo de sofrer ou de morrer.

Para o primeiro medo: a reparação.

Para o segundo: o medo compartilhado.

“Um som de trovão”, conto do escritor norte-americano Ray Douglas Bradbury, nos faz refletir sobre a reparação. Eckels, o personagem principal, vive no ano 2055. Com o avanço da técnica, já foi possível construir uma Máquina do Tempo que permite aos habitantes da Terra organizarem sofisticados safáris ao passado.

Eckels resolve matar um *Tyrannosaurus rex*. Volta no tempo levado pelo guia Travis, que o adverte:

- Não queremos alterar o futuro, muito cuidado.

O animal escolhido era caçado segundos antes da hora em que iria naturalmente morrer. E havia que se ter extremo cuidado para não matar mais

nada. Nem um rato. Porque, matando um rato, todas as demais famílias oriundas desse rato não existiriam. Por falta de dez ratos, uma raposa morre. Por falta de dez raposas, um tigre morre de fome. Dali a milhões de anos, um homem das cavernas sai à caça e não encontra o tigre que iria encontrar e naturalmente comer. Esse homem morre antes de reproduzir. Significa que milhares de homens não mais nascerão. Um povo todo não existirá.

Eckels não pode pisar fora de uma plataforma suspensa. Ocorre que ele, num erro involuntário, se desequilibra e pisa com a bota direita na relva.

De volta ao ano 2055, Eckels observa que a sala de onde haviam partido estava lá, mas não era *exatamente* a mesma. O mesmo homem estava sentado atrás do mesmo balcão, mas o mesmo homem não estava sentado *exatamente* atrás do mesmo balcão. Havia algo diferente no aroma do ar. As mesmas ruas estavam lá, mas não eram *exatamente* as mesmas. O cartaz de propaganda do Safári estava lá, mas algumas letras eram estranhas.

Eckels imagina o pior. Examina seu calçado. Vê barro embaixo de sua bota. Retira-o e verifica que, misturado com ele, há uma borboleta morta. Que horror, matara uma borboleta! Matar uma borboleta não podia ser tão importante assim! Podia! O planeta não era mais *exatamente* o mesmo.

Como reparar? Não poderá fazer a borboleta viver de novo. Nem a Terra voltará a ser o que era. Eckels acha que não há como reparar e, culpado, pede que Travis o mate. Ajoelhado, vê Travis apontando-lhe um rifle e o último som que ouve é o som de um trovão.

Eckels errou ao não perceber que reparar sempre é possível. Reparar não significa, necessariamente ressuscitar, a borboleta, nem voltar no tempo histórico. Quando erramos em relação a um ser humano, erramos em relação a toda a humanidade. A reparação, portanto, será dirigida à humanidade.

Na medicina reparamos, reorientando o tratamento do paciente vítima de nosso erro. Como nem sempre isso é possível, reparar significa também beneficiar



mais e mais nossos futuros pacientes. Significa ir se tornando cada vez mais e mais médico.

Portanto, uma das maneiras de lidar com o medo de errar, no ato médico, é a certeza de que sempre teremos a possibilidade de uma reparação criativa.

Quanto ao medo existencial e humano que sentimos ao nos vincularmos, gostando de pessoas que estão a perigo de sofrer ou de morrer, sugiro o que chamo de “o medo compartilhado”.

Há um poema, escrito por um médico, Paulo Guedes, que me foi passado por seu filho, também médico, Paulo Sérgio Guedes, que conta do diálogo de um pai com um filho, num barco no mar. Mais ou menos assim: “Meu filho, segura o leme que teu pai vai descansar... Meus olhos já viram muito, meus ouvidos mais ouviram, meus sentimentos sentiram o que amanhã vais sentir...” O filho reluta em pegar o leme, afirma que é apenas filho e que quando a noite escurecer no mar, as assombrações virão lhe assustar: “Quem sou eu para ocupar seu lugar?” E o pai responde, explicando que ele é seu filho. Isto significa que ele é filho do filho do Pai: “... de meu pai de quem sou filho e, quando faltar o brilho do sol que clareia o mar, me repara e verás, então, que teu medo terá medo de nós três dentro de ti”.

A geração de Telmo Ilha, Pedro Martinez e Prado Veppo sentiu os mesmos medos, no trabalho médico, que a minha agora sente e que sentirá a geração que cola grau nesta cerimônia. E, sendo assim, nada mais prático do que compartilhar os medos.

Encerro, dizendo para cada um de vocês, meus novos colegas, “...teu medo terá medo de nós três dentro de ti”. Na poesia e, tenho total e absoluta convicção, aqui também, neste momento inesquecível para todos nós, o filho, após ouvir o pai, com o espírito encorajado assume a nova profissão, afirmando tão alto quanto o necessário para se impor frente às assombrações: “...dai-me o leme...deitai, descansai... dai-me o leme”.

Um forte abraço do amigo de sempre.

(Discurso proferido na formatura do curso de Medicina da Universidade de Passo Fundo, em dezembro de 2002.)

(Jorge Alberto Salton é médico, psiquiatra, escritor, sócio efetivo da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira nº 2, cujo patrono é Darcy Azambuja.)

A droga do dia



CARLOS ROBERTO HECKTHEUER

O assunto é a droga do dia: o Ecstasy. Os efeitos positivos do Ecstasy são as sensações de descontração, de proximidade do outro. O uso esporádico não teria problema, em princípio, se não fossem as reações físicas de desidratação e hiperatividade, que podem levar à morte súbita, mesmo o usuário ocasional. É como se o organismo passasse a funcionar em velocidade acelerada, daí a desidratação intensa de que o indivíduo não se dá conta, por não sentir sede. Do ponto de vista dos efeitos psíquicos, no usuário ocasional (frequência menor do que uma vez por semana), eles não estão presentes. Quanto mais aumente a frequência de uso, surgem os efeitos negativos que vão, de um quadro de ansiedade ou pânico, à depressão; algumas pessoas têm paranóia (intensos sentimentos de perseguição e ameaças) e insônia severa.

A dependência química, causada

pelo Ecstasy, é extremamente rara. A maioria dos autores considera que não existe tal dependência. Do ponto de vista farmacológico, é uma anfetamina, mas que não apresenta efeitos típicos de anfetamina. E do ponto de vista dos efeitos, parecem de um alucinógeno brando.

O Ecstasy é uma droga desenvolvida por um laboratório alemão (Merck) no início do século 20, para tratar de transtornos alimentares. Depois foi ressuscitada, na década de 1950, pelos EUA, como uma possível arma de guerra. Supunham que um prisioneiro a quem se desse Ecstasy diria a verdade, entregaria todos os segredos. Nenhuma dessas finalidades foi obtida, é claro. E ele começou a entrar no padrão de uso de agora, nos anos 1970, nos “clubs” londrinos.

Não necessariamente o uso do Ecstasy leva ao consumo de drogas pesadas. O que existe é uma certa associação com o álcool, que pode complicar os efeitos de desidratação e hipermetabolismo. Então, a rigor, uma pessoa que usa Ecstasy, para se proteger, não deveria consumir álcool, deveria tomar bastante água e não entrar em ambientes muito quentes, fechados. Aliás, todas as boates londrinas agora têm de ter ventilação e água gratuita, senão são fechadas. O governo fez isso por causa do Ecstasy.

O uso compartilhado de Ecstasy entre pais e filhos, infelizmente, é algo que tenho visto. Não é específico do Ecstasy, e é muito mais freqüente com outras drogas (maconha, principalmente), sendo uma coisa muito delicada. Eu tenho pacientes que me dizem: “Eu uso drogas, mas agora meu filho está usando e eu não sei o que fazer”. É um fenômeno que está aumentando, com grande incidência em famílias disfuncionais.

(Carlos R. S. Hecktheuer é médico e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A civilização



SANTO CLAUDINO VERZELETI

América é uma região mítica e misteriosa do Novo Continente, onde é grandiosa a natureza. Ela é a terra da fantasia, do sonho.

Tudo ali é misterioso: as civilizações desaparecidas, os tesouros fabulosos, as montanhas gigantescas, o domínio da neve e do gelo sobre o condor, que reina como senhor.

Estranha América, segundo Ruben Dario:

“Do abismo, a queixa amarga vem, sonora;

Quando o vento murmura, a onda chora.”

A terra andina esconde a história inca, e nela repousa o sangue de seus mártires.

Terra, terra, mãe de todas as raças, mundo de descanso dos homens!

Os povos rendem suas homenagens, retribuindo-lhe com sacrifícios e oferendas.

“Para vós, o oceano desata os elos das coisas,

abre-vos a terra imensa,
e Tétis vos conduz à descoberta de novos mundos”. (Sêneca)

O Império do Peru, reino denominado Biru, se estendia do Equador ao Sul do Trópico de Capricórnio, do Pacífico às florestas da Amazônia e às planícies do

Chaco.

As civilizações, no decurso do tempo, sobrepunham-se umas às outras: os Collas aos Chimus, e estes aos Incas, cujos impérios dominavam os altiplanos peruvianos.

Dentre as tribos mais valentes, citamos os Canaris e os Chancas, com seus homens guerreiros, destemidos e religiosos por natureza, um mosaico, um amálgama de civilizações diversas, um Estado artificial formado de elementos heterogêneos.

A civilização dos Chimus, talvez superior à Inca, obteve amplo domínio andino, subjugando outras etnias pela força.

A lenda das origens

“Manco Capac e seus irmãos e irmãs se gloriavam de haverem saído de Pacari-Tambo, a *Caverna do Futuro*, no primeiro dia em que o sol tomava seu lugar no céu. Eis por que se chamavam Churi-Inti, os filhos do Sol, e adoravam e veneravam o sol como seu pai.”

Suas origens são desconhecidas, uma vez que distintos e diferentes dos índios. Sua língua era diversa, sua tez clara, sua inteligência invejável.

A beleza e a alva tez das mulheres era ímpar. Agradáveis de se ver, asseadas, com longos cabelos negros caindo sobre os ombros, dando-lhes rara beleza.

Os soberanos incas construíram uma oligarquia pouco numerosa, que exercia poder teocrático, e se apoiava em quadros administrativos e militares fortemente hierarquizados.

Os que profanassem o nome do Inca ou do Sol pereciam de morte atroz.

Aos olhos dos povos do império Tahuantinsuyu, o Inca Capac, encarnava o Deus e a Nação.

“Em meu reino não há ave que voe nem folha que se mexa, se tal não for a minha vontade”, dizia Atualpa.

Todas as vestimentas, objetos, restos de comida, etc., eram tocados uma única vez, e depois incinerados no fim do ano,

pois tudo quanto esse senhor, como filho do Sol, tocasse, era sagrado e, por conseguinte, não podia ser profanado por mãos impuras.

As divindades que eles adoravam era o Mar nutriente, a Lua e a Terra, mãe de todas as coisas.

A rivalidade

Viracocha pretendia deixar o trono a Urco, seu primogênito. Pre-



cedentes houve, na história da dinastia inca, envolvendo muitas rivalidades entre irmãos, pelo poder.

Manco Copac assassinou seu irmão Aya Cachê. Mais tarde, irmãos e parentes se entredegolaram, consagrando assim a ruína do império inca.

Pachacutec, mais tarde, descobriu que Urco desejava usurpar o poder, e decidiu tomar a dianteira, com o apoio do irmão caçula, Roca, provocando Urco e liquidando-o, após curta luta.

Depois do combate, ambos pediram a Viracocha que os recebesse em audiência. O velho, embora triste pela perda do filho, não teve escolha, pois tinha outros filhos. Recebeu-os, concordando com Pachacutec.

No apogeu de Cusco, o Inca, todo-poderoso, impunha regras de tratamento ao adversário, tanto quanto possível, decapitando seu chefe como troféu de guerra, e aumentando a coleção de crânios. Funcionava um velho princípio de governo: “Odeia-me, contanto que me temas!”

Pachacutec confiou o comando das forças armadas aos irmãos Capac e Huayna que, mais tarde, após a vitória sobre os Chimus, mandou executar seu filho Apayanqui Yupanqui. Os inimigos eram deportados para outras regiões.

O povo rebelou-se contra a obrigação de fornecer guerreiros, e de enviar suas filhas para as casas das “mulheres escolhidas”, que eram concubinas dos nobres, ou então imoladas nos altares-santuários de Huanacauri.

Pachacutec, já velho, sentiu que deveria ceder o trono a Tupac. Entre suas máximas destacam-se: “A impaciência é produto de um espírito mal formado e de uma vontade que não sabe dominar-se”; “A inveja é uma doença mortal”; “A infelicidade é a bigorna da paciência”; “O poder é o principal elemento de corrupção da alma humana”. Sobre a morte do Inca: “Como um lírio dos campos nasci e cresci, mas o tempo passou, a velhice chegou, e meu corpo secou e morreu”.

Os funerais dos antigos peruanos eram de um barbarismo perturbador e espantoso. O corpo do morto era embalsamado como se vivo fosse.

O luto durava um ano. Suas mulheres se ofereciam em holocausto, estrangulavam-se, jogavam-se do alto dos rochedos e, em fogueiras.

As causas e conseqüências de sua autodestruição, de natureza mítica e psicológica, derivam da estrutura interna do império inca.



Não foi a superioridade das armas espanholas que os derrotou, mas a moral dos conquistadores. O índio crê que sua existência é dominada por potências cegas e invisíveis; por meio de sacrifícios tenta dobrá-las e, assim, mudar o curso do destino. Estranhos fenômenos se haviam produzido: meteoros rubros rasgaram os céus, tremores abalaram o solo, tempestades de violência insólita devastaram o país. Estaria em vésperas de cumprir-se a profecia que fizera Viracocha, antes de desaparecer no mar, e transmitida de geração em geração? O Deus criador de todas as coisas declarara: “Virão homens que se farão passar por meus servidores... Não acrediteis neles! No futuro, enviar-vos-ei mensageiros, homens brancos, de barba, para instruir-vos e proteger-vos. Submetei-vos a sua tutela!”

Esse anjo branco, prateado, não seria Pizarro e seus homens?

A revolta das tribos cansadas de submissão resultou na derrota final, a exemplo dos Cañaris, os quais apoiavam os invasores.

O povo cansou de ver suas filhas serem entregues ao Inca e aos nobres, e seus filhos trucidados nas guerras. Cajamarca foi o capítulo final do império inca, com a invasão espanhola.

A hora chegou

Pizarro percorreu quilômetro a quilômetro, para não lutar, pois Cajamarca não ofereceu resistência. O inca Atualpa pensava em tudo, em como atacar, já que seus espiões tudo sabiam sobre os invasores. O tempo transcorria rápido, e a insatisfação de ambos os lados chegou a seu apogeu. Atualpa estava curioso, pois os deuses já lhe tinham profetizado, sobre os homens vestidos de prata. Era o que dizia a lenda, e o Inca desejava vê-los. Quem seriam?

Pizarro já sabia de antemão que o reino passava por negros momentos. Sabia, entretanto que a curiosidade é mãe da imperfeição.

Por isso, Pizarro não perdeu tempo. Na visita que o Inca faria, tratou de armar da melhor forma seus homens e usar de todos os truques, como colocar guizos no pescoço dos cavalos para provocar mais barulho.

Curiós, O Inca desejava ver Pizarro e conversar com ele. Afinal, chegou a hora. Ambas as partes não ofereceram resistência. Na praça de Cajamarca reinava um silêncio de morte.

O Inca estava perplexo diante da atitude dos estrangeiros.

Em torno de 20 mil pessoas acompanharam Atualpa.

Um movimento dos incas, em forma de redemoinho, foi o sinal fatal para os homens de Pizarro.

Era o fim do mundo inca. Soaram cornetas, tiros, guizos, enfim, o inferno se fez presente e botou a correr aquele mundo de índios, enquanto o chefe inca era preso.

A luta durou meia hora, com os índios deixando-se chacinar passivamente. Mais de 800 índios foram mortos.

Atualpa, preso, permaneceu em Cajamarca com o pessoal de sua segurança e as mulheres da corte.

Ele foi julgado culpado e condenado à fogueira, porém, foi estrangulado, pondo fim ao império Tahuatinsuyu.

Pizarro, Desoto e Almagro também tiveram um fim trágico.

“Digitus Dei est Hic!” – “Aqui está o dedo de Deus!”

“A glória é uma flor que brota no coração dos defuntos.”

As mulheres in- cas

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Poucos povos oferecem destaque às mulheres. A civilização inca deu-lhe amparo e evidência. Coya – esposa legítima do Inca – participava de todos os eventos espirituais, junto do irmão, no templo do Inti. Ostentava um diadema de ouro de uma polegada de largura, com um motivo que representava a Lua. Seu corpo, após a morte, era embalsamado e repousava no templo do Sol.

Além das mulheres legítimas, as “sipa-coya” tinham também certas legitimidades, e seus filhos pertenciam ao clã do soberano.

A casa das mulheres escolhidas, as “acloa-huasi”, era um grande prédio, verdadeiro conjunto habitacional, e um local onde ninguém podia entrar, com exceção do Inca, do grão-sacerdote, da esposa do soberano e de suas filhas. Lá viviam as “acllas”, “as isoladas”, que eram as “virgens do Sol, ou ainda, as esposas do Sol”.

Escolhidas entre as filhas das famílias nobres, as “acllas” eram as esposas do Inca e, por conseguinte, de seu filho, o Inca reinante.

A idade para ingresso era de 12 anos, quando eram confiadas às “mamaconas”, aquelas que substituem a mãe. Estas inicia-



vam as “monjas” na prática do culto e do templo do Inti, teciam e costuravam os trajes do soberano, bem como os trajes dos nobres por ocasião das festas.

Preparavam a “quicha”, serviam os banquetes no templo e velavam pelo sagrado.

Em circunstâncias excepcionais, elas celebravam seus sagrados sponsais (casamento) com Deus, sobre o altar do Sol.

Não conheciam outro homem a não ser o Inca.

A disciplina era imposta sob todos os aspectos.

As “acllas” ministravam ensinamentos gerais, e muitas eram oferecidas pelos governadores aos viajantes.

Em diversas localidades de Cusco havia essas casas, que funcionavam como internatos para as jovens, a partir dos 10 anos.

Ali recebiam todos os ensinamentos da mãe-esposa. O governador, por sua vez, como diretor da instrução pública, controlava sobretudo a educação das jovens.

Quando saíam da escola (internato), ele organizava uma espécie de leilão, ao qual eram obrigados a comparecer os jovens, também já treinados para a vida e dispostos a tudo, a fim de tomarem as moças como esposas. Elas já contavam com 24 anos. Nos dois primeiros anos do casamento viviam somente para si, com todo o amor, após, após passavam a viver para os filhos.

(Santo Claudino Verzeleti, presidente da Academia dos Contabilistas do Rio Grande do Sul, é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 27, que tem, como patrona, a



Rapidinhas

HELENA ROTTA DE CAMARGO

O vinho da traição,
embora pareça o mais excitante,
acaba por revelar-se o mais azedo.

O mundo está se transformando
num campo de concentração, em
que a soberania de poucos submete
a debilidade de muitos à desumana
condição de ser humano.

O casamento tanto pode nutrir-se
de afagos quanto de arranhões.

A sensibilidade das mãos
é que faz a diferença.

Enquanto adormeço, meus versos
fermentam na bacia do coração.

Ao acordar, ligo o forno, e um cheiro
bom de saciedade inunda o ambiente.

A comunicação entre as flores
se faz por odores e policromias.

Como objeto de cama e mesa, a mulher
vem sofrendo um descarte redentor.

Podo minhas roseiras e meus defeitos.
Elas, para o vigor; eles, para a inércia.

Os anéis dos anos emperram
nos nós dos dedos.

A objetiva de certos olhares
fotografa até o âmago da alma.

Quando o sol se excede e as goiabas
murcham, o quintal morre de eclipse.

Hoje acordei em estado de pássaro:
pronta para alçar vôo.

Cisnes e gaivotas: sensação de orgasmos
navegando aos pares.

A jaqueta psicodélica dos beija-flores
causa profunda inveja ao moleton barato
dos pardais.

Os teóricos desservem à humanidade,
pois ela só avança com ações concretas.

O pecado de amar é um pecado santo.

(Extraídas do livro **Essência de Mulher – reflexões poéticas**, no prelo.)



Ozanam, o apóstolo da caridade

WELCI NASCIMENTO

ntônio Frederico Ozanam, nascido em Milão, na Itália, em 23 de abril de 1813, desde muito pequeno vinha mostrando uma viva inteligência. De sua mãe, herdara a profunda piedade e dedicação às obras de caridade e, de seu pai, o amor aos estudos, a pertinácia no trabalho e um espírito de iniciativa, ao mesmo tempo humilde e corajoso.

Desde menino, ao ensaiar seus primeiros passos – conta seu irmão Afonso-, muitas vezes ele se assentava em cima da mesa em que nós aprendíamos as lições. Entre elas figuravam as “Fábulas de La Fontaine”. Durante a sua infância, teve Ozanam a acompanhar-lhe os passos, debruçando-se sobre a sua cabeceira, a figura doce de sua mãe. À medida que ia crescendo, sentia-se envolvido por um ambiente de ternura.

Daí dizer-se sobre o jovem: “Tudo florescia facilmente e tudo florescia rapidamente, nessa alma que o tempo e a eternidade intimavam a viver”.

Realmente, Ozanam estava fadado a uma maturidade temporã, porque a vida que ele ia viver seria bem curta

e o trabalho que deveria realizar seria muito grande.

Seu pai, médico do hospital do exército, transferiu residência para Lyon, na França. Aos nove anos de idade, Frederico já freqüentava, como aluno externo, o Colégio Real de Lyon. Apesar de sua pouca idade, com efeito, já fazia composições. Com apenas 14 anos, já estava matriculado na classe de Retórica e, no ano seguinte, matriculava-se no curso de Filosofia. O que mais o atormentava era a dúvida religiosa. “A incerteza do meu destino eterno não me deixava em paz. Daí procurar eu com mais afinco ligar-me aos dogmas sagrados, mesmo quando pressentia que eles podiam romper-se nas minhas mãos”.

Com apenas 16 anos, terminou seu curso secundário, conquistando o diploma de bacharel em Letras. Terminados os estudos secundários, cabia-lhe escolher a carreira a seguir. O pai acalentava o desejo de vê-lo juiz em qualquer tribunal do país.

Do contato que passou a ter com a literatura surgiu para Ozanam a verdadeira vocação: “Mostrar o catolicismo como um maravilhoso farol, destinado a salvar os que se vissem perdidos no oceano da vida”.

A grande tarefa a que se impunha era provar, com a História, a excelência da verdade da religião católica.

Ozanam deixou Lyon e rumou a Paris, a “Cidade Luz”, onde ele se sentia aterrorizado, por ser uma cidade agitada pela corrupção e pela falta de fé. Foram suas primeiras impressões. Em Paris, fez amizade com ilustres pessoas, como André Maria Ampère, considerado o patriarca da Matemática. Ampère apontava Ozanam como uma das figuras mais eminentes do tempo, tanto assim que a crítica literária dizia que “de sua boca e, sobretudo, de sua pena, saíam palavras de ouro”. Conheceu também o escritor Chateaubriand. Ozanam costumava freqüentar em Paris as casas e rodas literárias, o romantismo liberal, às vezes ostensivamente ateu.

Sua antipatia por Paris se foi esvaindo, mesmo porque a cidade iria ser o campo de apostolado a que o jovem estudante sonhava entregar-se, de corpo e alma.

Certa feita, ele e seus companheiros regressavam de uma reunião na Sociedade de História, onde passavam o tempo, como sempre ocorria, em discussões as mais das vezes estéreis. Naquele dia, um dos adolescentes, metido a comunista, atacou os apologistas do catolicismo, perguntando: “Vocês podem vangloriar-se de sua religião, mas quanto ao passado, pois no presente ela não passa de uma árvore que já deu frutos e está morrendo. Onde estão agora os frutos da caridade que ela prega?”

Ozanam e seus companheiros reconheciam que, em quase nada, se distinguiram dos seus camaradas incrédulos, no tocante à prática da caridade para com os deserdados da sorte. Por isso, depois de uns instantes de reflexão, concluiu:

- É verdade. Falta alguma coisa: as obras de caridade. A bênção dos pobres é a de Deus.

Alguém perguntou:

- Então, que é que se pode fazer praticamente?

Olhando para um monte de achas de lenha, num canto da parede, Ozanam ficou silencioso, enquanto perguntava:

- Por que não iremos dá-las aos pobres?

Havia no quarteirão um pobre doente, cheio de necessidades. Os jovens apanharam a lenha que haviam guardado para enfrentar o inverno, e foram levá-la ao indigente.

Foi daí que partiu a chama que, pouco depois, iria abrasar, com o fogo divino

da caridade, a Sociedade de São Vicente de Paulo, que hoje estende seu manto beneficente à terra toda.

Esse fato aconteceu em Paris, no ano de 1833.

Antônio Frederico Ozanam, leigo, casado, que constituiu família, era sensível às necessidades dos pobres, e encontrou em São Vicente de Paulo um modelo para a sua vida cristã e para as Conferências de Caridade. São Vicente era o caminho para orientar sua vida e suas ações.

Por isso escreveu: “Devemos esforçar-nos por imitar São Vicente, que por sua vez imitava Jesus Cristo, modelo inigualável de caridade”. “Os pobres são nossos senhores e mestres” - dizia São Vicente; “neles Jesus se fez presente.” E ainda acrescentou: “A caridade está acima de todas as regras, e é preciso que todas as coisas a ela se relacionem. Ela deve ser integral: material e espiritual. Isso supõe a prática da justiça”.

Em Passo Fundo, a Sociedade São Vicente de Paulo foi criada em 1916/1917, em plena epidemia da chamada “gripe espanhola”, que matou muita gente. Ali estavam os vicentinos, acudindo aos pobres injustiçados. “A verdadeira

caridade não se contenta com palavras e boas intenções. Tem que ser eficaz, bem organizada. O resgate da dignidade do pobre precisa estar na nossa consciência, e necessita de ser nossa meta”, diz Roque Gelatti, membro do Conselho Metropolitano da SSVV de Porto Alegre. “O pobre deve sentir-se honrado e não humilhado”, conclui.

Ozanam faleceu em Marselha, em 8 de setembro de 1853, quando tinha apenas 40 anos de idade. Já bem enfermo, perguntava: “ser-me-ia permitido, Senhor, envelhecer perto de minha mulher e acabar a educação de minha filha? Em holocausto, eu vos ofereceria tudo, na minha vida, desde o meu amor próprio literário até as minhas ambições acadêmicas e meus projetos de estudo...” (Ozanam foi também político e professor na Universidade de Sorbone). Certamente, não podeis aceitar ofertas interesseiras. “C’est moi que vous demandez, je viens, Seigneur!” (Aqui estou, Senhor!).



Além de político, afirmou-se também abertamente como católico liberal. Considerava que os princípios da Revolução Francesa - Liberdade, Igualdade e Fraternidade - eram traduções modernas do espírito evangélico.

Dizia ele: “Penso que se deverá advertir, com voz corajosa e severa, o poder que explora”.

Fontes de informação:

- Ozanam: a juventude em ação, de Luiz Suanfira.
- Reflexões de Ozanam, Edição do Conselho Central de São Paulo.
- Ozanam – Informativo do Conselho Metropolitano – Porto Alegre.
- Conselho Central da Sociedade São Vicente de Paulo, Passo Fundo, RS.

(Welci Nascimento é titular da cadeira 23 da Academia Passo-Fundense de Letras, que tem como patrono o poeta Casimiro de Abreu; e membro da Conferência Vicentina de São Marcos, de Passo Fundo/RS.)

Poesia

LICIANE TOAZZA DUDA BONATTO

Se eu tivesse

Se eu tivesse o dom da arte...

Pintaria com o sol a tua riqueza,
Com as matas, a tua esperança,
Com o céu, a tua imensidão,
Com a paz, a alma do teu povo.
Eu pintaria todos os teus cantos
Com o meu encanto.

Contaria, a todos os ventos,
As histórias comuns e heróicas
Da tua brava gente.
Teus ventos soprariam a cada continente,
Nossas glórias, nossas vidas,
nossas vitórias.

Imortalizaria tuas paisagens,
Fotografaria muitas imagens,
Nos corações verde - amarelos
Do povo que acredita em ti.

Os meus versos abrandariam tuas angústias,
Fortaleceriam teus desejos,
Coloririam os sonhos de tuas crianças,
Transmitiriam fé, força e esperança.

Faria um coral com tuas estrelas,
E cantaria com o som de tuas matas
As belezas que tu encerras.
E faria pulsar emocionado
Um só coração.
O teu coração,
Brasil!
Quem

Quem é você , que me encanta,
Me espanta, me comove?

Que chegou de não sei onde,
se instalou, ficou,
se apoderou da minha alma?

Suavizou minhas dores,
Avivou minhas cores,
Harmonizou minha melodia,
Deu ritmo a minha dança?

Quem é você, que me inspira,
Põe sabor na minha vida,
Me faz poeta de repente?

Quem é você
Que me faz feliz?

Mar Dourado

Enquanto andava,
Via o dourado
Espalhado por muitas coxilhas.
É como se perdesse
a noção do tempo.
Aquela lavoura sem fim,
Aquele mar dourado...

O vento soprava, balançava,
Embalava as espigas,
Como se ninasse uma criança,
Acreditando em seu futuro,
Em uma colheita farta.

O sol amarelava as espigas
E o vento as acariciava.
O trigal tornava-se um mar
Cheio de ondas douradas.

E o meu coração forte batia ,
E a emoção enchia a alma.
Era um momento único
Aquele,
Em que o trigal acontecia...



Lisboa revisitada, Passo Fundo des- troçada

HUGO ROBERTO LISBÔA

Estive revisitando Lisboa, Portugal, recentemente, durante um congresso médico. Encontrei a cidade diferente da minha última estada, em alguns aspectos, como era de se esperar passados alguns anos. A cidade está mais rica e mais parecida com outras capitais européias, embora continue com seu charme peculiar.

Situada na desembocadura do Rio Tejo com o Oceano Atlântico, ocupa um local estratégico muito disputado. Seus primeiros habitantes foram fenícios, passando pelos romanos, visigodos, árabes, espanhóis e, finalmente, resultantes de uma mescla desses povos todos, os portugueses.

A locomoção é fácil e grandemente auxiliada pela facilidade do idioma e o

carinho que os portugueses geralmente nos dedicam. Visitei o castelo de São Jorge, de herança moura, no topo de uma das colinas, onde se tem uma bela vista do estuário e do casario dos bairros típicos, como Alfama, a Baixa, o Chiado, o Rossio, a elegante Avenida da Liberdade e a ponte sobre o Tejo.

O fado continua com seu encanto nostálgico originado do drama das portuguesas, chorando seus homens perdidos no mar, durante os grandes descobrimentos no século XVI, o que inclui o Brasil. No bairro da Alfama há os grandes espetáculos de cantores consagrados, mas, na Cidade Alta, encontra-se o fado castiço e puro dos cantores iniciantes e espontâneos, com preços mais baratos.

Pelo fato de sermos, em grande conta, uma continuação daquele povo, a cidade de Lisboa emociona. Sente-se a presença de Dom João VI e Carlota

Joaquina, pais de Pedro IV, que viria a ser nosso Pedro I. Camões e Vasco da Gama estão sepultados no maravilhoso Mosteiro do Jerônimos, para onde mais recentemente se transportaram os restos do poeta Fernando Pessoa.

Em Alcoçaba, estão sepultados Dom Pedro I e Inês de Castro. Essa foi assassinada no século XIV, por interesse das cortes de Portugal e Espanha. E Dom Pedro, para vingá-la, mandou arrancar o coração dos assassinos e, em seguida, desenterrou-a, vestiu-a como uma rainha, colocou-a no trono e obrigou toda a corte a beijar-lhe a mão ou o que restou dela, dois anos após sua morte.

Como toda cidade civilizada, é limpa e bem preservada. Para locomoção, compra-se um bilhete que serve para cinco dias de transporte. No bonde, chamado de elétrico, não há ninguém para conferir se a gente tem ou não o tíquete. Mas, ordenadamente, todos os passageiros passam o bilhete eletrônico pelo sensor. Na verdade, tudo acontece como planejado, há um clima de confiança, e a cidade é feita para funcionar, para facilitar a vida do seu morador. Inevitavelmente, tendo em conta as devidas proporções, pensei em Passo Fundo, fundada oficialmente há 147 anos, embora já existisse há mais tempo. Da sua histórica arquitetura pouco resta. A cidade foi invadida por prédios quadrados e deselegantes. O que restava da Rua do Comércio, atual Avenida Brasil, foi e continua sendo destruído. O edifício construído no lugar de uma casa inviabiliza as casas ao seu redor. Seus proprietários, ameaçados, vendem-nas e novos prédios são erguidos. Muitas vezes estão localizados uns ao lado dos outros, tirando a vista e a luz dos seus vizinhos. Não há preocupação com a qualidade da construção ou com o bem-estar dos seus habitantes. Interessa o metro quadrado para vender, e para isso invadem as calçadas com desengonçadas sacadas.

Gostaria de ilustrar esta situação com os comentários do arquiteto Khaleh Ghoubar, doutor e livre-docente, vice-chefe do Departamento de Tecnologias da Arquitetura, da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, o qual morou em Passo Fundo na década de setenta e desde então não vinha a nossa cidade: “Então vai aqui uma crítica à infra-estrutura cultural da cidade. Passo Fundo é uma metrópole, pelo volume de negócios que deve abrigar, pelo número de pessoas que por ali circulam,

e pelo número de serviços que oferece. Aparentemente, não é pela sua beleza (ela está muito entulhada, nem suja nem limpa, nem feia nem bonita) nem pela sua vida cultural, pois nada ouvi disso que, obviamente, não pode se limitar à existência de um campus universitário moderno. Gastronomicamente está aprovada. Mas, em termos urbanos e do seu patrimônio histórico, artístico e arquitetônico, é de uma enorme lástima: não tem calçadão para dar unidade e maior utilidade ao espaço em torno da catedral, que recuperaria os cinemas e restaurantes dali. Derrubaram o altar da Pátria; o paisagismo dos três setores da Av. Brasil não prestigia essa artéria importantíssima em termos funcionais, históricos e simbólicos. Há pouca arquitetura historicamente significativa que foi preservada (como as habitações da década de 50, que tem a casa da Maria Glória, na Chicuta com a Uruguai, e sua vizinha, a casa do Paraguassu Brizola), pois todas estão indo para o chão em troca de construções de gosto, no mínimo,



duvidoso. Em suma, a cidade não tem os atrativos culturais que, como metrópole de estado progressista, deveria merecer. Registrem o meu protesto e a minha predisposição a ajudar na discussão.” Esta visão especializada merece uma reflexão profunda dos nossos mandatários municipais presentes e futuros. Precisamos de um novo plano diretor, que pense na cidade para o próximo século. Que funcione para o bem-estar de seus cidadãos e que não permita que fábricas processadoras de lixo e outros acintes ao bom senso e ao conforto de seus cidadãos, funcionem em zona residencial.

Quero voltar a Lisboa e encontrá-la moderna, inteligente e, como sempre, histórica, como a achei agora. Gostaria que o professor Khaled dissesse o mesmo quando revisitasse sua terra.

(Hugo Roberto Lisboa é médico e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Amor em dose dupla

HELENA ROTTA DE CAMARGO

lembança que tenho delas – nítida lembrança com gosto de bolacha caseira, de apoio espumando na caneca, de melancias b-a-r-r-i-g-u-d-a-s sorrindo (boca sempre escancarada, sumarentas gengivas vermelhas!) - é sui-gêneris e copiosamente maternal.

Uma infância recheada de vibrações. Gemidos de carroça desengonçada. Cabeludas bonecas de milho. Terneiros sugando a teta. Ninhada de aveludados pintos. Cantoria de lata descendo o poço... Impossível enumerar tanta emoção e tanta saudade.

A casa das avós foi o paraíso da minha infância. Aquela que os anos não trazem mais. (Estava certíssimo Casimiro de Abreu!)

Lá se foram seis décadas. Aqui vieram os sulcos no rosto, a geada nos cabelos, a pururuca nos ossos, enfim, um estrago sem tamanho, na fachada e nos alicerces do

velho castelo da inocência. Elas, minhas avós, há muitíssimos verões me abandonaram, indo afagar pra sempre o rostinho (será de porcelana chinesa?) dos anjos. Mas aquele odor antigo de amêndoas, de água pura e de redobrado afeto permanece impregnado em minha essência.

E que dizer do colo farto? Da história contada ao pé do fogo? Do colchão de palha, estalando entre um sonho e outro? Ô vida, você não é nada gentil! Com seu brilho falso, sua mania de capturar as afeições pra depois renegá-las! Você gosta mesmo é de jogar verde pra colher maduro. Discordo inteiramente das suas táticas e refuto sua intransigência. As avós deveriam ser imortais, perenes. Perene o aconchego. Perene a devoção. Perene a centelha do olhar, brilhando além do horizonte.

Sobretudo agora, que tomei o seu lugar, guindada ao posto de matriarca (ente ontológico esse

que nos remete a uma segunda maternidade!), passei a compreender, na carne, no sangue, no coração, o que significa o amor em dose dupla. Por certo, muito diverso daquele que vivenciei, quando a avó era o ponto de encontro, a referência, o lugar de passar as férias, de escolher o agrado, de ser recebida com pé-de-moleque e Cinderela de pano. A vovó moderna não mora na roça. Não faz goiabada. Não ordenha as vacas. Não costura para as bonecas. Seu amor (tão presente e valioso como o de outrora) se manifesta de outras formas. (Vamos brincar na internete, vovó? – Hoje é dia de ver filme, não é? – Me leva no parquinho! – Liga o som pra mim dançar!)

E ela, sempre ela, a ternura em pessoa, a paciência infinita (essas o tempo não envelhece jamais), ei-la a postos, risonha e feliz, amando e desdobrando-se duplamente. Um amor que só muda de endereço e de dimensão.

o Rio de Solis como aquelas onde desembarcavam os povoadores do Paraguai. Do Porto dos Patos a Assunção, seguia-se por terra, pelo caminho do Peabiru, milenar caminho dos índios cariós, composto de ligações entre uma tribo e outra.

Com a anexação de Portugal à Espanha, entre 1580 e 1640, os limites desapareceram. E os portugueses disso se aproveitaram e penetraram até os contrafortes dos Andes.

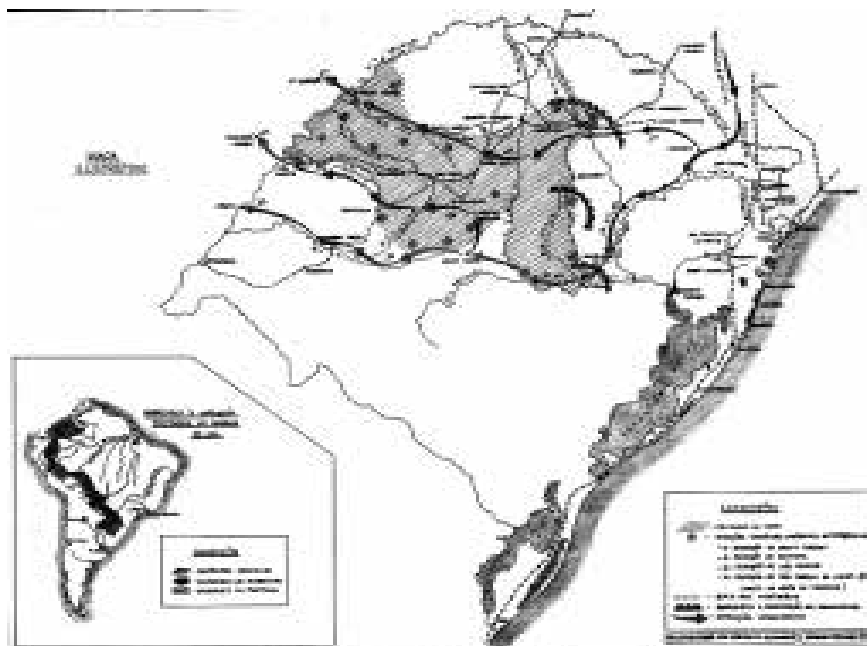
A disputa do Limite Sul

Os habitantes do Paraguai nunca aceitaram esse avanço português. Irala, primeiro governador do Paraguai, pediu gente para povoar o Porto dos Patos. Foi-lhe negado. Muitos anos depois, Hernandarias, primeiro governador crioulo da terra, fez o mesmo pedido. E mais, pediu gente para povoar a margem do Rio da Prata (atual Uruguai). O Conselho ordenou que Hernandarias povoasse as terras já descobertas, e que o rei não mais queria novos povoamentos. E a Espanha não povoou o Porto dos Patos e nem os campos férteis do Uruguai.

Mesmo após a fundação de Buenos Aires (1580), Portugal, em 1586, mandou mapear toda a costa brasileira, incluindo a margem esquerda do Rio da Prata. Chama a atenção esse mapa para o Monte de S. Ovídio de Rozendes, atual Montevideo, cujos historiadores dizem que o nome de Montevideu surgiu do ponto geográfico assinalado nas cartas espanholas, visto é da abreviatura MONTE VI D E O (monte sexto de este para oeste). Para nós, luso-brasileiros, vale o Monte Ovídio, por simplificação.

A fim de embargar o avanço português, Hernandarias trouxe os padres jesuítas. Amparados e sustentados por Hernandarias, os jesuítas organizaram as reduções em pontos estratégicos. Os portugueses não aceitaram e mandaram Raposo Tavares destruir todas as missões espanholas, em território que considerava deles. Assim foi que Raposo Tavares destruiu as missões do Guairá e do Itatim, empurrando os espanhóis para o outro lado do rio Paraná.

Em seguida partiu para a destruição das reduções situadas no território do Tape (1626-1637). Os espanhóis abandonaram o atual RS. E o gado, introduzido por Hernandarias para a estância de Yapeju, 100.000 cabeças, originário do criatório de Córdoba e Santa Fé, ordenado por D. Francisco de Toledo, vice-rei do Peru, e tangido para lá do



Chile e Bolívia para sustento das minas de Potosi, ficou solto, se multiplicando, de um lado e outro do Rio Uruguai.

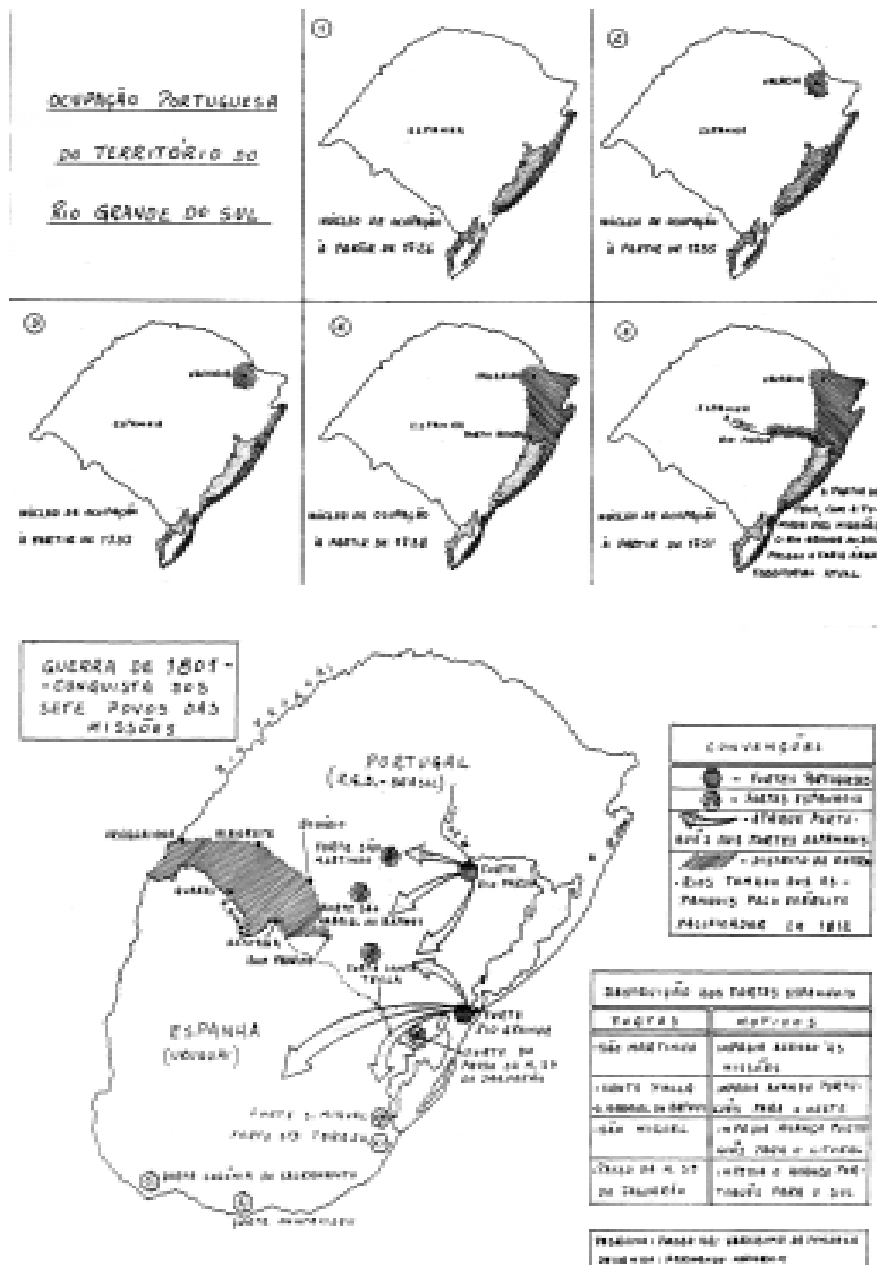
Em 1680, Portugal fundou a Colônia do Santíssimo Sacramento, em frente de Buenos Aires.

Diante da ameaça portuguesa, o Governador de Buenos Aires ordenou ao cacique da Redução de São Tomé que cruzasse o Rio Uruguai, e fundasse a missão de São Francisco de Borja, para

bloquear a possível subida de tropas portuguesas pelo rio.

Com isso, os jesuítas voltaram a organizar reduções, fundando os Sete Povos das Missões, seguindo planta básica planejada na Espanha e organização social segundo ordenações filipinas. A organização física e social tinha por objetivo o fornecimento de soldados, a arrecadação de impostos e o cultivo da terra.





No extremo sul, a defesa da Espanha ficou constituída pelos Sete Povos das Missões e pelo forte de Cerro Largo, ponto militar estratégico e de abastecimento dos demais fortes e postos militares.

Apesar da barreira jesuítico-militar, os portugueses, a partir de 1680, iniciaram o povoamento do litoral, conforme mapa abaixo organizado pelo engenheiro Fernando Heineck, com a minha orientação.

A luta dos portugueses, pelo limite sul, teve início com a vinda de Martim Afonso de Souza, 1530, e terminou com a tomada das Missões, em 1801.

Com o Tratado de Madri, 1750, Gomes Freire de Andrade fundou o posto militar de Rio Pardo, ocupando, assim, o interior do Rio Grande. A demarcação fracassou e a Espanha mandou tomar as cidades de Rio Grande e Rio Pardo.

Conseguiu tomar Rio Grande.
76 AGUA DA FONTE Novembro de 2004

Nessa época, assumira o governo em Portugal o Marquês de Pombal, convidado pelo Rei D. José. Estadista, patriota e nacionalista, tratou de reorganizar política e territorialmente o Reino de Portugal. Ordenou a expulsão dos jesuítas do Reino e enviou o Exército português ao Brasil, para retomar o Porto de Santa Catarina e o território do Rio Grande. Uma força total de cinco mil homens.

A lua pela posse da Amazônia

Para acabar com a disputa na Amazônia, Pombal enviou seu irmão, Mendonça Furtado, que expulsou definitivamente os ingleses, franceses e holandeses, da foz do Rio Amazonas. Fortificou os rios navegáveis, conforme mapa a seguir. Foi a maior obra realizada por Portugal em todos os tempos. Escreve o Gen. Luiz Gonzaga Schroeder Lessa: “A conquista da Amazônia, um continente que repre-

senta 56% do território brasileiro, foi, na sua essência, uma aventura, ou melhor dizendo, um espetacular empreendimento histórico, traduzido numa longa, contínua e eficaz expedição militar”.

Mas as nações deserdadas pelo Tratado de Tordesilhas, nunca, em momento algum da história, deixaram de reivindicar a posse da Amazônia. Sobre a luta pela Amazônia, assim resume o General Rodrigo Otávio Jordão Ramos: “Árdua é a missão de desenvolver e defender a Amazônia. Muito mais difícil, porém, foi a de nossos antepassados em conquistá-la e mantê-la”.

“E que o Criador nos ajude!” - exclama o Cel. Inf/EM Res. Luiz Ernani Caminha Giorgis.

Notícia de página inteira do jornal O GLOBO de 01/08/2004: PROJETO DE LEI PREVÊ PRIVATIZAÇÃO DA AMAZÔNIA. Na mesma página: EUA PAGARAM A VIAGEM DE FUNCIONÁRIOS.

Na reportagem, o Globo mostra em infográfico, que 47% da área da Amazônia será destinada à licitação, às ONG’s e nações estrangeiras interessadas. O Secretário de Florestas, João Paulo Copabianco, “observa que, nos primeiros anos de validade da lei, poderão ser concedidas apenas 20% das florestas públicas...”, “O Ministério do Meio Ambiente calcula que, para produzir de forma sustentável os 30 milhões de metros cúbicos de madeira consumidos anualmente na Amazônia, será preciso abrir à iniciativa privada algo em torno de 50 milhões de hectares de florestas. Ou seja, 15% de toda a região amazônica – uma área igual à da Bahia e maior que a dos estados de S. Paulo, Rio e Espírito Santo somados”.

A luta pela posse da Amazônia continua. E que o Criador ilumine os nossos dirigentes!

Bibliografia consultada

BENTO, Cláudio Moreira. **História da 3ª Região Militar**. Porto Alegre: 1994.
BENTO, Cláudio Moreira. **Amazônia Brasileira**. Porto Alegre: Genesis, 2003.
Jornal O GLOBO, página 12, O PAÍS, Domingo, 1º de agosto de 2004.
MOSIMANN, João Carlos. **Porto dos Patos**. Florianópolis: Edição do Autor, 2002.

(Pedro Ari Veríssimo da Fonseca é pediatra e membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Medicina.)

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Fragmentos do vazio

Na solidão mística da madrugada,
as emoções calam,
diante da magnitude do silêncio.

Há um frescor de olfatos,
um sussurrar de jatos,
disputando os espaços da contemplação.

Sutilmente, crescem os anseios,
quinquilharias dispersas no colo do tempo,
acre, doce, sujo, casto,
como os desejos represados no curral da noite.

Vem a manhã,
com sua corte de gandaias,
locupletar as praias
do coração vazio.

Advertência

A ganância
que tripula injustiças,
atropelando
o bem-estar dos povos,
um dia há de gemer
na rua ensangüentada
do remorso,
sem arrimo e lenitivo
a seu pedido de socorro.

Revanche

Quero encher de perdões
a cesta das hipocrisias.

Sensação de beijo bastardo,
de bolo abatumado,
de pegajosa malquerença...

Nada haverá de vergar o cajado
que me conduz à paz.

À clava da incompreensão,
oferto meu sorriso;
e ao corisco da inveja,
o prêmio de uma prece.

Está repleta minha cesta:
de sabores da terra e adejos de colibris;
de favos sorridentes e caudas de cometa;
de gotículas de brisa e pingentes estelares...

O que não faz uma semente de perdão!



Desengano

Quando criança, me ensinaram
a louvar o céu e temer o inferno,
que a vida era uma gangorra,
entre a virtude e o pecado.

Sobre a terra, me contaram
da sua gestação reiterada
de flores, bichos, arroios, plantas,
inesgotável mina de tesouros.

Dos homens, mostraram-me
a dourada tez do intelecto,
os esgares do riso e do pranto,
o gume do ódio, o pitêu do amor.

Foi preciso escalar penhascos,
mutilar a palavra e o gesto,
amarrotar o corpo e as crenças,
manter cativo o ímpeto de ser,
pra compreender a dialética do mundo.

Quando as máscaras caíram
e a verdade veio à tona,
me vi nua, torpe, esquálida,
sem norte, sem alma.

Heureca!

Na busca de soluções
para os conflitos
da humanidade,
há planos estratégicos
e armas inofensivas:
luas,
córregos,
melodias,
abraços,
sorrisos,
poemas.

BETÂNIA ROTTA DE CAMARGO

Meus primeiros poemas

O passarinho faz piu-piu,
Escondido no ninho.
Ele tem asas pra fugir,
Não consigo fazer carinho.

O anjo inventa lá no céu
Um monte de tagarelas.
A Maria e o José se cansam
De tanta conversa delas.

As flores gosto de cheirar.
Mas cuidado com os espinhos,
Eles podem machucar.

À vezes doem os dentes,
Mas é só um pouquinho,
Porque depois passa a dor
E a gente ganha presentes.

A vovó é queridinha,
Mas é muito murchinha.
Ela é minha paixão,
Da cor do coração.



(Betânia Rotta de Camargo,
4 anos de idade.)

Mulheres de Minha Vida

Amor Falado

Ouçõ ainda o teu gemido
Vibrando no meu ouvido,
Uma maneira de gritar.
Embora eu te abafando,
Tu estavas soletrando
A versão do verbo amar.

E, na ânsia produzida,
Por mim foste conduzida
Ao cansaço esperado,
Abraçando o meu corpo,
Ofereceste então o sopro
De fazer amor falado,

E foi nesse vai e vem,
Que paraste, como convém.
Depois, depois do ato praticado,
Beijando meu corpo nu
Recolhendo o sal cru,
Em tuas entranhas fui achado!

Mulheres de minha vida,
Estrelas, botões ou rosas,
Umãs lindas, outras formosas,
Que tudo me ensinaram,
De neófito me convolveram,
Numa espécie de Adão,
E, usando o coração,
O amor me revelaram!

As formas de tratamento,
A maneira de entender,
O jeito de compreender
E regar o relacionamento,
Fornecendo o instrumento
De ser sábio na vivência,
E homem por excelência,
Namorando a todo o momento;

Ser rico no interior,
Abrangente e comedido,
Vibrante e atrevido,
Alma grande e correta,
Com espírito de atleta,
Conquistado e conquistador,
Forte como um lutador,
Sensível como um poeta;

Amante por natureza,
Carinhoso sem ser pedante,
E eleger, a cada instante,
A deusa do meu pensamento,
Esculturando um momento,
De gestos, palavras e atenção,
Fazendo dessa comunhão
Uma parada no relógio do tempo;

Não ser macho por ser macho,
Mas homem verdadeiro,
Amigo, amante e parceiro,
Compreensivo e tolerante,
Um eterno estudante,
De como entender a mulher,
Dizendo o que ela quer,
Numa cumplicidade permanente,
Amada, namorada e amante!

Alguns princípios e indagações que recolhemos ao longo da vida:

- Amigo não se encilha, nem se pede explicação.

- O amor é para ser vivido, permutado e exercitado permanentemente.

- Não reclames da vida! Para cada situação, existe uma explicação. E, muitas vezes, outro belo caminho nos espera.

- Faze de tudo para resolver uma situação. Se não conseguires, resolvido está. Deixa nas mãos de Deus!

- Não queiras ser o dono da verdade, pois ela é um condomínio. Mesmo porque “A dúvida é a verdade dos loucos”.

- O mar é grande e poderoso. E, por ser humilde, está sempre, geograficamente, abaixo das montanhas e dos rios.

- Os rios chegam ao mar porque desviam as montanhas.

- Seja paciente, mas não lerdo!

- Não tenhas só compaixão, faze algo de concreto para melhorar a vida do próximo.

- De nada valem as boas ações, se não tentares com vigor resolver a situação.

- O dia de festa é lugar de plantar alegria, e não de abrigar a violência ou discussão.

- No momento da refeição, à mesa, como na cama, é lugar para afeição, amor e entendimento.

- Jamais discuta ou seja grosseiro com seu convidado, seja ele quem for.

- Depois de um acontecimento, seja grave ou não, nunca exasperes o faltoso, o qual queiras bem, com longas e cansativas admoestações; procura apenas curar a ferida, pois, arranhando-a, poderás transformá-la em câncer. Todos nós estamos sujeitos a errar.

- Nunca encurrale uma pessoa; sempre deixe uma saída, pois a pessoa encurralada poderá se alucinar e, aí, tudo pode acontecer.

- No dia de comemoração, em reunião com a família, ou com amigos, não deve haver discussão, mas aproximação e entendimento.

- Os dias mais especiais, como o Natal, a Páscoa, o Primeiro do Ano, não devemos esquecer que são momentos de confraternização e de exercitar o bem-querer, jamais use de grosserias ou de soberba; preserve o equilíbrio, a alegria e a paz.

- A gratidão não é uma obrigação, portanto, não exija. Ela brota de poucos e espontaneamente. Caso espere de todos, ficará desapontado!

- Continua fazendo o bem e

praticando uma boa ação, embora não sejas compreendido.

- O bem sempre sobrepujará o mal, embora custe um pouco.

- Dois erros não fazem um acerto.

- Não procures defeitos nas pessoas. Começa por suas qualidades.

- A vida não é só perfeição, mas para se viver, devemos procurar entender as diferenças, as razões e o significado das mesmas.

- Não devemos construir valas ou abismos, mas edificar pontes, de entendimento e compreensão.

- Aconselhar é fácil, dizer como fazer, também. O difícil é se colocar no lugar do aconselhado.

- Não adianta buscar só as causas, mas as razões intrínsecas e extrínsecas que levaram ao desespero.

- A vingança não é um prato saboroso, nem a melhor escolha.

- Lembre-se que o infinito fica logo ali, e que existe também o além do infinito.

- Nada existe, nada se alcança, nada se consegue, a não ser pela bênção e permissão de Deus, cujo amor por todos nós transcende a nossa lógica e o nosso entendimento. E isto só podemos compreender quando estamos sem saída. Aí aparece Deus...



(Jabs Paim Bandeira, advogado e empresário, é membro titular da cadeira 18, da Academia Passo-Fundense de Letras, que tem, como patrono, Manoelito de Ornelas.)

Centenário de Pablo Neruda

LUÍS MARCELO ALGARVE

Pablo Neruda nasceu em 12 de julho de 1904, em Parral, no sul de Chile. Seu nome verdadeiro era Ricardo Eliezer Neftalí Reyes Basoalto. Foi adotado pelo escritor porque gostava muito do nome, enquanto que o alônimo “Neruda” foi acolhido em homenagem ao poeta realista Jan Neruda – um dos mais importantes poetas do Realismo Tcheco de 1920.

Pablo Neruda teve uma infância difícil. Viveu modestamente em Parral, sendo que um mês depois do seu nascimento, ou seja, em agosto de 1904, perdeu a mãe, vítima de tuberculose. Foi um período difícil para a família Reyes Basoalto, que então restou composta pelo pai e pelo filho recém-nascido, uma vez que Neruda não tivera outros irmãos consanguíneos.

Viúvo, com escassos recursos econômicos, e um filho pequeno para criar, o pai de Neruda deixa o rebento com os avós e vai buscar melhor sorte longe de Parral, para onde, posteriormente, retorna com o emprego de ferroviário do Estado e leva o filho consigo para Temuco.

O segundo casamento do pai traria

para o pequeno Ricardo Eliezer Neftalí Reyes Basoalto uma das mais felizes experiências da sua infância, isto é, a convivência com Trinidad Candia Marverde, a qual o poeta chamava de “La Mamadre”, por achar a expressão “madrasta” muito pejorativa para a doçura daquela mulher que reputou ser o *angel tutelar* da sua infância.

No ano de 1915, aos 11 anos de idade, o garoto Neftalí escreve um pequeno poema, oferecendo-o para a “mamadre”, em razão de seu aniversário: “*De un paisaje de áureas regiones / yo escogí / para darle querida mamá / esta humilde postal*”. Desde menino Neruda já demonstrava para aqueles que com ele conviviam um dos traços mais fortes da sua essência humana, ou seja, a condição sublime do amor sobre todas as coisas.

Aos 15 anos de idade ingressa definitivamente na vida poética, lançando, em uma série de cadernos, 200 poemas, hoje conhecidos como *Los Cuadernos de Neftalí Reyes* ou *Los Cuadernos de Temuco*. Em 22 de fevereiro de 1921, com o poeta já residindo em Santiago, são publicados os primeiros poemas sob o pseudônimo de Pablo Neruda. Esses poemas serão a base do primeiro livro editado por ele, *Crepusculario* (1923).

Neruda despertava para a poesia e fazia dela sua bandeira cultural, dedicando-se, vocacionalmente, ao prazer de escrever. Tratava a poesia com tanto ardor e simplicidade que impressionava os mais cultos, devotando os mais

variados sabores aos seus poemas, mesmo sofrendo com os infortúnios da vida material. Certa vez, mencionando a fome que passava na Pensão da Rua Maruri, disse: *La vida de aquellos años en la pensión de estudiantes era de un hambre completa. Escribí mucho más que hasta entonces, pero comí mucho menos*.

Albertina Azócar foi o primeiro amor de Neruda. O casal se conheceu no Instituto de Pedagogia, onde ambos estudavam e ali começou uma relação apaixonada “cheia de altos e baixos”, segundo o poeta. Discreta e inteligente, Albertina não aceitava, porém, viver uma relação sem casamento formal. Mais tarde, quando já era Cônsul no Ceilão (1929), escreveu uma carta desesperada à amada hesitante: *me estoy cansando de la soledad, y si tú no vienes, trataré de casarme con alguna otra*. Ela não foi. Ele casou-se com a holandesa María Antonieta Hagenaar.

Na condição de cônsul-poeta, Pablo Neruda envia, para a redação do jornal *La Nación de Santiago*, interessantes crônicas de viagem, onde reflete a sua admiração pela beleza feminina, abordando desde a elegância dos trajés à postura esbelta das mulheres do seu tempo. Aliás, mais tarde, as mulheres seriam engrandecidas por Neruda em seus poemas, demonstrando que o amor passava irredutivelmente pela doçura desses seres mágicos.

Em outubro de 1933, depois de retornar ao Chile por extinção do seu cargo, Neruda consegue ser designado cônsul-adjunto em Buenos Aires. O cargo permitiu o reencontro com a função diplomática, mas, além disso, possibilitou a Neruda uma melhor situação financeira, uma vez que, até então, a pobreza e a precariedade material faziam parte da sua trajetória. Após a passagem de oito meses por Buenos Aires, Neruda é conduzido a funções consulares na Espanha e no México. Posteriormente, em 1945, retornando ao Chile, é eleito senador pelas províncias de Tarapocá e Antofagasta.

Nos anos 50, Neruda demonstra a sua maturidade intelectual, o que consolidaria definitivamente a sua obra. Nessa fase o poeta escreveu sobre a sua essência de ser humano, dedicando versos às





coisas mais simples e comuns da vida, transportando para as palavras poéticas a beleza das coisas singelas.

Em 10 de dezembro de 1971, o poeta Pablo Neruda recebe o maior galardão da vida literária mundial: o Prêmio Nobel de Literatura. A recompensa foi o devido reconhecimento mundial àquele que fez da poesia a sua verdadeira, única e apaixonada existência.

Neruda deixou uma vasta obra poética: “20 Poemas de Amor e Uma Canção Desesperada”, “100 Sonetos de Amor”, “Crepusculário”, “Estravagário”, “El Rio Invisible”, dentre outras. Muitas de suas poesias falaram do amor, o que fez de Neruda um dos poetas que melhor expressou a linguagem singela do amor: “Que voy a hacerle, amor, amada / no se como quieren los otros / no se como se amaron / antes, yo vivo viéndote y amándote / naturalmente enamorado / Me gustas cada tarde más”.

O poeta do amor, do sobejo, da revolução, mas também do compromisso completaria cem anos no dia 12 de julho. A data é celebrada em todo o mundo com lançamentos, exposições ou conferências. O que é considerado como “o grande poeta chileno do século XX”, volta a ganhar vida.

Neruda foi e ainda é um grande poeta, indiscutivelmente um dos melhores de todos os tempos, mas foi um batalhador. Lutou muito contra a miséria material da sua infância e juventude. Foi um dos poucos no mundo a pelear para ser poeta, uma vez que as dificuldades de sobrevivência foram tão grandes que poderia ter desistido do seu ideal, sem qualquer demérito. Contudo, assim não agiu e, por isso, escreveu, originalmente, surpreendentemente e intensamente, cada verso de sua obra. Obra que perdurará e continuará enfeitando os leitores das gerações presentes e futuras.

(Fonte: Fundación PABLONERUDA – Santiago do Chile.)

Inspiração diletta de uma época insólita

LUÍS MARCELO ALGARVE

Sinto os teus olhos nos meus lábios
Experimento um mirar diferenciado
Perquiro acorrentado um significado
Inquieto percebo-me em frangalhos.

São teus negros olhos, par de jabuticabas
São teus meigos traços, feição vintaneira
São tuas sobrancelhas marcantes, soberbas
São tuas longas madeixas, moça morena e esguia.

Em meus sonhos vejo o rosto de um anjo
Talvez, não sei, um anjo que não possa ter comigo
Uma paixão que sem querer acabei de colher
Perdão! Perdão por te desejar de repente.

Minha desgraça ou meu destino?
Os olhos da mulher morena estão me envolvendo
A tua lembrança está me despertando à noite
E está dividindo meu peito em dois.

“Amor é um fogo que arde sem se ver
é ferida que dói e não se sente
é um contentamento descontente
é dor que desatina sem doer.”

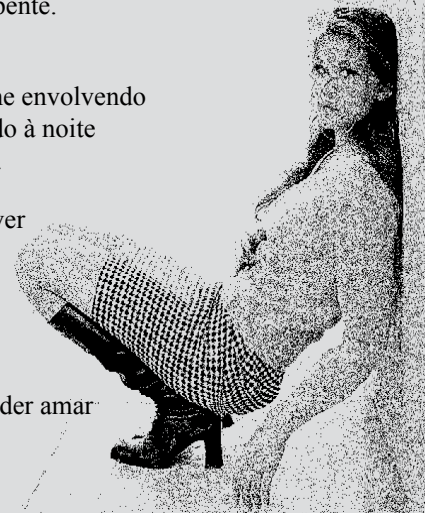
Amor proibido, amor impossível?!
O maior desgosto do amor é não poder amar
Tão próximo, mas tão remoto
Muros e estatutos que nos separam.

Oh, menina-dos-olhos do poeta
Como alegre sentir-me-ia em servir-te
Oh, anjo de primores e sabores
Quem pode ver-te, sem querer amar-te?

Felizes as estrelas, as flores, a terra, o céu
Venturosos são aqueles que logram te avistar
Em dias de sol e chuva, em teu quarto de dormir
Entre as plumas de tuas vestes perfumadas.

Lanças forma esbelta ao teu harmônico corpo frágil
Invades minha seleta platéia com teu aroma doce
Cantas suave canção em meus ouvidos
Deixas no ar a interrogação dos teus gestos.

Menina morena de corpo alegre e juvenil
O que sentes por mim? Admiras-me tão-somente?
Dá-me um sentido, um sinal, um alento
Enfim
Para que possa dar rumo ao meu pensamento
Seja franca e sincera
Mesmo que tal franqueza e sinceridade decretem a minha ruína.



O juiz probo

ROGÉRIO SIKORA

verdade! O que é a verdade?

Com isso na cabeça, martelando desde que recebera o telefonema do seu advogado, no dia anterior, avisando que o juiz, nos próximos dias, iria prolatar a sentença, Tibúrcio seguia a cavalo, em pleno campo, em direção a um capão, que ficava do outro lado do pequeno córrego.

Com o pensamento longe, lembrou-se de como tudo fora perfeitamente planejado. A comunicação, em um churrasco, para todos, de que havia comprado, depois de oito anos de longa espera e muitas tentativas, a antiga propriedade do finado coronel Fulgêncio. Tinha um casamento longo e feliz. Só faltavam mesmo aquelas terras, porquanto até um filho tinham conseguido: Leopoldo Fabrício estava ali, forte nos seus dezoito anos, o qual certamente um dia irá herdá-las.

Mas, então, por que agora? Depois de tanto tempo, por quê?

O trote calmo do cavalo, o tempo passando...O tempo! Ah, o tempo em que esperava ansiosamente a resposta afirmativa do coronel Fulgêncio! Tantos planos, tudo perfeitamente encaixado, graças a Deus. Até o nome, que a princípio relutara tanto: “Estância 26 de Julho”. Um nome que lhe parecera um tanto severo, mas era uma homenagem ao velho e falecido pai. Os olhos e os cabelos negros, a pele bronzeada, herdara do pai. Herança genética que repassara ao filho, o qual era calado, mas de gênio afável e cordato, igual ao avô.

A exploração da pecuária também era ótima. Com o passar dos anos, multiplicou as cabeças de gado, bovino e ovino, que sempre lhe renderam a fama de grande criador, além da guaiaca cheia. Tudo perfeito até o momento! Então, por que isso agora? O que teria feito de tão grave para que o processassem na Justiça? Contratou um advogado da capital, Dr. Onofre Geraldo Borges e Albuquerque. O escritório era um dos melhores, recomendado pelo coronel Filomeno. Por que o tom apreensivo, disfarçado na voz do bacharel? O que ele sabia, que lhe dava o direito de preocupar-se com a sentença, a qual seria prolatada?

Não era possível! Ninguém jamais saberia de nada se ele não o dissesse. Mas dizer o quê? O que estava pensando? O jeito era chegar logo ao seu advogado e esclarecer tudo.

Desde ontem estava observando a sua propriedade, especialmente a cerca, a qual fazia limites com a propriedade do coronel Gaudêncio. Estava no lugar, como sempre, era isso o que importava. Ainda martelava em seu cérebro: “Problema com demarcação de terras!” O que o vizinho queria insinuar com isso? A cerca de sua propriedade era diferente em quê? Não estava no lugar como todas as outras? E por que poderia perder parte das terras? Isso nunca! Preferia morrer. Primeiro iria saber o que estava havendo. E, se pudesse resolver sozinho, assim o faria, como sempre fez.

Mas por que sofrer por antecipação? Iria à capital. Lá chegando, saberia do que se tratava, por que a preocupação do advogado. Resolveria tudo e pronto.

Tenso, confuso e amargurado, ainda naquele mesmo dia partiu em viagem, para resolver o problema que tanto o angustiava. Se o problema fosse dinheiro, a solução seria fácil. Pagaria determinada quantia! Mas, isso também seria errado. Apenas falaria com o vizinho. Mas, por que o vizinho insistia nessa bobagem da cerca? Que outro motivo teria? Ninguém sabia de nada? O certo é que a “Estância 26 de Julho” era sua e um dia seria de seu filho. Essa era a verdade.

Lá estava ele divagando de novo. A mesma sensação de angústia que sentira anos atrás, por ocasião da colocação das cercas na propriedade. Mas isso era passado. O presente é que vale, e o presente era a sua verdade. A estância era a sua verdade.

Pela primeira vez, não admirou o casarão onde estava instalado o escritório de seu advogado. Gostava de ver aquela construção antiga, a qual, por algum motivo, lhe trazia tão boas lembranças. Pela primeira vez foi com uma sensação de medo que entrou no velho prédio.

Subiu lentamente, passo a passo, cada degrau da escada de madeira, amparado pelo bonito corrimão, todo trabalhado em bronze. Pôde observar o esmero na limpeza e no cuidado do local. Olhou o teto alto e o lustre imponente. Deteve-se alguns instantes diante do enorme



quadro, pintado a óleo, o qual fora colocado ao fim da escada. Percebeu a riqueza de detalhes talhados na madeira da moldura escura e envelhecida, a qual lhe emprestava uma aparência nobre.

Veio-lhe à mente o dia em que cercara a sua propriedade. Por que diabos não lembrou as lições de seu pai, o qual sempre enfatizava que, em se tratando de terras, todo cuidado é pouco. Seu pai, já velho, sempre advertia que, antes de se cercar alguma área, era necessário tomar-se toda a cautela, averiguando os papéis, analisando a área determinada nas escrituras e, se possível, ter uma conversa com os lindeiros.

Lembrou que, à época, o conselho do pai pareceu-lhe um certo exagero. Preferiu, na falta de qualquer cerca no local, basear-se apenas em alguns marcos antigos.

Seus passos pareciam pesados, arrastando-se lentamente em direção à sala do seu advogado, o qual já lhe aguardava, sério e com aparência preocupada, na porta do escritório.

Após dirigir alguns elogios à estância, Dr. Onofre passou a narrar a situação em que se encontrava o processo movido pelo coronel Gaudêncio. Frisou que, face às circunstâncias do processo e às provas produzidas nos autos, a situação era terrível. Suas chances eram mínimas. Muito provavelmente a sentença seria contrária aos seus interesses. Era o fim! A sentença precedente iria acarretar a perda de grande área de terras. As mesmas terras que ele levou anos para adquirir e que um dia deixaria para seu filho.

Tomado de violenta preocupação diante da sólida possibilidade de perder a ação e, conseqüentemente, grande área de terras, lembrou ao advogado que resolveria sozinho o problema, como sempre fez. Daria um presente, um mimo ao juiz. Mandaria carrear uma rês e entregar ao magistrado, se necessário. Por certo, o juiz, um homem de gosto refinado e alma sensível, iria compreender sua aflição e receber de bom grado a delicada deferência, retribuindo com uma sentença em seu favor.

Ao ouvir a que se propunha o seu cliente, Dr. Onofre saltou, repentinamente, como se atingido por uma descarga elétrica. Assustado, disse que se tratava o juiz de um homem probo, cuja fama de conduta ilibada atravessava fronteiras. Sua indicação ao cargo de Desembargador era tida como certa, face à retidão com a qual exercia a nobre função judicial. Uma atitude impensada como essa e, aí sim, era o fim. O juiz sentir-se-ia muito ofendido, e não só não mudaria sua convicção, como iria abrir algum processo para apurar os fatos.

Diante da advertência de seu ilustre advogado, o homem saiu cabisbaixo e pensativo, com a sólida possibilidade de ver o patrimônio, o qual desejava deixar ao filho, ser duramente diminuído, face à seriedade do juiz. Nada mais restava senão aguardar em sua estância o resultado do processo, já que seu advogado prometera ligar-lhe, avisando-o, tão logo fosse intimado da dita (talvez maldita) sentença, a qual se anunciava dura.

As horas pareciam-lhe não passar. Ah, o tempo! O tempo não passa. Em cada minuto somos esmagados pela idéia e sensação do tempo¹. Muitas vezes, naqueles dias, se viu acompanhando com os olhos o movimento lerdo do ponteiro dos segundos, no grande relógio Mason, que fora colocado no outro lado da sala. Desde que havia recebido a intimação, no começo do processo, pegara o hábito de sentar em uma grande poltrona de couro, ladeada por dois pequenos canapés, e, fixando seus olhos em um ponto qualquer, punha-se a pensar na sua estância. Certa vez, surpreendeu-se com a rapidez com que uma aranha tecia sua teia em um canto da sala, notando a diferença de uma noite para outra.

O trinado do telefone, no meio da manhã, deixou-o sobressaltado. Não costumava receber telefonemas naquela hora do dia. Seria, então, alguma notícia? Uma má notícia? Sim, só poderia ser seu advogado, buscando dar-lhe notícias da sentença. Quando a serviçal disse-lhe que era da capital, teve certeza, era ele, o advogado. Sentiu seu coração disparar. Bater forte. A taquicardia o impediu de levantar-se imediatamente. Respirou fundo, cor-

reu os olhos rapidamente pelo grande relógio. No canto, a aranha ainda tecia sem se incomodar com o que acontecia. Não adiantava mais postergar a notícia. Devia, enfim, ir ao telefone e ouvir o que seu advogado iria dizer.

Levantou-se, respirou fundo, novamente, e em passos largos e firmes dirigiu-se ao telefone. Imediatamente, pode ouvir a voz eufórica de seu advogado, emocionado, ao dizer que a sentença julgara a ação improcedente. Dr. Onofre não sabia dizer o que havia acontecido. O advogado acrescentou que sua surpresa era total, porque tudo indicava que iria perder o processo: todas as provas, todas as evidências, os depoimentos, a perícia. Enfim, tudo sinalizava para uma derrota iminente.

Após ouvir o relato do bacharel, Tibúrcio disse que sabia o que tinha acontecido. Falou ao Dr. Onofre que havia desobedecido aos conselhos que recebera naquela tarde, no escritório da capital. Acostumado a resolver tudo sozinho, enviara uma rês ao juiz, o qual iria julgar a causa.

Perplexo, o advogado disse não acreditar que o juiz, exemplo de moralidade e probidade, paradigma de retidão e honestidade a todos, no meio jurídico, se deixara corromper pelo presente que recebera, ao invés de sentir-se ofendido e ultrajado com ato tão repulsivo.

“Acontece que, sabedor da personalidade do juiz, de tão altos e nobres valores morais, resolvi mandar o presente, sim, mas não em meu nome. Mandei-o em nome do coronel Gaudêncio”, lascou o experiente estancieiro.

Nota

¹ Baudelaire, (1821-1867), *Meu Coração Desnudado*.

(Rogério Sikora é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Encontro com Deus

A consciência tranqüila dispensa interrogação
 Aos desmandos do mundo e do próprio coração.
 Ninguém sofre sem justa causa,
 Ninguém paga sem dever...
 Tudo que sofreremos hoje é herança do passado,
 Que vem sempre ajojado, neste eterno viver.
 Deus nos deu graça e talento,
 Força, coragem e imaginação,
 E o livre arbítrio também,
 Para construir nossas vidas.
 E sonhos de liberdade,
 Exemplos na natureza, de harmonia e eternidade,
 Para embasar nossos projetos com muita simplicidade,
 E todo o tempo do mundo, para curtir a felicidade.
 Só no fim de nossas vidas vai nos cobrar resultados.
 Exemplos valem milhões de conselhos conversados,
 Única forma de ensinar e de buscar resultados.
 Aprendi que quente e frio são estados respeitados,
 E que o morno e o camuflado sofrem rejeição total
 Do mundo civilizado...
 Só a verdade liberta o homem neste planeta,
 Mostrando força que tem, para grande conciliação,
 Que espero pro meu irmão, vindo do Sul e do Norte,
 Branco ou preto, fraco ou forte,



Com sua oferta na mão,
 Com os ânimos desarmados,
 Com amor no coração.
 Dando a César o que é de César,
 Numa grande comunhão,
 Pois só o amor liberta,
 Nesta e noutra dimensão.
 E só ele recupera a vida que levo ao léu,
 A sorte de meu irmão,
 Até um encontro com Deus
 E a recompensa do céu.

(Adirbal da Silva Corralo, advogado,
 vice-prefeito eleito de Passo Fundo.)

Entre linhas, nós, peixes e formigas

GISELE CRISTINA VOSS

Por que será que é tão difícil escrever um bom texto? Será falta de assunto? NÃO, acho que não. Na verdade há tantos para escolher que fica complicado organizar as idéias na nossa mente.

Só de observar o nosso cérebro, já se tem uma noção de como funciona: parece um emaranhado de fios e linhas que se encontram em diversos pontos, e dá tanto nó que a bagunça é inevitável. E nem sendo um escoteiro ou marinheiro, se consegue desenhar todos ao mesmo tempo.

Até há os psicólogos que fazem sua parte, mas sempre tem aquele nó que fica, que se enrola em outro, e a

nossa mente fica sempre um grande novelo indecifrável.

Ainda mais quando é para colocar as idéias no papel... A gente pega a caneta como se fosse uma agulha para puxar um dos fios, com nó e tudo, e assim escreve o texto. Só que para chegar nele, iii... vai muita linha para costurar. Além disso, tem que definir qual vai ser usada, de que cor, espessura...

Considerando esse mundo tão cheio de variedades, inundado de informações vinte e quatro horas, essa linha precisa sair da agulha e ser presa a uma vara de pescar. Então, se for um bom pescador, consegue fisgar um peixe bom.

Encontrado o peixe, definida a linha, agora o texto começa a se

formar. Ai o pescador costureiro tropeça em um grande formigueiro chamado vocabulário. Por que tantas formiguinhas no dicionário?!

Tem que saber escolher bem cada uma para formar a carreirinha. Ai que fica realmente complicado: elas parecem todas iguais! E se a formiga errada entrar na frase em local impróprio, a carreirinha muda de sentido e vai por outros caminhos... Por isso, é preciso coragem para meter a mão no formigueiro. Saber misturar desde as formigas operárias, que só fazem a conexão das idéias, até a rainha, que faz aquela redação fechar com chave de ouro, ou melhor, coroa de ouro.

E depois de tudo isso, aquele costureiro, inicialmente desajeitado, pescador habilidoso e explorador corajoso, consegue colocar no papel o que havia na sua mente... E se torna um ESCRITOR.

Casemiro, onde andará?

HELENA ROTTA DE CAMARGO

ome comprido, pra meu curto entendimento. Eu, que só tinha um prenome e um sobrenome, achava pomposo alguém chamar-se *Casemiro dos Santos Marques*.

Meu amigo Casemiro, com idade pra ser meu pai!

Homem rude. De gestos comedidos. Trabalhava num depósito de cereais, com sede em Espumoso, da empresa Z.D. Costi, estabelecida em Passo Fundo.

Um enorme prédio em estilo colonial. Dois andares. O primeiro de alvenaria e o superior, de madeira. Ainda existe hoje, sessenta anos depois, na Rua Ângelo Macalós, naquela localidade. Sua estrutura sólida, própria daquelas eras de abundância e moeda forte, resistiu ao tempo e aos vendavais. Vizinho da propriedade de meus pais, era tão chegado pelo afeto quanto pela proximidade geográfica.

A tarefa do Casemiro consistia em carregar e descarregar fardos de mercadorias. Transportadas, se bem me lembro, da longínqua matriz, para serem comercializadas na cidadezinha do interior e seus arredores. O meio de transporte, de fora para dentro do depósito, e vice-versa, alimentava minha fantasia de menina irrequieta e carente de brinquedos: um carroto de ferro, pesado e esquisito.

Sem conhecer o frenesi dos carrosséis, das montanhas-russas, dos trens-fantasma, das rodas-gigantes e de outras tantas figurações dos reinos encantados, afeiçoei-me às brincadeiras do amigo, naquele espaço curioso do armazém.

Nas suas horas de folga, que não eram poucas, levava-me a passear na carruagem majestosa, por trilhos escondidos entre as sacas empilhadas. Em ocasiões mais festivas (era essa a minha concepção), acomodava suas grossas e nodosas mãos em minhas axilas, e jogava-me para o alto, aparando-me na



Casemiro dos Santos Marques

queda. Como se eu fosse uma boneca de pano. O gesto me provocava um friozinho na espinha dorsal. Aquela doce e gostosa vertigem que só no frescor da inocência se consegue sentir.

Brindar-me com pêras inchadas de sumo e bergamotas de casca reluzente era outro mimo do meu bom e carinhoso mascote.

Não sei se o Casemiro ainda vive. Neste momento, imagino-o velhinho e encurvado, sem carroto e guloseimas para oferecer-me. Por isso peço, encarecidamente, se alguém tiver notícias dele e do seu paradeiro, me informe, que as voltas da vida têm um jeito desleal de enterrar os sonhos e apagar as lembranças!

P.S.: Vários anos após ter escrito este texto, no dia 27 de agosto de 2004, em visita a um irmão dentista, em minha cidade natal, encontrei, na ante-sala do consultório, Casemiro em pessoa. Indescritível minha surpresa e minha alegria. Ele está com 79 anos e com boa saúde para a idade. Um momento marcante. De recordações e saudades. Mas, acima



Poesia

Ode aos vinte e um anos

LUÍS MARCELO ALGARVE

Morena dos vinte e um
O que tens em mente?
Chegaste a antiga maioridade civil
E agora, és definitivamente mulher.

Os teus traços e formas marcantes
Ao denotarem tua
observável silhueta
Anunciam os dotes da nova época.

Feito uma rosa vermelha e esbelta
Desabrocham as tuas boas maneiras
De menina ingênua
passarás à esposa perfeita
De ninfeta insegura
passarás à adulta serena.

Mulher dos vinte e um
Seguramente
Não há período mais desperto.
Atentamente
Verás outras perspectivas
Vislumbrarás novos sentimentos
Serás vista com olhos de água
Desenvolverás habilidades
e sonhos
Adjetivos típicos da idade.

Os nortes da vida
serão compartilhados
Escolherás melhor os teus amores
Selecionarás tuas conversas
E priorizarás a apreensão
de conhecimentos.

Vinte e um anos
É época latente e insólita
Com certeza, não mais voltará
E pior...
Lembrarás invariavelmente
destes anos dourados.

Por isso, mulher rainha!
Exerça a tua majestade
Afirma a tua presença
E permita a ti e aos que te amam
Celebrar estas vinte e uma
primaveras.



Getúlio Vargas em visita a Passo Fundo, em 1949. Da direita para a esquerda vê-se, ao lado de Getúlio, Gregório Fortunato, que se envolveria no atentado da Rua Toneleros, pouco antes do suicídio do presidente, Lamaison Porto e Daniel Dipp. (foto Czamanski)

Memória e “memoricídio”: dois grupos políticos discutem o nome de Presidente Vargas para uma avenida em Passo Fundo

FERNANDO BORGMANN DE MIRANDA

texto analisa as disputas ocorridas entre dois grupos políticos, em Passo Fundo, quanto à proposição de erguer um busto e nomear uma avenida com o nome do Presidente Getúlio Vargas, logo após a sua morte, em agosto de 1954. A partir do processo que tramitou na Câmara de Vereadores, dos jornais da época e de fontes orais, procura-se mostrar que, na impossibilidade de utilizar explicitamente argumentos políticos contra Getúlio Vargas, recém-falecido, o grupo contrário valeu-se do argumento de *memoricídio* - para Getúlio Vargas ser *lembrado* em uma avenida, alguém já colocado deveria ser *esquecido* - , numa tentativa de não revelar a dimensão política do processo.

Em Passo Fundo, nos últimos anos, é notável a preocupação em levantar monumentos, inaugurar placas come-

morativas, nomear praças, ruas, e construir lugares que lembram o passado. Vários monumentos se somaram aos já existentes: a Caravela e a Cruz, no Boqueirão; marco na praça Tamandaré, no local onde teria o cabo Neves instalado a sede de sua fazenda Nossa Senhora da Conceição; monumento ao bispo Dom Cláudio Colling, na praça Mal. Floriano; monumento “Cavalo com Gaúcho Montado”, no largo Cavaleiros do Mercosul (trevo da UPF); placa comemorativa com o fac-símile da primeira ata da Câmara de Vereadores; monumento a Teixeira; placa na Praça Cap. Jovino, em homenagem a Gomercindo dos Reis; a ‘heroicização’ do passo-fundense Luiz Felipe Scolari; e, simbolicamente, no dia em que se comemora a emancipação do município, a inauguração de um monumento lembrando o passado jesuítico (1) do município.

Há, enfim, uma certa preocupação em dirigir o olhar para o passado, em ligar

o presente, e o futuro, ao passado. Essa ‘onda de lembranças’ traz junto o sentimento de pertencimento a um lugar, de reter alguma coisa do passado, num mundo moderno cada vez mais caracterizado pelo novo e pela mudança.

A edição do jornal *O Nacional*, do dia 24 de agosto de 1954, já trazia como manchete a carta-testamento do presidente Getúlio Vargas, morto algumas horas atrás. Na mesma edição, os operários gráficos da oficina do jornal iniciavam “uma campanha em prol da construção de uma herma (2), ou, se possível, um monumento ao Presidente Vargas... lágrimas sentidas verteram os nossos homens das oficinas e dos campos, diante do irremediável acontecimento...Essa herma ou monumento será erguida em uma das nossas praças.. Já se encontram listas de adesão, nesta redação, subscritas não só pelos operários gráficos deste vespertino, mas por trabalhadores inúmeros que correm a

esta redação (3)”.

Segundo entrevista com o Sr. Lindolfo Kurtz (4), que acompanhou os acontecimentos, vários distúrbios ocorreram na cidade, culminando com a tentativa de depredação do jornal *Diário da Manhã* (5), à noite, onde houve troca de tiros. O Aspirante Jenner (6), da Brigada Militar, foi ferido e morto. A edição de 28 de agosto de *O Nacional* publicou o convite do Comandante do 3º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar para a missa de sétimo dia, a ser realizada na segunda feira, do Aspirante Jenner Saldi de Oliveira Leite, “morto em cumprimento do dever na noite de 24 de agosto”. Em 3 de dezembro, o vereador Lamaison Porto propunha, e a Câmara aprovava, a mudança de nome da “Rua Minas Gerais” para “Avenida Aspirante Jenner”. Notícia *O Nacional* que, já pela manhã seguinte, o prefeito autorizaria a confecção das novas placas: a colocação delas na Avenida era o ato simbólico da sagração do novo herói. A mesma sociedade que, ensandecida, punha fim à vida do Aspirante Jenner, na noite de 24 de agosto, produzia o herói que perdera sua vida em defesa da ordem.

Nos dias que se seguiram à morte de Getúlio Vargas foi grande a preocupação em homenagear e cristalizar a memória do Presidente: solenidades com discursos inflamados a mantiveram viva. Em 6 de setembro *O Nacional* divulgava: a “campanha pró-monumento ao Presidente Vargas está em pleno desenvolvimento, tudo indicando que, dentro em breve a comissão terá numerário bastante para abalancar-se na construção e delineamento dessa obra de

arte, que perpetuará a figura de Getúlio Vargas entre nós”. Era feito também um outro pedido à Câmara de Vereadores: que o nome do Presidente Vargas fosse “ostentado” em uma das principais vias públicas da cidade. “Pode ser mudado”, escreviam os interessados, “o nome da Avenida Capitão Jovino (7), prolongamento da Avenida Brasil, e isto porque, segundo os noticiários da Câmara de Vereadores, existem três ruas com o nome de Capitão Jovino. Não prejudicará em nada, e homenagearemos, ao mesmo tempo, o nosso líder popular, dando a essa via pública o nome de AVENIDA PRESIDENTE VARGAS”.

O vereador que tomou a iniciativa foi o Sr. Wolmar Salton (8), do PTB. Em 10 de setembro, ele submeteu à Câmara um projeto de lei mudando o nome da avenida, justificando: “em todas as cidades do Brasil o nome de Getúlio Vargas está homenageado em ruas, avenidas e praças...Essas homenagens foram prestadas ainda em vida ao eminente estadista (9)... Agora, depois de morto, é justo que Passo Fundo também tribute seu preito de admiração e enalteça a memória ... Com a mudança não haverá qualquer desmerecimento à memória do atual titular da Avenida, uma vez que existem outras ruas com o nome do saudoso Capitão Jovino”.

A questão gerou controvérsias. *O Nacional* de 11 de setembro noticiou que, “na discussão de ontem, o Dr. Mario Hoppe (PSP) sugeriu que o nome do Presidente Vargas fosse ostentado na rua Moron, uma das principais artérias”. O vereador Salton sustentou o seu projeto

dizendo que “o nome do grande Presidente só poderia ser ostentado numa importante avenida, ou então não se prestaria homenagem, baseando-se no exemplo das grandes capitais do país”. O Sr. João Gasperin foi de opinião que se desse o nome de “Avenida Presidente Vargas” para toda a avenida, incluindo a Capitão Jovino. Propunha, desse modo, que o nome da Avenida Brasil fosse retirado, ocupando o seu lugar o de Getúlio Vargas.

Politicamente, a Câmara estava dividida: dos quinze vereadores, sete pertenciam ao PTB, sete à Frente Democrática (PSD-PL-UDN) e um era do PSP. O projeto, proposto ainda no calor dos acontecimentos, apenas 17 dias depois da morte de Getúlio Vargas, não poderia ser contestado. Como se compreende, ninguém era - ou poderia ser, dado o clima de emoção daqueles dias -, abertamente contra a homenagem. Ficou então a questão girando em torno de qual avenida, ou rua, deveria ceder seu nome. Existiam, em setembro de 1954, apenas quatro avenidas em Passo Fundo: Avenida Brasil, Capitão Jovino, Mauá e General Neto. Como veremos, apenas o General Neto, proclamador da República Rio-Grandense, permaneceria intocável.

Em 17 de setembro, a Comissão Representativa da Câmara, através de seu relator, Dr. Aquelino Translatti (PTB), era de parecer que o projeto Salton merecia “integral e irrestrito apoio”. Uma avenida de Passo Fundo, como tantas outras no Brasil, seria um “bastião onde se escoraria a memória” de Getúlio Vargas.

Mas, em 28 de setembro, um filho do Capitão Jovino, Dr. Noé de Mello Freitas, diretor-presidente da Comissão Estadual de Energia Elétrica - CEEE, enviou uma carta ao vice-prefeito em exercício, Sr. Mário Menegaz. Dizia: “Tive conhecimento que esta municipalidade cogita de trocar o nome da Avenida Capitão Jovino. Tenho ainda em mãos, escrevia, “o Ato 377, baixado em 31 de agosto de 1922, da Intendência Municipal ...Há, pois, que lembrar os termos do ofício que, na mesma data, a municipalidade enviou à minha mãe e pedir as razões do esquecimento ou o seu valor; para que ela, hoje com 75 anos, tenha, ainda, tempo para limitar sua gratidão, se, no passado, lhe deram apenas o motivo da mágoa de hoje”, anexando à carta a transcrição do ato que nomeou a Avenida Capitão Jovino.



Finaliza a correspondência dizendo que seu propósito é apenas alcançar a retirada ou a modificação da proposição feita e não a de desrespeitar a soberania da Câmara.

Reassumindo o cargo, o prefeito Daniel Dipp (PTB) encaminhou a carta à Câmara em 6 de outubro. Reunida a Comissão de Legislação em 24 de outubro, ampliou-se a polêmica, com a introdução de mais uma avenida no rol das discussões: diz ela que, depois de ouvir várias sugestões “opinou o vereador Lamaison Porto (PSD), que mais justa e expressiva homenagem se prestaria ao Presidente Getúlio Vargas, colocando o seu imortal nome numa avenida maior, mais importante e que está sofrendo grande e fundamental remodelação, ao ponto de, num futuro bem próximo, ser uma das principais artérias de nossa cidade, a AVENIDA MAUÁ (10)”. O vereador Aquelino Translatti (PTB), que havia antes dado parecer favorável à substituição da Avenida Capitão Jovino, concorda com a exposição feita pelo vereador Lamaison Porto e apresenta uma emenda ao Projeto-de-Lei Salton, no dia seguinte, 25 de outubro, propondo que o nome da Avenida Presidente Vargas substitua a então Avenida Mauá. Na sua justificativa, diz ele que, verificando que o nome de Avenida Capitão Jovino fora dado através de decreto municipal, e, não tendo o vereador Salton (PTB), autor do projeto, oposto obstáculos, propunha que o nome de Mauá fosse substituído por Presidente Vargas.

Livre o Capitão Jovino, parecia que o local para a memória do ex-presidente tinha sido encontrado, bastando para isso que o Barão de Mauá cedesse o seu lugar.

Conforme a Ata 72 da Câmara Municipal, de 9 de novembro, o parecer favorável à mudança de nome da Avenida Mauá entrou em discussão. O vereador Pedro Pacheco (Frente Democrática) afirmou que não seria ele quem se oporia à justa homenagem, mas, lamentava divergir do parecer pela mudança do nome da Avenida Mauá: “Irineu Evangelista de Souza, Barão de Mauá, fora um brasileiro dos mais ilustres, cujo nome transpusera a fronteira da Pátria... construiu a primeira estrada de ferro do Brasil e da América do Sul. *Riscar* seu nome da avenida que o ostenta seria cometer uma injustiça, a quem tanto soube honrar o Brasil... Para a mudança do nome, seria necessário que se revogasse a lei anterior (que deu

o nome de Mauá à Avenida), pelo que requeria que o parecer voltasse ao seio da Comissão para ser reexaminado”. Também o Sr. Ernesto Morsch (Partido Libertador) era da opinião que “a mudança de nome seria cometer injustiça ao *nome aureolado de Mauá*”. Poder-se-ia homenagear o falecido presidente, dizia ele, “com o batismo de seu nome numa das grandes artérias que serão abertas, pelo traçado do Plano Diretor (11) da Cidade”. Deslocava, dessa maneira, a homenagem a Getúlio Vargas para um futuro ainda incerto. Como sabemos, o Plano Diretor, apesar de ser o maior estudo urbanístico da cidade até então, acabou não sendo implementado conforme o projeto inicial.

A mesma ata revela que o vereador Salton, usando a palavra, argumentou que, quando apresentou seu projeto da Avenida Capitão Jovino, o vereador João Gasperin fora de opinião que se mudasse o nome da Avenida Brasil, de ponta a ponta, e o vereador Dr. Mario Hoppe opinara pela mudança de nome da rua Moron. Rejeitara a primeira por ser uma homenagem à Pátria, e a segunda porque entendia que o lugar de Getúlio Vargas deveria ser em uma avenida. Firmava sua posição original de mudar a Avenida Capitão Jovino. O vereador Pedro Pacheco discordou, dizendo que apoiava a anterior sugestão do vereador João Gasperin, *que se mudasse o nome da Avenida Brasil*, “pois não julgava que se ferisse o nome da nossa Pátria, dado que tudo isso era Brasil”. O vereador Salton, desta vez, não deixou escapar a oferta: “esse era um dos pontos que poderia ser examinado pela Comissão”, disse, e ainda apresentou a sugestão de que a estátua que se pretendia erguer ao Presidente Vargas fosse localizada na Praça Marechal Floriano, que era a principal da cidade. Mas uma outra sugestão embaralhava ainda mais o jogo político: o vereador Lamaison Porto, como autor do parecer em discussão (mudar a Avenida Mauá), propunha que se pusesse o nome de Mauá à rua Moron, passando aquela a denominar-se Getúlio Vargas.

As propostas tocavam fundo em nomes tradicionais, contestando a memória que a cidade tinha preservado até então. A questão, pela sua amplitude, acabou envolvendo outras instituições: o vereador Pedro Pacheco sugeriu que se trouxesse um membro do Instituto Histórico de Passo Fundo e mais o Sr. Antonino Xavier e Oliveira, para apresentarem sugestões. O vereador Salton

sugeriu que, além desses, também se convocasse o Grêmio de Letras (12).

As entidades culturais, representadas no conjunto por treze pessoas, se reuniram no dia 11 de novembro, na Biblioteca Pública, às 20 h. Iniciada a reunião, a matéria foi amplamente discutida, com os debates se concentrando sobre a mudança ou não do nome da Avenida Brasil. Os contrários à mudança argumentavam que “se tratava de uma denominação já tradicional e que ostentava o nome da Pátria”. Essa opinião ampliou-se, no sentido de que não fosse mudado nenhuma via pública já tradicional na cidade. Outro grupo, favorável à mudança do nome da Avenida Brasil, argumentava: “é inexpressivo homenagearmos o Brasil dentro do território pátrio, com uma simples denominação de rua”. Quanto ao argumento de que se deveria respeitar a *tradição*, “*havia o conceito de História de que um fato só é tradicional depois de decorridos cem anos (um século)*, pelo que não se pode considerar tradicional nenhuma rua da cidade...”. Uma questão que começou com a ‘simples’ denominação de uma rua envolvia agora os conceitos de história e de tradição. Subjacente a tudo isso estava a memória de Getúlio Vargas, e o uso político dessa memória.

Colocada a questão em votação, obteve-se o seguinte resultado: seis votos foram contra a mudança de qualquer rua tradicional da cidade (13), seis votos foram favoráveis à mudança do nome da Avenida Brasil (14) e um voto foi a favor da mudança do nome da Avenida Capitão Jovino (15). O resultado: empate. Diante de tal resultado, o Dr. Celso Fiori, advogado, *julgou* que “assim, via-se rejeitada a idéia da mudança do nome da Avenida Brasil, pois havia somente seis votos favoráveis à mesma e sete votos foram discrepantes”. O Dr. Mauro Machado, também advogado, e que tinha votado a favor da mudança de nome da Avenida Capitão Jovino, não concordou, “estabelecendo-se acalorados debates”. O Dr. Mauro Machado, para decidir a questão, mudou o seu voto, fazendo a balança pender favoravelmente à mudança do nome da Avenida Brasil. Então, por sete votos contra seis, foi aprovada, pelas entidades culturais da cidade, a mudança do nome da Avenida Brasil para Avenida Presidente Vargas. Foi designado o Reverendo Sady Machado para redigir a resposta à Câmara, “resposta que será submetida à aprovação na próxima terça,



16 de novembro”. No entanto, a Câmara não recebeu a resposta, conforme *O Nacional* de quase cinco meses depois, 18 de abril de 1955 na coluna *Tiro ao Alvo*.

A questão da mudança dos nomes das ruas era então apontado como “o assunto que está mais apaixonando o público” (16). No dia 12 de novembro, a Câmara recebeu vários abaixo-assinados e telegramas. A Faculdade de Direito enviou um ofício onde se posicionava contra a mudança de qualquer nome, mas sugeria que “essa homenagem seja com relação à nossa Faculdade, que passaria a denominar-se Faculdade de Direito Presidente Vargas”. Um abaixo assinado dirigido à Câmara solicitava “que votem para a aprovação do nome do grande brasileiro, Dr. Getúlio Dornelles Vargas, para a Avenida Brasil.... defensor dos fracos, dos humildes e de todos os brasileiros”. Nas últimas linhas estava escrito: “Pedimos desculpas a Vossa Excelência Digníssima por nossa ousadia, que somos operários e trabalhadores”. Outro abaixo-assinado, com 425 assinaturas, “sugeria e apelava no sentido de que VV. SS. aproveem a mudança da denominação da principal via pública de Passo Fundo – Avenida Brasil, para Avenida Presidente Vargas.... com a finalidade cívica de *tributar uma homenagem imperecível à memória*

do saudoso estadista patricio...”. Vários telegramas demonstraram-se contrários à mudança do nome da Avenida Brasil, como o do futuro vereador Sr. Osvaldo Pacheco Gayer: “Sem querer desmerecer a memória do Presidente Vargas, apresento o meu veemente protesto pela infeliz iniciativa de substituir o nome da Pátria pelo de um cidadão”.

A partir de novembro de 1954, o foco da atenção tomou outros rumos. O prefeito Daniel Dipp, eleito deputado federal, o vereador Lamaison Porto, eleito deputado estadual, e o jornalista Múcio de Castro, proprietário do jornal *O Nacional* e eleito deputado estadual pelo PTB, eram diplomados em 19 de novembro. A Câmara de Vereadores entrou em recesso. Foi nomeada a Comissão do Centenário de Passo Fundo, que ocorreria em 1957. As eleições para presidente e prefeito começaram a ganhar os espaços políticos em fevereiro de 1955, e a campanha para a extinção da então zona do meretrício (Rua 15 de Novembro, proximidades da General Osório, onde existia o famoso Cassino da Maroca) ganhou espaço no jornal *O Nacional*.

A coluna “Tiro ao Alvo”, no jornal *O Nacional* de 18 de abril de 1955, retratava a situação sob o título “Um monumento ao Presidente Vargas”: “Esta

campanha só contou com a colaboração e o apoio dos operários, que doaram cerca de três mil cruzeiros, depositados no Banco da Província. Ninguém mais se pronunciou. O grande brasileiro ficou esquecido. A campanha morreu, pelo menos é o que parece. Da mesma forma, pereceu a iniciativa em prol da denominação de uma Avenida Presidente Vargas, mas, isso é lá, com a Câmara de Vereadores e com o Instituto Histórico e Grêmio de Letras, que, aliás, não se pronunciaram até agora. A campanha popular em prol de um monumento ao presidente ... não deve perecer”, e pergunta: “Não é isso lamentável? Não é um sinal de que os ódios políticos estão sobrepondo-se aos sentimentos de solidariedade e civismo?... Que esta campanha possa reiniciar-se amanhã, dia 19 de abril, quando se comemora o nascimento do grande vulto da história brasileira...”.

Em julho de 1955, a Câmara apresentava a proposição, depois de fazer um resumo da questão até aquela data, para que “seja adotado o nome de Avenida Presidente Vargas, na atual Avenida Mauá, passando a rua Moron a denominar-se Rua Visconde de Mauá”. Apesar de não ter sido localizado o documento com a votação dessa proposição, sabemos que ela foi adotada, em

parte: na relação dos nomes das ruas, do ano de 1955, já consta a Avenida Presidente Vargas no lugar da Avenida Mauá, mas a rua Moron permanecia com o mesmo nome. Assim, diferente de outros lugares, onde Getúlio Vargas foi homenageado com nomes de avenidas e até o nome de uma cidade, enquanto era ainda vivo, em Passo Fundo, o processo foi polêmico e levou dez meses para ser aprovado.

Considerações finais

Dos nomes citados no texto, vários hoje aparecem nas ruas de Passo Fundo: a Avenida Múcio de Castro (o proprietário do jornal *O Nacional*) faz esquina com a rua Túlio Fontoura (fundador do *Diário da Manhã*), no Bairro César Santos, uma ironia da história, se considerarmos que os dois eram ferrenhos adversários. Cada um dos dois tem também um busto em sua homenagem na principal praça da cidade, a Praça Marechal Floriano, mas em lados diferentes da mesma.

Wolmar Salton é hoje o nome de uma rua e do estádio do Esporte Clube Gaúcho. Antonino Xavier é o nome da praça em frente ao Hospital da Cidade e também de um conhecido colégio. Ernesto Morsch, Arthur Canfieldt, Pedro Pacheco também são nomes de ruas. Há um ponto na cidade onde as avenidas Aspirante Jenner e Presidente Vargas se cruzam, formando uma ampla esquina-testemunha, a relembrar o trágico dia 24 de agosto, em que os dois morreram. As placas da Avenida Capitão Jovino foram retiradas em 1965, dando espaço ao prolongamento da Avenida Brasil, mas foram recolocadas na antiga Praça Santa Terezinha. E o nome do Barão de Mauá, que cedeu espaço a Getúlio Vargas, foi mais tarde deslocado para o loteamento Parque Turístico (Roselândia), além de permanecer como nome de um posto de gasolina (Posto Mauá), na antiga avenida que levava o seu nome.

O argumento defendido pelos que desejavam colocar o nome de Getúlio Vargas, em uma avenida de Passo Fundo, era o da memória: *perenizar o nome do grande líder*. O grupo contrário, na impossibilidade de abrir seu voto contra Getúlio, utilizava-se do mesmo



argumento, mas em sentido inverso: ninguém dentre os que já haviam conquistado um lugar na avenida, poderia ser “deslembrado”. De um lado, perenizar a memória, de outro, impedir um “memoricídio”.

Notas

- 1 - Refere-se à fundação, no município de Passo Fundo, da Redução de *Santa Thereza de los Piñales*, pertencente às *Missiones Del Tape*, ou *Missiones Del Uruguai*, que passou a funcionar como núcleo de catequese cristã, em 1632.
- 2 - Do grego “Hermes”, mensageiros dos deuses.
- 3 - *O Nacional*, Passo Fundo, 24 ago. 1954.
- 4 - Realizada em julho de 2002.
- 5 - O jornal, fundado e dirigido por Túlio Fontoura, importante membro do PSD local, fazia oposição cerrada à Getúlio Vargas.
- 6 - A sociedade passo-fundense iniciava a construção de um herói: Na relação de ruas, publicada em dezembro de 1955, já constava o nome de “Avenida Aspirante Jenner”. Essa importante avenida da cidade, inicia na rua lateral ao Quartel da Brigada Militar na Vila Santa Maria, atravessa a hoje Avenida Presidente Vargas, se estendendo por 16 quadras.
- 7 - O Cap Jovino teve atuação destacada no comércio e na política de Passo Fundo. Faleceu em 1918, aos 41 anos de idade, vitimado pela epidemia da gripe espanhola.
- 8 - Por coincidência, o então vereador Wolmar Salton residia na avenida Capitão Jovino, que iniciava na Praça Tochetto e se estendia até a ponte sobre o Rio Passo Fundo.
- 9 - Em Porto Alegre, a *Avenida Getúlio Vargas*

Vargas foi nomeada quando ele ainda estava vivo. O mesmo se deu com o nome do município de *Getúlio Vargas*, no norte do Rio Grande do Sul.

10 - antigamente Av. Progresso, em 1913.

11 - Estava sendo elaborado o Plano Diretor, que previa profundas mudanças na urbanização da cidade, com a abertura de várias avenidas e construção de prédios públicos.

12 - Hoje Academia Passo-Fundense de Letras.

13 - Votaram contra a mudança do nome de qualquer rua da cidade: Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Dr. Celso Fiori, Dr. Rômulo Teixeira, Dr. Mario Braga, Gomerindo dos Reis e outro membro.

14 - Votaram a favor da mudança do nome da Avenida Brasil: Dr. Reissoly José dos Santos, Reverendo Sady Machado, Dr. César Santos, Arthur Süssembach, Paulo Giongo e Jorge Edet Cafruni.

15 - Voto do Dr. Mauro Machado.

16 - *O Nacional*, Passo Fundo, 13 nov. 1954.

Bibliografia consultada

- AMADO, Janaína. História e região. Reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, Marcos A. (org.). **República em migalhas**. História Regional e Local. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- DIEHL, Astor A. **Do método histórico**. Passo Fundo: Editora Universitária, 1997.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 1992.
- O NACIONAL**. Agosto de 1954 a dezembro de 1956.
- RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. História Regional. Abordagens teórico-conceituais. **História: debates e tendências**. v.1. n.1. Passo Fundo, jun/99.
- SILVA, Marcos A. (org.). **República em migalhas**. História Regional e Local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

(Fernando Borgmann Severo de Miranda é empresário - Bolsa Construções e Incorporações Ltda. e mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo.)

Meu Grupo Escolar

HELENA ROTTA DE CAMARGO

travessei seus umbrais pela primeira vez, em março de 1946. E a mais forte sensação que me dominou foi de grandeza e notoriedade. Não sei se pelo tamanho do prédio. Se pela extensão do nome, Grupo Escolar José Clemente Pereira, estampado no pórtico, em letras garrafais. Ou pela expectativa da nova condição que aquele ingresso representava. Mais provável, uma mescla de tudo isso, misturada ao emaranhado de impressões que uma criança de sete anos mal sabe definir.

Minha vida escolar começou sem sustos. Sem tensões. O coração batia forte. Mas era de prazer, ansiedade. Hora gloriosa de aprender a ler.

-Quem será minha professora? – essa a indagação que me fazia intimamente, no meu primeiro dia de aula.

Para surpresa minha e dos colegas de classe, foi-nos apresentado um homem louro, jovem, de estatura mediana e semblante risonho. Nosso professor chamava-se Eduardo Becker Cordeiro. Foi um alfabetizador extraordinário. Muito habilidoso no trato com os pequenos estudantes. Simpático por natureza, usou seu charme para cativá-los e facilitar o domínio das primeiras letras.

Nos anos que se seguiram, travei contato com outros educadores: no segundo, o professor Fidêncio, o Pô, (apelido que lhe deu o carinho das crianças); no terceiro, a Dona Vitória; no quarto, a Dona Lígia. Ambas mulheres e profissionais



carismáticas, reverenciadas até hoje num cantinho do coração.

O curso primário completava-se com o quinto ano. Mas a lei permitia o ingresso no curso ginásial, sem a conclusão do ensino básico. Meu pai optou por essa segunda via e levou-me, em 1950, a prestar o exame de admissão, no Ginásio Nossa Senhora Aparecida, em Carazinho.

De todas as saborosas lembranças que guardo do meu grupo escolar, sem dúvida, a mais definida, consistente e primorosa é a da sua biblioteca. As estantes não escondiam apenas belas histórias. Cheias de aventuras e peripécias. Também nos emprestavam a chave para o mundo mágico que existia além. Além das fronteiras da escola e do convívio familiar. Um cofre encantado, onde uma fada-madrinha escondia as mais surpreendentes descobertas. Títulos como Juca e Chico, Sinhazinha e Maricota, O Porquinho Dorminhoco e outros, provocavam disputas entre a garotada, na hora de saírem da estante.

A memória revive também - com orgulho incontido – as comemorações

e os desfiles da Semana da Pátria. Guarda-pó impecavelmente branco. Pelotões rigorosamente alinhados. Bandeira tremulando ao vento. O mastro, imponente e marcial, conduzido pelos próprios alunos. O Hino, cantava-se com a mão direita sobre o peito. Um cerimonial que fundia religiosidade e patriotismo diante do pendão sagrado.

O pátio da escola, por sua vez, representava um local respeitado e temido, que nos punha em sobressalto. Construída sobre o terreno de um antigo cemitério, era freqüente a meninada se deparar com fragmentos de ossos humanos desenterrados pela ação do tempo, enquanto corriam atrás de uma bola ou brincavam de esconde-esconde.

Naqueles anos de poucos brinquedos e escassas diversões, o grupo escolar servia de ponto de encontro dos meninos e meninas do vilarejo. Ali, no vigor da puberdade, começava a descoberta da diferença entre os gêneros, e o desabrochar dos ardores e inquietudes próprios da idade. Esta escola marcou minha infância, como a bigorna marca o ferro. Estigma indelével e significativo, para os anos futuros e para a vocação que se manifestaria mais tarde.

Além de abrir-me as portas do conhecimento, inseriu-me também na amplitude do convívio social, oportunizando o intercâmbio com outras crianças e originando vínculos afetivos fortes e duradouros.

Poesia

Somos racionais?

Passa o tempo? Ou nós é que passamos?
O que somos e por que estamos nesta vida?
São perguntas que fazê-las não gostamos
Porque a resposta pode ser dorida.

E a razão da vida é por nós não percebida,
Vivemos como se estivéssemos sonhando,
Arrastados para uma região desconhecida,
Como uma pluma que o vento vai levando.



GETULIO VARGAS ZAUZA

Por quê? E de onde viemos? Nós não indagamos.
Abdicamos da nossa condição de racionais
Movidos por impulsos oriundos do inconsciente

Destruímos a nós e aos outros como insanos.
Se comparada com a vida dos animais
A nossa maneira de viver é indecente.

Centenário de nascimento do médico, cientista, líder político e implantador do ensino superior em Passo Fundo - César José dos Santos



Dr. César Santos com 2 anos, em 1906, no lombo de um jumento, tendo seu pai à frente, com uma espingarda

MEIRELLES DUARTE

ano de 2004 marca o centenário de nascimento de uma personalidade que, mesmo não tendo aqui nascido, deu à sua cidade adotiva o melhor de sua vida, o fruto de sua fulgurante inteligência e que não poderá, jamais, ser esquecido, nem agora como no futuro. O cientista e médico César Santos marcou o seu nome, intimamente vinculado a sua Passo Fundo, no mundo inteiro. cursou duas faculdades: a de Farmácia, cuja conclusão conseguiu em 1932, e a de Medicina, formado que foi com distinção em 1933, ambas na capital do estado.

Para conseguir fazer frente a estes dois importantes cursos, foi professor da Escola Cruzeiro do Sul, onde deixou sua marca na comprovação dos seus conhecimentos e inteligência. Dois anos após formado médico, a Congregação da Faculdade lhe conferiu o prêmio Osvaldo Cruz, medalha de ouro por trabalho qualificado como “notável”. Em 1937, conseguiu, com raro brilho, a aprovação para docente da mesma Faculdade de Medicina. O ano de 1945, foi o ano em que Passo Fundo o recebeu, quando, além de vir consorciar-se com dona Rosa Pereira, instalaria sua clínica com serviços de eletrocardiografia e eletroen-

cefalografia, passando a sua instituição a gozar do mais alto conceito, neste e em vários outros estados da Federação.

Cientista de envergadura, figurou entre os poucos brasileiros de sua época que se fizeram ouvir em congressos internacionais. Em 1950, em Londres, seu trabalho sobre linfografia mereceu distinção especial, com diploma e medalhas que até hoje estão expostos na sala César Santos, na biblioteca de nossa universidade. Em 1965, esteve na Áustria, num curso avançado de aperfeiçoamento, e foi um dos presidentes do memorável Congresso Internacional de Radiologia de Roma. Tudo comprovado com medalhas e diplomas. Preparava-se para participar de um congresso em Tóquio, quando a doença, que o levou, se manifestou. E foi ele proibido pelos médicos de viajar. Foi ele, com a mais moderna clínica, na época, de todo o interior, pioneiro no tratamento do câncer. A tuberculose era o mal do século. Especializou-se no tratamento dessa doença e tornou-se o maior nome nessa especialidade.

Foi um político militante e de grande destaque. Participou da fundação do PTB de Getúlio Vargas, posteriormente do MDB. Foi deputado estadual e federal. Mantinha grande vínculo com os maiores líderes da política brasileira.

Getúlio Vargas foi seu hóspede, em 1950, quando aqui esteve em campanha política que terminaria elegendo-o Presidente da República. Também Leonel Brizola, como governador do estado, foi por várias vezes seu hóspede. Amante de Passo Fundo, ídolo de seu povo como médico humanitário que sempre foi, César Santos candidatou-se e elegeu-se prefeito no pleito de 1968, tendo Guaracy Marinho como vice. Nos dois primeiros anos, administrou a cidade, com especial carinho à saúde e à educação. Faleceu em 1970 e Guaracy Marinho completou o período executivo.

Foi o idealizador e o realizador do ensino superior em nossa cidade, lutando contra adversários políticos que tentaram roubar-lhe esta distinção, o que ninguém, em tempo algum, conseguirá. Todos os que passaram e continuam hoje presentes nos bancos universitários de nossa fulgurante universidade, devem ter sempre à frente a figura do pioneiro César Santos que, mesmo sofrendo injustas investidas, quando lhe tomaram as rédeas da universidade, jamais poderá ser esquecido ou ignorado.



César Santos homenageado pela Prefeitura de P.Fundo, no ano em que aqui chegou



César Santos no “Tiro de Guerra”, em 1930, na capital do estado

Nasceu em Soledade, nos campos de seu pai, pecuarista José Antônio dos Santos, e de dona Maria dos Santos, no dia 30 de março de 1904, há 100 anos. Sempre houve na família a promessa da torná-lo médico, pois, dispondo de meios, queria seu pai ter um filho numa posição de destaque. Ao concluir o curso primário, foi levado à capital, onde passou a freqüentar os melhores colégios que lá existiam. Após matriculou-se nas faculdades de Farmácia e Medicina, fazendo, concomitantemente os dois cursos. Concluiu a Farmácia em 1932 e a Medicina em 1933, sem qualquer reprovação. Já em 1934, defendeu tese de doutoramento, tendo sido aprovado com distinção, grau 10. Em 1935, foi-lhe conferido o prêmio “Osvaldo Cruz”, medalha de ouro por trabalho notável. Em 1937, submeteu-se a concurso para docente na Faculdade de Medicina, sendo aprovado de forma brilhante. Todos esses títulos, devidamente comprovados por diplomas e medalhas, hoje estão na sala “César Santos”, no campus da nossa universidade.

A família

Dr. César Santos consorciou-se com a senhora Rosa Pereira, em 22 de dezembro de 1945, em nossa cidade. Dona Rosa, hoje residindo com a filha em Porto Alegre, nasceu no dia 26 de fevereiro de 1918, estando com 86 anos. O casal teve os filhos, Radiá, médica radiologista na capital, nascida no dia 13 de outubro de 1946, e César José dos Santos Filho, empresário aqui residente, nascido em 23 de setembro de 1959.

O pioneiro do ensino universitário

Nessa homenagem a César José dos Santos, pelo centenário do seu nascimento. Falaremos um pouco do seu pioneirismo, do seu sonho de Passo Fundo um dia desfrutar da uma universidade. Os caros leitores constatarão que, realmente, nosso homenageado teve e mantém, até hoje, esse invejável pioneirismo que ninguém dele poderá tirar nem duvidar, apesar de tudo o que ocorreu anos mais tarde. Não queremos, por outro lado, ignorar os grandes nomes que vieram após César e Reyssoli Santos, numa seqüência de grandes administradores que muito lutaram para tornar o que hoje é a fulgurante Universidade de Passo Fundo, até o atual reitor, Rui Getúlio Soares.

O que promovemos é uma homenagem, no seu centenário, àquele que, um dia, foi além do sonho, tornando-o realidade, não em benefício próprio, mas de milhares de jovens brasileiros: o ensino superior em Passo Fundo. Deixemos de lado momentos condenáveis, como as retomadas da então Sociedade Pró Universidade, para nos reportar aos dados que garantem o pioneirismo ao nosso homenageado.

A histórica Ata nº 1

Não precisamos ir ao fundo dos arquivos que tudo registraram nos órgãos de imprensa da cidade, para confirmarmos esse pioneirismo. Uma ata, há 54 anos lavrada, é suficiente para coroarmos a gigantesca obra de César Santos, até hoje desfrutada por milhares de jovens.

Trata-se da Ata nº 1, datada de 24 de janeiro de 1950, e lavrada nos salões de festas do Clube Comercial. Vale não só por seu conteúdo, como, principalmente, pelas personalidades que prestigiaram e assinaram esse valiosíssimo documento.

“Perante grande número de representantes das classes culturais, industriais e comerciais, foi aberta a sessão pelo Dr. Rômulo Cardoso Teixeira que, incumbido pelos componentes da reunião, convidou Dr. César Santos para presidir os trabalhos. O Dr. César Santos expôs os motivos da reunião, fazendo ampla explanação sobre a finalidade e a possibilidade da fundação da Universidade de Passo Fundo. Após várias manifestações, o Dr. Francisco Antonino Xavier e Oliveira, proferiu empolgante discurso, congratulando-se com a idéia, afirmando que considerava a iniciativa um marco histórico para a vida intelectual de Passo Fundo. Falaram, ainda, o Dr. Celso Fiori e o Irmão Marista, Paulo Maria. Foi constituída uma comissão formada pelos senhores, Dr. Celso Fiori, Dr. Frederico Morsch, Irmão Paulo Maria, Dr. Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Dr. Isaac Melzer, Juiz de Direito, Dr. Rômulo Teixeira, Reverendo Sady Machado, Dr. Verdi De César e Dr. César Santos. Por aclamação foi escolhido para presidir esta comissão, o Dr. César Santos.” Assim segue a ata apontando as primeiras providências que a comissão adotou, sendo essa reunião considerada como o berço, o nascimento do ensino universitário em Passo Fundo.



César Santos com João Goulart, na luta pelo ensino superior em nossa cidade

Como César José dos Santos chegou à Prefeitura de Passo Fundo, em 1968, com Guaracy Marinho

Nessa matéria que marca o centenário de nascimento do médico, cientista, pioneiro do ensino superior e líder político, César José dos Santos, chegamos a 1968, ano que marcou sua consagração nos meios políticos municipais, depois de fundar e presidir, por muitos anos, o velho PTB, sendo absorvido, após a revolução, pelo MDB.

O convite

A legislação eleitoral, em 1968, permitia as sublegendas para cada partido, no número máximo de três. Assim partiram os dois partidos locais, ARENA e MDB, para a sucessão de Mário Menegaz e Adolfo João Floriani. Uma comissão de alto nível visitou César Santos em sua residência, contando, dentre outros, com os senhores Eleodoro Antunes Fernandes, Mauro Machado, Camilo Leôncio Ribeiro, Sabino Santos e vários outros. O convite foi formulado e, com a influência da sua esposa, dona Rosa Santos, César Santos terminou por aceitar a duríssima missão.

A sublegenda do MDB

O MDB tratou de constituir suas três sublegendas: uma tinha Wolmar Salton, com Nilo Zimmermann, na vice; Sinval Bernardon, com Hilário Rebechi, na vice; César Santos, com Guaracy Marinho, na vice. A ARENA tinha Augusto Araújo Trein, com Romeu Martinelli, na vice; Adolfo João Floriani, com Ney Vaz da Silva, na vice; Anildo Sarturi, com Fidêncio Franciosi, na vice.

A vitória final

Os mais votados foram Augusto



O momento do "sim". Lideranças da cidade na residência de César Santos, quando do convite para concorrer à prefeitura de Passo Fundo, em março de 1968



A posse do secretariado: Ernesto Formigheri, diretor do Hospital Municipal, Anulfo Linhares, das Obras; Ernesto Scortegagna, da Administração; João Carlos Machado, chefe de gabinete; Guaracy Marinho, vice-prefeito; César Santos, prefeito; Noeli Albuquerque, da Educação; José Rossi, da Fazenda, e Eleodoro Antunes Fernandes, gerente da Rádio Municipal

Trein e Romeu Martinelli, com 7.836 votos. César Santos e Guaracy Marinho foram os mais votados do MDB, com 5.559 votos. Na soma total, porém, o MDB conseguiu 14.047 votos, enquanto que a ARENA obteve 10.943. Assim foi eleito o médico e

cientista, que confirmava também sua liderança política.

Posse e afastamento

César Santos recebeu a prefeitura do senhor Mário Menegaz. Havia um distanciamento entre os dois, pois fora o prefeito Menegaz quem ordenara a tomada, pelas máquinas e viaturas da prefeitura, das faculdades dirigidas por César Santos. Mesmo assim, na hora da passagem, a cordialidade falou mais alto. Infelizmente, César Santos não conseguiu cumprir o seu mandato, pois a enfermidade surgiu, inesperada, e o afastou para sempre. Diagnosticado o câncer, que ele combateu uma vida inteira, salvando centenas de vidas, terminou sendo ele próprio vítima desta gravíssima enfermidade. Caprichos do destino que ninguém consegue entender. Assumiu e completou o período executivo, o vice, Guaracy Barroso Marinho.



A posse de Guaracy Marinho, sob os olhares do titular que deixava o posto para tratamento de saúde

A morte de César Santos há 34 anos - homenagens em Passo Fundo e Soledade - os oradores

Na conclusão dessa matéria que marca os 100 anos de nascimento, e a morte, há 34 anos, do cientista, médico, líder político e pioneiro do ensino universitário, César José dos Santos, chegamos ao momento em que a cidade, o estado e o próprio Brasil choraram sua partida. Foi no dia 6 de maio de 1970, que o humanitário médico nos deixou para sempre.

Os últimos momentos

César Santos faleceu às 7h45 do dia 6 de maio de 1970, em sua residência, onde foi instalado um leito hospitalar. Assistido pelos médicos Sérgio Lângaro e Platão Vieira, ao seu lado, além da esposa, dos filhos e irmãos, lá se encontravam o vice-prefeito Guaracy Marinho e esposa, senhora Geny, o reverendo William Schissler Filho, da Igreja Metodista, e o padre Luiz Serraglio, da catedral. Além deles, o líder na Câmara, do MDB, vereador Meirelles Duarte; Ney Menna Barreto e esposa; deputado e irmão, Reyssoli José dos Santos; Florisbello Ferreira; e vereador Ernesto Scortegagna.

Translado para a Prefeitura

As emissoras da cidade passaram a anunciar a morte de César Santos e interromperam suas programações. Logo, uma multidão aglomerou-se defronte à residência. Imediatamente, o vice, Guaracy Marinho, determinou que o salão nobre da velha prefeitura recebesse o corpo. Já às 8h30min, o esfinge, cercado por centenas de pessoas e uma verdadeira multidão em frente, foi exposto para a visitação da população.

Atos religiosos

No largo, em frente ao prédio da pre-



Populares e o vice, Guaracy Marinho, chorando na hora da condução do corpo, com destino a Soledade

feitura, tiveram lugar os atos religiosos dirigidos pelos pastores William Schissler Filho, da Igreja Metodista, o bispo Dom Plínio Simões, da Igreja Episcopal, à qual pertencia o falecido, o padre Luiz Serraglio, e pastores episcopais de Erechim e Santa Maria.

As homenagens em Passo Fundo

O corpo de César Santos ficou todo o dia 6, durante a noite e a madrugada, no salão nobre da prefeitura. Os atos religiosos aconteceram no dia 7, por volta das 9h. Uma hora depois, iniciava a caminhada de partida para sempre do ilustre cidadão. Falando em nome da cidade, já que o vice-prefeito não tinha condições emocionais, o líder do MDB na Câmara, Meirelles Duarte, proferiu um discurso de improviso. Falando do alto da prefeitura, deu o adeus para sempre, apontando os prédios da universidade que, tanto quanto a população, choravam também a partida do seu criador. O corpo foi levado até o trevo do Boqueirão, pelas mãos de amigos e populares. A banda da Brigada Militar tocava, o tempo todo, a Marcha Fúnebre, de Chopin.

Chegada a Soledade

Assim que o corpo, acompanhado por 80 automóveis, chegava a Soledade, o prefeito em exercício, Trajano Porto Cardoso, abriu as portas do salão nobre da prefeitura. Grandes homenagens foram prestadas, quando brilhantes discursos foram proferidos, como o do próprio prefeito, do deputado Ivo Sprandel e do ministro do Tribunal de Contas, Gudbem Castanheira. O corpo, por volta das 15h, foi levado à matriz, onde houve um culto ecumênico.

No cemitério

Antes de baixar à sepultura o corpo de César Santos, foram prestadas as últimas homenagens nas mensagens comoventes do vice, Guaracy Marinho; de Rui Ortiz, presidente do MDB de Soledade; de João Chaves Campello, ex-prefeito de Soledade e cunhado, e de um representante da Loja Maçônica de Soledade - Loja Liberdade -, pois César Santos fora membro e um dos maiores beneméritos e benfeitores da Loja Concórdia do Sul. Partia, alvo das mais comoventes e merecidas homenagens, o grande cientista, César José dos Santos. E nós, com orgulho de ter com ele convivido, e pela admiração que sempre lhe devotamos, marcamos, com tudo o que nos foi dado e o que testemunhamos, essa homenagem, no ano do centenário do seu nascimento.

(Antonio Augusto Meirelles Duarte é advogado, jornalista e presidente da Academia Passo-Fundense de Letras.)



A multidão em frente ao velho prédio da prefeitura

Impunidade motiva insegurança social

IRINEU GEHLEN

Se a lei fosse cumprida nos seus exatos termos, por certo, não haveria necessidade de os ruralistas tentarem defender suas propriedades com as próprias mãos. O Código de Processo Civil, no seu artigo 655, estabelece a ordem hierárquica das penhoras. A penhora de dinheiro precede a todos os demais bens. Entretanto, em nome do patrimônio público, em nome do aspecto social, em nome do livre convencimento, muitos juizes violam a disposição processual. Fizemos menção, apenas, a dois exemplos. Poderíamos citar dezenas ou, quiçá, centenas de casos de desrespeito à Lei. A morosidade da Justiça brasileira, que não é culpa de todos os juizes, mas da estrutura, a não aplicação da Lei e a demora injustificada, enfraqueceram o Poder Judiciário

brasileiro, estabelecendo uma crise de credibilidade. O Ministro Sepúlveda Pertence, do STF, afirmou em seu discurso, em Brasília, que “*a crise de credibilidade do Judiciário alcançou dimensões inéditas nos últimos anos*”.

A exacerbada insatisfação popular com a lentidão, a ineficiência, e a não aplicação da Lei, a par dos altos custos que se tem do ajuizamento de uma ação, tornando impossível a busca dos direitos de muitas pessoas, estabelecem uma perigosa descrença na justiça. Os noticiários documentam esses resultados perversos, que criam, na mente das pessoas, o espírito de insegurança na convivência social. O Judiciário, como um dos poderes do Estado, aquele que tem por função estabelecer a boa convivência e a paz social, não pode ser corroído no seu prestígio e na confiança popular. Se não fosse esse flagrante enfraquecimento do Poder Judiciário,

por certo, a reforma da Previdência não teria atingido os integrantes desse Poder. A gravidade atinge prismas dramáticos. A democracia é arranhada a cada dia, quando as instituições judiciárias enfraquecem. A grande maioria do corpo da magistratura brasileira é honrada. Os bons juizes sofrem muito com as generalizações sobre o sistema judiciário.

Dessarte, o cumprimento da Lei, nos seus precisos termos, haverá de restabelecer o respeito, nas relações entre os indivíduos, e diminuir, inclusive, a carga de processos nas instâncias judiciárias. Não podemos, em hipótese alguma, perder o devido respeito às autoridades constituídas. Entristece-me, profundamente, ao ver que o desrespeito popular ao Poder Judiciário prolifera.

(Irineu Gehlen é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

Poema para um amor reencontrado

Meu amor, escrevo este poema para ti,
Porque ontem
Te reencontrei.
Meu amor, te reencontrei
com uma angústia que ninguém pode imaginar,
Pois te reencontrei para nunca mais.
No passado, na tua presença,
Este amor
- Que agora tenho claro -
Nem era sonhado, talvez nem fosse real.
Eu não o sabia. Tampouco eu sabia sobre o amor.
Juro.
No passado, quando dos teus olhos de mar do nordeste,
Quando de tuas mãos repletas de poemas e paz
A ternura aflorava e eu a sentia
No fundo do meu coração,
Meu amor,
Eu nem suspeitava que o fosse.

Era um sentimento bom que havia.
Um grande respeito,
Uma saudade, uma confiança.
Mas, amor como este, que me tirou o fôlego, ontem,
Quando de repente te redescobri,
Não percebi existir – será que tu....

Eu lia tuas coisas, ouvia tuas palavras declamadas,
Súbito, uma fotografia perdida.
Teu sorriso, teu olhar, tua companhia,
Me subiram à garganta com grito
(Logo escondido).
Era amor!
O que eu sentia era amor.
Por isso falaram que era, na ocasião.
Porque os mais antigos sabem reconhecer o amor.

Eu, não.

Ah, ririas se me visses agora, também estou antiga.
Meus cabelos estão quase todos brancos.
Não estavam na última vez que nos vimos para nunca mais.
Naquele tempo, sim, naquele tempo,
Eu achava que não envelheceria nunca
E que te tornaria a encontrar.

Meu amor adorado.
Teu nome sagrado fica em silêncio dentro de minha dor.
Teu corpo morto, honrado,
em bronze guardado como história,
Estampado - como insígnia de afeição.

Mas este amor, que passeia entre as nuvens brancas
e longas de tua lembrança,
de tua presença física é obrigado a abrir mão,
da tua alma,
não.

Bebeto e a nossa crônica falta de heróis

OSVANDRÉ LECH

Ilberto Villas-Boas faleceu placidamente, em 19 de setembro do ano passado, após longa enfermidade hepática.

Tinha apenas 57 anos. Não se revoltou contra a brevidade de vida que o destino lhe determinou, nem se amargurou pela má sorte. Apenas enfrentou de cabeça erguida o adversário forte – a doença – e depois a morte. “Adversário forte” ele conhecia bem, pois assim o enfrentara em tantos domingos ensolarados,



vestindo as camisetas dos times que defendeu, com tanto entusiasmo, durante a sua vida esportiva, como jogador profissional. Ele iniciou no Pampeiro de Soledade. Veio em 1965 para o CRE 14 de Julho, depois SC Gaúcho. E foi ainda do Internacional, Grêmio, Corinthians, América do Rio, Bahia, Caxias, Inter de Santa Maria, Juventus e Toledo, ambos de São Paulo. Foi no Gaúcho, da montanha do Boqueirão, que o Bebeto mais gostou de jogar e se tornou o maior ídolo de todos os tempos. O radialista Duarzan Bittencourt D’Ávila tornou-o conhecido como o “canhão da serra”. Meirelles Duarte narrava com entusiasmo os gols que faziam a alegria de todos na cidade. Bebeto era o terror dos zagueiros e goleiros. O seu chute era potente e certo, fazendo dele um goleador nato, com reconhecimento nacional, naqueles já distantes anos 60 e 70. Se fosse hoje, tamanho talento empolgaria os gramados da Itália, Espanha, etc. Ao se transformar em verdadeiro herói, conheceu a glória nos braços dos torcedores, a bajulação da imprensa, e até a amizade mesquinha de alguns amigos interesseiros e de última hora. Nada disso, no entanto, o distanciou daquele sujeito despreocupado, tímido até, e simples, muito simples. O amor pela sua esposa e pelos filhos, a lealdade pelos seus amigos verdadeiros e companheiros de time, os seus traços de honestidade e retidão, e a sua enorme alegria em se declarar passo-fundense, fizeram dele um herói da nossa cidade.

Temos tido bem poucos heróis para nos orgulhar. Fagundes dos Reis, Gervásio Annes, Nicolau de Araújo Vergueiro, César Santos, Ítalo Bertão, Aido Finardi, Orlando Menegaz, Tadeu Annoni Nedeff, Dom Cláudio Colling, Teixeira, Sabino Arias, Deoclides Czamanski, dentre outros, já escreveram a sua história. Luiz Felipe Scolari, Tânia Roesing, Gus-



tavo Endres, Paulo Dutra, Rui Soares, Yamandú Costa, dentre outros, estão ainda escrevendo as suas histórias de conquistas pessoais e para a nossa cidade. Os seus feitos não devem ser esquecidos. De certa forma, como comunidade, nos orgulhamos muito dos feitos dos nossos heróis, nos valem das suas conquistas, mas não retribuimos à altura tais gestos de grandiosidade. A nossa crônica falta de heróis se deve, talvez, pela nossa facilidade de esquecermos tais realizações e personagens.

No domingo passado, 05 de setembro de 2004, o SC Gaúcho obteve inesperada vitória frente ao SC Internacional, de Porto Alegre. Fato incomum, que muito alegraria o Bebeto, se vivo estivesse. Esta vitória soa como uma homenagem póstuma da equipe do Boqueirão e de todos os passo-fundenses para ele.

Como prova de admiração pelo seu trabalho sério e honesto, sua liderança natural, a divulgação que deu a Passo Fundo e, acima de tudo, pelo amor à cidade e pelos gestos de simplicidade que distribuiu ao longo da sua vida, a comunidade da nossa cidade deveria homenageá-lo com uma estátua. O poder público, a imprensa esportiva, e algumas poucas lideranças podem fazer esta estátua se tornar realidade, em pouco tempo.

Ao resgatarmos os nossos heróis locais, estaremos estimulando outros a perseguirem os caminhos da excelência, o exercício pleno da cidadania, enfim.

(Osvandré Lech é ortopedista e membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Medicina.)

A fenomenologia do atual hábito de pensar



GETULIO VARGAS ZAUZA

ntes de desenvolver o tema deste capítulo, penso que devo indicar as razões que me impulsionaram a interessar-me por ele, por considerar que é importante para o trabalho que o paciente terá que realizar, na compreensão dos processos psicopatológicos geradores de sua sintomatologia, bem como para a cura e para ter mais segurança na reorientação de sua vida.

Aos 20 anos, ao retornar de São Paulo, onde realizei o curso de eletrônica na antiga Escola Técnica de Aviação, para a cidade do Rio de Janeiro, recomecei meus estudos, que haviam sido paralisados no 5º ano do curso primário. Ao mesmo tempo, interessei-me pela leitura filosófica, religiosa e esotérica, talvez por conviver com pessoas de elevado nível cultural e um tanto ecléticas.

Comecei pela leitura das obras de Platão; em primeiro lugar, a Apologia de Sócrates. Fiquei impressionado pelo seu amor à verdade. Esse fato caiu em minha alma e tornou-se quase uma obsessão. Nunca mais consegui deixá-lo, nem mesmo colocá-lo num segundo plano em minha vida.

Outra força que passou a atormentar-me foi, e é, a idéia da liberdade. Minha leitura sobre o assunto religioso começou com o Novo Testamento. Eis que aí encontrei, na palavra de Jesus Cristo, a frase “A verdade vos tornará livres”.

Como se não bastasse a impressão causada por Sócrates, agora me abordava uma doutrina transcendente, que afirmava que a verdade nos tornará li-

vres. Com muita falta de modéstia, elegi para meus modelos de vida, Sócrates e Jesus, como homem, ainda não como Deus, que habitou no corpo de Jesus, pois, apesar de ter convivido durante três anos, dos 13 aos 15, com um excelente e muito culto padre, fazendo parte de um grupo de jovens católicos, nunca adotei essa, nem outra doutrina religiosa, durante toda a minha vida, embora tivesse sempre vivenciado certa espiritualidade. Isso devo muito à cultura e ao espírito não dogmáticos de meu eterno amigo, o padre Assis.

Mas o fato dramático, que se propunha a minha alma jovem e inculta, era: O que é a verdade? Como se chega à verdade? Durante anos lutei com essas questões, pois pensava a verdade no sentido absoluto, a verdade última.

Daquilo que era apenas leitura, passei ao trato do assunto com mais seriedade, como estudo. Aos 22 anos, quando cursava o científico, em função do meu interesse pela disciplina de Filosofia e minha participação ativa nas aulas dessa matéria, o professor Ney, que também era psicólogo e tinha realizado esses cursos na Sorbonne, em Paris, mostrou-se interessado pela minha humilde pessoa, a ponto de inúmeras vezes permanecer no pátio do colégio, a “Moderna Associação Brasileira de Ensino”, conversando comigo sobre Filosofia e filósofos. Foi através dele que tomei conhecimento da Psicanálise, de Freud, Adler e Jung. Indicou-me algumas obras de Freud e de um dos primeiros psicanalistas brasileiros, o Dr. Gastão Pereira da Silva. Dessas obras, que eram três, recordo-me apenas de

um livro, o qual ensinava como aplicar a técnica psicanalítica na forma de auto-análise. Fiquei fascinado pelo assunto e em especial pela possibilidade de poder entender certos processos psíquicos. Daí em diante passei a fazer auto-análise quase diariamente.

A prática da auto-análise permitiu-me descobrir algumas verdades ocultas no inconsciente e encontrar solução para muitas dúvidas, que nem eram conflitos neuróticos, mas questões existenciais que, de qualquer forma, me angustiavam. Foi então que entendi que não se tratava de chegar à revelação da verdade última, mas que sempre que se chega a uma verdade qualquer, esse fato tem um efeito libertador.

No entanto, a questão em si não ficou resolvida. Quando ingressei na universidade para realizar o curso de História Natural, ao deparar-me com tantos pontos de vista, “teorias”, contraditórios sobre o mesmo assunto, interessei-me por fazer uma incursão sobre a história da ciência, constatando que, de tempos em tempos, e cada vez em tempos menores, aquilo que era uma vez afirmado e aceito como verdade científica, era anulado por novas afirmações (“provas”). Percebi que, mesmo nos meios científicos ou filosóficos mais seletos, os cientistas e os filósofos estavam se movendo numa penumbra. Além dos fatos concretos captados pelos sentidos físicos normais ou instrumentais, quando entravam no âmbito do pensar, quando chegava o momento de interpretar os fatos pensamentalmente, começava a insegurança e a confusão. Enquanto se tratava de observar e descrever, tudo ia bem. Além

disso, falei de insegurança e equívocos, para não dizer erros crassos.

Trata-se, na verdade, de julgamentos, afirmações, sem provas materiais, porque, no campo do puro pensamento, quando se trabalha com abstrações, é impossível provar o que quer que seja, se o nosso interlocutor não possui o mesmo nível de iniciação no assunto em questão. Por exemplo, de que maneira provar, a um não-iniciado em Matemática superior, que, numa equação de cálculo diferencial, o resultado que obtivemos corresponde à verdade matemática? Para todo aquele que não for iniciado num determinado assunto, qualquer afirmação que lhe seja feita, se ele aceitar como verdade, não passará de crença. Ele talvez acredite, porque considera que o afirmante sabe de experiência própria, ou não tem motivo para enganá-lo. E assim é que mesmo os cientistas aceitam como verdadeiras as afirmações que eles não têm como comprovar, e as utilizam em seus raciocínios e conclusões.

Encontrando-me ante essa situação, lembrei-me que, durante o curso na Escola Técnica de Aviação, tínhamos como último estágio um módulo no qual estudávamos todos os instrumentos utilizados para a medição de valores de energia, condutibilidade, indutância, capacitância, etc., nos campos da electricidade e eletrônica. Tal módulo de estudo tinha a finalidade de consertar e dar certeza de que os valores lidos nos instrumentos correspondiam à realidade, quer dizer, dava segurança quanto aos valores.

Nessa altura das minhas cogitações, ocorreu-me a pergunta: Qual instrumento utilizamos para procurar a verdade sobre qualquer fato, fenômeno, quando os nossos sentidos físicos não são mais capazes de resolver a questão, quando temos que nos servir dos pensamentos? A resposta era mais que óbvia. Como os sentidos físicos se mostram limitados, só nos resta recorrer aos pensamentos. Mas, quem produz e onde são produzidos os pensamentos com os quais efetuamos juízos de qualquer natureza, sejam científicos ou de outra ordem? Os pensamentos, no meu entender, são produzidos pelo que, na época, eu denominei *a nossa mente*, e compareciam para nossa percepção nela mesma.

Ora, se quem produz em nós os pensamentos para efetuarmos os juízos é *a nossa mente*, e é também nela que eles comparecem para nossa percepção,

então, para termos segurança quanto à capacidade da *mente humana* em fazer julgamentos verdadeiros, deveríamos estudá-los, especialmente no que se refere a essa função, uma vez que é dela que necessitamos para tanto. Ela, a *mente*, seria o instrumento com o qual operamos para podermos fazer julgamentos verdadeiros. Como ter certeza de que aquilo que afirmamos é verdade, se não podemos saber se nosso instrumento nos permite ter segurança quanto àquilo que afirmamos? Da mesma forma não teríamos segurança quanto aos valores obtidos nas medições, se não pudéssemos confiar em que o instrumento está dando o valor correto. Mas isso só é possível se o conhecemos perfeitamente. Daí cheguei a conceber a idéia da necessidade de conhecer como funciona a mente humana, no que se refere à produção de pensamentos e julgamentos.

Essas constatações conduziram-me à necessidade de observar, detida e profundamente, o processo da formação dos pensamentos e, conseqüentemente, da emissão dos julgamentos.

Dessa forma é que cheguei à idéia de realizar um estudo da fenomenologia do atual hábito de pensar, por meio de observação direta do processo pensamental, habitual, isto é, como todo mundo faz para pensar, produzir pensamentos e com eles o julgamento; como se obtém explicação, solução sobre os desafios e enigmas que a vida nos oferece, seja no domínio das ciências ou da vida cotidiana.

Além da observação do processo mental em geral e da produção dos pensamentos e julgamentos, comecei a ler teorias do conhecimento, sendo os principais autores, Hegel, Kant, Steiner e tantos outros ao meu alcance.

Como não encontrei literatura que descrevesse o processo na sua forma habitual, tive que realizar observação direta, tomando como objeto o meu próprio processo. Portanto, desdobrei-me em dois: *o objeto* a ser observado, minha consciência como “palco” onde comparecem imagens, representações, lembranças, sentimentos, impulsos e pensamentos; e o sujeito observador, que contempla as percepções.

Para início das minhas observações, pedi a um amigo sua casa de campo, situada no alto de um morro, distante de todo e qualquer ruído que pudesse funcionar como estímulo e distrair minha atenção, até mesmo sem caseiro e vizinhança. Não levei nada para ler

ou fazer, além de alguns alimentos simples. Durante sete dias, permaneci em silêncio e sem iluminação durante as noites.

A primeira coisa que observei foi a existência de um processo de passagem, pela consciência, de lembranças, representações mentais (imagens), cenas de acontecimentos, sentimentos e impulsos, muitas vezes contraditórios, trechos de conversas, impressão de ouvir vozes de pessoas com quem conversei, discussões, afirmações, negações, justificações, tais como: eu disse isto porque tu disseste aquilo; eu fiz isto porque ele fez tal coisa; e assim por diante. Um verdadeiro tagarelar contínuo e caótico, que não conduzia a lugar algum e a conclusão nenhuma.

Passada essa fase inicial da observação, com alguma dificuldade, procurei concentrar-me em determinadas questões que eram de vital importância para mim. Uma delas era um problema ético (moral) e dizia respeito ao comportamento masculino em relação à mulher, envolvendo toda a problemática, desde a sua valorização, ou melhor, desvalorização pelo homem, até as questões de liberdade e sexualidade. Não se tratava de um conflito emocional (neurótico), era uma questão filosófica, existencial, até porque eu tinha minha concepção pessoal sobre o assunto, que mais tarde vim a confirmar como correta. Todavia, como diferia da maneira corrente de pensar do elemento masculino, tornou-se uma questão a ser examinada, pois como poderia ser eu o único de passo certo dentro do batalhão?

Agora eu tinha dois problemas: uma era buscar solução para uma questão ética e descobrir como as coisas se processam na consciência, quando pretendemos encontrar solução para o caso. E o outro um problema científico. O fato é que só era, e é, possível fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Para observar o processo na consciência é necessário ter um problema (um enigma) para o qual se quer encontrar uma solução (a verdade sobre a questão em causa).

No caso de tratar-se de um fato (fenômeno) do mundo dos sentidos, seria suficiente concentrar-se no processo ou objeto exterior, observá-lo minuciosamente e descrevê-lo. Permanecendo na mera descrição, não há dificuldade. Esta surge quando o fato (objeto) não pertence ao mundo das coisas concretas (físicas), quando temos que recorrer à faculdade de pensar.

Então eu necessitava pensar. Como o que mais me interessava no momento não era a verdade ética, pois com ela eu estava em harmonia, e sim o processo de como se faz para pensar em um fenômeno qualquer, cuja verdade (solução) se quer encontrar, percebi que, para descobrir a explicação de um fenômeno qualquer, é necessário buscar elementos, determinados conceitos, ou representações adremente acumuladas na memória, através de diversos processos de aprendizado, quer seja nas experiências da vida cotidiana, quer no aprendizado formal, isto é, pelo estudo sistematizado oferecido pela escola.

Observei também que, quanto mais rico é nosso mundo de representação, nosso conhecimento, menos difícil vem a ser a possibilidade de entendimento e explicação do fenômeno. Sem registros na memória é impossível pensar.

Tomei como exemplo a Matemática, por ser uma ciência totalmente abstrata. Aliás, do primeiro grau da abstração, na qual se pensa sem relacionar regras, conceitos, etc., com qualquer fator do mundo dos sentidos.

De um modo geral, pensa-se matematicamente, ou mesmo em outro domínio da ciência, e sobre os problemas cotidianos, porque se aprendeu a pensar sem prestar atenção ao processo de pensar. Pensa-se simplesmente, automaticamente, como se aprendeu a pensar.

Procurei na literatura sobre Ciência, Filosofia e Psicologia algo que explicasse a fenomenologia do processo habitual de pensar. Nada encontrei que o descrevesse. Então resolvi observar e descrever o mesmo, e ainda analisar o grau de segurança e de verdade que os julgamentos emitidos por esse modo de pensar podem oferecer, quando eles não se apóiam exclusivamente no sistema de pensar, medir e contar, em outras palavras, em dados estatísticos quantitativos.

Constatarei que, quando extrapolamos os dados tomados da realidade, através dos nossos sentidos, quando saímos do campo das quantidades, temos que sempre recorrer aos conteúdos armazenados na memória (inconsciente). Procuramos no “arquivo”, representações (correntemente designadas como conceitos), aquelas que mais satisfazem nossa precisão de explicar o fenômeno ou fato. Em geral, é essa a primeira providência que tomamos. No caso de não encontrarmos, nos nossos próprios registros, os elementos que, na nossa opinião, resolvem o enigma, passamos

a buscá-los outras pessoas. Se esta não nos oferecem a idéia (conceito ou representação) satisfatória, vamos procurá-la em livros (hoje na Internet), que é a mesma coisa.

Quando encontramos, em um desses três domínios, uma representação que nos satisfaça, consideramos a questão resolvida. Portanto, estamos de posse da verdade com relação ao problema em causa.

Acontece que os conteúdos registrados no “arquivo” da memória, que consideramos como julgamentos verdadeiros, cientificamente certos, são pressupostos que nos foram passados por outras pessoas. Assim sendo, não foram elaborados por nós mesmos, não são reconhecenças obtidas pela nossa própria atividade investigatória, quer experimental (no laboratório) quer pensamental. Nós simplesmente aceitamos tais informações como verdadeiras, baseados na boa fé, porque acreditamos que o outro não tem um motivo para querer enganar-nos, ou então porque somos obrigados a aceitá-las como verdadeiras, pelo princípio da autoridade, que pode ser da Ciência ou da Religião. Neste último caso, em função do medo. Dessa forma, a maior parte daquilo que julgamos ser nosso saber (conhecimento verdadeiro) é nada mais, nada menos do que uma crença. Nós simplesmente acreditamos ter a posse de uma verdade científica.

De quase tudo aquilo que temos como verdade, se seguirmos o caminho retroverso, constataremos que se trata de uma cadeia infinita de informações passadas de geração a geração, que o ensinante (professor) mesmo não tem como experiência própria. Ele simplesmente vai passando adiante a crença que supõe ser verdade e que recebeu de outro no passado, como verdade.

Eu costumo dizer, em tom jocoso, que: o cientista pesquisa e descobre certas verdades (quando se trata mesmo de uma verdade científica, muito frequentemente é uma afirmação equivocada, como se constata lendo a história dos equívocos da Ciência); o professor memoriza, repete para o aluno, exige que este repita suas afirmações e jure de joelhos e mãos postas que aquilo que o professor disse é verdade, se não... Afinal ele tem que obter a nota de aprovação. Um dos males do nosso sistema de ensino, em todos os níveis, é que ele se baseia quase exclusivamente no acúmulo de informações, muito na

memorização, pouco no entendimento dos conteúdos, e quase nada no desenvolvimento da capacidade de pensar, ou seja, de utilizar os conceitos ou representações acumulados para raciocínios, tanto analíticos como de síntese. É o princípio do “Magister dicit” (o mestre disse, então é verdade). Além do mais, ele tem que passar no vestibular da universidade.

Assim é que, no processo habitual de pensar, quando a pessoa tem um problema para ser resolvido, busca na maioria das vezes os recursos, as “idéias”, num “arquivo”, que tanto faz ser o seu próprio, o de outra pessoa, ou em trabalhos escritos. Assim sendo, recai sempre na mesma situação: alguém recebeu de outro e assim por diante. O fato é que não há segurança que a informação utilizada seja fidedigna. E, portanto, a conclusão pode ser um equívoco. De qualquer maneira, não há certeza se aquilo que é aceito como verdade “o é”, realmente. Além disso, fica claro que as “idéias” usadas para explicar o fenômeno, não sendo uma reconhecença própria, mesmo que a afirmação final corresponda aos fatos, não dá a posse da verdade, porque os pressupostos usados para a conclusão baseiam-se em algo que não pertence à experiência pessoal de quem fez a afirmação, e se apóiam em algo que o indivíduo apenas acredita ser verdadeiro.

Como se não bastassem todas essas dificuldades que fazem parte do atual hábito de pensar, devemos compreender ainda que as inferências introduzidas nos raciocínios são, na maioria das vezes, imposições que o pesquisador faz ao problema, as quais, quando se harmonizam com o enigma e apontam para uma solução verdadeira, não deixam de ser uma espécie de “colagem”, um jogo de cabra-cega, uma tentativa de erro - acerto.

Uma outra grande dificuldade que se nos apresenta, quando queremos chegar a julgamentos verdadeiros, é a interferência da nossa vida emocional. É muito difícil evitar que ela interfira em nossa percepção dos fatos, para que os percebamos tais como eles são, com objetividade. A emotividade dos sentimentos, emoções e sensações se coloca entre o sujeito observador e o objeto observado, dando a este um colorido que não lhe pertence, como se fosse um vidro colorido ou translúcido, que pode funcionar como uma lente de aumento ou diminuição da dimensão do

objeto, ou ainda como se fosse um vidro com superfície ondulada. Em todos os casos, as possibilidades de equívocos são múltiplas.

Então, diante dessas dificuldades todas, pensei que deveria haver a possibilidade de um método de pensar, de modo que não fosse a forma antes descrita a única utilizável, evitando assim o processo de “colagem” de solução, imposto de fora ao problema, para que o próprio problema revelasse para o nosso pensar a sua verdade (seu significado). Esse método eu o encontrei nas obras filosóficas do Dr. Rudolf Stenar, mais adiante citadas. Mas não é este o momento de dis-



brindo, por meio de auto-observação, como ele procede quando pensa, a fim de resolver um problema qualquer. Tomarei como base duas situações, ou seja, os diálogos desenvolvidos com dois pacientes que apresentaram as maiores dificuldades em perceber o como e a ordem em que o processo é realizado. Não se trata, portanto, da descrição de um diálogo real, mas de uma síntese de muitos. É importante lembrar que, muitas vezes, se faz necessário ajudar o paciente a encontrar o caminho e a seqüência das operações mentais (pensamentais). Está claro que, para realizar o exercício, para descobrir como o processo de pensar é realizado, é necessário ativar o pensar. É então um ato de *pensar o pensar*. Como, para pensar, é necessário que haja um problema (objeto) a ser resolvido, no nosso caso, o tema (objeto) em exame é: “como é realizado o ato de pensar?”. Trata-se, portanto, de observar o próprio pensar, pensando. Esse é o problema. Mas também se pode sugerir ao paciente que tome uma questão do seu próprio trabalho, ou de sua vida em geral.

Exercício de perguntas e respostas

Psicólogo - Como funciona tua consciência, quando não estás ocupado (com alguma questão que pretendes resolver), quando não estás recebendo estímulos do mundo exterior? Fecha os olhos e fica em silêncio, até que possas perceber o que acontece em tua consciência.

Paciente - Percebo um fluxo ininter-

rupto de lembranças, cenas de acontecimentos, sentimentos, impulsos, pensamentos, fantasias, um tagarelar de discussões, com acusações e defesas, justificativas, etc... Tudo muito confuso, caótico.

Psicólogo - Muitas pessoas acreditam que, quando ocorre isso, estão pensando. Muitas vezes o paciente está em silêncio, e eu pergunto: o que estás fazendo? Ele responde: estou pensando.

Então peço que descreva o processo.

Tu consideras que isso seja pensar?

Paciente - Sempre considereirei que fosse. Acho que a maioria das pessoas também considera assim.

Psicólogo - Esse proces-

sertar sobre a Teoria da Reconhecimento (conhecimento).

Na minha prática clínica como psicoterapeuta, considerei ser importante informar aos pacientes sobre os riscos de aceitar verdades prontas, sejam elas vindas do terapeuta ou do seu próprio conteúdo mental, pelas razões acima expostas. Para tanto incluí como parte da metodologia do trabalho que desenvolvi, um exercício em que o próprio paciente descobre o processo pelo qual ele está habituado a fazer os seus julgamentos, ou seja, a fenomenologia do seu atual hábito de pensar e a insegurança que ele oferece, quanto ao acerto nos julgamentos das questões abordadas na psicoterapia, na vida cotidiana e na pesquisa.

Como auxiliar o paciente a investigar o processo de pensar

Tendo em vista a fenomenologia do hábito de pensar, darei um exemplo de exercício para observação desse processo mental. Trata-se de um diálogo no estilo socrático (maieútico), através do qual o próprio paciente vai desco-

so que observaste em tua consciência não é pensar. Para realizar o ato de pensar, em primeiro lugar, é necessária a existência de um problema para o qual se queira encontrar solução. Num segundo momento, a pessoa tem de fazer um esforço e concentrar a atenção sobre o problema, para analisá-lo e encontrar os fatores geradores do mesmo. Trata-se, por conseguinte, de um ato voluntário, enquanto que, no caso anterior, o processo é espontâneo, independente da nossa vontade. Os conteúdos invadem a consciência. Concordas que é assim?

Paciente - É, observando bem, constatado que é realmente assim.

Psicólogo - Bem, agora que constataste ser necessário concentrar a atenção sobre o problema, observá-lo e analisá-lo, e uma vez encontrados os fatores que o determinam, qual o passo seguinte?

Paciente - Ah! Isso eu não sei.

Psicólogo - Essa é uma resposta que não serve para quem está investigando algo e quer encontrar uma solução.

Paciente - É, mas eu não sei.

Psicólogo - É claro! Se tu já soubesses a resposta, não seria necessário estarmos investigando. A expressão “não sei”, no caso, é um fator paralisante, devido ao medo de não ser capaz de chegar à resposta certa, de ser considerado “burro” e perder o bom conceito de inteligente. É uma fuga.

Paciente - Mas eu não sei mesmo.

Psicólogo - A expressão “não sei” é importante para o investigador, mas no sentido de que há algo desconhecido que o instiga a procurar a resposta. Sem reconhecermos que não sabemos a verdade sobre algo, permaneceríamos eternamente na ignorância. Felizmente, estamos dotados da precisão de encontrar respostas para os fatos desconhecidos. Não fora essa precisão, a humanidade não teria nem chegado à Idade da Pedra Lascada.

Paciente - Concordo, mas o que eu faço?

Psicólogo - Como é que fazes quando tens um problema que não consegues resolver?

Paciente - Eu pergunto para outra pessoa.

Psicólogo - Isso não é comodismo? Ou o que poderíamos chamar de preguiça mental, por não querer fazer esforço?

Paciente - Acho que é. É mais fácil.

Psicólogo - A dificuldade não deve ser considerada como um obstáculo à investigação. Pelo contrário, ela é apenas um ponto de resistência que nos proporciona a possibilidade de fazermos esforço, exercitarmos nossa inteligência e desenvolvermos a nossa capacidade de pensar e nossa vontade. Vamos fazer bom uso delas.

Paciente - É bastante difícil, mas estou de acordo.

Psicólogo - Ainda há pouco disseste que, quando necessitas de solucionar algum problema, perguntas para outra pessoa. Então me responde, que utilidade tem todo o conteúdo de conhecimento que obtiveste no estudo e na prática de vida? Não seria mais razoável procurares os elementos para solucionar o problema, no teu conhecimento acumulado durante anos de estudo e de vida?

Paciente - É, pensando bem, é assim que deveria ser.

Psicólogo - Pois bem, esse deve ser o primeiro passo. Mas se não encontrares em ti mesmo os elementos que facultariam achar a resposta, qual será o segundo passo?

Paciente - Bem, agora me parece



que seria apropriado recorrer a outra pessoa.

Psicólogo - Sim, é isso que normalmente as pessoas fazem. Mas, se a outra pessoa não souber, o que terás que fazer?

Paciente - Agora já estou pegando a seqüência dos fatos. É curioso que eu nunca tenha me dado conta disso. Nesse caso, posso recorrer a livros sobre o assunto, ou então à Internet, que afinal é a mesma coisa que o livro, porém mais rápido para encontrar os elementos que servem para formular a solução.

Psicólogo - É, de fato percebo que estás utilizando melhor tua faculdade de pensar. Parabéns! Vimos que há três alternativas para encontrarmos os elementos necessários para resolver o problema em causa: 1) no “arquivo” da memória pessoal; 2) perguntando a outra pessoa; 3) procurando em publicações sobre o assunto (livros, trabalhos, internet). No primeiro caso, o material armazenado tem, em geral, origem em informações oriundas de outras pessoas (o professor, por exemplo). No segundo, trata-se de buscar diretamente noutra pessoa, quer dizer, no “arquivo” da memória do outro. No terceiro, em publicações que também foram produzidas ou repetidas por outra pessoa. Concordas então que, nos três casos, tudo recai na mesma condição: As informações quase sempre têm origem fora da nossa própria elaboração, não são produtos nem da nossa experiência laboratorial nem pensamental? E que ainda devemos considerar que aqueles que nos passam a informação

estão se utilizando de conteúdos, alguns produzidos por eles mesmos e outros tomados de outras pessoas? Percebes que, considerando a coisa retroversamente, estamos na dependência de uma cadeia “infinita” de informações passadas de geração a geração, e aceitas como sendo verdades, das quais não podemos ter segurança se são mesmo? Percebes que, em sentido geral, aquilo que temos como nosso *saber* não passa de *crença*? Nós acreditamos naquilo que nos dizem como sendo verdade.

Paciente - Pois é, agora me dou conta, tanto das operações mentais realizadas quando pensamos, para encontrar a solução de um problema, como da insegurança quanto a ser verdadeiro aquilo que admitimos como verdade. Mas, diga-me uma coisa: Nossa forma de pensar não nos oferece segurança quanto a podermos chegar a soluções verdadeiras?

Psicólogo - É uma ótima pergunta. No que tange às questões práticas da vida, nos assuntos técnicos, nos afazeres diários, podemos utilizar-nos dos conhecimentos armazenados, com boa margem de segurança de acertarmos. O problema surge quando se trata de pensar sobre questões não tão palpáveis como as técnicas.

Paciente - Em que tipo de problemas essa insegurança se torna uma questão grave?

Psicólogo - Em todos os problemas que não sejam técnicos. Na ciência de um modo geral, especialmente na Biologia, Psicologia, Sociologia, Filosofia;

em qualquer ramo de conhecimento normativo, como na Ética, no Direito, etc... Na Filosofia, por exemplo, temos uma questão dramática, que é a Ética, a questão dos valores éticos. Na Psicologia, temos a grave questão que é a concepção de uma ciência da alma, que não considera a sua existência como uma realidade, mas apenas como um processo, um epifenômeno da matéria. A teoria evolucionista que, quanto à evolução em si, é verdadeira, perde o rumo quando afirma que a vida orgânica e, como consequência, tudo mais que é vivo, inclusive o ser humano e suas faculdades, surgiram a partir de um fator aleatório pertencente às forças da natureza inorgânica, quando apenas uma observação despreconceituosa permite perceber, com mediana clareza, que as suas forças atuam constantemente no sentido de destruir o organismo. Logo, aquilo cuja natureza é destruir, não pode construir, nem mesmo manter. Nem é necessário considerarmos o que ocorre com os seres orgânicos, pois mesmo os objetos constituídos de matéria inorgânica são decompostos pelas forças da natureza, mesmo que demore um tempo imensurável.

Paciente - Quer dizer que não podemos ter segurança quanto a tudo que nos é ensinado como verdade, tanto no domínio da ciência da natureza como nas outras, tais como a a Filosofia, a Psicologia, etc? E mesmo o que nos é apresentado como Religião?

Psicólogo - A questão é sempre a mesma. Todo conhecimento que adquirimos através de informações nos é transmitido por meio de palavras. As palavras têm um sentido equívoco, quer dizer, a mesma palavra pode ter vários sentidos, de acordo com o campo do conhecimento de que se está tratando. Além disso, como já foi falado anteriormente, elas assumem conotações muito particulares, conforme o teor afetivo com que são pronunciadas. E como esse teor afetivo fica gravado em nosso inconsciente (memória) e é muito variado, a cada vez que o ouvimos, isso acontece milhares de vezes na nossa vida, então a palavra estará impregnada de milhares de conotações afetivas e, cada vez que a ouvirmos, todas as conotações estarão associadas a ela e interferirão na nossa compreensão, seja do texto que lemos ou da verbalização de quem nos fala. Daí a grande dificuldade para termos uma percepção objetiva.

Devemos ainda levar em conta as

dificuldades que se apresentam na arte da tradução. Pois aí há pelo menos duas situações. Uma é fazer uma tradução literária, isto é, considerar mais importante a estética do que a fidelidade ao pensamento e estilo do autor. A outra é considerar a fidelidade ao conteúdo, ao pensamento e estilo do autor. Nesse caso, trata-se de uma tradução conceitual.

Há ainda uma terceira e uma quarta razão. Traduções de línguas muito antigas são muito difíceis, porque a consciência da humanidade, em épocas remotas, era bastante diferente da atual, e a maneira de entender os fatos e expressá-los também era diferente da nossa. A outra razão é que pode haver interesses ocultos de certas organizações em distorcer o sentido ou omitir partes do texto original, e ainda, que as frases não digam a verdade, apenas sirvam como seus indicadores. Para chegarmos à verdade, temos que chegar ao conceito, que é vivo, diferente pois, da representação, que é morta, e apenas um esqueleto do conceito.

Paciente - E como é que o pesquisador faz, após haver observado o fenômeno e encontrado, por meio de análise, os fatores determinantes do mesmo?

Psicólogo - Bem, uma vez encontrados os dados pela análise, eles ficam registrados na memória como representações, através das quais o pesquisador vai procurar perceber as relações existentes entre eles, para chegar à elaboração da conclusão. Mas esse procedimento é realizado por uma minoria. A grande maioria dos pesquisadores baseia-se apenas em valores estatísticos. Quando a totalidade dos experimentos ou uma porcentagem deles é considerada significativa, concluem que em todos os demais casos tudo ocorrerá assim, e desse modo generalizam e consideram como verdade científica. Mas as evidências, muitas vezes, muitas mesmo, demonstram equívocos, até fatais, como no caso de certos medicamentos (?) que, em vez de curar, têm causado a morte dos pacientes.

Paciente - Mas, como deveria ser o procedimento do pesquisador em qualquer domínio da investigação científica?

Psicólogo - A resposta para essa questão é bastante complexa e difícil. Em primeiro lugar, seria necessário aquilo que procuramos fazer nas considerações anteriores, ou seja, descobrir a seqüên-

cia de passos que estamos habituados a dar solucionar um problema qualquer. Segundo, reconhecer a falibilidade do atual hábito de pensar. Terceiro, estudar a teoria da reconhecença, que aborda o processo de pensar, investigando o próprio pensar, como experiência, ou seja, pela contemplação do pensar, pensando, sem partir de qualquer pressuposição. Isso quer dizer, não abordar o pensar pela forma de pensar habitual, na qual, como se constatou, sempre se impõem ao dado ou objeto que se quer entender, fórmulas armazenadas no nosso “arquivo” mental, o que na verdade é uma violência contra o objeto (fenômeno). Quarto, é necessário um significativo grau de libertação dos conteúdos afetivos (subjetivos) que distorcem a percepção da realidade. Mas isso não é assunto para este trabalho, e sim para um estudo da mais moderna Teoria da Reconhecença, do Dr. Rudolf Steiner, dada à luz nas obras: *Methodo Científico de Goethe, Verdade e Ciência e Philosophia da Liberdade*, tradução de Frederico Mueller, que constituem uma abordagem da questão do pensar e da reconhecença, sem apoiar-se em pressuposições, mas apenas e somente na observação direta do processo de pensar e do próprio *pensar*.

Isto é o que pode ser expresso neste trabalho.

(Getulio Vargas Zauza, psicólogo e professor, é membro titular da cadeira 15 da Academia Passo-Fundense de Letras, que tem como



Nasser e a verossimilhança



GILBERTO R. CUNHA

nome David Nasser sempre foi tratado com certos melindres no jornalismo brasileiro. Ou, pelo menos, foi até o lançamento, em 2001, do livro *Cobras Criadas*, de Luiz Maklouf Carvalho, pela editora Senac, de São Paulo. Para quem quiser ter um mínimo de visão crítica sobre a imprensa brasileira vale a pena passar os olhos pelas 599 páginas dessa obra, pois, apesar de ser ele o personagem principal, o livro vai um pouco além de Nasser. Traça um verdadeiro retrato do ambiente de controvérsias e intrigas, onde atuavam jornalistas, políticos, artistas, empresários, policiais e várias figuras que foram decisivas para os rumos do Brasil, na segunda metade do século 20.

David Nasser nasceu pobre. Terceiro filho dos libaneses, Alexandre Nasser e Zaquia Ganen. E morreu rico e influente, aos 63 anos, no dia 10 de dezembro de 1980. Como a maioria dos jornalistas da sua época, Nasser começou como foca de plantões policiais noturnos. Passou pelo O Globo e entrou para o grupo dos Diários Associados. Depois de ter reinado absoluto como o principal repórter de O Cruzeiro, nos anos 1950, encerrou a carreira, quando morreu, como articulista da revista Manchete, de Adolfo Bloch. Mesmo ofuscado pelo assassinato do beatle Jonh Lenon, ocorrido dois dias antes, na ocasião foi primeira página dos quatro principais jornais brasileiros: Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil e O Globo. E também ganhou duas colunas na Veja.

O jornalista combativo, de texto forte e riqueza verbal incomum, destoava completamente do tipo físico de Nasser que, em conseqüência de uma meningite, apresentava seqüelas no andar e nos movimentos das mãos, deficiência de visão e até dificuldades na fala. Foi letrista de quase três centenas de músicas, entre elas “Nega do cabelo duro”, “Canta Brasil” e “Camisola do dia”. Publicou dezessete livros e tornou-se empresário e fazendeiro bem-sucedido. Era amigo de presidentes da República, ministros, militares, diplomatas, banqueiros e



grandes empreiteiros. Ou seja, usou e abusou do tráfico de influência. Tinha orgulho de ser presidente de honra da Scuderie Le Cocq, o nome de fantasia do Esquadrão da Morte. Para surpresa de muitos e indignação de alguns, foi a bandeira da Scuderie, com suas tíbias cruzadas, que guarneceu o caixão velado e muito visitado no prédio da Manchete.

Quem tem mais de 40 anos certamente lembra da revista O Cruzeiro, e das antológicas reportagens de David Nasser e do fotógrafo francês Jean Manzon (Texto de David Nasser e Fotos de Jean Manzon). Durante nove anos, a dupla assinou reportagens que entraram para a história do jornalismo brasileiro. Vale lembrar a que mostra o deputado Barreto Pinto em fraque e cuecas, que acabou custando-lhe o mandato, por falta de decoro parlamentar. Também a dos índios Xavantes, fotografados disparando flechas contra o avião. Ou a do médium Chico Xavier, que se deixou fotografar dentro de uma banheira. E, entre tantas outras, a reportagem “Assalto à fortaleza da China”, em que apresentam a lendária madame Chiang Kai-Shek, mulher do ditador anticomunista chinês, que viera ao Rio em viagem secreta para tratamento de saúde. “Lá estava ela em magistral flagrante de Jean Manzon”. Há quem diga que, de fato, era Nasser que se vestira de mulher, fazendo-se fotografar por Manzon. As reportagens da dupla Nasser e Manzon eram mais fantasias do que propriamente realidade. Manzon trouxera a experiência da con-

cepção gráfica da Life e da Match, sendo o homem das fotografias de estúdio. O texto criativo de Nasser se encarregava do resto.

No tempo dos folhetins, quando o sucesso de Nelson Rodrigues, sob o pseudônimo de Suzana Flag, elevava a tiragem de O Jornal, David Nasser conseguiu contrapor-se no Diário da Noite, com “Giselle, a Espiã Nua que abalou Paris”. História real e espantosa de um dos mais estranhos episódios da grande guerra, segundo ele. Era ficção, porém foi apresentada como documentário, em 59 capítulos, alcançando o Diário da Noite para a posição de maior circulação da época. Estreou com coisas tipo: “Fui presa no cabaré e rolei de prisão em prisão, de cama em cama, satisfazendo os apetites bestiais dos oficiais nazistas”.

Nasser criou muito folclore a respeito do folhetim Giselle. Contou, por exemplo, que um dia, para pressionar contra o atraso de pagamento, acabou um capítulo com Giselle em frente a um pelotão de fuzilamento, para morrer no dia seguinte. Então Chatô foi à casa dele, “pela primeira vez”, implorar a continuidade da série:

— Meu filho, se você mata a prostituta, você me leva à falência. O Globo comprou as memórias de Churchill, você não pode acabar com essa mulher...

— Ou o senhor me põe em dia, ou eu mato a mulher.

— Meu filho, você deixa essa vaca morrer de velha, e eu lhe dou um terreno na Gávea.

E aí, por sugestão de Chatô, uma ordem de Goering suspendeu o fuzilamento da espiã nua.

David Nasser foi um ativo conspirador do golpe militar de 1964, e apoiou, incondicionalmente, a ditadura e a repressão do Médici. O exemplo mais marcante é o artigo que festeja o assassinato de Carlos Lamarca, rotulado de “passional”, “fanático”, “primata ideológico”, “delirante” e “dopado de ódio”. Adjetivos assim eram distribuídos com fartura a todas as correntes que lutavam contra a ditadura, especialmente a esquerda, mas não só ela

(Dom Helder Câmara, por exemplo, não escapou), tanto nos artigos quanto no “Diário de um repórter”, programa que escrevia para a TV Tupi.

Leonel Brizola era um dos seus alvos preferidos. Por conta disso, Brizola, deputado federal na ocasião, acabou nocauteando Nasser a socos no aeroporto do Galeão. O ódio de Nasser por Brizola só aumentou, mesmo depois da anistia. Por essa razão, indiretamente, acabou sobrando também para o passo-fundense Tarso de Castro. Brizola havia participado do programa “Canal Livre” da TV Bandeirantes, na época dirigida pelo jornalista Fernando Barbosa Lima Sobrinho. Nasser escreveu um artigo que se mostrava irritado, por Fernando, segundo ele, “passar a requisitar gays para argüir seus convidados”. Referia-se a um suposto gay específico – sobre o qual despejou de “castrado moral” a “queimar a rodinha desde o colégio”. E seguia: “O leitor menos arguto há de estranhar por que omito o nome do gay que perturbava a entrevista de Brizola. Trata-se de um pobre desviado, a reboque da fama

alheia, vociferando para obter alguma publicidade. Quase anônimo, vive, mendigo de respostas, desse expediente. Poste quer cartaz. Fosse outro, estivesse na lista dos adversários, citar-lhe-ia o nome – mas seria a glória. E ele quer cacete...” . Uma flagrante injustiça com Tarso, famoso pela irreverência e pela conquista de belas mulheres. Durante a entrevista, Tarso perguntara a Brizola o que ele achava sobre a luta dos homossexuais por seus direitos. Brizola desconversou e, no final do programa, reclamou com Tarso, à moda gaúcha, da pergunta sobre os “frescos”.

Tudo até aqui foi só uma pequena mostra de David Nasser. No livro de Maklouf Carvalho tem muito mais. Um homem, cuja criatividade e capacidade de inventar diferentes versões sobre um mesmo fato parecia ilimitada. Fantasia e exagero eram suas marcas. Também passou a vida brigando, em defesa de interesses próprios e de aliados. Sua principal arma: o texto. Inimigos nunca faltaram. Inclusive no Condomínio Acionário dos Associados, com destaque para João Calmon.

O repórter David Nasser adorava acrescentar fantasias naquilo que escrevia. Quando questionado por alguém, costumava justificar que “a verossimilhança é mais importante do que a verdade”. Ou seja, para Nasser o que valia era parecer verdadeiro. E, infelizmente, pelo que parece hoje, muito pouco do que escreveu era verdade.



Discurso de formatura

CARLOS R. S. HECKTHEUER

ostaria de compartilhar um texto que me chamou a atenção, e que considero digno de ser divulgado:

“Dizem que conselho só se dá a quem pede. E, se vocês me convidaram para paraninfo, sou tentado a acreditar que tenho sua licença para dar alguns.

Portanto, apesar da minha pouca autoridade para dar conselhos a quem quer que seja, aqui vão alguns, que julgo valiosos.

Não paute sua vida, nem sua carreira, pelo dinheiro. Ame seu ofício com todo coração. Persiga fazer o melhor. Seja fascinado pelo realizar, que o dinheiro virá como conseqüência.

Quem pensa só em dinheiro não consegue sequer ser nem um grande bandido, nem um grande canalha. Napoleão não invadiu a Europa por dinheiro. Hitler não matou 06 milhões de judeus por dinheiro. Michelangelo não passou 16 anos pintando a Capela Sistina por dinheiro.

E, geralmente, os que só pensam nele não o ganham. Porque são incapazes de sonhar.

E tudo que fica pronto na vida foi construído antes, na alma. A propósito disso, lembro-me uma passagem extraordinária, que descreve o diálogo entre uma freira americana cuidando de leprosos no Pacífico e um milionário texano.

O milionário, vendo-a tratar daqueles leprosos, disse: “Freira, eu não faria isso por dinheiro nenhum no mundo”.

E ela responde: “Eu também não, meu filho”. Não estou fazendo com isso nenhuma apologia à pobreza, muito pelo contrário.

Digo apenas que pensar em realizar tem trazido mais fortuna do que pensar em fortuna.

Meu segundo conselho: pense no seu País. Porque, principalmente hoje, pensar em todos é a melhor maneira de pensar em si.

Afinal é difícil viver numa nação onde a maioria morre de fome e a minoria morre de medo.



O caos político gera uma queda de padrão de vida generalizada. Os pobres vivem como bichos, e uma elite brega, sem cultura e sem refinamento, não chega viver como homens.

Roubam, mas vivem uma vida digna de Odorico Paraguassu.

Meu terceiro conselho vem diretamente da Bíblia: seja quente, ou seja, frio, não seja morno que eu te vomito.

É exatamente isso que está escrito na carta de Laudiceia: seja quente, ou seja, frio, não seja morno que eu te vomito.

É preferível o erro à omissão. O fracasso, ao tédio. O escândalo, ao vazio. Porque já vi grandes livros e filmes sobre a tristeza, a tragédia, o fracasso.

Mas ninguém narra o ócio, a acomodação, o não fazer, o remanso.

Colabore com seu biógrafo. Faça, erre, tente, falhe, lute. Mas, por favor, não jogue fora, se acomodando, a extraordinária oportunidade de ter vivido. Tendo consciência de que, cada homem foi feito para fazer história.

Que todo homem é um milagre e traz em si uma revolução. Que é mais do que sexo ou dinheiro.

Você foi criado, para construir pirâmides e versos, descobrir continentes e mundos, e caminhar sempre, com um saco de interrogações na mão e uma caixa de possibilidades na outra.

Não use Rider, não dê férias a seus pés. Não se sente e passe a ser analista da vida alheia, espectador do mundo, comentarista do cotidiano, dessas pessoas que vivem a dizer: “eu não disse!”, “eu sabia!”

Toda família tem um tio batalhador e bem de vida.

E, durante o almoço de domingo, tem que agüentar aquele outro tio muito inteligente e fracassado contar tudo que ele faria, se fizesse alguma coisa.

Chega dos poetas não publicados. Empresários de mesa de bar. Pessoas que fazem coisas fantásticas toda sexta de noite, todo sábado e domingo, mas que na segunda não sabem concretizar o que falam.

Porque não sabem ansiar, não sabem perder a pose, porque não sabem recomeçar. Porque não sabem trabalhar.

Eu digo: trabalhem, trabalhem, trabalhem. De 08 as 12, de 12 as 08 e mais se for preciso. Trabalho não mata. Ocupa o tempo. Evita o ócio, que é a morada do demônio, e constrói prodígios.

O Brasil, este país de malandros e espertos, da vantagem em tudo, tem muito que aprender com aqueles “trouxas” dos japoneses. Porque aqueles “trouxas” japoneses que trabalham de sol a sol construíram, em menos de 50 anos, a 2ª maior megapotência do planeta.

Enquanto nós, os “espertos”, construímos uma das maiores impotências do trabalho. Trabalhe! Muitos de seus colegas dirão que você está perdendo sua vida, porque você vai trabalhar enquanto eles veraneiam. Porque você vai trabalhar, enquanto eles vão ao mesmo bar da semana anterior, conversar as mesmas conversas, mas o tempo, que é mesmo o senhor da razão, vai bendizer o fruto do seu esforço, e só o trabalho lhe leva a conhecer pessoas e mundos que os acomodados não conhecerão.

E isso se chama sucesso!”

(Nizan Guanaes - Publicitário)

Cumprimentos a todos e que possamos contribuir para mudanças.

(Carlos R. S. Hecktheuer é médico-psiquiatra, pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

Quem sou?

Alguém é criança porque se perde
E chora?
- Sou criança, agora.
Alguém é adolescente
Porque busca, apenas busca – e sente
Dúvidas e inseguranças;
Enxerga as incoerências;
Desestrutura-se diante dos paradoxos,
Mas busca e busca, sempre;
Pergunta-se e não encontra soluções definitivas?
Alguém é adolescente
Porque, às suas interrogações,
Nenhuma RESPOSTA ainda emergiu “adulta”
À sua mente?
- Sou então um adolescente

Alguém é adulto porque sabe
Que possui, ainda, algo de criança?
E luta para ultrapassar-se... e,
Embora cansado, NÃO CANSA,
Porque continua a lutar
E a cansar
E a descansar
E a desanimar-se
E a animar
E a renovar-se a cada dia...
- Dias em que, vezes sem conta,
Perde-se e chora... (como uma criança)
Chora e, ASSIM renovado, parte
Repleto de fé e certo de esperanças (como um adolescente)
A VIVER NOVAS BUSCAS,
Novas pistas (?)
- Oh! eternos e incansáveis desbravadores
Somos nós, os “cheios-de-experiência”,
De meias-verdades e de ciência!

Há pouco,
Rebuscando arquivos,
Achei este poema
Embaraçado de vielas
E seqüelas.
Pleno de sentimentos, viços
Do interior da alma,
Já menos tensa, agora, já mais calma.

Passaram-se os anos...
E, fato admirável!
Embora meus arrazoados e debates
Deixem-se intercalar de fé,
Muito amor, esperanças e até planos,
Ainda me detenho nestes internos embates,
No conflito, por vezes, doloroso,
Que estremece meu coração de idoso.



Quem serei, afinal?
Um adulto, apenas,
Que não é mais jovem?
Um velho-jovem pleno de dilemas?
Ou um espírito à cata do ideal?
Sou idoso-criança – adulto-adolescente-jovem – UM SER
Antes de tudo, um ser-que-AMA,
Caminha,
Procura, Interrompe-se,
Considera e reconsidera,
Recomeça,
Erra.

Quase acerta...
E novamente erra,
Mas continua SEMPRE.
Quer acertar,
Quer amar e ser amado,
Quer encontrar-se e encontrar.

- ONDE o caminho?
- Onde a serenidade e a paz?
- Onde o prazer do ENCONTRO
Total e verdadeiro?...

Neste momento, levanto os olhos do papel,
Papel de todos estes inúteis queixumes,
Confissões e questionamentos,
Enfim, de tudo o que me abala,
E vejo a imagem de um Cristo (ou de CRISTO)
Num singelo quadro
FRENTE A MIM,
Na parede da sala...

Ilusões consentidas

GILBERTO R. CUNHA

irgílio, pouco antes de morrer, pediu aos amigos que queimassem o manuscrito do seu famoso poema épico, *Eneida*, ainda incompleto para o gosto dele. Com isso, acabaria de vez com os penosos onze anos de trabalho que lhe havia dedicado, na busca de uma perfeição inatingível. Algo parecido teria feito Franz Kafka, muitos anos depois. Segundo consta, Kafka, sofrendo de tuberculose e sem esperanças, encarregou o amigo (e posterior biógrafo), Max Brod, de destruir as novelas e as narrativas que lhe asseguraram a fama, como um dos maiores escritores do século 20.

O ponto em comum desses dois episódios famosos é a ilusão consentida. Virgílio não poderia ignorar que contaria com a desobediência piedosa dos seus amigos. E o mesmo vale para Kafka, em relação a Brod. Além do mais, quem quer realmente o desaparecimento de seus escritos não delega esse tipo de tarefa para ninguém. Faz por conta própria. Virgílio e Kafka, no fundo, não desejavam a destruição de suas obras, como analisou, com maestria, esses episódios, Jorge Luis Borges: Virgílio e Kafka queriam mesmo era fugir da responsabilidade que uma obra sempre impõe a seu autor.

Virgílio, acredita-se que tinha sobretudo preocupações de ordem estética, para fazer esse tipo de pedido. Era o que se pode chamar de perfeccionista. Não foi por nada que, praticamente, serviu de modelo a toda poesia que se escreveu no Ocidente até o século 18 (Camões, Tasso, Milton e muitos outros são virgilianos típicos). Também foi uma espécie de poeta oficial do imperador Augusto. Escreveu parte de sua obra em Nápoles, onde terminou o

poema bucólico *Georgica* (*Geórgicas*), despendendo sete anos nessa exaltação à natureza e aos lavradores. Sua maior obra foi a epopéia *Eneida*, na qual gastou onze anos, e estava completa, mas ainda não perfeitamente burilada, para o seu gosto, quando morreu, na volta de uma viagem à Grécia.

A *Eneida* é também uma obra de propaganda. Inventando para o Império Romano uma nobre origem troiana, Virgílio criou um novo mito. Era uma



idealização das virtudes que fundaram e mantiveram o Império Romano. Dante perceberia isso e, não por outra razão, elegeu Virgílio como seu guia na viagem pelo outro mundo.

Quanto a Kafka, o caso é mais complicado. Seu trabalho versa sobre o tema da relação moral do indivíduo com a divindade e com o seu incompreensível universo, envolvendo desesperança e alienação. Tem uma consciência religio-

sa, e acima de tudo, judaica. Quem sabe quis ter escrito páginas de felicidades e não de tristezas, mas não condescendeu em produzi-las, marcado por um sentimento de culpa exacerbado, pelo judaísmo que o separava da maioria dos homens. Além das influências do ambiente de Praga, cidade medieval gótica dotada de elementos eslavos, alemães e de barroco sombrio. Também teve uma vida emocional conturbada, com noivados e amores infelizes, que acentuaram o sentimento de solidão e desamparo que nunca o abandonaria.

Ainda vivo, Kafka publicou *A metamorfose*, em 1915, talvez a sua obra mais popular, em que o personagem acorda, certo dia, transformado num imenso e repugnante inseto. Suas obras-primas, *O processo* (1925) e *O castelo* (1926), foram publicadas postumamente por Max Brod.

Contra o desejo expresso de Kafka, que queria que seus inéditos fossem queimados após sua morte, Max Brod publicou romances, texto em prosa, correspondência pessoal e diários do escritor. Talvez por ver sua obra como um ato de fé, e não querer que ela desencantasse a humanidade, Kafka fez esse pedido ao amigo. É possível que soubesse que estava se iludindo.

Virgílio morreu em 21 de setembro do ano

19 a.C., em Brindisi. E Kafka, fragilizado pela tuberculose, depois de ter deixado definitivamente o emprego, em 1922, e passado o resto da vida em sanatórios e balneários, acabou morrendo em 3 de junho de 1924, em Kierling, perto de Viena. Ambos partiram para o outro mundo com a ilusão consentida de que os amigos queimariam seus escritos. Ainda bem que não o fizeram. E eles, provavelmente, sabiam disso.



Fundada em
7 de Abril de 1938